1.º Anno — S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão — N.º 1

O LEME

SEMANARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	2:500 reis
Portugal ».	1:200 »
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso.	20 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO A' REDACÇÃO COMO A' ADMINISTRAÇÃO, DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL
S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha.	20 reis
Repetição.	10 »
Communicados.	40 »
Imposto do sello.	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

REAL GABINETE PORTUGUÉS DE LEITURA
RIO DE JANEIRO

S. Miguel de Seide, 18 de agosto de 1895

O LEME

Qual guerreiro corajoso e forte, caminhando de fronte altiva para o campo da batalha, assim surge entre clarões de luz este semanario que espera alcançar uma gloriosa victoria, regressando ao lar circulado de felicidades, da tremenda peleja que vai encetar e onde tantos e tantos milhões d'irmãos teem cahido exhaustos, e findado a sua existencia.

E' pois este *pequeno* que, labutando em prol da lei e da justiça, ousa pensar que um dia chegará em que a sua voz alta, qual clarim de guerra, clame desassombradamente: *Vingada está a minha promessa.*

A sua norma será sempre calcar a calumnia, a infamia e a perversidade; e *escangalhar a torto e a direito as tretas da malandragem.*

Não será politico, mas advogará a causa de qualquer partido, seja qual for, quando esse partido pise o caminho da honra e do dever para a salvação do Paiz.

Eis portanto n'estas poucas palavras apresentada a missão do «Leme» que, respeitosamente, pede a protecção do publico, e uma leal camaradagem aos collegas que sigam uma estrada egual á sua.

Mas se a fatalidade o arrastar a um mal de morte, e que o seu curto viver seja como as lendarias rosas do poeta francez, ao menos ficará gravado em caracteres indeleveis, na sua consciencia, a satisfação de que cumpriu honrosamente a sua palavra.

LITTERATURA

VOOU AO CEO

(A BERNARDINO SANTOS)

Foi á tarde. O dia nevoado e triste parecia chorar com as almas despedaçadas pela amargura de quatorze dias d'acerba agonia.

O vento acerrimo e sybilante tinha cessado n'esse momento em que a existencia, esse clarão de luz, se apagára para sempre n'aquelle pequenino corpo, tão martyrisado pelo soffrimento.

Os passarinhos que entre gorgeios maviosos tinham saudado o despontar d'esse nefando dia, já não cantavam.

.....

Soára a hora triste. Um caixãosinho estreito circulado de côres, alegres como o alvor d'uma manhã de Primavera, conduziu, qual berço de flores, o curto cadaversinho que fóra em vida uma lampada de fagueira esperança, á rampa da eternidade, onde vagarosamente ficou entregue... ao seu ultimo leito... ao seu eterno dormir!...

Eram sete horas da tarde. D'esse drama de lagrimas onde a morte fóra a cruel protogonista, já nada mais restava.

E o sol; esse sol, que tanta vez bafejou entre ruidosas alegrias aquella creancinha, poisava os seus ultimos raios sobre a sepultura, como dizendo o derradeiro adeus ao pequenino Silvano!

Seide—16—7—95.

---

(1) FOLHETIM

LOPO DE SOUSA

NUCLEO D'AGONIAS

ROMANCE ORIGINAL

I

Dianna de Sepulveda a Henriqueta d'Aguiar

Eis-me, pois, caminho de Lisboa, minha querida Henriqueta. Pediste-me uma descripção minuciosa dos pequenos incidentes d'uma jornada de trinta e tantas leguas, e dos abalos, enlevos, ou fastios do meu coração. D'este coração de que a tua graciosa e feliz bacharelice diz coisas tão feias, até descrer da sua individualidade, excepto quando o sentes pulsar junto do teu seio. Sou eu responsavel, mereço as accusações que me diriges, se algumas das fibras da minha alma se conservam fechadas no seu involtorio de gelo? O que eu não sei ainda bem, minha amiga, é se isto é um mal que me faz padecer, ou um bem que me poupa a grandes magoas. Todavia, forçoso é confessal-o, a minha alma tem anceios de curiosas experiencias. Deus negou-me um dos attributos felizes da humanidade: as alegrias infinitas da paixão reciproca, os arroubos mysteriosos do amor exaltado, dizes tu, e com razão. Concordo comtigo, e quisera sentil-o: sentil-o, como eu o comprehendo.

D'aqui nascem estes secretos enfados que me atormentam a existencia, estes desesperos tantas vezes disfarçados n'um sorriso d'amarga ironia ao meu destino. Crêr que existe para todas as creaturas um mundo de luz embriagadora, e viver nas minhas trevas!... Aqui, ao lado d'este homem que me chama sua desde os dezoito annos, e a quem o mundo denomina meu! Meu! Pertence-me como o aleijão pertence ao rachitico de nascença, que debalde tenta lançar fóra de si a carga pezada e odiosa.

Que vida esta minha! Sem estimulos de presente, sem esperança de futuro! Bem o sabes: a minha alma inquieta e pensadora levou-me a estudar o amor, essa paixão sublime que aniquilla ou engrandece, nos romances da epocha. Achei, porém, fastidiosas as descripções, e algumas enjoativamente imitadas. Ou o espiritualismo piegas sem aquelle cambiante admiravel do Raphael de Lamartine; ou a sordidez da materia tressudando no arredondado das formas e das galanices do estylo.

Não era isto o que eu imaginava. Tentei ir mais longe á cáta de modêlos; quiz conhecer as tragedias dos grandes mestres litterarios de passadas eras. Ahi sim: admirei os typos grandiosos das Julietas, Desdemonas, e Kétty Belli; mas, nem compenetrando-me do fogo d'essas lavaredas fundidas em bronze, encontrei o mytho que devia tornar combustivel o marmore da minha essencia.

Que me faltava pois? O meu espirito esmorecia á falta de alimento, restava-me todavia ensaiar o amor sublime do Christo. Meditei, e estudei a Religião do Divino Martyr: a minha fé ardente elevou-se a um mysticismo que se notava por exaggerado, mas, nem assim,—com vergonha o confesso,—nem os gosos celestiaes minguavam as tribulações interiores causadas pela solidão moral; suspirava por alma que se arrebatasse com a minha ás biblicas contemplações da sublime epopeia da creação do universo, que me acompanhasse, emfim, até onde libravam as ancias infinitas da minha imaginação.

Se eu tivesse mãe! pai! ir-

REAL GABINETE PORTUGUÉS DE LEITURA
Rua Luis de Camões, 30
Rio de Janeiro

A ANNA AUGUSTA

O tempo inexoravel, escolhido
Me angustias, de pavores e de mysterios.
Viu-te, precioso de amor, e o braço ferido
Desarmou-se, e suspirou.
Contempla-te, e, por ver-te assim formosa,
Formosa e sem vestidura, exclama: "É's linda
O tempo... não... não és tu!

"Desce assim de Deus! tens formosura
"Que eu não ouso fitar! Anceia-te a alma
"Os barbaros da humana vil tortura.
"Mas eu sei o que ti?
"Não se apaga no pranto a vida... mana
"D'esses teus olhos... vive, e cre, e ama
"Anjo perdido aqui!

"É's linda: que te vejam teus algozes
"N'um cárcere a... estar mortaes angustias
"Vencel-os, e apurar gozos atrozes
"No peito vesonil;
Escarnecem de humilhados! que te adorem!
"Perdão para sempre que te chorem
"Oh! coração gentil!

"Teus dias não são meus. Sempre formosa
"Amada sempre, sempre estremecida,
"És fé, és crença, ampara, e luz radiosa
"De quem captivo é teu.
"Amor, Deus te fez, amor te veia;
"Sangre d'amor serias mais bella
"E bella ahi és ao ceo!

Assim falhara o tempo: e, todo afflagos,
Nos olhos teus, revendo-se amoroso,
Sentiu-se ahi no alma os phyltros magos
Com que amor te fadou.
E, accendido em chammas de desejo,
Ao dar-te sobre o selo ardente beijo,
Mais linda te deixou.

Camillo Castello Branco.

A REGENERADA

CONTO RETROSPECTIVO

I

Era alma do Padre de Tibães, Espirito Santo, amava e D. Mafalda, velha madre da cidade e [illegible] ...ecia-se [illegible] ...ando-se n'este ...sente ao fofo colchão para dar as ordens ao Antonio Bentes, servo muito estimado na casa, pelas boas qualidades de ...ecido rapidamente o *Barbaro* ao ajudante de mistas, que ele queria seria de ser o salteado para o braço direito do abbade. E não coaberto d'alegrias para D. Mafalda, que no seu maior auge de contentamento, lhe chegava a ...ar, o ...

O sol já estava alto. O relogio que D. Mafalda dera *primeira da sala dos rosetes* para tomem... n'este momento seis horas da manhã. Estava um dia de ...deiro Estio. D. Mafalda, ...do a janella, fugiu rapidamente ...dum fulgente reflexo do sol que lhe deu em cheio nos ...cudos olhos, dizendo em fom d'iradas: Arre que queima como diabo! O sino la estava no campanario a ...ocar a missa e D. Mafalda ...pressar ...amento, vestia a capotilha que era ao seu entender o vestuario mais proprio e serio para uso d'uma ...peccadora de mocidade tresloucada que agora tinha encontrado nas doces e carinhosas palavras convertiveis do abbade, uma esperança fagueira de poder ainda um dia alcançar um perdão divino e uma entrada com a capotilha no ...rado ceo.

É este, dera ...pasava vorazmente no coração da regenerada. D. Mafalda ...gerdou esquecer totalmente os seus ...ores amores com o Barnabe ...ge, bohemio, ...conhecido e ...ado curandeiro das molestias chagozas e rabujentas de bonos pecunhosos.

Ora o contrario d'isto succedia ao Barnabe, que scabara um sonho de venturas, um paraiso de felicidades, quando, pela primeira vez, ...a meigamente depositado nas faces rosadas de D. Mafalda um estalo ardente que ...retribuira, dizendo com a voz um pouco abafada pela comoção ...sentia que lhe tomava o corpo inteiro: Anda ...no, ...segunda ... Segunda!

E recordando-se d'estes ...mentos tão felizes, Barnabe ...queixava chorosamente. Mas ...rados param o ...do abbade ...lho. Comtudo, ...ando-se si a retorta de velha ...ina ...ia derramava ...bagadas como ...abrolhos, ...esmurrava as descarnadas ...mãos em ...pos que dava a ...reito no ...

Colerico, jurava guerra ...rivel contra o abbade que ...ziu, ...lhe matado o seu ...rado porvir. "Ah! que se ...lhe podesse encabar no ...

...ria vingada a ...ma. Vinha-lhe à ...ganta, ...quentada pelo ...espero, a lembrança d'uma bomba de dynamite atirada à ...sua hora propria.

Cheio de contentamento exclamava enthusiasmado: — "Vai tudo com sete diabos, ...fica vingado o chumaceiro ...na vinha e ...de medo ás caderas, que se não tinham

---

Adorando hoje ...ama, ...oidejando ámanhã por outra, e ...olvidando em um por todas aquellas que ...tuan o vão fugitivo d'essas ...fugidas co...rações.

E se não, recorda o que nos diz o grande Garrett nas suas folhas caidas

...

...

...

1.º Anno — S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão — N.º 2

O LEME

SEMANARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno . . . . 2:500 reis
Portugal ». . . . . 1:200 »
Semestre . . . . . 600 »
Trimestre . . . . . 300 »
Avulso. . . . . 20 »
Fóra do dia . . . . 40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO A' REDACÇÃO COMO A' ADMINISTRAÇÃO, DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL
S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha. . . . . 20 reis
Repetição. . . . . 10 »
Communicados. . . . . 40 »
Imposto do sello. . . . 10 »
Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

S. Miguel de Seide, 25 de agosto de 1895

A salvação

Ha muito quem affirme com grande teimosia e com toda a força das suas crenças, que o nosso paiz ainda está muito em tempo de ser salvo radicalmente das terriveis torturas que o assolão a todo o instante.

Ha mesmo quem chegue —esta é das finas—a pedir uns governantes sem direitos a honorarios, e que dos cofres do Estado não saia *pataco* para coisa alguma!...

Ora isto tambem nós entendemos que seria um milagroso elixir e de bem rapidos effeitos.

Mas o que tem graça; o que deveras é engraçado a valer, é ouvir as opiniões dos apaixonados manobrantes dos actuaes partidos politicos. Uns, dizem que só os regeneradores são os unicos, capazes de endireitar a nação. Outros, que só os progressistas seriam bons feitores para o milagre!... Ainda outros, que o unico meio seria uma *reforma republicana*; e para complemento de todo este *pagode* ainda apparecem pavoneando-se por toda a parte os *chimarras* que tambem dizem *que seriam o salvaterio* do nosso Portugal.

Ora sobre tudo a estes é que nós notamos immensa graça!

São elles os protogonistas burlescos de toda a comedia.

Realmente isto é só para rir!... Com que então tambem já a *chimarraria* queria agarrar as *feiticeiras redeasinhas?*

Ora meus amigos; bollas... bollas, e ainda mais bollas!...

Palavra d'honra que chegamos a crer, que se o governo os deixar ir botando mais um boccadinho o *nariz fóra da manta*, temos a nossa terra muito em breve transformada pela *chimarraria* n'um ceo aberto, recheadinho das *taes da caridade!*... E nós, e os leitores que forem dissidentes, e todos aquelles que não nutrem em si paixões partidarias, que faremos? Cá da nossa parte estamos já cegamente resolvidos a bom [illegible], e logo [illegible] zemo-nos sachristães de Igreja, que não fique muito distante de hospital, para apprendermos com aquellas *castas filhas do Senhor*, as orações precisas; para mesmo com as suas *mãosinhas* nos enviarem guiadinhos *vestidos e calçados* aos seus adorados *centros... do paraiso.*

Quanto aos nossos leitores, chegado o caso a tal *cantiga* sempre lhes diremos que não sigam o mesmo trilho que nós!... A vida de sachristão é tão triste, que se não fosse a esperança a sorrir-nos ao coração de ser o unico caminho que temos para os nossos sanctificados fins, nunca dariamos semelhante passo.

Mas... é tão risonha e tão fagueira a doce lembrança dos *centros do paraiso* que não resistimos a supportar com a resignação de martyres todas as desventuras que a má sorte nos envie, como paga dos nossos sacrificios.

E cá estamos pois no nosso posto!... D'atalaya com a *manobra*, esperando só o instantesinho dicisivo, para o emprehendimento do meigo sonho que nos emballa a mente.

---

(2) FOLHETIM

LOPO DE SOUSA

NUCLEO D'AGONIAS

ROMANCE ORIGINAL

I

Dianna de Sepulveda a Henriqueta d'Aguiar

Outros defeitos, não conheço nenhuma que os tenha na primavera da vida; e mais tarde, a pedirmos contas, seria á sociedade ou aos homens que as perverteram. Bom era que para taes almas houvesse mais commiseração, da parte d'essas outras que sahiram victoriosas em identicas pelejas.

Eu quero a mulher assim. Quero-a misiricordiosa, doce, e singela como a flor dos prados. Quero-lhe lagrimas para a miseria, e alegrias para os que se apaixonam de sua mão bemfaseja. Quero vêl-a scismadora, voltada ás nuvens prescrutando os mysterios indecifraveis da immensidade. Quero presentir-lhe o primeiro balbuciar do coração, quando este murmura baixinho: "Vem complemento do meu ser, não tardes. Vem, antes que o sopro da descrença me bafeje, e o anjo da desgraça queime meus labios com o ardor das paixões„.

Pois queres tu saber, Henriqueta? Eu, com os meus vinte e sete annos já feitos, adoro, tenho ainda d'estas visões immaculadas; e o meu thesouro, este anciar virginal e sagrado, é este talvez, sem que eu mesmo o imagine, o rival de toda a imagem do homem que me preoccupa um momento.

Parece-te uma demencia remodellar-me eu assim? Será. Eu sinto uma tristeza, uma saudade infinda, uma embriaguez dulcissima que me arrebata para alem mesmo dos caminhos percorridos pelo espirito.

Vou dizer-te tudo. Muitas vezes, quando os meus olhos se fecham ou escondem, como tu dizes, debaixo das palpebras, é que eu sinto um frémito voluptuoso e aroma-

A TRAICIL

Escolha-te o Senhor, o thou pura!
Que eu, naufrago em mar de desventuras,
Porei olhos em ti, sagrado astro!
Serás tu, farol de melhor vida!
E, diz-me que não morre a alma e vida
[illegible] as lagrimas e a dor.

Camillo Castello Branco

LITTERATURA

A MINHA ESTRELLA

[illegible]

[illegible]
Que lagrima de magoa do olhar
[illegible] a rolar!
Corria a primeira...
Tão pallida e sem ruminar!

O rosto pallido que trahia
[illegible] dor e melodia!
E [illegible]
[illegible] uma perna!

Girava na minha fronte
Qual anjo tão sedutor!...
Era formosa a evidente,
E mulher fatalmente!

Era a imagem tão altiva!
Que de mim se abeirou,
E meu coração captivo!...
E minh'alma fascinou!

Lisboa — [illegible]

F. Sousa.

DEUS

Sem o teu nome bemdito
Que infeliz desgraçado
Quando sente horrivel afflicção
E que faria o proscripto!...
No carcere o condemnado...
Senão tivesses... **Senhor!?**

POBRE JOANNA

(Quadro realista)

5 horas batidas. O sol já se reflectia [illegible] sobre o beiral do telhado. Joanna acordara n'este momento, e o maldito *Pinto*, ratoeiro do M... noel do Adro, tendo-lhe farejado os ovos da Gallinha choca, não se tinha urado da horta toda a sancta noite onde [illegible] assiduamente um ulular immenso, desaveigonhado... "Que quem tinha aues pestilentos os gerava ao rio.„ Resmungara Joanna; e corria a mão curva pelo cor-

[illegible] pensando na passagem á [illegible] n'esse dia que ia decorrendo entre escolhera para esperar o feliz [illegible] e que traria comsigo [illegible]

Lá estavam barbeiras como [illegible] grãos de milho [illegible] verdade que caro pagou [illegible] que cobardemente [illegible] sado d'aquelle [illegible] ies, pois n'um instante [illegible] pregiçara indolentemente [illegible] gos, immundo entre os [illegible] midos dedos de Joanna.

A esperadella foi [illegible] dedos e pollegares [illegible] pela saliva, mugeaiam com a rapidez do relampago.

Estava mais vingada a offensa feita aos [illegible] dos da mocetona.

A mão vingadora foi levada aos olhos onde estregou até fazer cahir lagrimas seccas que [illegible] nos cantos das palpebras da infeliz Joanna.

Coitada; passara uma noite cruel pensando que seria uma vergonha [illegible] se chegasse o quarto mez.

E os lagrimosos olhares dirigiam-se para onde viam os progressos da maternidade.

Appetecia-lhe dar mil socos no seu tão maldado ventre!

Lembrava-se então do Zé Ruivo, d'aquelle *codeas* que [illegible] para nos alimentar a alma com promessas d'um futuro risonho.

E derramava um pranto que fazia chorar as pedras... Eram lagrimas como bogalhos!...

Baboceava: "Que a Maria Fôna, era a culpada da sua perdição... que se não fôra aquella *sabuja* não estaria a chorar miserias!... Queraios a partissem!... Que tantas marmeleiradas lhe desse o [illegible] achaque incuravel da humanidade, o qual não hade ter um deposito de reminiscencias que me [illegible] as horas, essas horas que são como uma vida retrospectiva para o accusado, sinto um [illegible] quasi [illegible] [illegible] Henriquete! Não, não me digas [illegible] onde estava para mim a salvação. Demais o comprehendo eu!

[illegible] passar-lhe [illegible] de [illegible] como um beijo de aragem matutina [illegible] primez d'abril. Roçando a minha cabeça desfaz-se como a rosa queimada na haste pelos ardores estivos, e [illegible] pontas [illegible] meus cabellos me roçam as faces, pallidas pelo estremecimento do [illegible] interior. Quando falla-gente, a minha voz [illegible] [illegible] no meio [illegible] [illegible] [illegible]

feito para os cães!... Este pensar acobardava por completo as rancorosas e criminaes tentações de Barnabé, que ligeiramente ficava manso qual innocente cordeiro ao sentir approximar do gorgomillo a nefasta faca do assassino!...

"Emfim, era a sua negra sorte... um mau fado que o perseguia„, e mais socegado sahia da pharmacia, dava passeios longos, procurando riscar da memoria aquella ingratona que o tinha abandonado descaradamente.

O abbade, esse dava pulos de contente!... podera não! Os gordos frangos .. os bons presuntos... a pinguinha sem sulphato... e até bellos chouriços lhe cahiam como maná celeste no bandulho, que o Antonio, o servente de D. Mafalda, lhe trazia tão amiudadamente á residencia parochial. E o malandrim do padre sorvia pitadas do vinagrinho, atapulhando as ventas a valer, e ao mesmo tempo assobiando a *Maria da Fonte* que dizia symbolisar a victoria que tinha tido sobre o infeliz Barnabé.

A rir-se babosamente:

"Arrasei aquelle beldruégas... viva eu, e toca o hymno!„

E lá continuava com o assobio victorioso que lhe sahia das bochechas acompanhado de centelhas de cuspideira!...

Tal era a força do assobiamento!. Antonio, velho marau, percebedor da manobra, achegava-se ao clerigo batendo-lhe palmadinhas no hombro e piscando-lhe o direito: "Ah marotinho que o seu anzol prendeu bem a faneca!„

E o abbade, em effusões de jubilo, abraçava Antonio Brites, e os dois gargalhando com risos alvares, chegavam ao ponto extremo de se beijocarem aporcalhadamente.

Quem não ficára satisfeita com esta manifestação de regosijo, foi a Custodia Paneira, a creada fiel do abbade á vinte annos, que conhecendo pelo ruflar um sustenido de beijos, ficou como petreficada d'assombro, e quasi a não poder segurar o genio, correndo com uma tranca o meliante que tinha o descaro e petulancia de querer seduzir um ministro da Igreja, a cahir em tentações d'um peccado masculino!... Rancorosa, persuadida de coisas espantosas, chamava aos dois, *Gomorras* e *morras como jumentos*. E levando o sujo avental aos olhos, limpava duas lagrimas que ainda derramava com saudade por *Frei José das Cinco Chagas* a quem ella tinha ouvido aquella palavra de Gomorra, n'um sermão que elle pregára a respeito só dos homens.

Appetecia-lhe sahir immediatamente d'aquella casa perdida, onde tambem entendia que podia peccar em escrupulos visuaes. "Que não estava em edade de ver poucas vergonhas„.

E a pobre Custodia, convencida de que era verdadeira a sua lembrança, para desafogo á sua paixão, corria para a taberna do Zé Mufino, onde logo á entrada exclamava: "dé reis d'ella„; batendo a seguir com o dinheiro sobre o porco balcão que passava com a rapidez do relampago ás callosas mãos do Zé Mufino, antes mesmo da aguardente pingo a pingo ser depositada no surroso copinho, que só tinha sido lavado á oito annos, quando a inauguração da tasca se fizera publicamente.

E n'estes andares da natureza, emquanto o abbade e o Antonio se riam desavergonhadamente e a Custodia se empizorgava, com immenso prazer do Zé Mufino, o que soffria deveras, a verdadeira victima, era o desgraçado Barnabé que, para espairecer a negra nuvem de tristeza que lhe pezava na mente, passava os dias á sombra dos Sovereiros, á cáta d'uns insectos azulados que dizia elle —depois de bemsequinhos,serem um elixir infalivel em certas doenças que atacam atrozmente a humanidade calçuda.

E a D. Mafalda... essa cada vez mais alegre, julga-se feliz por ter tido a fortuna de vencer,com superioridade,muitos desejos canalhas que a massacraram e lhe deram mil voltas no toutiço. Passa pois o seu tempo, em *mãos rotas* para o abbade, alimentando na sua agora casta alma, a ideia de que da positiva regeneração, verá apoz o momento final as portas abertas do reino de Deus.

PIPAROTES

Primeiro piparote no author do artigo «Triste celebridade» publicado na «Gazeta do Minho» de 13 de Julho de 1895.

Ignoramos quem seja o apostolo Franciscanista, que tenta na "Gazeta do Minho„ jornal de *coroa aberta no topo da caspejosa cachimonia*, insultar, ou por outra, conduzir ao campo do ridiculo pela besuntada piada onde a gargalhada provoca o vomito, o nome d'um homem illustre que em toda a sua vida publica tem mostrado evidentemente o seu despreso pelos *arranjos* que actualmente dominam os grandes vultos do nosso Paiz, e o seu talento em tudo aquillo em que se torna precisa e urgente a sua abalisadissima opinião.

Quem é pois este novo anjo? Este templario de cruz alçada? De que celeste imperio foi atirado á terra? Naturalmente surgiu d'entre zephyros de canaes sujos á meia noite, emballado por aspero berço, acompanhado d'uma chiadeira infernal e d'um monotono e somnolento d'um Zé de calça arregaçada.

Trez horas depois, ao despontar do dia, n'um formoso prado de S. Mamede de Infesta, foi avistado o anjo, o salvador da burlesca cantilena afradalhada, o tyranno assassino da Maçonaria!..... Com a rapidez do relampago eil-o então no seu caminho qual furioso Tubarão que promette engullipar d'um só trago quantos *pedreiros e picos* appareçam na sua passagem!...

E francamente a sua estreia de goellas parece mesmo ser inspirada por musas divinaes! ..

O seu condão é ouro de finissimo quilate, e o seu talento vem a ser immortalisado com certeza pela camarilha que hoje quer dominar a torto e a direito o nosso cadaverico Paiz... *não é preciso pôr mais na carta.* Alem d'isto o que é verdadeiramente um espanto é a graça do homemsinho!.

E lá vai uma amostra d'este picotilho deveras proprio para a famigerada jaqueta hespanholada. Cita no seu artigo "Triste celebridade„ uns versos transcriptos das "Novidades„ que ridicularisam o dr. Bernardino Machado, aos quaes não farei commentarios, porque realmente são dos taes: *nem bons, nem maus, antes pelo contrario,* em seguida diz: "que algum dos seus leitores, com tineta para a musica de opereta, se apressará a cantar com acompanhamento de castanholas e pandeiretas„. N'isto quer dizer com toda a certeza o engraçado *salvador da fradaria* que os leitores da "Gazeta do Minho„ habitam em Tuy e Redondella!... Pois a não ser assim não seria indicada a castanhola e pandeireta!. . Que grande homem! E que enorme pedaço d'as...tro para a redempção da nossa Patria!

Quanto a genero comedia, tambem é dotado de veia tal que faria tremer os ossos de Gil Vicente, se o seu cadaver podesse ter ainda algum fragmento, mesmo carcomido pelos vermes do sepulcro.

E vejam os leitores a descripção do brinde, feito pelo dr. Bernardino Machado, isto é; imaginado pelo *fradesco em questão* e passado por S. S.ª á farça de cordel que ficou sendo um assombro de graça inexcidivel!... Ora, realmente, chego a pensar que este meu rico senhor deveria aproveitar com toda a força da sua alma um meio que vou indicar-lhe, como um verdadeiro salvaterio para a tristissima figura que está mostrando ao publico que tem tempo e coragem para ler os seus escriptos.

Olhe, desculpe a minha ousadia, sim? Mas que quer... estou tão convencido de o converter para um caminho nobre e altivo, que a minha consciencia não ficaria bem se não apontasse o pharol que lhe deve servir de guia e de luz.

Portanto amigo; abandone por completo a pessima e enganosa ideia que lhe sorriu á mente, imaginando que dizendo tolices em desfavor d'um grande homem, poderia ganhar alguma coisa no circulo da importancia...

E' melhor mil vezes perder alguns franguitos e talvez, quem sabe; se soberbos presuntos d'aquelles que só aquella cambada *fradalhesca* mostra ufanosa na salgadeira, de que sujeitar-se a que o porvir lhe possa dizer um dia, quando menos o espere:

"Soou a hora do exilio!...„

REAL GABINETE PORTUGUÊS
DE LEITURA
RIO DE JANEIRO

E n'esta occasião V. S.ª ser *engatrado* e fatalmente passar á sociedade dos peneiros... forçados.

Sisudo e serio e *cautella e caldinha*, diz o nosso velho rifrão, que *nunca pão mal a ninguem*.

Como já disse, não contamos o adversario que nos ataque de rompante, cheio de *cuspa* e reflorias, sobre as nossas costas, esmagando estes obscuros escrevinhadores que tiveram o defeito de *nascer* ao mundo, querendo *endireitar* o mundo, que já *nasceu torto*, almejando obscuramente vociferando e lançando á sua meia cara um cavalheiro digno de todo o respeito e consideração do Paiz.

Venha pois de lá seu *Fred Pires*, que nós esperamos resignados as suas parvoices com a paciencia d'um condemnado que vê a approximação das escadas do patibulo.

Mas assim, pedimos-lhe que seja misericordioso, que apparece moderado e que não submetta raivosamente a nossa vida ás mãos callosas da fradaria, porque... quer saber?

La vai... temos muito medo de maleficios.

I.

II.

Apuro de velhas contas

—

«Até lhe *Rui* o pinto»
P. Palha.

Ora ahi que emfim soou a hora de ajustar d'umas velhas contas com um *vendrim* a quem o «Leme» vae tentar indireitar... ainda for a tempo de ter cura possivel.

Ce estamos pois perante dissimulado senhor no campo da *reclame*, e tão bem firmados, que lhe prometiamos muito a sério dar-lhe tal dose de *purotes* que nem quantos *oleos de figado de bacalhau* possa ingerir para o seu estomago, *se isso é coisa que tenha*, lhe abrirá o appetite.

Prepare-se pois para ouvir uma lição bem merecida em que nada perdeu por terem decorrido cinco annos.

Recorde-se do dia 1 de junho de 1890, e conforme-se, pensando que quem o *mal pratica tarde ou cedo o pagará*.

Vamos pois documentar a sua triste e lendaria historia, e brevemente,—a *contas senhor..... do Castilho*.

A UM MONTANHEZ

Nascido n'uma montanha
[illegible] agreste
La na terra do castanho
Quem diria que tamanho
Viria ser a escura peste.

Foi o vento com certeza
Que trouxe a epidemia,
E com grande ligeireza
O [illegible] a mesa
Da sua comedoria.

Humilde como o cordeiro
Que bebia no regato,
Fez tais coisas o matreiro
Que hoje vae conselheiro
Sem pagar... foi ao barato.

E não com isto contente
Trepa ufanoso a escada,
E sorrindo finamente
Vimos nos bem de repente
O peste de farda urdida.

A vegada
Com rapidez surge entre
Qual perdido engravatado
Que vive a cantar o fado
E a cear visado.

[illegible]
Pois senhora offerecem-se
A pensarquear-lhe [illegible]
Não digo... a [illegible]
Mas ahi talvez haver,
[illegible]

Ai amigo, amigo, digo
Que o fogo a coisa pede
Do grande Lopes [illegible]
[illegible]

Do «Primeiro de Janeiro»

—

«Para um citoiar e capitalista sito, conhecido, veio ha poucos dias de Havana, uma remessa de charutos no valor de mil libras. Muitas caixas tem apenas dez charutos, custando cada um mais de cinco mil reis.»

Se jornaes ha pedindo a extincção do monopolio dos preciosos charutos, é a nossa *Alma Nacional* vendida ao estrangeiro pelo vicio tabaqueiro. Essa respeitavel instituição do charuto de oito centos mil reis, que representa uma pessoa que deve um [illegible] dos supplementos.

O vós que fendes primor
No gostinho da fumaça,
Perdoai esta desgraça
De vos pedir por favor

Que mandeis ao trovador
Que negue vidinha passa,
Uma só baforada
Dos taes de melhor sabor.

Podeis crer, que deferido
Este meu justo pedido
Direi de vós — seja a furia,

Mas gentil d'um bem querido!...
Não mandando pesar tido
Por um raio que vos parta.

N'esta redacção está depositado um biscoito de Vallongo, para o feliz que decifrar o seguinte inigma que nos foi enviado de Freixo d'Espada á Cinta:

Em que paiz d'este paiz está situado um ribeiro franco onde bebe um lobo e que proximo [illegible] lo, vai em dias de festas regar o lyrio pendente, d'uma collina comprida até Alcoide?

Vide... emquanto o Vallongueiro está fresquinho.

A GRANEL

O nosso jornal

Como diz o nosso querido director [illegible] editorial o «Leme» não é uma folha de combate politico. E' apenas um [illegible] e denodado defensor dos seus principios, e um amparo certo para aquelles que muitas vezes [illegible] algum genio de mostrarem [illegible] a sua innocencia, afastando de sobre si a [illegible] negra da deshonra. E' pois esta a missão do nosso jornal que, escravo d'ella, a ella, exgotará a sua ultima gotta de sangue.

O nosso folhetim

E' um romance original o «Nucleo d'azedas» que principiamos a publicar.

Lopo de Souza, essa sciencia pouca do anonymo que o assigna, vem desde ha muito na lista dos [illegible] aureolados d'este paiz, o seu nome.

Foi elle o profano [illegible] dor de luz cocta por [illegible]

A gazeta de [illegible]

Pasmem [illegible] ver se o nosso collega [illegible] o *rapapé* que aquella folha lhe offereceu no seu ultimo numero.

Depois de visto o caso, faremos as nossas apreciações.

Inéditos de Camillo

O «Leme» promette em todos os seus numeros dar a luz da publicidade uma producção inedita do grande escriptor da nossa litteratura patria, do sempre lembrado estalagadeiro de Seide.

Por aqui avaliarão os leitores o interesse que deverá despertar no mundo das letras o nosso semanario.

Declaração

E' com bastante desprazer e com grande pesar que nos vimos forçados a ser de explicar claramente os motivos porque o «Leme» não sahiu no passado domingo, como estava annunciado.

Sem mais preambulos principiaremos a narrar o facto.

O editor d'este semanario tinha encarregado um tal *Theotonio Gonçalves*, de lhe tratar da habilitação de [illegible] as publicações [illegible] entregou pois uns documentos que já tinha ao [illegible] e tambem algum dinheiro.

Ora o malandrete, de posse das *feiticeiras notinhas*, entendeu que a vida eram dois dias e que o goso estava acima do dever d'homem honrado.

Portanto, resolveu fazer uma alegre passeiata e ia-lo elle dançando e cantando, qual alegre romeiro, divertir o *cadavel* pela afamada romagem da *Senhora d'Abbadia*.

Alem d'isto accresce a circumstancia de que [illegible] umas provas que o director [illegible] para levar á typographia.

Este caso é tão infame, tão revoltante que entendemos dever ficar por aqui.

Eis portanto a razão que occasionou a irregularidade da publicação do «Leme» [illegible]

O nosso encarregado em Famalicão para quaesquer informações para o «Leme», é o sr. Victor [illegible] Guimarães. Praça da Motta, n.º 4.

Imp. Minerva—Famalicão

1.º Anno — S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão — N.º 3

O LEME

SEMANARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	2:500 reis
Portugal »	1:200 »
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	20 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO A' REDACÇÃO COMO A' ADMINISTRAÇÃO, DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL
S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sello	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

S. Miguel de Seide, 1 de setembro de 1895

Calmaria

Das lendarias Arcadas de Lisboa, não transpira uma noticia palpitante!

A politica, essa por vezes tão buliçosa e traquina politica, não dá rumor da sua existencia!

Tudo jaz immerso no mais profundo abysmo do silencio!...

Apenas de longe em longe lá vem um murmurio de *recomposição ministerial*, uma reforma do poder governativo, mas—já se vê—todo composto da *mesma côr*.

E assim vamos passando os nossos tristes dias, presentindo ao ouvido cada vez mais forte o som das muletas do desgraçado velho que ligeiramente vai seguindo o caminho do *nada!* Como isto é triste e doloroso!... Nós outr'ora os guerreiros sempre victoriosos no campo da batalha, hoje indolentes e exhaustos deixamos vergar a nossa fronte abatida pela desgraça e nem já avivamos á memoria as *gloriosas tradições do nosso passado!*...

Tudo nos esqueceu!... Essas recordações de saudosos tempos, e alegrias dos nossos antigos portuguezes, as vimos nós hoje com os olhos do indifferentismo!...

E n'este entorpecimento em que estamos só um elemento nos leva rapidamente á vida activa; esse, é a desavergonhada politica, essa *enganosa dama* a quem nós dedicamos um affecto sublime, e á qual dariamos até a nossa alma e o nosso coração!...

Não são como nós, os *chimarras*.

Esses, unidos e bem unidos, trabalham afincadamente nas trevas, esperando que um dia no horisonte lhes surja a estrella que nos esmagaria para sempre, e os iria centralisar no campo da *represalia*, que elles adorariam como a verdadeira luz da sua felicidade!

Oxalá que nunca por nunca se possa realisar o vaticinio que deixamos exarado. Mas muitas vezes apoz longa calmaria, vem a tormentosa tempestade!...

Alerta, pois, pelo nosso berço, pela nossa terra; e sobre tudo pela honra do nosso Portugal.

A fada e a rosa

A A. MARTINS

Em gentil jardim guardada
S'tava a rosa que tão bella,
Continha o brilho d'estrella,
Que fulge na madrugada.

Mas um dia a descuidada
Ramagem, que a desvella
Deixou ver o brilho d'ella
Aos olhos de meiga fada.

Cada vez mais bella a rosa,
Tão feliz, tão graciosa
Fulmina em justa paixão,

A fada que radiosa
Rouba a flor; e mimosa,
A guarda em seu coração.

18—8—95.

(3) FOLHETIM

LOPO DE SOUSA

NUCLEO D'AGONIAS

ROMANCE ORIGINAL

II

Dianna a Henriqueta

A sociedade é o que tu sabes: é uma velha hypocrita e andrajosa, coberta com manta de veludo. Aqui não ha nem se precisa se não de dinheiro, esperteza e uma bôa mascara para gosar distincções e respeitos.

Confesso-te: tenta-me muito a ideia do suicidio, sorri-me o aniquillamento; tenho constantemente deante dos olhos este pharol luminoso a chamar-me ao porto desejado: mas, no maior ardor da cita levanta se invulneravel no meu peito a muralha do christianismo; os meus olhos volvem-se á cruz sublime, que me está dizendo: sê forte. Força, pois, ó meu Deus! permitti que as pedras, que desabam das montanhas da philosophia impia e mentirosa, não esmaguem a minha fé.

Eu caminharei firmada, n'um unico ponto do vosso divino evangelho. Lá dizeis Vós, que na patria celeste, dos felizes da terra «entrará um por um». Que a vossa adoravel prophecia fortaleça os que soffrem; os que gemem algemados ao padecer atroz d'uma insomnia permanente, d'uma esperlina cruel dos sentidos como esta que eu sinto inoculada em mim e cuja febre me devora e gasta os renovos da minha primavera. Eu já não conto se não com o desalento do cansaço; o meu espirito está debaixo d'uma pressão infernal, d'uma irritabilidade nervosa e febril. Creio que foi debalde esta digressão de que os medicos tão lisongeiras promessas me faziam; parece-me que estou ainda mais doente desde que sahi de casa. Quanto mais me exforço por vencer este demonio occulto, mais elle se declara senhor imperioso de meus sentidos.

Que queres tu? Eu nasci para o amor da familia, para as alegrias do lar domestico; e a espada chamejante do anjo, expulsou-me para sempre do éden que gasam todas as creaturas sem lhe dar o verdadeiro apreço.

Orphã de paes, sem conhecer nunca affagos de seio materno, tudo á volta de mim é mysterioso e escuro como se a minha existencia escondesse grandes crimes.

E quem sabe?

Gasto muitas horas a reflectir no que ha para mim de obscuro no viver de meus antepassados. Apoquento meu marido, aperto com elle de todas as formas imaginaveis para que me diga alguma coisa respeito á minha familia, tendo, como tenho, bôas razões para crer que viveu na sua intimidade, mas tudo é debalde, a nada se move. Cala-se a todas as minhas perguntas, suspira, e reprime a minha curiosidade com duas palavras pronunciadas com o entono de commiseração profunda e respeitos.

—Não queiras saber mais do que sabes. A memoria de teus paes é, e deve ser um culto para nós: foram dois grandes desgraçados.

Porque? pergunta o meu espirito perdido nesta urdidura sem poder acertar com o fio principal. Porque? repete a minha razão, procurando nas trevas um raio de luz que me esclareça. Mas nem espirito nem razão me responde; e o raciocino nada pode em casos d'estes em que é preciso adivinhar...

(Continua).

REAL GABINETE PORTUGUÊS
DE LEITURA
RIO DE JANEIRO

Maldita!

Maldita! maldita! eis a voz que eu escuto
Nas sombras da noite, se geme o infeliz;
Se ferve lá dentro o bramir a tormenta,
Não menos medonha no meu coração.

Maldita! maldita! me bradam os raios,
Rasgando-me a fronte sinistro fulgor,
E eu pallida e triste qual anjo repulso
Bebendo lagrimas ao SENHOR!

Maldita, maldita! os ferros me dizem
Que inferno nenhum a minha afflicção:
A estrella que passa, ligeira se esconde
Perante as trevas immensas do horror.

Maldita! maldita! os echos repetem
D'uma mundo feroz que exulta á vingança:
Maldita tu sejas, mulher infamada
Por culpa que em outras suprema gloria.

28 de março de 95.

Anna Placido.

Maldita porque?

Maldita! que importa que o mundo te brade,
Que a infamia na fronte te escreva: "maldita!"
O Christo, no lenho da dor infinita,
Tambem foi maldito da raça precita,
E Christo era um Deus.

Para cada martyr, ereme,
Um echo ha terra dos ceus,
Que ao SENHOR leva uma prece
Como a tem os labios teus.

Maldita! Por que? Mãe que adoras teu filho,
Que desces com elle aos abysmos, cuidando,
Que a paz te convida, e voltas chorando,
Maior desventura na terra buscando
Com anceia de mãe!

Está no eco uma Virgem
Que teus filhos sumbem:
Gemidos de mães extremosas
Ella em seu regaço os tem.

Maldita! porque? ri, candida de Nazareth,
Em ferros escondes a rara belleza,
Que minha o segredo de achar a riqueza,
Se erguer-te n'uma throno de excelsa torpeza,
De encanto e magia!

E a sociedade ultrajante
Com que cynismo diria
"Christianez, sim; nos folia,
Que dá ao viclo poesia!

Maldita! Verias se o ouro jorrasse
Das mãos com que enxugas o pranto sagrado,
Verias, a rastos, no chão tapetado
De teus aposentos, o mundo avilitado
Cantando hymnos vis!

Ah! mal sabes tu que o crime
Junto ao cynismo é feliz!
Oriandas vezes a virtude
Lhe dobra, rega, a cerviz!

Bemdita, bemdita, o martyr te selas,
Que um dia sonhaste a remissão do SENHOR!
E abysmo-te da altura dos teus devaneios,
Cahiste e choraste; e a chorar, passam ceios
Teus dias de dor!

29 de março de 95.

Camillo Castello Branco.

LITTERATURA

Um sonho

Passou [illegible] um sonho
[illegible] e triste o despertar;
De pesares visões tão feias,
Lá nem me quero lembrar;
Tornei a achar o remanso
Do meu leito doce a sonhar.

Volto quasi á paz serena
Dos meus dez infantis,
O meu anjo me segreda
Mysterios que não se dizem,
Vejo o futuro coroado
Pela esperança a que me afiz.

E' muito para a minh'alma;
Importa da vida o eco,
sobre as falsas [illegible]
Lamentar-me? Errado veu,
Das [illegible] a mais nobre
E' chamar-te um desengano.

21-8-95.

***

O noivado

(Scenas d'aldeia)

Um dia de verdadeira festa.

A pequena aldeia apresentava um aspecto alegre envolto n'um formoso sol de primavera.

Logo ao raiar d'alva o relhão acordado todos os habitantes do logarejo ao som estrondoso [illegible] de dynamite, que o Antonio da Pulcheria, regedor [illegible] de egreja, tinha mandado lançar aos ventos, recommendando muito a serio ao Zé Foguetteiro: "volta-lhe a foguetteira nos astros". E largo tempo ficava abysmado d'aquella bonita phrase: *astros*. Admirava-o muito poder a [illegible] se introduzir nada [illegible] dar os ecos que diamma vezes ouvia entre pagodes de *foguetorios* [illegible] no Zé Cupo, de seu amigo compadre de Braga [illegible] Zé Fisga, filho do Macario.

E os foguetes recommeçavam [illegible] seu [illegible] [illegible] [illegible]

Lamentações d'um Boticario

—

Assim chorava eu triste: «na Retorta
Da Pharmacia politica que fiz?
Não ganhei dos tostões sempre infalis
Nunca pude passar da cêpa torta.

Ao meu collega Franco abre-se a porta
Que das honras conduz aos alcantis;
Pois que além de ser conde quando quiz
Vende *extracto de carne* que conforta.

Um outro meu collega, o Marianno
E' rico como um porco e a todo o panno
Navega para ser millionario.

E eu que fui mais destro gallopim
Que os meus collegas são, quem sou por fim?
Um parvo, um pulha, um reles boticario!

A UMA CARLOTA

—

Carlotinha!... Que lindesa
Tens no teu nome maróta.
Qu'até mesmo a natureza
Ao ver-te doida Carlota,

Tomou logo a sua nota
Dizendo com ligeiresa
«Tu virás comer á mesa
Da pagodeira risota.»

Assim foi: e tu tollinha
Gostando da cantiguinha
Que te fadou a natura,

S'tás hoje fina songuinha
A mais feliz Carlotinha
No apogeu da ventura.

A UM CERTO NARIZ

—

A tarde estava fina, e na Avenida
Passeiavam em garbosos atlasões
Os mais finos e puros figurões
Da luneta e a barba retorcida.

Apostaram alli todos na sahida
Ver qual d'elles teria as sensações
Do mais fazer pulsar os corações
A's madamas que viasem a corrida

Afinal, quasi ao fundo da estrada,
Um dos dandys que vinha em galopada
Julgava vencedor seu atlasão.

Correndo na mais brava desfilada
Esbarra n'um nariz que encheu a calçada,
Afocinha o gineta, e cae ao chão.

A GRANEL

Eduardo Chrisiino

Fomos ha dias surprehendidos pela dolorosa noticia do fallecimento d'este nosso amigo—em S. Paulo.

Nós que tivemos com o desditoso moço as mais estreitas relações d'amisade; nós que companheiros d'infancia nas lides escolares, e que desde esse tempo ficamos sempre a viver como bons amigos, curvamos hoje a nossa fronte pela dor da saudade, para receber este infando golpe da fatalidade.

A seu irmão Antonio, tambem nosso velho amigo; a esse a quem por muitas vezes conhecera-mos tam sancta amisade e dedicação pelo seu Eduardo, enviamos nós a expressão do nosso mais sincero sentimento.

Morte instantanea

Na visinha freguezia de S. Paio de Seide, deu-se no passado domingo, um facto deveras lamentavel. Na occasião em que alegremente cuidava do amanho do seu jantar, e de todos os seus, cahiu fulminada por um ataque, morrendo instantaneamente, Sofia Gomes Marques que deixou para sempre na terra sem as caricias do seu amor maternal, trez creancinhas ainda de tenra idade.

A sua familia, e especialmente a seu irmão e nosso assignante Manoel Gomes Marques, enviamos os nossos pesames.

Mau agoiro

Uma conhecida fonte d'estas paragens, denominada a *Bica velha* que nos parece ser effectivamente mais antiga que a lendaria *Sé de Braga*, deixou ha dias de espraiar nos cantaros das tricaninhas aldeãs, as suas crystallinas aguas!

Mau preludio!... A *Bica velha* sècca... anda com certeza *coisa no ar*.

Toda a cautella é precisa.

Prizão

Dizem-nos que foi ha dias recolhida á cadeia de Famalicão a snr.ª Maria Marcellina, moradora na freguezia d'Avidos, por se apoderar de objectos alheios.

Se assim foi, francamente, a snr.ª Maria Marcellina, não andou com acerto, porque deve saber que ninguem *pode pegar n'aquillo que não é seu*.

E demais, dizem que fôra por causa d'uma *barrella* e umas *espigas*.

Ora tinha tido muito mais juiso a snr.ª Maria Marcellina, se fizesse a si propria a *barrella* e não andasse agarrando o *espigame* dos outros.

Anniversario

Faz hoje 25 annos que na casa do José de Villalva,—tão fallada por Camillo Castello Branco, no seu magnifico romance realista «A Brazileira de Prazins»—viu pela primeira vez a luz *di o dia*, a nossa presada assignante D. Maria Augusta Corrêa. O «Leme» envia-lhe os parabens, desejando-lhe muitos Agostos de vida, e elle—já se vê—a contal-os.

Agradecimento

O «Leme» agradece muito penhoradamente e todas as pessoas que lhe tem dispensado a sua protecção honrando-o com a assignatura.

A pessoa encarregada em Famalicão para quaesquer informações para o «Leme», é o snr. Victor Corrêa Guimarães - Praça da Motta, n.º 1.

Editor responsavel—**José Corrêa**

Typ. Minerva—Famalicão

atrophiar as faculdades intellectuaes.

N'esses momentos de concentração, parece que sinto despegarem se-me umas azas invisiveis, que vou tomar o vôo, e remontar-me não sei a que mundos, a que hemispherios e plagas desconhecidas

O' Henriqueta! que immensa gratidão devem a Deus aquelles que encontraram na terra esse outro ser que lhes completa a vida, refazendo n'uma só das almas?! Felicidade sem sombra seria por horas d'essas achar ao nosso lado quem nos acompanhasse nas excursões febricitantes do devaneio. Como seria doce cahir d'essas alturas para sentir o braço robusto e amparador que transformaria o mundo real no paraiso de nossos primeiros paes?!

Ai! minha amiga, estas ideias, a que eu volto sem cessar, tomam mais medonho e horrendo este escurissimo abysmo da minha alma!

Estou a aborrecer o mundo, a detestar a sociedade e a vida.

Este mundo, que tu adoras, porque és feliz, porque encontraste em Gualberto a metade do anjo que tu és, é o antro onde se pavoneam estas feras humanas, esta raça feroz e egoista, que com rara excepção, tem sempre e para tudo um riso de sarcasmo; riso torpe, que chega a macular a propria santidade da dôr. Não tenho eu sido victima d'elle? Não me tem acoimado de mentecapta porque não festejo suas inepcias, nem me canso em fingir considerações que me não merecem?!

(*Continua*).

...

...

...

nheiro de Zé Fistula, de Braga, deixaram de bocca aberta!...

Emfim; de todo o *aransel*— como lhe chamou tambem o abbade—só pôde concluir que o casamento seria ás duas da tarde.

E ancioso por ensejo de se escapullir ao phraseado do fidalgo que em nada percebia, nem mesmo o deixou acabar o resto; voltando-se, disse com a rapidez d'um relampago: "adeus que me esperam em casa altos negocios de justiça.„

E sem esperar resposta alguma lá se foi resmungando por entre dentes: "má raios parta tal treta„ ao mesmo tempo que o abbade dizia para o fidalgo: "não faça caso, é bruto... é bruto„. E o ministro da Egreja já com a batina vestida, grossos tamancos calcados, e lustrosos sapatos de fivella e laço, na mão, dizia serem as horinhas da missa conventual. O fidalgo respondia alegremente: "sim, sim vá, que eu tambem preciso de chegar ao sollar onde me espera o leite e a tosta.„ O abbade dizia, mas já andando: "bem, estamos certos; duas, na egreja.„

E lá se foram cada um para o lado que lhes convinha.

×

D. Julia Sardinha, a filha do illustre fidalgo da Retorta, é que toda a noite derramara um pranto esmagador, chegando por vezes a atirar-se ao chão, de joelhos, orando á *Virgem das Dores* para que a salvasse da tempestade que se abeirava ligeiramente.

Ainda na vespera d'esse dia, entre lagrimas de verdadeira mágua, implorára de seu pai que a não sacrificasse ao negro interesse fazendo-a casar e unir-se para sempre ao commendador Barata, homem de conhecido mau genio, e com 60 janeiros de existencia. Ao que o fidalgo respondera seccamente: "não ha remedio. E' a salvação do teu futuro, e da honra de teu pai.„ E retirou-se do alcance lamurioso da desgraçada victima.

Não havia que fazer. O casamento era irrevogavel.

A pobre menina não tinha a força moral de contrariar os desejos de seu pai. Resolveu pois acceitar com a resignação de martyr o terrivel golpe que imaginava encerral-a para sempre no escuro abysmo da desgraça.

E no meio da sua afflicção resolvia que á primeira nuvem negra que lhe viesse toldar o seu horisonte de ventura, poria termo á vida, ingerindo um *rosalgar* que o Sebastião Conteiro, feitor da casa, tinha sempre no pratelleiro da alcova para quando os ratos arremettessem com audacia ferina o milho do Espigueiro, encontrassem nas saborosas espigas um fim certo e terrivel.

E o rosto de D. Julinha reanimava-se pensando na morte.

Na torre do Campanario lá davam as doze badalladas do dia. Faltavam só duas horas!...

D. Julia parecia outra; e, até alegre, principiou a cuidar da encantadora *toilette* de noivado.

Lá estava sobre o toucador, a coroa de larangeira; o famoso symbolo da virgindade!...

Como ella era linda!... E D. Julia detidamente examinava aquelle encanto.

×

Uma hora da tarde. Tudo estava prompto.

Já tinha chegado a *banda dos Paivas* aos quaes o fidalgo mandara dar um *beberete*, dizendo-lhe: "Toquem á chegada do noivo, o hymno do Snr. D. Miguel... olhem que é o do Miguel.„ Em seguida lá os mandou para o logar escolhido da recepção.

Muitos camponezes já circulavam a egreja. Alguns com foguetes debaixo dos braços.

Os rapazes dirigiam ditos chistosos e allegoricos ao acto, ás raparigas.

Ellas.. risada a valer!... Emfim um *pagode*, uma verdadeira reinação!... Era o dia da festa.

De repente uma salva de bombas echoou valentemente nos ares, e por entre o estrondoso barulho por ellas produzido lá se ouvia o *tal do Miguel* com toda a força dos *clarinetes, bombardinos e pancadaria*.

Uma pandega!...

Tinha chegado o commendador Barata, que já vinha em direcção á egreja. Em antes porem de ali chegar parou todo o sequito em frente da casa do futuro sogro onde foi dada ordem ao regedor Antonio da Pulcheria, para dar dois sopapos n'um *garotão já talludo* que na frente cantarolava com desafinação e voz esganiçada o *miguellista*.

Foram levantados muitos vivas ao fidalgo da Retorta, que das janellas do seu palacete, agradecia com visiveis signaes de satisfação.

Estavam feitos os cumprimentos. Tudo se encaminhou para a egreja.

Ali se realisou o auspicioso enlace, entre gaudio de todos, porque houve muito *foguete*, muita *comilança* e muita *vinhaça!* ..

.....

×

São decorridos trez annos.

O fidalgo vive feliz, gastando por Lisboa boas sommas de dinheiro apanhado ao genro que passado apenas um anno do ruidoso noivado, vendo os grandes gastos e comedorias que o sogro lhe fizera, passou a um estado de entorpecimento de membros, e á imbecilidade do indifferentismo.

D. Julinha passa o seu tempo em conversas de *litteratura amena* com um novo *chimarra* muito apaixonado por *redacções de gazetas*, e que o marau do abbade teve a habilidade de introduzir em casa do velho Barata como um famoso procurador de *todos* os seus bens.

PIPARÔTES

Aos *freis* da «Gazeta»

Não nos enganou o juiso que tinhamos feito dos *sapientissimos sabichões da caspejosa folha*.

Elles ahi estão tal qual os viamos desde ha muito.

Uns *barras* de puro *barro*, uns *civilisados d'alto lá com elles*, uns arrogantes inexperientes, que para perto se dirigem, e bem assim as suas *tretas aparvalhadas* que tambem dignas são, de ficarem proximas de mão sensata que as lance á escuridão *d'um carcere* ao qual a *humanidade lavradeira* entendeu dever chamar *o enlevo d'agricultura!...*

Quando no nosso primeiro numero nos dirigimos á "Gazeta do Minho„ não nos passou pelo espirito que viria o reverendo terçar bestiaes lanças, recheadas d'um palavrorio *banal e pestilento* sobre o "Leme„,—*sem piloto como o clerigo lhe chama*—que não aggrediu ao ponto extremo de merecer o castigo severo com que o *illustre* reverendo nos mimoseou, alcunhando-nos de *grosseiros e faltos de bons principios de civilidade!*

A *piada* foi valente e esmagadora; não lhe parece reverendo?

Safa que é dotado de genio arrogante!...

Pois meu carissimo e reverendissimo *carola*, cá estamos onde queremos mostrar-lhe claramente que fomos educados e que sabemos considerar todos aquelles que pelas suas acções merecem o respeito; e tambem provar lhe se o "Leme„ *tem ou não piloto*.

E' certo que os *espertos adversarios* nos mostrão nas *bem civilisadas linhas* que nos dedicaram, que não respondem ao "Leme„ emquanto elle labutar no trilho da má educação!

Este reverendo é furioso; palavra d'honra!...

Nós, creia, que até somos admiradores do seu arrojo!...

E sabe o que ainda mais lhe admiramos? E' o reverendo que no seu "Gabinete de Critica„ escreveu grosseiramente contra o «Porvir» tivesse a audacia de desafiar esse nosso presado collega para uma lucta... mas com *luva*!...

Pois francamente lhe diremos, que tambem nós a poderiamos acceitar n'esse campo, mas precisariamos de saber em antes, que *luva* usa o reverendo. Como muito bem sabe, ha duas especies de *luvas* e se a aggressão da sua parte é feita com a que suppomos que o *talentoso* reverendo gasta para allivio á algumas *comichões que o apoquentem*, então nada... não queremos polemicas com V. S.ª!...

Arreda!...

Como o diabo as tece!

I

D. Rita senhora d'edade,
Já madura mas inda bonita,
Teve um dia lembrança esquisita
De casar c'um rapaz da cidade.

Resolvida da sua vontade,
Um annuncio mandou Dona Rita
P'ra «Gazeta», jornal bem catita
Que lhe trouxe da feira o abbade.

E contente esperava o momento,
Sempre rindo do bom pensamento,
Da «Gazeta» lhe dar a resposta.

Mas oh ceos! oh desgraça! oh tormento!
Apparece um lambão de convento,
Um *Fradesco Catinga da Costa*.

Desafiamento

Quando [illegible] do Inverno
Pulsa logo no peito á mulrona
E põe-se bem soltazona
A cear com o tal *abadoio*.

O frade parecendo ser vaso
De mais, só dizia — *Ellitous*
Vim a mim ao ter nos gaifonas
Não me [illegible] no empalo.

Uma velha [illegible]
[illegible]
A sorte pas ventas lhe assenta.

Esta fala da forma
Da [illegible]
[illegible]

O ECHO

[illegible]
Deste c'um *bramisco*
[illegible]
[illegible] muita [illegible]
[illegible]
[illegible]
[

REAL GABINETE PORTUGUÊS
DE LEITURA
RIO DE JANEIRO

1.º Anno | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 4

O LEME

SEMANARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	2:500 reis
Portugal »	1:200 »
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	20 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO A' REDACÇÃO COMO A' ADMINISTRAÇÃO, DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL
S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sello	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

S. Miguel de Seide, 8 de setembro de 1895

A SOCIEDADE

NÃO está ainda corrompida totalmente a sociedade; mas diremos com toda a franqueza de que sempre fomos revestidos, que lavra com intensidade aterradora em parte d'ella, o principio d'um mal, que fatalmente nos virá a acarretar

Quem são esses negros phantasmas que nos querem roubar o sol que já tão pouco nos acalenta?

Quem são esses miseraveis que surgindo das trevas do abysmo, aonde deveriam perpetuamente dormir o somno esmagador do despreso completo, nos apparecem qual medonhos aves de rapina, disputando-nos a *presa*, a que temos sagrados direitos, pelo nosso sangue e pela nossa honra?

Quem são? Poucos o dizem... e todos o sabem!...

São pois esses *flibusteiros* que fazendo-se submissos, soffredores, e humildes victimas da nossa raiva e do nosso odio, preparam assim o caminho para entrarem no seio da sociedade!

de contrair sem que dos nossos labios nos saia como chammas d'um fogo abrazador: **para traz miseraveis!**... Voltai ao somno do esquecimento, ou o nosso coração, o nosso amor pela terra que nos viu nascer, nos fará dar o primeiro grito do alarme!... **Para traz seita infernal!**...

A vida para certas organisações é um martyrio!

O goso cança o corpo, e enfraquece o espirito! E' então que se resvalla ao desalento parecido com a morte!

Quando depois se volta á vida, sente-se o remorso; mas com avidez de avarento

VEM

Vem luz pura, luz divina
Anceio, chamo por ti:
Vem o ceo me resuscita
Que eu para o mundo morri.

9 de Março de 1860.

Anno Fluvido.

10 de março de 1860

Vem luz torva, luz satanica
Anceio, chamo por ti;
Teus passos guia ao inferno
Que eu para o ceo já morri.

Camillo Castello Branco.

ÉS TU!

És tu o sonho d'um anjo,

pos o livro do «Padre Amaro» Ignez, não é o meu coração ainda o mesmo para ti?!

—O que infame e vil caracter é o vosso!... Chamar-se a isto um *levita do bom Deus!*...

—Ignez, modera a tua exaltação; sabes que se alguem nos ouvisse eu ficaria perdido, porque amanhã serei um ministro da religião.»

—«Que religião é essa onde está o Deus que assiste impassivel a todas as vossas infamias?! Que religião é essa a que chamaes do Christo?! Que religião d'amor e caridade que vós esmagaes sem vergonha commettendo toda a casta de villanias, e que tendes levado o bom povo a descrer das vossas palavras, a contar-vos como perversos e amaldiçoados villões?!»

—«Ignez, isso de nada serve. Não poderei deixar de seguir o meu destino... a estrella funesta da minha vida!... Amanhã serei padre!...»

—«Bem... tudo entre nós findou. Segui pois o vosso caminho e a Providencia do ceo vos faça verter as lagrimas de sangue que hei-de chorando por vós.»

Ignez fechou a janella. O novo padre chorou!... Foram as ultimas lagrimas dedicadas á grande desgraçada, que lançára ao abysmo da perdição.

E o levita do Senhor, caminhou pelas trevas da escuridade.

Os *chimarras* são como os *abutres*. Quando se pilham fora da toca dão picadella

UMA LENDA

(A certa dama)

Dona Brites Paschoella
Sentia-se de mui respeito,
Andava sempre amarella
E dizia que panella,
Sentia dentro do peito.

Foi chamada a medicina
Na mais mais afamada;
Acceitou banhos, tisana,
Mas Dona Brites, ladina,
Não queria tomar nada.

Assim foi passando um anno
Na mais cruel amargura;
A gemer do mal insano
Que tão voraz e tyranno
A levava á sepultura.

Já toda a gente dizia
Que a Dona Paschoella,
Fatalmente morreria,
Do negro mal que sentia...
Que lhe vinha da panella.

Dona Brites aterrada
Fizera seu testamento.
E triste, desenganada
Da sua sorte *exaltada*

Annuncio

Anda fugida a *besta* que ha pouco se esbarrou nas cólumnas da «Batalha».

Ha indicios de que o furioso animal seguiu o caminho de Lisboa.

O dono previne o povo da localidade de acautelar-se da satanica besta e declara que ella deverá trazer sobre o dorso uma *labita*.

Landim—2—9—95.

Cavalleiro.

A' MINHA VISINHA

Da *moda* certa modista
Cá da minha visinhança:
Que tem tio moralista
De cabeça egual á pança,

Teve ha dias a lembrança
De seguir famosa pista
Chamando *réles chupista*
Ao *hómisho* da cobrança

VANGLORIA

(Ao meu amigo A. A. Ferreira Velloso)

O corpo é o mesmo e a alma mais pura
Não é com certeza;
Exhibe-se agora fallando da altura,
Parece princeza!

Um tedio nojoso produzem talvez
Seus fofos meneios;
Os vacuos immensos da sua altivez
Já todos são cheios!

Aqui o espaço já acha apertado
P'ra vida propinqua!
Em breve a vaidade lhe leva seu fado
P'ra terra longinqua...

Se queres, escolhido serás d'entre mil
E temos noivado?!
Dois dias que estejas no grande Brazil,
Lá voltas casado!...

Agora é já tarde, vieras primeiro...
Lá vai a Vangloria!
Não foste seu noivo, ficaste solteiro...
Ganhaste a victoria!...

Landim 30—8—95.

Telegraphia

Landim—4—9—95, ás 10 da m.

Até a esta hora não appareceu o *animal*.

Em nenhumas *columnas* se vê signaes.

Se apparecer mais tarde já não a tempo de o noticiar n'este numero, no seguinte o farei.

Cavalleiro.

A SÉRIO

A musa ligeira
Me diz alto são
Que vai pagodeira
P'ra Famalicão.

Em longa risada
Lá vai em corrida
Na tal *fradalhada*

DESALMADO

(A ULTIMA HORA)

Ahi vem elle, o *furioso animal*, o *leproso das campinas!*

Apparece no «Minho», borra-lhe as columnas, no resto atira sobre essas podridões immundas a sua alma que o diabo regeitou, empoleira-se-lhe nos seus e fica *desalmado!*

Pobre lagorrilha, serás tu merecedor d'uma resposta?

Não, *porcalhão!* Lança os olhos para essas tuas *garatujas*, e vê se alguem poderá adivinhar a linguagem em que escreveste a tua *folorenta correspondencia*.

Aos vossos olhos, meus leitores sensatos, apresento uma singela analyse do *estylo* litterario do *desalmado*, e especialmente á vossa apreciação que exponho esta parte do meu *pi-parote* «bertoldiano» sonoro, esse parlapatão, parece imperfectivel.

Mas deverei tapar as vossas narinas antes que eu remova aquella *porcaria*.

Logo na primeira linha o *scevola catinga* diz:

Principio por lhe notificar que o «Leme»...

Notificar emprega-se só judicialmente. É palavra antiquada que hoje não significa e a verá applicada logo nas primeiras linhas de certo o *rude desaimado* vai pela primeira vez a palavra no dicionariosinho que nunca larga.

Diz-me que não tenho focinho apropriado para um *aziar*? Foi esse o teu *unico acerto*.

E's tu, pobre maluco, reles paspalhão, que apresentas o brutal focinho adornado ao *natural*.

Tenha pena, leitores, d'este *ignorantão!...*

×

Vai para o Porto, como diz, vai, *fanfarrão, escrever nos fornaes todos os dias e por-me tolo!*

Pois sim, miseravel, mesquinho, recolhete ao Porto, e deixa que estes ares se purifiquem com a tua ausencia, *porcalhão!*

Se me queres pôr tolo, eu quero por-te fino... Agora conclue quem é *actualmente o tolo*.

Mas qual é a tua philosophia?

Ah! Sim, é a philosophia de estrebaria.

Quem és tu, oh *desalmado!*

E's o *bimbo bobo* que, ao cahir nas mãos da policia, abres insensivelmente o *esphincter anal* e deixas que as tuas *pantalonas* sejam a *tua cueca*.

Tu és o *cobarde amestrado* que *atiras a pedra e escondes a mão*, protestando que não foste que escreveste a tal porcaria.

Não sabes, nescio, *miseravel lampaneiro*, senão escrever: — *investidas*, e — *em questão?!* Só sabes escrever isso, sordido, mesquinho?

Se me leres tira logo as *pantalonas* e foge para longe dos homens com a tua letrinha!

Tu és o *astucioso charlatão* que, para te conservares a occultas o *destruidor mór da nossa lingua*, affirmas á populaça que parece que

×

Vem ser bons pensadores, porque além de evitarem grandes males, desenvolvem assim a sensibilidade, dirigindo-a para o bello. Já lhes ouvi executar algumas peças com perfeição, segundo dizem alguns individuos habilitados, que tambem as apreciaram. Faço votos pela sua longa vida e prosperidade.

— Nos dias 7 e 8 do corrente festejava-se com esplendor o Sagrado Coração de Maria, n'esta freguezia de Louzado. Os festeiros não pouparam trabalho nem despeza para fazerem a festa com todo o brilho e pompa, mostrando assim, que não precisam do dinheiro d'um tal *Banana*, que o anno passado deu uma esmola para a dita festa. Bem haja cada um e para as coisas.

B. S.

Landim, 3—9—95

(Do nosso correspondente)

Tive hoje occazião de assistir aos ensaios effectuados pelo snr. Nogueira, com um engenhoso apparelho automato de tirar agua.

Por emquanto o apparelho não tem o effeito desejado.

S.

A GRANEL

O nosso jornal

Em vista de amesarados pela *famosa* comparação que alguem nos promove, e de que já falámos no numero passado, entendemos se

quelle *excremento de purgar* não se manifesta opposição nem resistencia alguma.

—Na linha seguinte cahiu no bestial abuso de escrever: *O nosso collega da «Gazeta do Minho»*...

A palavra *nosso* desculpo-a ao *pilha-noticias* se elle se atrever a provar que quando começou a escrever estava *singelo* e que n'este ponto já estava *dobrado*.

—A palavra *collega* é *abuso abominavel*.

—Depois volta o *nós* segunda vez.

—Um pouco adiante apparece de novo o *desavergonhado nós*.

—Depois apparece então *nos* (*nos apparece...*)

—Mais adiante lê-se um *portuguez esfarelado* pelo *pestilente borra-columnas* sem respeito á grammatica elementar:

«*Começaram alli hoje as praticas do costume. Segundo as informações que ali nos prometteu este anno ser brilhantissima a festa, devido*...»

Para isto não pode haver analyse.

Ah, *porcalhão, basbaque, sabujo*, que julgas que os jornaes são *estrumeiras* para depositares n'elles as tuas immundas pouridões?

Quantas palavras se lhe pode aproveitar, meus leitores?!

Além dos vicios de linguagem e dos desmesurados abusos grammaticaes e pessoaes, que se aproveita?

Aproveitar-se-hão as piadas?

Não, nenhuma d'ellas são originaes; a da *lambarina* apanhou-a o *pilha-noticias* ao snr. *Moreira de Requião* e as restantes eram conhecidas de Adão e Eva.

Que mais resta? Só a dialectica.

Queira o leitor reler a «local declarada» mais pequeno *mierobio* que povoe o universo.

×

E vós oh *esperança da patria*, geração academica moderna meus illustres conterraneos, não vos deixeis arrastar assim; não digais com a populaça que elle é o *homem mais fino d'estas redondezas!*

Sois timidos, medrosos...

Consentis o malvado parasita sobre vós a *comer-vos a pinha?!* Temeil-o, coitados, deixai-me lamentar-vos!

×

Fica-te, *porcalhão*, fica-te besta féra que a minha espora está tincta de sangue, o meu calcanhar cançado e o meu coração compadecido!...

Até breve.

Landim—4—9—65

Cavalleiro.

CORRESPONDENCIAS

Louzado—6—9—95

A rapaziada da freguezia de Landim, instituiu uma aggremiação musical, com o fim de passar as suas horas de recreio d'um modo agradavel e util, o que deveras é louvavel. A meu ver, e um passatempo dos mais innocentes e inoffensivos visto que d'elle só poderá advir utilidade. Como os leitores sabem, nas horas de recreio é que geralmente se praticam as maiores estravagancias, que deslustram e denigram a humanidade; portanto estes que dedicam as suas horas de folga ao estudo da musica, mos-

. ta declarada» publicado ec. n.º passado, no final do ultimo periodo—para ter freio,—quando é—para teu freio.

Este lapso bem facil de conhecer deu aso a que *alguem* se aproveitasse d'elle para soltar algumas babozeiras.

Com espantalhões de tal quilate tenham cautella os revisores de jornaes.

Anniversario

Completou na terça feira passada 22 annos, o nosso presado amigo e estimado collaborador Joaquim Dias de Sá. Os nossos sinceros parabens.

Um pedantinho

Dizem-nos que anda ahi por algures um menino d'Areias, a dizer muita tolice a nosso respeito.

Ora o menino, entregue-se aos seus estudos, e não volte com o [illegible]. Continuando a ser teimosinho apanha dos [illegible]. Entendeu?

Garotada

Consta-nos que o tal nojento safardana chamado Theotonio Gonçalves, vem com novos insultos ao "Leme" n'uma folha [illegible].

Quanto ao jornal que lhe publicou as *expressões nauseabundas* e que o acceitou como seu correspondente, diz-nos que nada lucra com tal collaborador, ainda bem os bons que tem das cadeias de Braga onde esteve accusado *de falsificador de firmas!*

Por ultimo diremos que o malandro está mesmo a pedir os quatro elementos que fazem amansar aquelles da sua especie *O chicote*, a *espora*, o *freio*, e a *albarda*.

A pessoa encarregada em Famalicão para quaesquer informações para o «Leme», é o snr. Victor [illegible] Guimarães—Praça da Motta, n.º 4.

EDITOR RESPONSAVEL—JOSÉ CORREIA

TYPOGRAPHIA MINERVA—FAMALICÃO

Embora não desse *cheta*,
Não lhe voltasse o focinho.

O labita

Domingo, depois da missa
Encontrei esse *badola;*
Elle todo se esganiça
Vendo-se preso á argola!
Voltou para mim as ventas
Descarnadas, fedorentas;
Abriu a bôca até atraz!
Mostrou-me os dentes; eu disse
Esconde, *besta*, é tolice,
Eu já sei a quantas 'stás!...

E depois o *Fú-Fuzinho*,
Cheio de sabedoria,
Apresenta ao Zé-povinho
Garatujas que fazia!
Gesticula com a mão,
Não é mais que um *charlatão*,
Apanhador da chalaça!
Labita, meu *porcalhão*,
Não te faças *sabichão*
A' custa da populaça!

Landim 4—9—95.

Cavalleiro.

Os bananas

Andam por'hi esses cães
De cabeça alevantada...
Raparigas aldeães
Dae-lhes só *codea rapada!*
Veem-se pelos caminhos
Abaixados aos cantinhos,
Comendo pasteis docinhos,
Que alli encontram no chão;
E em menos d'um minuto
Lá seguem com chiste arguto,
Na bôca com o charuto,
Cada qual é um pimpão!...

Deixai passar raparigas
O *banana apilarado*,
Quasi todos têm amigas,
E o ar têm carregado
D'uma tal *epidemia*,
Que augmenta dia a dia
Cá na nossa freguezia,
Quando chega a *bananada!*
Descobri-lhes as amigas
E deixae-vos de cantigas;
Atirae-lhes, raparigas,
Só c'uma *codea rapada!*...

Landim 3—9—95.

C

Que vae enganada
Responde em cantiga
"Vou dar a palhada„.

Pois eu que não gosto
De tal arrellia
Por tudo aposto
Qu'é á *fradaria*.

E logo tremendo
De medo me péllo
Do tal reverendo
Chamado o *Farello*.

Pois elle o valente
Na lucta da *pinga*
Vai todo contente
Dizer ao *Catinga*

"Que *leme* minhoto
"Não vence batalha
"Emquanto o *piloto*
"Lhe der tanta palha.„

Pesames

Ao snr. Francisco Oliveira, que hoje vi muito contristado e abatido pelo choque proveniente da queda de seu extremoso e *bonsinho cunhado*, envio os meus sentidos pesames.

Landim—1—9—95.

C.

Dá-me o ouro? que te peço...
Em troca desta paixão;
Põe-me a par d'irmã, de filha,
Seja este o galardão.

3-9-97.

***

ULTIMA ENTREVISTA

O velho solar de Maria Pinheiro, ainda se via bruxolear uma pequenina e frouxa luz no alto do torrião.

Doze badalladas batiam compassadamente na egreja matriz de Barcellos.

Chovia torrencialmente.

Por entre as sombras das casas approximou-se d'uma janella baixa um embuçado até aos olhos. Logo a seguir uma voz bradou de parte de dentro:

—«Ainda cá aqui?... já vos não esperava!... Infame!... E' assim que cumpris as vossas promessas? Olvidastes todos os juramentos a que vos ouvi chamar sagrados?... Miseravel fui eu, a vossa victima!...»

—«Ignez, tu não sabes o que dizes, filha, pois ha maior alegria que ter por seu, um levita do Senhor?!... Não te mandei para le-

Que susto ó mana!...

Estamos de oratorio!...

A' hora em que escrevemos já vem a caminho appressadamente a condemnação que o reverendo nos vai enviar como expiação das nossas culpas!...

Ainda que ella não seja a que esperamos, e que o clerigo se compadeça da nossa desventura não nos condemnando como Nicolau Tolentino ao *lasurento leiteiro!...*

Mas... não hade ser assim!

O reverendo não nos fará tanto *malsinno!...*

E compenetrados profundamente de que o tal *carolla* é boa pessoa, e um *poço* de bondade, alimentamos ainda a esperança fagueira de que nos achará dignos da sua *illustradissima attenção*, não vindo com *arrematações satanicas* que nos dariam cabo dos *canastros*.

Quanto ao seu collega, tambem contamos com *benevolencia certa*, visto que esse genero de habitantes terrestres, são sempre nos tempos de calor, indolentes e dotados de suores tão abundantes que raramente se mostrão *bravos e soberbos*, a não ser quando lhes chega a *horinha da lavagem*.

Subindo logo a escada
Dona Brites vê caluda,
Com a vista esgaseada
A bufar... toda babada,
Qual serpente enfurecida.

Mas audaz o *godinho*
Lhe deita depressa a mão,
E um *godinho* ligeiro
Faz correr no corpo inteiro
A pobre ainda no chão.

Sem demora d'um momento,
Dona Brites Paschoella
Sente alegre o pensamento
E fazem brisa do vento
A circular-lh'a panella.

Julga logo a sua cura
Pois o ar que lhe faltara
Volta alegre á creatura
Que deve a vida futura
Ao *godo* que a salvara.

E a Dona Paschoella
A saltitar d'alegria,
Não tendo ai de *godella*
O *godo* para a panella
A toda a hora pedia.

Tão fina foi a receita
E dada por tão bons modos
Que depois bem satisfeita
Dizia lesa... directa...
"A vida devo aos gódos!,,

culpa? Esse parte da sociedade que abre os seus recintos francamente, para n'elles receber com effusões d'alegrias aquelles que mais tarde traidores d'ella propria, lhe procuram presentemente os braços do affecto, para conseguirem os seus doirados fins!...

Tenha pois cuidado a sociedade!...

Feche as portas aos abutres e ás suas traiçoeiras garras!...

Não consinta que os seus tapetes sejam pisados por desconhecidos!...

Sim, desconhecidos!...

ções; por que será ainda victima vilipendiada atrozmente pelos selvaticos que a esmagarão sem vislumbres de respeito e de gratidões!...

Ai de vós desgraçados que seguis o trilho infame da escura seita!...

Haveis de expontaneamente verter lagrimas de sangue, quando os vosos olhos já não possam chorar!...

E' esta e só esta a expressão da verdade que sentimos como echo terrivel no intimo da alma, e que não temos forças com direito a ser amado, só porque elle ama.

A verdade é tão visivel, tão clara, e tão palpavel, que se torna ridiculo todo aquelle, que procura no seu espirito, uma ideia que a combata.

---

(4)

FOLHETIM

LOPO DE SOUSA

NUCLEO D'AGONIAS

ROMANCE ORIGINAL

II

Diana a Henriqueta

MUDEMOS, portanto de assumpto, e deixa-me ver se encarreiro outra vez o aranzel que te estava fazendo do meu enthusiasmo.

Enthusiasmo! Repara tu como ha palavras convencionaes até para o nosso proprio sentir, e como resaltam dos bicos da penna sem a gente saber dar a explicação d'ellas. Deves rir-te de mim, Henriqueta; deves dizer lá comtigo: Esta mulher engana-me ou illude-se a si mesma quando me falla em commoções e extasis á vista das maravilhas surprehendentes da terra. Tens razão; ri-te de mim; ri ainda de melhor vontade, sabendo que vou amanhã assistir a um concerto dançante dado em meu obsequio pela viscondessa de***, e que tenho preparada para essa occasião uma *toilette* elegantissima, diz a modista mais afamada entre as aformoseadoras do genero humano. Dou-te licença para tudo, menos para me chamar hypocrita: isso sabes tu que não sou, e que o meu desgosto e indifferença por essas futilidades, que entretem e amenisam a vida das outras, não é fingido, mas sim real. Nunca tu saibas o que isto é minha amiga

III

Davam dez horas quando entrei nos esplendidos salões da viscondessa.

Nunca meus olhos se tinham aberto em ambito tão rescendente dos perfumes da sociedade escolhida. Tudo ali era grande e magnifico.

A' exquisita e rica elegancia dos adornos juntava-se o prestigio que infundem ainda estes nomes reverenciados desde seculos.

A sala de recepção admiravel peça oitavada, molduravam-n'a quadros que deviam ser de grande custo, os quaes se reproduziam como por encanto nos ricos espelhos sobrepostos ás abundantes *étagéres* carregadas de *bijuterias* de preço, de flores rarissimas e candelabros de crystal.

Seguia-se a esta a sala do concerto, onde os musicos preludiavam uma symphonia cadenciosa, fazendo lembrar um cantico da orchestra celeste, entoada por uma chorêa d'anjos. D'aqui passava-se á peça mais ruidosa e mais querida da mocidade: o salão de baile. Cada um d'estes recintos tinha a sua feição particular, sem comtudo destoar do primeiro. As damas surprehenderam-me pelo bom gosto de seu trajar, mais que pela riqueza dos estofos e atavios.

Inquestionavelmente, as senhoras de Lisboa primam em elegancia natural e n'uma graciosidade seductora que lhes dá maior realce.

Conheci tudo isto n'um relance d'olhos; mas não sei se a minha demasiada confiança ou despertensão me valeu, para me não sentir mal com tal concurso, onde tinha por honra sahir airosamente a bem dos nossos creditos de provinciana. Se consegui vencer, foi por certo com a simplicidade. Escolhi a brilhantina branca e o blonde, como o symbolo da singelesa. A saia, toda apanhada em rufos, prendia ao lado com um *bouquet* de rainunculos naturaes que juntavam a seu brilho uma graça que não desmerecia no meio dos veludos e pedrarias que sobrecarregavam alguns peitilhos; juntei a isto simples braceletes de coraes e perolas, e no collo mal se destinguia uma ligeira fita preta apertada por um rubin de preço. Os cabellos, levantei-os frisados em bandós, collocando sobre elles uma grinalda de flores eguaes á da guarnição do vestido e vindo fechar sobre a fronte com um diadema do mesmo valor dos braceletes.

Dito isto está dito tudo: a minha despresumida garridice não chamava a attenção nem afeava o brilhantismo de tal festa.

(Continua).

I.º Anno — S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão — N.º 5

O LEME

SEMANARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno . . . . . 2:500 reis
Portugal ». . . . . 1:200 »
Semestre . . . . . 600 »
Trimestre . . . . . 300 »
Avulso. . . . . 20 »
Fóra do dia . . . . . 40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO A' REDACÇÃO COMO A' ADMINISTRAÇÃO, DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL
S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha. . . . . 20 reis
Repetição. . . . . 10 »
Communicados. . . . . 40 »
Imposto do sello. . . . . 10 »
Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA RIO DE JANEIRO

S. Miguel de Seide, 15 de setembro de 1895

As eleições

Parece que é o proximo mez de novembro o escolhido para as eleições geraes de deputados.

Não sabemos se essas eleições se tornam urgentes e necessarias para bem do paiz, mas, sinceramente, entendemos que pouco ou nada nos advirá, de bom e util, como melhoria de vida.

Abertamente o dizemos, porque assim o pensamos.

[illegible] aquelles que mais tarde traidores d'alli proprio, lhe procuram prosentemente os braços do affecto, [illegible] gratidões!...

Ai de vós desgraçados, que sereis o fri- [illegible] gallardo sem visinhanças de respeito e de

tes e vallados, em procura de elementos ajudatorios á realisação da pittoresca comedia.

Emfim... uma reinação de gargalhadas!...

Tambem é preciso que nem sempre lagrimas nos circulem a alma!

E' pois muito apreciavel um bocadinho de risota de tempos a tempos, e prestes estamos a dar entrada n'esse famoso periodo *galhofeiro*.

A questão é os *hominhos* não desanimarem dos seus aparvalhados intentos, porque então tudo nos faz prever a mais *rica pagodisse*.

E' pois preciso que a *chimarraria* dê principio á limpeza das alpercatas e roupagens, para que não sejam repudiados pelos

gem precisa para o encetamento da campanha!

E vão muito bem!...

Nós somos os primeiros a dizer-lhes que não recuem um só passo.

E' andar para a frente; a occazião é deveras propicia!...

Novembro, já é o primeiro mez das grandes chuvas e enchurradas, e no *enchurro* se tem arranjado muito boa gente.

Atirai-lhe pois com arrogancia, e que não esqueça a limpezinha no *codeame, e na caixa*.

No mundo physico ha tempestades que assolam povoações inteiras [illegible]

Madrugada do dia 20 de julho de 1856

E' pois demencia esperar melhor vida que esta? Não tive um bom dia na minha vida até hoje, nem já o terei.

Se algum prazer pode abalar a minha alma, será o galvanismo do cadaver!... O amor, sim o amor!... E' tarde. Nem eu comprehenderia o amor delicado de mulher pura, nem me satisfaria esta incomprehensivel alma o amor da impura. Se me for dada longa vida, o que serei no resto de meus dias? Prevejo o suicidio: não me matará uma surpresa da desgraça, será a reflexão, o desalento que mata o espirito. Oh! se eu podesse, um dia, ler estas linhas, com a alegria no coração!... Se eu, então quizesse, e não podesse entender a dor com que as escrevi!...

19 annos depois

Nunca vos pude ler, o paginas da minha mocidade, sem recordar saudozo o tempo em que vos escrevi.

Janeiro de 1875.

Camillo Castello Branco.

Porem é já tarde, sobre o momento
Da triste partida!
Meus ternos suspiros te cheguem no vento,
Que eu deixo-te a vida...

Landim 29—8—95. *D. S.*

N'UM ALBUM

O canto do cysne moribundo impressiona as almas privilegiadas no sentir, como o suspirar da rola ferida do despontar da sua ultima aurora.

Por que então não fugir a esse hymno extremo que nos veste a alma de luto, e vem aguar a doce embriaguez que nos toma quando respiramos o ar explendido d'uma natureza prodiga e rica?

Poupal-o quizera eu, meu amigo; eu que toquei na audaciosa temeridade de ir devassar os mysterios do seu alto espirito e não menos grande coração; onde hoje, no *meu derradeiro dia*, já sobre mim como a mortalha funeraria da desesperança deixo cahir um gemido que tem o valor d'uma lagrima na face que o anjo do extermínio tocou.

Se é esta uma imagem pungente, afasta-te-a um pouco de si meu amigo, e procure ainda, e sempre esse ceo tão risonho para os que esperam!... Não pode ser esse o do condemnado!... Mas lê de longe a longe alonga a vista até ao meu sepulchro e diga com a mão na consciencia: se uma grande e sincera estima a que sobrevive ali...

...vida que deve servir, calculando já quantos estorcimentos dará a victima, emquanto esta fechada no seu carcere, diz um adeus saudozo á sua infancia, aos seus amores, á flor dos prados, e ao sol nascente, essa bella e ultima do Senhor.

Se os olhos se lhe fecham de esmorecidos, abre-os de golpe e com a dor do sobresalto, quer ver até ao resto este mundo que vai fugir-lhe!...

Assim vai a vida do INFELIZ.

A JULINHA

MONOLOGO

A protagonista é uma velha vaidosa com 60 janeiros no costado.

Se entre vossas senhorias
Está algum seductor,
Digam com toda a franqueza
Porque eu não sou ingenua,
Me vou na paz do Senhor.

Francamente eu tenho medo
Ao raio das tentações!
Sei quanto vale a cautiva
Da innocente creatura
Que vive em meditações.

Eu que de ora diante consagro

O DESTINO

Nascido pobremente e sem vaidade
Alli se foi creando em negro lar,
Sem mesmo ao despontar da mocidade
Um futuro risonho lhe lembrar.

Mas o cego destino ao caminhar
Encontra o rapazola em anciedade;
E diz-lhe, qual seu anjo tutellar:
"Emfim apanharás *outra metade*.,,

Assim foi! O destino não mentira,
Nem a sorte que o prende lhe fugira,
Porque é elle um heroe, e um forçado.

Nunca mais em lamurias se carpira,
Porque até de Leixões elle attrahira
O mais doce penhor de seu talento.

O CHARLATÃO ERRANTE

Vós que lestes o n.º 336 do "Commercio do Minho" conheceis bem o favorito d'esta epigraphe, como mísero auctor da excrecionosa correspondencia.

Sabe da esrebaria; vagueia de esquina em esquina, de officina em officina, de estabelecimento em estabelecimento, e por todos os logares onde encontra *palha*, e, vendo que *não faz vida pelas gazetas*, arranca dos seberetes alforges

A' MINHA VISINHA

A modista do mau *cabrito*
Não comprou ao meu filho,
Chamou-me *pulha de morte*
Por causa do tal escripto.

Pois a alma de *cabrito*
Raivosa da minha sorte,
Se me pilhasse proscripto,
Mostrava su'alma forte!

Mas inda assim, appressada,
Póde a modista *rafada*
Arranjar minha tormenta.

Foi um **CÃO!** A descarada
Deu por elle, sem mais nada,
Mil tresentos cincoenta!...

As eleições

Dizem-nos lá de Lisboa
Que vamos ter eleições;
Pois senhores 'stamos á toa
Em tristes meditações.

E com franqueza diremos
Que nos rala esta agonia;
Ao pensar que breve temos
Pitada de noite e dia.

Inda hontem um *cismacra*,

A' ultima hora

O' desgraçado reverendo!... O' mísero *cassião Rosso* que estás no cabo...

Affasta um pouco os *entre-linhos*, para veres bem, o resultado do teu *palavrorio!*...

O' *miolante critiqueiro* que nem já *ainda* se *te aproveita!*

E tu de compleição fraca e *esguiosa* como hes-de supportar o peso damnado do "Porvir,, que te deu a valer na *moleira!*

Foge!... Dá largas ás *gambias* sem perda de tempo!...

Chama o teu collega *Cathiga*, e *encabeça-lhe* a herança do *rafeiro gabinete*, quando não serás senhor do *arganel!*...

Toma tento na bolla, e pespega ao adversário com as duas da ordem: **abaixar, cabrir e... fugir!**...

A GRANEL

Morto por... amor

No proximo numero do "Leme,, principiaremos a publicar "O diario d'um infeliz,,. Pensamentos d'um desgraçado que teve a desventura de se deixar atrophiar e morrer, envolto no *romanticismo da paixão*, o que hoje é deveras para admirar!

Ainda os á de bom tempo!...

A "Frigideira,,

Visitou-nos ha dias o primeiro numero da "Frigideira,, jornal humoristico, de Braga.

A "Frigideira,, não é feita de mau picado, e traz os temperos precisos.

Longa vida ao collega.

Chegada

Já regressou de Louzado á sua casa de Landim, o nosso presado amigo ex.mo snr. José Joaquim da Silva Machado, com sua ex.ma familia.

Dando-lhe as

Fui andando e sem resposta
Deixei o tal *nagalhé;*
Quando logo um janotinha
Me diz: "que linda faquinha
Para o meu *cábriolet*„

Tal lingua não percebendo
Volto-me logo irada
E digo sem mais aquellas:
"Esticado das canellas
O que tu queres é palhada!...»

Ouço logo muito riso
Mas não olho ao trazeiro,
Quando na frente um gallego
Me diz: *"Cunhó, que folguedo*
Mi comias meu dinéro.»

Sempre no meu andamento
Ouço uma voz de repente
Quasi mesmo a meu ouvido,
Dizer-me o grande atrevido:
"Onde móras ó decente?!„

Eu cada vez mais corria
Fingindo que tinha frio
Quando vejo um marinheiro,
Dizer-me do pastelleiro
"Que lata para um navio!„

Pois senhores, em vista d'isto
Nem passeio a meu contento;
E se assim continua,
Deixo-me d'andar na rua
E volto para o convento.

Tudo são galanterias
Que ouço de figurões,
Que tenho medo que um dia,
Me apaixone em demasia...
E caia nas tentações!

Por isso mesmo eu pergunto
S'stá 'hi algum seductor?
Digam com toda a franqueza,
Porque então com ligeireza

TIÓ-ANTONIO

Como vai, *Tio-Antonio,*
Com suas *charlatanices*?
E' levado do demonio,
Só sabe dizer tolices!
Caspité, seu *fanfarrão,*
Não seja tão *intrujão?!*

Não quero dizer com isto
Que não seja homem mui fino;
O que todos lhe têm visto
E' sempre *falta de tino*!
Mais fino i'nda seria
Se não *botasse a s'quadria!*

Mas isso é pura verdade,
Se não fosse a astucia infinda
Não tinha pança d'abbade,
Era *mais fino* ainda!
E podia ser assim
Deputado por Landim!

E' homem d'alto valor,
Sabichão acreditado,
Mas p'ra ser bom pensador
Deve *ser antes pensado...*
Por emquanto é rafeiro
Jornalista pataqueiro!

Mas o povo de Landim,
Que lhe é mui affeiçoado,
E' que o tem posto assim
Ufanoso, depravado;
Mas eu creio que o *labita*
Não é em todos *parasita...*

Deixo esse nescio pixote
Por espaço muito curto;
Fica-se c'o piparote,
A ver se morde de furto;
Pica-lhe a cabeça de leve,

Ultimo adeus!

N'este dia p'ra mim d'agonia
E que nada já vejo a sorrir;
Sinto n'alma a tristeza sombria
Do *carolla* tão cedo fugir.

Com saudade a valer é que digo
Este adeus ao *carolla que amei,*
Que bom *ponto*...Que fresco amigo
Que jamais esquecer poderei.

D'esse tempo alegre passado
Em que eu esperava a *cantiga,*
Nada resta... e o tal *bem creado*
Nem palavra me deu!...*ó qu'espiga,*

E' o desgosto mais forte na vida
Que me leva de todo a coragem;
Pois que fui na *barcaça perdida*
Um *piloto* lançado á margem.

Hoje emfim a chorar maguado
Digo adeus ao *carolla*... e direi,
Ao collega *do punho... estafado*
Que ganhou a batalha...e parei!

O *BRILHO* DA LAMPARINA

PIPAROTES

DESPEDIDA

Morreu el-sacerdote, acabou-se, é de Jurisprudencia tudo.

O Paiz de 15 Janeiro

A nosso ver, o reverendo não gostou das injecções do *sulphureto de carbono durionse*, que d'aqui lhe enviamos, e mandou *civilisadamente* as nossas boas *meninhas* para o caixote do cuinho *que tem sempre o seu lado como governo de vida, e inspiração ao seu fervido intuito*.

Pena foi, porque não tivemos o prazer de lhe arrancar um só *ai* da sua *graciosa*.

Emfim o reverendo lá sabe, e muito bem, *as linhas com que se cose!*

Em vista pois de assim o querer, adeus reverendo; sande-se *quando quizer*.

Quanto ao seu collega, só diremos que invejamos *devoras o magnifico estomago* com que a natureza fadou tal *cachaquel*...!

O ATHEU

Em *ignorantão* diz n'uma correspondencia de Landim para um jornal de Braga que o «Leme» é um semanario de propaganda atheista.

Ora o auctor d'esta tolice gigante é necessariamente theista ou atheista: se se considera atheista é evidente a verdade da epigraphe supra como seu attributo. Se se considera theista possue ideias totalmente contrarias aquellas que attribue á propaganda do «Leme»; mas o leitor não é capaz de encontrar em numero algum do religioso «Leme» uma unica palavra incompativel com a existencia de Deus, além d'isto o numero 2 d'este semanario publica *uma poesia consagrada a Deus*; então o «Leme» é essencialmente theista.

Sendo o «Leme» evidentemente propagador de ideias theistas, e sendo estas totalmente oppostas ás do porcalhão, nescio auctor da nojenta correspondencia, esse sordido bigorrilha e atheista, mas atheista declarado.

Vêdes meus leitores, *o leproso hypocrito* que as vezes escrevia cartas repletas de religião do Golgotha, assim como quem escreve cartas de namoro ... (o nosso tlim-tlim...) a declarar-se atheu nos jornaes? E como é bonito um jornal catholico da cidade de Braga a publicar taes *macaquices*...!

Landim—9—9—95.

C.

A minha Andreza

Caro bem, os teus encantos
E tu'alma bem formada
Fez que apoz de contos tantos
Só fosses a minha amada,
Tu me foste destinada,
E eu tambem para ser teu.
Mas olha, ainda que córras
Quanta terra cobre o ceo,
E' impossivel que achasses
Um bom rapaz, que sou eu.

temente o interior da caixa cubica, do *Entrecolumnio*.

As escuras e tenacissimas treves, que n'aquella caixa sebenta se consentem, pouco e pouco se irão desfazendo, graças aos esforços d'um Cavalleiro.

Desenganado o nescio e tinhoso *Entre-columnas*, e convencida a populaça andinense, intenta o benevolente Cavalleiro retirar sem demora d'aquelle reconcavo e putrido labyrintho a mysteriosa lamparina, e, para que não fique a tal caixa cornea sem massa cerebral, *stenolene enchel-a de miolo de cabaço!* Rolha em seguida, e ahi temos o homem a discorrer eloquentemente... Hade ficar um rabichão de marca de anzol!...

Até breve.

o Cavalleiro comette um sacrilegio sentando-se sobre a *vestimenta* do seu adorado santarrão.

Caminham ao lado d'elle, e levam á trincadela todo o piolho ou carrapato que tenha a desventura de apparecer sobre a albarda do tinhoso azemel.

×

Perguntar-me-heis, leitores, o que faz o *perfido vagabundo* pelos sitios em que lhe dão palha?

Eis o que pretendo dizer-vos: Antes de apparecer á luz em o n.º 4 do "Leme„ *O desalmado*, o tal charlatão, protestava e jurava *não ter sido o auctor da postemosa correspondencia*, não obstante tel-a mostrado antes de publicada. Ultimamente, para acabar de se desdizer, apresenta ao povo de Landim (anda até pelas portas!) garatujas repletas de erros, com intuito de se sustentar na ingreme situação de sabichão; pretende tolamente refutar as rigorosas correcções que o "Leme„ lhe fez no ultimo numero, mas parece, segundo me informam, que o insensato pelintra não ousa sequer tornar a borrar os prelos com taes estrumiferas macaquices. Uma das refutações com que elle illude o povo e que permaneceu na memoria d'um individuo é: *Eu posso chamar collega ao redactor da "Gazeta do Minho„ porque posso ser considerado seu amigo.*

Assim é que elle cega o Zé!

Alem d'isso, para desculpa, diz ao povo que não responde, porque receia que lhe vão aos canastros; mas o leitor, que não possue a millessima parte da estupidez do sordido charlatão, não lhe admitte o *motivo* que elle apresenta, porque se recorda muito bem de ler uma ameaça que o pobre maluco fez *ao tal Cavalleiro n'um jornal de Braga.*

Fica-te a rinchar por Landim, e se continuares com as tuas nojentas bufonerias por entre o povo, espera no numero seguinte o teu

Landim—11—9—95. *Cavalleiro.*

No artigo de estreia

Que a tinha recheada
Do melhor rapé Havano;
E que até a creada
O gramava todo o anno.

Que por ella nos mandava
Uma amostra de bom gosto,
E que todo se babava
Do vicio lhe ter já posto.

Mas nós que abandonamos
Por inteiro tal cantiga;
Respondemos... não gastamos...
Vá-se embora rapariga.

reinado de J. Christo, alargar o imperio do diabo, e espalhar o culto de Satanaz!

"A' guerra contra o jacobinismo e sua imprensa!„

Veja agora o paiz se os *melros* não vão deitando o *nariz fóra da manta*. Pobres *paspalhões;* de nada vos servirá a *cantarolla!...*

Felizmente que são poucos aquelles que vos não conhecem!

Prisão d'um recebedor

Diz a "Vanguarda„ que em Almeirim foi preso, dando entrada na cadeia de Santarem, o recebedor proposto, por ter commettido um desfalque na quantia de 3.600:000 reis!

Por aqui se vê que o *picanço* vai sendo entre nós, *genero da moda!* Emfim... cada qual sabe da sua *triste vida!...*

ANNUNCIOS

LIVROS UTEIS

Codigo Administdativo [1895], 240 reis; Contencioso Aduaneiro [dec. de 27 de setembro de 1894], 200 reis: Codigo dos Proprietarios, 200; Codigo do Processo Commercial, 200; Elucidario dos Juizes de Paz, 200; Elucidario dos Parochos [compilação de leis referentes ao clero parochiante, de 1 de janeiro de 1860 a 31 de junho de 1894 e na integra, os decretos sobre aposentação, etc.] 400; Guia dos Regedores e Juntas de Parochia, 240; Lei do Sello, 100; Legislação Varia [referente ao exercicio do poder judicial], publicada desde 1890-1895 [julho], e Synopse da Legislação da mesma indole desde 1835 a 1889, 300; Procurador do Contribuinte Industrial [collecção de modelos de requerimentos], 200; Reforma Eleitoral, 160; Reforma da Instrucção Primaria e Secundaria, 100; Regulamentos: da Contribuição Industrial, 200; da Contribuição de Registo, 200; da Execuções Fiscaes Administrativas, 200; dos Vinhos e Azeites [com reportorio], 100; Tabella dos Emolumentos e Salarios Judiciaes, 200.

Pedidos, acompanhados da respectiva importancia, á Empreza Editora, *Bibliotheca Popular de Legislação,* rua da Ataaya, 183, 1.º—Lisboa.

Legislação Judicial

Publicada nos ultimos annos (1890-1895) inclusivé; acha-se na integra n'este volume e ensynthese, a publicada desde 1835 a 1889.

Este livro, que tem por titulo **Legislação Varia** [referente ao poder judicial], póde, sem exaggero, classificar-se como precioso auxiliar tanto dos magistrados judiciaes como dos respectivos escrivães, e dos snrs. advogados, e outras quaesquer pessoas das que lidam no fóro, a quem pelo menos evita trabalho de indagação.

Ao resto da edição, juntaram os editores um elucidativo ADDITAMENTO, que lhe augmenta o interesse. As pessoas que já tiverem a edição e o desejem adquirir, queiram solicital-o á empreza editora que lh'o offerece gratuitamente.

EDITOR RESPONSAVEL—*JOSÉ CORREIA*

TYPOGRAPHIA—MINERVA FAMALICÃO

Ai de mim, faz-me morrer,

Longe de ti luz da vida
Que conforto terá de ver?
Quem enxuga o pranto ardente
Que a saudade faz verter?!

Silencio... ninguem me ouça,
Não tenho echo esta dôr,
Embora morta minh'alma
Vergada aos ferros d'amor!

3-9-95.

***

PARTIDA

A F. L. da Silva.

Passaram os dias, a hora bateu
Da triste partida!
Quem chora? Quem parte saudoso? Sou eu...
Sem norte, sem vida!...

Que sonho velhaco! Eu vivo ainda,
D'esp'rança talvez?!
Sem norte é que eu vivo de saudade infunda,
Meu pranto... não vês?

Oh! Quando elevava meus olhos risonhos
Áquellas janellas,
As noites seguintes passava eu em sonhos
Unido a ellas!...

Oh! Como eu vivera na terra ditoso
Sonhando assim!
Vivia somente do languido gozo
D'um sonho sem fim!...

(Ao meu amigo M. Alves da Silva)

Pungente dor lhe dilacera o peito;
Nem sobre o leito já descanço tem!
N'uma cadeira, lamentando a sorte
Espera a morte que já perto vem!...

Oh quem me dera arrebatar-te á morte!
Que triste sorte, que pesado lenho!...
Já só me resta repartir comtigo
O sangue amigo que nas veias tenho!...

Já poucos dias n'este mundo, amigo,
Posso comtigo viver junto aqui!
Depois mais tarde irei ao campo-santo
Verter meu pranto, suspirar por ti!...

Mas oh! Coragem, que talvez meu pranto
Mova algum santo que na egreja eu vi;
E nunca mais te esquecerás ligeiro
Do enfermeiro que velou por ti!...

Landim 9-9-95.

D. S.

O INFELIZ

O reprobo, o malvado, dorme tranquillo, imaginando novas delicias de atrocidade, deleitando-se mesmo em sonhos a crear novas torturas.

Só a desgraça desvella as noites, e rouba a paz do corpo do infeliz.

Imagem verdadeira é a do algoz, que no dia da execução, come, bebe, e experimenta a

Não posso sahir á rua
Que não volte á casa afrontada,
D'ouvir tanta babuseira
De longe e mesmo da beira,
Sem eu ter culpa de nada!

Pois não é assim? E que culpa
Tenho eu de ser bonita?
Linda hontem um farçolla
Que estava a tocar viola
Me disse: "adeus — cauta."

Catital — Respondi eu,
Veja lá bem como falla...
Quando volta o insolente:
"Chamei-te linda somente
Vai-andando [illegible] mala."

E seguindo rua abaixo
Encontro um guarda publico,
Que me diz todo appressado:
"Ai que tal neve atanado
Que ventas da [illegible]!"

"Atanado! .. será elle,—"
Respondi com todo o brio!
"—E velho esgravatado
Va p'ra [illegible]
Seu palhaço vasio."

Que dizem, não respondi
Com toda a [illegible]
Pois bem me fez o convento
Sempre educada lá dentro
Apprendi civilidade.

Mas seguindo a mesma rua
Ao passar pela guarita,
Vem em frente um soldado
Que me diz: "que bom boccado
Para levar na marmita...

quetros!

São elles, portanto, os *magnates* que hão-de apparecer com toda a farromancia que os reveste em corpo e alma, exclamando alto e bom som: «nós valentes e conhecidos caudilhos d'uma *facção importantissima*, tambem queremos mostrar, e claramente, que somos os *pinaus da situação!...*»

E que bella pandega se assim fôr!...

Não faltarão *chimarras* por toda a parte, em correrias desenfreadas, saltando mon-

dia!...

Quanto ao governo tambem lhe diremos que se acautele, e a valer, dos adversarios que lhe estão de cara ao *portaló*, porque na lucta são encarniçados ao mais subido grau de arrojamento! Alem d'isto, teem bastantes adeptos, porque a caixa a toda a hora trabalha, e hoje em dia dizem que *as pitadas são allivio até p'ra vista!...*

Ora aqui está o motivo que lhes tem dado a *grande sympathia*, e incutido a cora-

O amor satisfaz a todo o desejo presente, e alimenta todas as esperanças do futuro.

As mulheres são como as folhas no outomno. Qualquer leve sopro da brisa as toca para longe d'onde nasceram.

(5)

FOLHETIM

LOPO DE SOUSA

NUCLEO D'AGONIAS

ROMANCE ORIGINAL

II

Diana a Henriqueta

VAMOS agora ao mais importante. Quando assomei á soleira da porta, a viscondessa levantou-se d'uma cadeira d'espaldar adiantando dois passos a receber-me com a amabilidade digna e nobre d'uma rainha. Depois de mutuamente nos cortejarmos, voltou-se para duas senhoras que estavam a seu lado:

—Apresento-lhes—disse—uma das mais peregrinas formosuras do nosso Minho, desse jardim onde desabrocham, como espontaneamente, flores d'esta natureza.

As minhas faces purpureavam-se ouvindo-me encarecer assim.

Respondi, comtudo, superando o meu embaraço:—O' minha senhora!... Ha um requinte de bondade em V. Ex.ª que chega a confundir-me. Todavia quem entra n'esta sumptuosa mansão presente que a magica varinha da poderosa fada d'estes logares tem o poder de transformar em rosa opulenta a mais humilde e rasteira urze.

Prometti ser sincera, minha Henriqueta, nem eu para ti estaria a cobrir-me com o véo da falsa modestia. Festejaram as damas e cavalheiros presentes a originalidade bucolica do meu dizer, e passados dois minutos confluiam para mim todos os olhares; achando-me de repente debaixo da pressão d'uma curiosidade, que com quanto me não incommodasse me perseguia, por ser o meu desejo não incitar reparos.

Começou pouco depois o concerto em que tomaram parte algumas senhoras. A este seguiu-se a dança a que não pude eximir-me, temendo me acoimassem de excentrica ou da falta de saber. Acceitei, pois, os pares que á porfia me buscavam, sem bisonhice, nem grande apressamento. Fiz por conservar o meu ar naturalissimo, discorrendo com os meus pares sobre musica e litteratura, como costumavamos fazel-o ambas nas nossas familiares palestras.

Notei n'estes homens d'aqui mais conhecimentos para enlevar e prender o espirito, bem que a sua graça seja mais frivola, e por isso mesmo menos verdadeira.

Depois de ter dançado não sei quantas quadrilhas e valsas, tomei o braço d'uma das damas que me apresentara a viscondessa, não por sympathisar muito com ella, apesar da sua formosura, mas por julgar necessario travar d'estas relações de sociedade e corresponder ao amigavel acolhimento que recebi.

D. Guiomar de Menezes, é o seu nome, pertence á mais apurada e fina aristrocacia. E', casada ha annos com um cavalheiro addido á legação ingleza em Londres, onde tem demorado com a espoza que, segundo me quiz parecer, nada aproveitou dos costumes e severas lições das mulheres d'aquelle paiz.

Depois de atravessar o salão, sempre envolvidas n'uma nuvem d'homens, affastamo-nos maquinalmente para a sala do concerto, abandonada a dois ou tres sujeitos de idade, que placidamente discutiam politica.

Sentadas em frente uma da outra gradualmente, começando eu a sentir a garra insanavel do fastio que me segue a toda a parte. D. Guiomar tambem me parecia preoccupada, e sem desejos de voltar ao salão, onde a essa hora deviam procurar-nos.

Em que pensavamos nós!

Ella, não sei dizer-te, mas iria jurar que eram tristes seus devaneios; eu, perguntava ao meu destino que rigores lhe merecia mais.

Mergulhada n'estas tropelias da minha imaginação, esqueci-me completamente, e creio que suspirei.

(Continua.)

1.º Anno | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 6

O LEME

SEMANARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	2:500 reis
Portugal »	1:200 »
Semestre »	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	20 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO A' REDACÇAO COMO A' ADMINISTRAÇAO, DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL
S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sello	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

S. Miguel de Seide, 29 de setembro de 1895

Anna Augusta Placido

FINDOU para sempre o tenebroso soffrimento em que vivia a grande martyr, aquella que fôra companheira dedicadissima, e amparadora sublime ás horas angustiosas de

E ponto final n'esta narrativa que me entristece deveras, e faz chegar o nojo e o tedio pela existencia, ao ver as podridões que vegetam n'este desgraçado Portugal!...

Vae pobre senhora!... Que a tua alma sanctificada pelo soffrer encontre no seio de Deus a ventura que não encontraste na terra.

Hoje se é possivel n'esse mysterioso viver eterno unir-te ao teu adorado Camillo, tu então feliz e alegre olharás para este baixo antro de miserias a que chamam mundo, abençoando a morte que te arrancou a um soffrimento traiçoeiro e atroz!

Descansa, pois, em paz martyr do es-

Desalento

Elevo a minha alma até vós meu Deus! Fito os olhos no ceo para não ver este circulo negro e fatal que me cerca. Prostrado e humilhado em tudo o que fez a soberba e a gloria d'outros homens, eu sinto em mim alguma coisa de maior que me obriga a immudecer na hora terrivel do desespero, e só me deixa passar nos labios uma supplica ardente e de perdão.

Dai-me Deus o desejo de viver para os meus desgraçados filhos. Para estas creancinhas que me estendem os braços, e que por um instincto superior á sua edade procuram acalmar as minhas dores, e consolar-me da maldição e

As mulheres são como as folhas no outomno. Qualquer leve sopro da brisa as

CARLOS LOBO D'AVILA

Somos nós talvez os ultimos em Portugal, que vamos em singellissimos termos prestar homenagem de profundo respeito ao grande morto, depositando sobre a sua campa a expressão do nosso acerbo sentir.

Se o não fizemos ha mais tempo, não foi porque vencidos nos deixar em silencio a nossa desconhecida e fraquissima voz, mas é que a impressão dolorosa que sentimos ao receber a infausta noticia, por completo nos affastou do cerebro a baça lampada que o illumina, ao ponto extremo de não podermos concentrar uma só ideia..., uma só palavra!

Hoje mais tranquilos do nosso espirito, vimos simplesmente fazer a justiça devida á memoria do illustre finado.

E' este o echo que sôa fortemente a nossos ouvidos como verdadeiro representante da mais sincera verdade.

Carlos Lobo d'Avila, esse altissimo talento, esse grandioso fóco de radiante luz, já não existe!

Arrebatado pela morte aos braços da extremosissima familia, e no seio da Patria, que tanto pedia, e devia esperar da sua e altivo genio, e da sua immensa aptidão.

Não somos politicos nem tão pouco adoladores dos personagens que n'esse ambiente passam a vida.

As nossas phrases são apenas a expressão que a consciencia nos dita e nos faz brotar da alma á luz, em turbilhões de verdade.

O que sentimos, abertamente o dizemos. Foi sempre assim e será, o nosso caminho.

E' pois com o coração trespassado cruamente pela atroz saudade, que vamos nós os mais pequeninos e obscuros pigmeus da imprensa, espalhar á campa de Carlos Avilom as flores singellas do outomno, como symbolo da nossa dor, das nossas lagrimas, e do nosso desalento.

O Paiz, esse desgraçado velho a quem vão fugindo as fortissimas amarras, morrerá chorando; e as gerações vindouras farão como nós hoje:

JUSTIÇA AO GRANDE MORTO.

VEM

Deixa luz da minha vida
Os meus olhos de chorar;
Leva-me morte ligeira
De meu tão acre sonhar.

DEUS:

Deus! conforto dulcissimo que me acalentaes o suspirar!

Que magia tendes aos meus olhos!

A que suavidade melancolica me abraçaes a alma depois d'uma arrojada meditação ao infinito, e a vós supremo consolador dos angustiados!

O mundo cadaver putrido, coberto de sedas e de arminhos, causa-me a impressão do asco e do desgosto quando lhe falta o vosso prestigio sagrado!

Deixemos o seculo estorcer-se nas suas gothicas maldades, deixemol-o sumir!

O soberano do mundo sois vós, que consolaes o opprimido, que resgatoes o captivo do crime, e fazeis do desgraçado contricto um archanjo na celeste morada dos bemaventurados!

Quem ha ahi que possa tanto?!

Sois a luz que alumiaes o incredulo, confundis o atheu, dando a fé ao descuidado d'essa outra vida perduravel e eterna.

Ao som das verdades que os apostolos da Cruz nos fazem chegar aos ouvidos enterrados da propria miseria, e da nossa estulta cegueira, apparece a vossa sancta imagem como a visão do salvador da nossa alma!

A bocca do impio que blasphemou de vós não temendo a vossa Justiça, esses que arrastam a vida entre montões de ignominias e infamias, sem dó nem misericordia sabiam na sua ultima hora ao arrepen-

20 de setembro de 1895

(Aos annos da ex.ma senhora ***)

O dia desponta, vestido de gala
As rosas se abrem no calix em flor.
A rôla queixosa espaneja as azinhas,
A aurora saudando em ternos requebros,
E arrulhos d'amor,

A brisa ligeira a fronte me affaga
Em tudo poesia; na dôr é que não...
Quizera n'um hymno cantar vossos annos
Não posso, não sei, mas conservo a data
No meu coração.

A GRANEL

Declaração

Transferimos para hoje a publicação do n.º 6 do "Leme„, em virtude do fallecimento da ex.ma sr.a Viscondessa de Corrêa Botelho, mãe

Chegada

Encontra-se já ha dias na formosa vivenda do nosso presado assignante e amigo o ex.mo snr. Antonio José Carneiro e Silva, seu extremoso filho Jacintho Carneiro e Silva, intelligente e distincto engenheiro.

Enviamos-lhe os nossos cumprimentos.

Missa

Realisou-se na quinta feira passada em S. Miguel de Seide uma missa por alma da ex.ma sr.ª Viscondessa de Corrêa Botelho.

Antonio Christino

Esteve n'esta redacção este nosso velho amigo que francamente já nos não pareceu o alegre Christino d'outros tempos. Oxalá que a resignação se não demore, e que possamos em breve vel-o voltar ao campo da *piada chistosa*, onde já se póde conceder-lhe um *diploma de mestre!*

Graciosa aposta

Deu-se ha dias aqui n'um aproxima freguezia um caso deveras engraçado.

Tres trabalhadores apostaram entre todos á *grossa* quantia d'um *tostão*, em como um só d'elles não seria capaz de ingerir a ceia de todos.

Um dos tres lá se achou *atrasadote do bandulho* e rapidamente fechou o contracto. Continuaram no seu trabalho até que ao aproximar-se o crespusculo lá se encaminharam para casa do patrão. Chegou o momento dicisivo. O homensinho foi um verdadeiro heroe de... *barriga!* Passou tudo e mais que fosse ao *conservatorio* e lá se foi para sua choupana alegremente cantando.

Os dois é que não gostaram da partida. Não ceiaram, e ainda por cima viram marchar o seu

do Governo„. e esse periodico official não estar ao alcance de todos. O preço da sua assignatura é de 1800 reis por anno, semestre 900 reis e trimestre 500 reis. Assigna-se na rua d'Atalaya, 183—1.º—Lisboa,

Agradecimento

A's pessoas que acompanharam minha extremosissima mãe á sua ultima morada, envio do fundo d'alma o meu sincero agradecimento.

S. Miguel de Seide 20 de setembro de 1895.

Nuno Castello Branco.

A pessoa encarregada em Famalicão para quaesquer informações para o «Leme», é o snr. Victor Corrêa Guimarães - Praça da Motta, n.º 1.

EDITOR RESPONSAVEL—*JOSÉ CORREIA*

TYPOGRAPHIA—MINERVA FAMALICÃO

ANNUNCIOS

Annuncio

O SEGREDO D'UM MEDICO

Em 1808, uma noite, foi procurado um medico parteiro que vivia em Lisboa, só, com uma creada, por um mancebo de vinte e dois annos, que lhe pedia fosse assistir a uma senhora, com a condição de que iria com os olhos vendados, até á casa d'habitação da parturiente que apparecería mascarada.

O dr. acceitando, entrou n'uma carruagem, que depois de ter andado talvez uma hora, parou em frente d'um apparatoso palacete. Forão logo desvendados os olhos do medico, que de repente se encontrou n'um salão ricamente mobiliado.

Emquanto o mancebo saiu por uma das portas do salão o dr. examinou as paredes, onde deparou com um quadro feito por seu proprio pai, que fôra um pintor de fama.

Não sabia a quem tinha sido vendido esse quadro, mas como conservava os apontamentos do pai, ficou excitado pela curiosidade, sa-ber a quem pertencia n'essa epocha.

N'este momento é chamado.

Presta o seu auxilio á dama mascarada. Nasce um menino.

O mancebo que o chamara dirigiu-lhe o que lhe disse que se via obrigado a sahir de Portugal e tanto elle como a mãe da creancinha eram ricos, e decidiam entregar-lh'a com uma forte somma de dinheiro, pedindo-lhe que a fizesse educar, pondo a render a quantia que deveria ser-lhe entregue quando completasse vinte annos d'idade.

O dr. recusou formalmente, mas como lhe digam que se elle não toma esse encargo a creança seria abandonada, acceitou, levou-a a uma ama, educou-o, e nunca lhe faltou no seu sustento.

Nas luctas de 18.. apparece-nos um homem, aquella creancinha que ignorava completamente o nome de seus paes; vivendo d'uma mesada que lhe dava o medico a quem chamava pae, é como constitucional conspirando contra D. Miguel. A esse tempo apaixonara-se loucamente por uma senhora illustre ainda muito nova e casada com um homem já d'idade, o Conde de [illegible] com elle faça viagens. Raphael recusa tudo, confessando-lhe a paixão que tem por Ernestina. Declara-lhe mais: que fallou com ella para que fugissem ambos; e que de prevenção tem de estar todos os dias em casa as 11 horas em ponto.

Ao mesmo tempo pede ao dr. que lhe declare o nome do pae.

Este não o faz, dizendo-lhe que mais tarde o saberia. Conta-lhe a maneira por que o tomou a seu cargo, e que pelos assentamentos do pai soubera o nome do homem que lh'o entregara. Que passados muitos annos, sabendo que esse homem estava em Lisboa, tivera curiosidade de o ver, e com effeito o conheceu, mas que elle passando a seu lado não dera o menor signal de se lembrar d'elle. Que depois partira para longe e no seu regresso viu um dia um sujeito apear-se d'um elegante carro com uma dama de estremada belleza, que lhe disseram ser [illegible].

Concluiu por dizer a Raphael que por essas circumstancias nunca seria reconhecido, e de nada lhe servia saber o nome do homem que lhe dera o ser. Raphael, com as lagrimas nos olhos beijou a mão do dr. chamando-lhe pai, porque o tinha creado e amado sempre.

×

A prima de Ernestina procurou uma modista em casa de quem trabalhava a rapariga amante de Raphael, mandando-a levar uns objectos de *toilette* á casa. Vendo-se a sós com ella incita-a a contar-lhe a sua vida. A rapariga conta-lhe tudo, dizendo-lhe estar tristissima porque descobrira que Raphael a não ama e tem uma amante, estando ella para ser mãe.

A prima de Ernestina ficou satisfeita com a revelação que acabou de ouvir, mandando a rapariga voltar alli no dia seguinte.

N'esta occazião apparece o marido de Ernestina, e a prima emquanto examina um chapeu, pergunta-lhe pelo seu Raphael. A rapariga principia a soluçar dizendo que adquirira a certeza da traição d'elle, e dos amores em que está com uma dama casada e de alta posição.

A prima despedia-a, e o marido de Ernestina corre-lhe no encalço: dize-lhe que tem pena d'ella, e que a maneira de fazer voltar Raphael, é denunciando os seus amores ao marido traido.

A rapariga [illegible] que era incapaz de o [illegible] lavra como uma bofetada em plena face e vae a lançar-se ao conde, quando o dr. [illegible] de se de premeio, pergunta ao conde se o conhece, e se se esqueceu da noite de 21 de Janeiro de 1808. O conde pergunta-lhe o nome, e quando o medico lh'o diz, comprehende que tem o filho diante de si. Raphael vê então que está em frente de seu pae! Ernestina que vem a entrar n'este momento, ouve as ultimas palavras. Solta um grito e cae desmaiada. O conde foge espavorido, e Raphael fica prostrado sobre uma poltrona. Os dois velhos correm a soccorrer Ernestina, condusindo-a a casa.

. . . . . .

Epilogo

Raphael na sua desesperação alistou-se nos batalhões que combateram, e morreu na batalha. O conde pediu a Ernestina para adoptarem o filho da costureira. Levaram-no para casa, onde as duas mulheres vivem como irmãs.

O velho dr. desapparece de Portugal, e o avô de Ernestina passado um mez da fatal scena exhala o ultimo suspiro com a placidez do santo, que abandonando a terra se vai entregar ao seio de Deus.

DIARIO D'UM INFELIZ

4 de Janeiro de 1800

6 h. da tarde.

Não é nem póde ser isto que escrevo a continuação d'essas paginas que eu nunca devera ter escripto, e que te confiei quando o meu coração ainda não conhecia os defeitos da tua alma. Ha porem em mim uma força terrivel que me impelle para ti, e a qual me leva a derramar sobre este diario, as lagrimas da minha amargura, as recordações saudosas do meu feliz passado. Hoje como nunca occulto dos teus olhos todas as expressões do magoa que tenho concentradas na imaginação.

Que valeria saberes tu do quanto soffro. Não ficarás por esse motivo unido a mim, n'esta [illegible]

encontrou Raphael. O rapaz vira, entretanto, a policia, e ao jogo de fundos, e o velho avô não largava o neto.

Depois, depois, depois... a prima descobre o amor dos dois, obriga Ernestina a confessar-lh'o. Indaga da vida de Raphael, sabendo que este tem por amante uma costureira, rapariga que o amava extremosamente.

Em uma conversa com o avô de Ernestina incute-lhe ideias de desconfianças respeito a esta, fallando das suas tristezas, e da mudança que notava ha tempos nas suas feições. O velho pensa achar alguma verdade n'isto, lembra-se da vida monotona da neta, do ar serio e pesado do marido, e arrepende-se de a ter casado.

Fallou ao marido dizendo-lhe que era preciso mudar de maneiras, e cuidar mais na esposa.

Este, desconfiado, procurou a prima da mulher e disse-lhe que receia que em casa d'ella, sua esposa encontre alguem que lhe prenda o espirito, e por tanto se não admire de a não ver voltar ahi.

Ella, sorrindo-se, fallou-lhe em Raphael perfidamente, dizendo-lhe que era um mancebo elegante e lindissimo. O homem sae desconfiado, e procura a mulher que ao vel-o desfigurado finge estar absorvida pela leitura.

Pela primeira vez repara elle na formosura d'ella, e dizendo-lhe que a ama apaixonadamente, precisa que lhe diga se tem o coração tão livre como quando o recebeu por esposo. Ernestina recebe a declaração a sorrir, acceitando-a friamente. O marido cada vez mais zeloso, dirige-se a casa da prima, depois de ter prohibido á mulher de voltar lá. Ella aproveita a occasião e vai disfarçada a casa do amante, dizer-lhe que o marido descontiara, não podendo falar-lhe mais em casa da prima.

Encontra-se lá com o velho tuchico que vem de viagem e fica aterrada quando o vê. Depois que ella sae, o velho pede a Raphael que o deixe offerecer-lhe um casamento, riquissimo, e que lhe vai fazer entrega do deposito do dinheiro que tem em seu poder, pedindo-lhe para que não parta. O conde deixando-se vencer pelo boato de que a saude da Condessa necessita das distracções d'uma viagem a Paris. Dão ordem aos creados para aprompterem as bagagens.

No dia seguinte pela manhã, quando o avô acordou, um creado disse-lhe que a neta partira.

O velho fica assombrado e vai a sahir do quarto quando entra o conde, contando-lhe o que se tem passado. O pobre velho atterrado acaba por defender a neta, e dirigem-se para os aposentos da condessa. Estão desertos. Chamão a creada e esta diz que a senhora sahira muito cedo a compras para a partida.

O velho encontra uma carta da neta em que lhe pede perdão, declarando-lhe que odeia o marido, e dá o passo de fugir para o não ver mais.

×

N'este tempo a condessa que não achara Raphael em casa, metteu-se n'um trem fazendo este correr as ruas até que fossem 11 horas.

Volta então, sobe a escada, e Raphael que ouve o rangel do vestido corre a abrir-lhe a porta, esquecido de que lá estava o dr.

Raphael leva-a para outro aposento, e ella declara-lhe que, em resolvida a fugir com elle depois dos insultos do marido.

Raphael contentissimo, deixa-a, e vae despedir o tutor.

Este pede-lhe por quanto ha que dissuada Ernestina d'essa ideia, e quando estão altercando ouve-se a voz do avô da condessa que pede licença para entrar.

Atraz d'este apparece o conde! Raphael collocase diante da porta do quarto onde está a condessa, e fitando o conde com olhares de fogo exclama: sou eu mesmo!...

O conde diz saber muito bem o que o traz ali. O avô intervem dizendo para o marido da neta, que se lembre da prudencia que lhe recommendou, e este dirige-se para Raphael dizendo que sabe que ali está sua mulher; que lha entregue. Chama-lhe infame e que recebe-a na

Tenho peior e acobarda-me a consciencia do que sou, e do que devo parecer-te.

Naturalmente dirás que sou exaltado e susceptivel a um ponto extremo.

Tens razão: eu sou assim.

Crês-me talvez leviano e mau, injusto e desarrasoado!

Eu não sei se isso é verdade mas posso assegurar-te que antes de te amar, antes de me sentir tão fatalmente dominado pela paixão que tudo derrubou, não era assim, não me curvava, não me humilhava!...

A minha dôr é grandiosa, e tenho momentos em que talvez privado da razão te torno responsavel pelas minhas angustias, como se não fôras tu bem innocente n'estes soffrimentos que são todos causados pelo meu fraco temperamento de coração.

Que culpa tens tu em que eu te ame tanto!

Mas olha, a falta das tuas cartas que eram o meu unico bem, sepultou-me n'um tão escuro abysmo que não vinto aqui um raio de luz, e por isso tenho momentos em que blasphemo contra a Providencia que me fez tão desgraçado. Sei eu, homem d'um caracter d'irritabilidade incommoda, naturalmente mesmo um infeliz d'um genio violento, colerico, um d'esses miseraveis que são a vergonha e o escandalo do seu sexo?!... Mas, olha... não é verdade! isto é pouco modesto; porem é uma fa...

Eu sou d'um caracter tão soffredor que não seria capaz de repellir uma injustiça com energia; nem desabafar em queixas amargu-radas.

(Continua.)

Legislação Judicial

Publicada nos ultimos annos (1890-1895) inclusivé; acha-se na integra n'este volume e emsynthese, a publicada desde 1835 a 1889.

Este livro, que tem por titulo **Legislação Varia** [referente ao poder judicial], póde, sem exaggero, classificar-se poderoso auxiliar tanto dos magistrados judiciaes como dos respectivos escrivães, e dos snrs. advogados, e outras quaesquer pessoas das que lidam no fôro, a quem pelo menos evita trabalho de indagação.

Ao resto da edição, juntaram os editores um elucidativo ADDITAMENTO, que lhe augmenta o interesse. As pessoas que já tiverem a edição e o desejem adquirir, queiram sollicital-o á empreza editora que lh'o offerece gratuitamente.

Pedidos á *Bibliotheca Popular de Legislação*, rua da Atalaya, 183, 1.º—LISBOA.

LIVROS UTEIS

Codigo Administdativo [1895], 240 reis; Contencioso Aduaneiro [dec. de 27 de setembro de 1894], 200 reis: Codigo dos Proprietarios, 200; Codigo do Processo Commercial, 200; Elucidario dos Juizes de Paz, 200; Elucidario dos Parochos [compilação de leis referentes ao clero parochiante, de 1 de janeiro de 1860 a 31 de junho de 1894 e na integra, os decretos sobre aposentação, etc.] 400; Guia dos Regedores e Juntas de Parochia, 240: Lei do Sello, 100; Legislação Varia [referente ao exercicio do poder judicial], publicada desde 1890-1895 [julho], Synopse da Legislação da mesma indole desde 1835 a 1889, 300; Procurador do Contribuinte Industrial [collecção de modelos de requerimentos], 200; Reforma Eleitoral, 160; Reforma da Instrucção Primaria e Secundaria, 100; Regulamentos: da Contribuição Industrial, 200; da Contribuição de Registo, 200; da Execuções Fiscaes Administrativas, 200; dos Vinhos e Azeites [com reportorio], 100; Tabella dos Emolumentos e Salarios Judiciaes, 200.

Pedidos, acompanhados da respectiva importancia, á Empreza Editora, *Bibliotheca Popular de Legislação*, rua da Ataaya, 183, 1.º—Lisboa.

Collecção Economica

O arrojado editor lisbonense snr. Antonio Maria Pereira acaba de iniciar a publicação d'uma nova *Collecção Economica*, por meio da qual se poderá obter pelo modico preço de 100 reis volumes de 400 paginas de impressão e dos melhores auctores.

Já estão publicados 4 volumes, sahindo um cada mez.

Pedidos ao editor Antonio Maria Pereira, rua Augusta, 52, Lisboa.

EMPREZA EDITORA
DA
HISTORIA DE PORTUGAL
POR
HENRIQUE SCHÆFER

AVISO

A' imprensa e aos snrs. assignantes, agentes e correspondentes:

Havendo sido sempre auxiliada pela acceitação publica, crescente e animadora, viu-se, comtudo, esta Empreza na situação de suspender por algum tempo a regular entrega da *Historia*, a cuja publicação sepropoz.

Pedindo desculpa d'esta falta, que se não repetirá cumpre á Empreza levar ao conhecimento da imprensa, dos seus estimados assignantes, agentes e correspondentes que ella vae muito breve recomeçar a distribuição interrompida, a qual, d'ora avante, e até á conclusão da obra, se fará com pontual regularidade.

Resta á Empreza o dever de testemunhar o seu reconhecimento pelos favores recebidos, esperando a sua continuação, que se esforça á por merecer.

A Empreza enviará *gratis* aos snrs. assignantes qualquer fasciculo, dos já entregues, que porventura se lhes haja extraviado.

As requisições devem ser feitas directamente ao escriptorio da Empreza.

Decretos de 22 de maio de 1892

Nova tabella de emolumentos e salarios judiciaes, e, modificação do decreto de 15 de setembro de 1892, a parte que se refere a processos criminaes.

Com todas as emendas feitas depoa da publicação na folha official. Um elegante volume de 120 paginas, brochado, 100 reis; cartonado, 180 réis.

Grandes descontos para revender. Livraria de F. Silva, rua do Telhal, 18 a 12—LISBOA.

HISTORIA DA BASTILHA

A *Historia da Bastilha*, publica-se aos fasciculos de 24 paginas, ao preço de 50 reis cada um, e o seu custo está ao alcance de todas as bolsas, quer do rico, quer do pobre; pois concluida, não importá em mais de dez tostões. 9

A *Historia da Bastilha*, sae em fasciculos semanaes, qfue podem ser pagos no acto da entrega, ou em séries de asciculos, á vontade do assignante.

Para a provincia, accresce o importe do correio e a assignatura é paga por séries de 10 ou mais fasciculos, adiantadamente.

Os snrs. assignantes receberão gratuitamente as capas destinadas á brochura dos dois volumes d'esta importante obra, que se assigna na *Praça do Bolhão, 70, PORTO.*

Mala da Europa

Entrou no 2.º anno de existencia com o n.º 30 que agora recebemos este nosso collega.

E' a primeira revista que no genero se publica em Portugal, pois além d'umas gravuras de primeira ordem é collaborado pelos mais notaveis escriptores portuguezes.

E' seu director o sr. Conselheiro Thomaz Ribeiro e entre outros collaboradores veem-se os nomes illustres de Conselheiro Antonio Candido, Conselheiro Antonio Ennes, Conselheiro Pereira Carilho, Carlos Roma du Bucage, Christovam Ayres, Lopes de Mendonça, João de Deus, Ramalho Ortigão, Rodrigues de Freitas, Manoel d'Arriaga, Theophilo Braga, Magalhães Lima, etc.

E' uma illustração magnifica e que se assigna por um preço baratissimo, 1:500 reis por anno.

A UTILIDADE

Revista de interesses de economia domestica

Acceitam-se já assignaturas na redacção e administração

11, CALÇADA DA PATRIARCHAL, 11

LISBOA

possa esperar *destanço e felicidade*; veras custoso ver na pujança da vida e do talento, cahir ao mysterioso abysmo da sepultura um homem que hoje reconhecia-mos como gloria da nossa terra.

N'este caso estava Carlos Valbom que no curto espaço de tempo em que esteve revestido da farda de ministro, mostrou evidentemente o valor do seu privilegiado

« Que penar ao mundo vim!»

3—9—95.

***

e sereno, que delicias lhe estão constantemente a surgir!...

Deus! como sois sublime quando nos ensinaes o perdão!

(6)

FOLHETIM

LOPO DE SOUSA

NUCLEO D'AGONIAS

ROMANCE ORIGINAL

II

Diana a Henriqueta

—Os anjos denunciam a sua essencia angelica—murmurou uma voz aos meus ouvidos.

Voltei-me rapidamente e dei de rosto com um mancebo que me contemplava. Cortejou-me respeitosamente, estendeu a mão a D. Guiomar que o fitava com certo alvoroço e voltando-se para mim:

—Não tenho a honra de a conhecer, minha senhora, nem a creio de Lisboa. Porem, a côr dos olhos e dos cabellos, e não sei que instincto secreto me está dizendo que fallo a uma dama portugueza.

Vou pedir por tanto a v. ex.ª que me dispense costumes que nos vieram importados não sei d'onde.

Fallo do louco preconceito de não poder um cavalheiro dirigir-se a uma senhora que vê pela primeira vez. Deixa-me v. ex.ª esperar o perdão de tal ousadia?

Não pude deixar de sorrir, respondendo com alguma reserva:

—Pede pouquissimo para receiar uma recusa. Mas como toda a culpa tem castigo, imponho-lhe a penitencia de me julgar deusa ou houry, já que me deu o primeiro diploma d'anjo.

—Comprehendo e admiro o espirito de V. Ex.ª, respondeu um pouco vexado o meu interlocutor. Sinto n'este momento, uma dôr, que me castiga mais o coração do que a vaidade.

Creia-o, minha senhora. Se não receiasse os seus motejos dir-lhe-ia como o mais querido poeta:

«Pourqoi mon cœur bat il si vite?
«Qu'ai-je donc en moi qui s'agite
«Dont je me sens épouvante?»

Sem saber explicar-te porque, arrependi-me de ferir a susceptibilidade d'aquelle homem, que se me afigurava debaixo de feições mui diversas. Tomára-o a principio por futil galanteador, e logo me apparecia o poeta, o idealista talvez.

Foi com pesar que o vi ir a caminho sem esperar resposta, ficando eu discutindo-o mentalmente dois minutos, que tantos decorriam até á entrada da viscondessa, cuidadosa da minha desapparição. Dava ella o braço a uma senhora que me tinha impressionado durante o concerto pela maviosidade e intimativa de seu canto. Estimei o ensejo de approximar-me d'ella trocando algumas palavras em que deixei transparecer o gosto sincero que me dera em ouvil-a. Recebeu com tanta modestia os meus gabos, que, passados alguns momentos presas por mutua sympathia conversavamos como se de muito nos conheceramos. Continuou a dança.

De relanço notava eu que o meu incognito seguia todos os meus movimentos, mas com certo disfarce; e eu procurava affastar sempre os olhos do local em que o via, fingindo não o perceber.

No fim da noite tornei a achar-me ao lado da gentil cantora, que possue uma instrucção e espirito nada vulgar.

Estas festas—disse-lhe eu—não curam enfermos de coração, pelo contrario esta luz é demasiado viva e estontece-os dolorosamente.

—Assim é—respondeu ella, depois de olhar um pouco para mim. Eu tambem gosto mais das trevas: o pensamento vôa mais livre, e a alma faz-se melhor. No meio d'este bulicio, agitam-se paixões mesquinhas, sentimentos ignobeis. Seja minha amiga, sim? Eu vivo só desde que minha extremosa mãe baixou á sepultura.

Meu pai, o conde d'Alvarães, é a personificação da bondade: releve-me este sancto orgulho. Quero que o conheça, certa de que encontrei uma alma superior capaz de apreçial-o. Tenho ainda um irmão, um verdadeiro coração de poeta, um desgraçado que vive de chimeras, e que não posso roubar com todo o meu carinho não sei a que sestro infeliz que lhe cava abysmos em toda a parte.

O mundo, sempre injusto, accusa-o de crimes que elle em consciencia não pratica, e por assim dizer fere-me a mim tambem porque o estimo, e sinto as suas dores como minhas. Não faltará occasião em que V. Ex.ª o conheça, e verá que não é exagerado este elogio.

(Continua.)

...sentimentos d'alguns dos amigos do seu morto, e as sanctas bellezas pela sua memoria!...

Quem escreve estas linhas algumas vezes lhe ouviu narrar, que com as lagrimas nos olhos tinha supplicado aos GRANDES DESTE PAIZ, o futuro dos seus, que era o sonho ardente e feliz do seu coração.

Quando doces miragens de felicidade lhe sorriam á mente imaginando realisado o seu vaticinio de ventura, dizia sentir-se bem disposta para encetar a viagem eterna, com o sorriso nos labios, e o descanço dos justos na alma.

Mas breve vinha a desillusão!...

Da grandiosa lucta em que pelejára heroicamente, ficava vencida, e para desafogo á dor que lhe comprimia o peito, orava a Deus pedindo-lhe o somno derradeiro, como unico conforto á sua immensa amargura.

Luctou; fez tudo que ao alcance das suas forças podia fazer.

Nada conseguiu!

OS GRANDES, OS FARTOS DA OPULENCIA, e NA POLITICA, já não ouviam o rumor da fraquissima voz que d'elles implorava o bem estar da sua familia.

Camillo já não vivia!... O leão outr'ora temido e rodeado de caricias e affagos dos que se diziam intimos, tinha desapparecido por entre a voragem da eternidade!...

Nada mais restava!...

Deixou Anna Plácido cartas e documentos arrolados na gavetinha onde guardava reliquias do seu morto, que se tivesse a luz da publicidade os visse, ficaria surprehendida de tanta ingratidão, e do revoltante proceder de alguns que ainda hoje affirmam declaram ao publico «Era eu um grande amigo de Camillo.»

A minha mãe

O unico lenitivo para as grandiosas agonias quando as lagrimas estancadas já não saem do coração, é recordar as sensações e viver na propria dor.

E' este desafogo que procuro, porque me dá ázo a fallar da mãe, da amiga e da companheira incomparavel que a morte arrebatou para sempre dos meus braços, lançando-me ás faces mais este sorriso de desgraça, mais esta prova evidente de desventura!

Dedicar-te este afflictivo grito da minha alma despedaçada, é um dever minha santa mãe! Se lá nessas mysteriosas paragens onde habitas, podes ouvir o rumor surdo da minha magua conhecerás as torturas do coração que se vae paralisando com o gelo cadaverico do corpo.

Dôr atroz, agonia terrivel, desespero infernal... a que dava eu todos estes nomes no passado! Como eu mentia a Deus! Então era apenas um desassocego amargurado em que havia sempre uma esperança que me vinha consolar.

E hoje que me resta? Eis-me sem nada! Aonde estás minha mãe que os meus olhos fecham-se cançados de procurar-te! Para que me mostraste o paraizo na terra, se me havias de abandonar, deixando-me entregue ás mais densas trevas d'um abysmo profundo!

Volve, volve de lá uma só vez os teus olhos sobre esta alma ennegrecida pela amargura, e pede ao Senhor que me leve d'este escruciamento que me devora as entranhas!

Ouvida a tua prece, eu preparado estarei com contentamento para o adeus final, porque sei que o teu amor abençoado por Deus, levará para junto de ti a alma que estremeceste em vida e que eternamente adorarás na mansão celeste.

Agora com Christo nos labios e a tua imagem no coração, estou prompto para encetar alegre o caminho da eternidade.

junctar-se sem chamado especial pararam aquelles dois vultos eruditos, com cuja perda a nossa litteratura profundamente se vulnera!

Não ha quem ignore o talentoso genio da finada esposa de Camillo Castello Branco; ainda agora o folhetim do nossso jornal comprova a nossa asserção a despeito da intelligente escriptora.

Desde a sentida morte de seu estremecido esposo nunca mais a infeliz senhora manifestou um vislumbre de alegria.

Viveu na mais silenciosa monotonia desde que viu adormecer o grande romancista no somno eterno; quiz acompanhar seu vulto para a mansão funerea, mas Deus só agora, depois de lhe ouvir as mais fervorosas preces lhe fez a vontade.

Depois de antes e tão grandes soffrimentos a Viscondessa de Correa Botelho succumbiu aos feros rigores d'uma bronchite aguda; passou mais insensivel os extremos da sua tormentosa vida, que o adejar da mais silenciosa borboleta!

Tal era a saudade e tanto póde a desventura!...

A dor que á sua morte nos imprime é pungentissima e hade reflectir-se sem duvida em todos os corações dos que bem conheceram a grande alma da extremosa esposa de Camillo.

Estendamos, pois, sobre o nosso jornal a tarja dos negros crepes que nos enluctam a alma, e sobre o sepulchro da illustre escriptora milhares de mimosas boninas esfolhadas.

Eterna gloria á sua alma...

* * *

A minha mulher

O' doce amparadora,
Se te vejo adormecida,
Cuido que te foge a vida,
E então minh'alma chora.
Acorda, filha, não durmas;
Ergue a Deus a tua prece;
E as tuas dores off'rece
Para que eu morra: e, depois
Que eu morrer, filha, adormece.

Camillo Castello Branco.

1.º Anno | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 7

O LEME

SEMANARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno . . . . . 2:500 reis
Portugal ». . . . . 1:200 »
Semestre . . . . . 600 »
Trimestre. . . . . 300 »
Avulso. . . . . 20 »
Fóra do dia . . . . . 40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO Á REDACÇAO COMO Á ADMINISTRAÇAO, DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL
S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha. . . . . 20 reis
Repetição. . . . . 10 »
Communicados . . . . . 40 »
Imposto do sello . . . . . 10 »
Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

S. Miguel de Seide, 6 de outubro de 1895

ULTIMO DIA DE CAMILLO

Não deixará de despertar o mais alto interesse, a exposição exacta que vamos publicar do ultimo dia de Camillo Castello Branco, d'esse pujantissimo talento que foi o gloriosissimo monarcha da litteratura portugueza.

E' pois com a maior singelleza de phraze que fazemos esta narrativa, que para nós é bem dura e custosa missão.

Camillo já um pouco desanimado redarguiu: —que n'esse caso iria para Aveiro, onde esperava que elle se encarregasse do seu tratamento. —O Dr. volveu:—que não achava conveniente expor o seu estado abatido aos ventos agrestes da beira-mar; e que além d'isso, como a sua especialidade era só em doenças d'olhos, lhe parecia que devia tratar-se com um medico já conhecedor da sua enfermidade, lembrando-lhe que estava no Gerez o Dr. Ricardo Jorge, e que esses ares das montanhas lhe deviam ser muito proveitosos.—

Camillo com a sua finissima perspicacia, comprehendeu que o Dr. conhecera que o seu estado era irremediavel.

N'esta occasião sahiu o Dr. para uma sala proxima, a tomar uma ligeira refeição.

A esposa de Camillo ficou ao lado do doente consolando-o e animando-o á ida para o Gerez.

De pouco, porém, valeram as palavras da dedicada companheira das suas horas angustio-

O' minha esposa adorada,
O' visão do meu delirio,
Bella fronte aureolada
Do diadema do martyrio.

Desce os teus olhos bemditos
Aos abysmos infinitos
D'esta minha escuridão
E dize:—"Martyr! perdão!„

15 de Setembro, 88.

×

Approximou-se o Dr. Edmundo Machado e instou de novo pela partida para o Gerez.

"Que vou eu lá fazer se estou perdido.„ Disse Camillo.

O Dr. voltou a affirmar-lhe: "que não esta-

O Dr. que de momento julgara o tiro no peito, tratou de examinar o ferimento, e reclamou medico preparado com estojo para ser extrahida a bala.

Partiram immediatamente duas pessoas para Famalicão e Santo Thirso; desgraçadamente quando os facultativos chegaram já tudo estava acabado.

Expirou sem fazer o mais ligeiro movimento, sem dar o menor signal de que lhe restava até alli a consciencia da vida.

Eram cinco horas da tarde quando exhalou o ultimo suspiro, durando apenas sete quartos d'hora.

E assim acabou aquelle grande espirito, victima d'uma allucinação momentanea e atroz.

Assim findou o cerebro mais potente de Portugal, o genio assombroso de que os vindouros hão de contar com respeitosa admiração como uma das maiores, se não a primeira d'este seculo!...

A Camillo Castello Branco

Baixa, mulher, d'essa arca
Que tão nobre te ostentou!
Grandeza d'alma e d'esforço,
Como tu ninguem mostrou!
Mas parece-se o bello peccado.
Tem prestigio já finado.

Quem lembra os dias passados,
Quem os pode recordar?
Foste feliz... eras linda,
Tinhas condão d'encantar.
Sobejavam-te attractivos
Para no mundo brilhar.

Eras grande e grande foste
Pela alma e coração
Julgaste-a triste validade:
Este mundo em distincção
A remir honrosamente
As culpas da tentação.

Talvez zombasses da minha agonia, e da alma que nasceu predestinada para te amar!...

Ha tres mezes que soffro um inferno que me tem purificado!... Ainda hoje não comprehendo bem... Explico-me... estranho soffrimento.

Principiei a amar e pela primeira vez na vida o meu amor assignalou-se com lagrimas e angustias incomportaveis. Passaram muitas teem decorrido, e eu fechado, os tenho passado a escrever.

O que havia portanto ser esse escripto? O meu Diario de agonia!... Se me conhecesses mais e melhor, se tivesses estudado o homem do passado, deverias ter compaixão de mim, havias de vêr n'essas paginas que te envio, talvez o que ellas são, porque me havias de vêr ahi, enfermo e quasi moribundo, dominado pela paixão terrivel, e espantado do jugo de que não tinha sentido ainda o peso durante os trinta annos da minha vida.

Nem tu... nem eu mesmo poderia dizer-te, ou comprehenderes o que foi o meu viver em quanto não amei o positivo e real, nem o que elle é depois que uma imagem me segue e acompanha, e depois que o vulto de uma mulher se ergue deante de mim, como santa visão a cujo olhar tenho de curvar submisso a minha fronte!...

Essa mulher es tu. Escrevi-te e chameite mas não respondeste á minha voz. Cri então estar tudo acabado!... Depois d'isso encontrei-te; julguei vêr a felicidade!...

Correntinho com bem pouco... um olhar algumas vezes, e nada mais.

Fiquei só!... Era fraco, não pude com a amargura, vacilei, e despenhei-me no abysmo aberto do meu pensamento, acoutando-te ás trevas que me cercavam como um ser mis-

OS TEUS OLHOS

Quando meus olhos se fitam
No brilho que tem os teus
Julgo ver um anjo meigo
Chamar-me da terra aos ceus!

Medito no sol da sorte
No horisonte a sorrir
E brinco, brinco cantando
Tão alegre é o meu sentir.

Como creança traquina
Busco as rosas no jardim
Sorvendo o aroma doce
Do mais formoso jasmim.

E n'este sonho fagueiro
Como é lindo o viver
Como a alma se sente
Feliz da vontade ser.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Mas se os olhos não fitas
Com brilho d'amor nos meus
Chamo a morte bemdita...
Elevo minh'alma a Deus!

5-10-95.

A margem do Pel

Nenhum ha dos ribeirinhos
Que fremindo n'um
Aqui vem os passarinhos
Beijar a lua de cheio!...

E estas margens tão bellas

fosse feito pelo alarve que o fez, e que nós sobejamente conhecemos, ficariamos com tal procedimento surprehendidos!

Mas como sabemos que o *figurão* desconhece por completo os deveres da sociedade, ficamos satisfeitos com o seu *airoso* proceder.

E levanta-se um padeiro ás duas horas da madrugada.....

A CERTA VISINHA

Senhora por vida minha
Não me dê maior tormento
Que tenho a minha alminha
Negra, negra, coitadinha;
Que faz chorar um jumento!...

Deixe-me por caridade
Dar-lhe esta satisfação
Pois que andei na verdade
Qual malandro sem bondade...
Visinha... perdão... perdão!...

Eis-me aqui

Ainda não recuei um passo; espero-te cobarde, no campo da batalha!

Oh desalmado do «Commercio do Minho», quemquer que tu sejas, labita, masmarro, ou qualquer catinga, deita fóra da jaula essa focinheira de asneirão; levanta essa mascara com que pretendes imitar o homem; deixa ver essa cavernosa tromba, sordido cobarde, e eu te fallo!...

Serias tu, pobre labita, o desalmado?! Ainda veiô a espora ensanguentada;

paspalhões que tão ingenuamente andam a mostrar ao publico, a estupidez que os alimenta, e a bonita figura que representa a educação de *Campina!*... Não admira... se elles teem *Campos!*...

Pois ficai-vos aos *grillos* ferricôcos de chapeu desabado, emquanto eu me rió e pergunto ao Altissimo, se para os alarves tambem ha ceu...

Lamentação

1	2
Quem te não chora	Oh, quem podera
Oh patria minha	Desenfectar-te
Vendo-te agora	Do bananismo
Cheia de tinha?!	Para salvar-te?!

Não ha gente mais devassa,
Mais sebosa, e mais pedante,
Do que essa maldita raça
De bananismo tratante!...
Vade retro, povo immano,
Pr'as regiões de Vulcano!!!

Um banana encorrilhado,
Lá do alto d'esta aldeia,
Que é mesmo um cão pellado
Com focinho de lampreia,
Traz do Porto sem mais nada
Uma matrona rafada,
D'um lupanar barateiro;
E em casa dos paesinhos
Dois dias consoladinhos
Com ella passou o matreiro!...

Váde retro povo immano
Pr'as regiões de Vulcano!!!

AMOSTRA

Um *Zé* bruto e lavrador
Que teve cargo decente
Arranjado por traidor
Se mostrar a toda a gente.

Pensou ainda contente
Que lhe durava o calor
Do tempo qu'alegremente
Passou por grande senhor.

Pois palerma abre os teus olhos
Vê este mar que d'abrolhos
Te vae caçar sem demora

Já me não foges da vista;
Ficas no centro da pista;
E nada mais por agora.

A GRANEL

Permuta

Somos informados que alguem dissera que o *Leme* teria apenas meia duzia de jornaes em permuta.

E' pois para provar ao *toleirão* a sua *trapalhisse* que vamos dar uma nota exacta dos collegas que nos honram com a sua visita. E já agora aproveitamos gostosamente a occasião para enviar o sincero agradecimento aos camaradas que saudaram a nossa apparição, com palavras affectuosas.

Aurora do Cavado, Folha da Manhã, A Ideia Nova, A Chacota, Pontos e Virgulas, Sarilho, Porvir, Estrella do Minho, Gazeta do Minho, Jornal de Passos de Ferreira, A Discussão, Jornal de Annuncios, A Flor do Tamega, A Frigideira, Jornal de Santo Thyrso, A Madrugada, O Cábula, O Louletano, Revista da Folha Official, Bordadeira, El Curial Espanhol.

Contra os Jesuitas

(*Da Vanguarda*)

Consta-nos que se teem matriculado no collegio Arriaga e outros da capital, grande numero de estudantes que sairam do collegio de jesuitas de Campolide e cujas familias não quizeram ter seus filhos debaixo da nefasta influencia da seita negra.

Bem hajam os que assim fizeram, e oxalá todos os paes de familia sigam este exemplo para bem da mocidade e para deutralisar os effeitos venenosos de uma educação reaccionaria como a que se ministra no collegio de Campolide, que se diz portuguez e em momento de susto arvora a bandeira ingleza.

Por aqui se vê que as rosas que aquella sucia entendeu durarem eternamente, principiam agora na desfolha!...

Nem outra cousa era de esperar! Bem diz o proverbio antigo: «*Não ha bem que sempre dure nem mal que não acabe.*»

o tempo

Este senhor é que realmente se não tem portado bem.

Prometteu encharcar o mundo inteiro, e poz-se a descarregar sobre nós agua com tal abundancia que sendo n'outras epochas objecto tão apreciavel, hoje todos fogem d'ella, chegando mesmo á affinação de não ter mão em qualquer *praguita* que sai do gorgomillo assim... sem querer... ora acabou-se!

E elle não é o culpado?!

Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.

A pessoa encarregada em Famalicão para quaesquer informações para o «Leme», é o snr. Victor Correa Guimarães - Praça da Motta, n.º 1.

EDITOR RESPONSAVEL - JOSÉ COUVETA

TYPOGRAPHIA «MINERVA» FAMALICÃO

ANNUNCIOS

Annuncio

Vende-se por quantia muito convidativa um lustre de chrystal, proprio para sala, capella ou egreja.

N'esta redacção se diz onde póde ser visto e o seu preço.

Collecção Economica

O arrojado editor lisbonense snr. Antonio Maria Pereira acaba de iniciar a publicação d'uma nova *Collecção Economica*, por meio da qual se poderá obter pelo modico preço de 100 reis volumes de 400 paginas de impressão e dos melhores auctores.

Já estão publicados 4 volumes, sahindo um cada mez.

Pedidos ao editor Antonio Maria Pereira, rua Augusta, 52, Lisboa.

LIVROS UTEIS

Codigo Administdativo [1895], 240 reis; Contencioso Aduaneiro [dec. de 27 de setembro de 1894], 200 reis: Codigo dos Proprietarios, 200; Codigo do Processo Commercial, 200: Elucidario dos Juizes de Paz, 200; Elucidario dos Parochos [compilação de leis referentes ao clero parochiante, de 1 de janeiro de 1860 a 31 de junho de 1894 e na integra, os decretos sobre aposentação, etc.] 400; Guia dos Regedores e Juntas de Parochia, 240: Lei do Sello, 100; Legislação Varia [referente ao exercicio do poder judicial], publicada desde 1890-1895 [julho]. Synopse da Legislação de mesma indole desde 1865 a 1890.

La ultima moda

Semanario de modas para senhoras

Edição em hespanhol

Publica-se todos os domingos e contem numerosos modelos de ultima novidade em trajos, chapeus, adornos, penteados, etc.; revistas de modas e salões. E' o unicos do da sua classe que se publica em Hespanha e mais barato.

Assignatura em Portugal—Anno 3$200 reis; seis mezes 1$700; tres mezes 865; Numero avulso 60 reis.

Todos os pedidos de assignatura devem ser feitos ao sr. Manoel Francisco Midões—Rua da Picaria n.º 32, Lisboa.

Na redacção do «Povo Espozendense» mostram-se os numeros da «Ultima Moda» a quem deseje assignar, encarregando-se tambem de a mandar vir.

LIBERDADE - EDITORA

HISTORIA DA BASTILHA

A *Historia da Bastilha*, publica-se aos fasciculos d 24 paginas, ao preço de 50 reis cada um, e o seu custo está ao alcance de todas as bolsas, quer do rico, quer do pobre; pois concluida, não importa em mais de dez tostões.

A *Historia da Bastilha*, sae em fasciculos semanaes, que podem ser pagos no acto da entrega, ou em séries dos fasciculos, á vontade do assignante.

Para a provincia accresce o importe do correio e a assignatura é paga por séries de 10 ou mais fasciculos, adiantadamente.

Os snrs. assignantes receberão gratuitamente as capas destinadas á brochura dos dois volumes d'esta importante obra, que se assigna na *Praça do Pelourinho 20 e BARCO*.

aya, 183, 1.º—Lisboa.

Legislação Judicial

Publicada nos ultimos annos (1850-1890) inclusivé; acha-se na integra n'este volume e ensynthése, a publicada desde 1836 a 1889.

Este livro, que tem por titulo **Legislação Varia** [illegible] rente ao poder judicial], póde, sem exagero, classificar-se poderoso auxiliar tanto dos magistrados judiciaes como dos respectivos escrivães, e dos snrs. advogados, e outras quaesquer pessoas das que lidam no fôro, a quem pelo menos evita trabalho de indagação.

Ao resto da edição, juntaram os editores um elucidativo ADDITAMENTO, que lhe augmenta o interesse. As pessoas que já tiverem a edição e o desejem adquirir, queiram solicital-o á empreza editora que lh'o offerece gratuitamente.

Pedidos á *Bibliotheca Popular de Legislação*, rua da Atalaya, 183, 1.º—LISBOA.

Mala da Europa

Entrou no 2.º anno de existencia com o n.º 30 que agora [illegible] este nosso collega.

E' a primeira revista que no genero se publica em Portugal, pois além [illegible] gravuras de primeira ordem é collaborado pelos mais notaveis escriptores portuguezes.

E' seu director o sr. Conselheiro Thomaz Ribeiro e entre outros collaboradores veem-se os nomes illustres de Conselheiro Antonio Candido, Conselheiro Antonio Ennes, Conselheiro Pereira Carilho, Carlos Roma du Bocage, Christovam Ayres, Lopes de Mendonça, João de Deus, Ramalho Ortigão, Rodrigues de Freitas, Manoel d'Arriaga, Theophilo Braga, Magalhães Lima, &c.

E' uma illustração magnifica e que se assigna por um preço baratissimo, 1$500 réis por anno.

A UTILIDADE

Revista de interesses de economia domestica

Acceitam-se já assignaturas na redacção e administração

11, CALÇADA DA PATRIARCHAL, 11

LISBOA

pondentes:

Havendo sido sempre auxiliada pela acceitação publica, crescente e animadora, viu-se, comtudo, esta Empreza na situação de suspender por algum tempo a regular entrega da [illegible], á cuja promessa se propoz.

Pedindo desculpa d'esta falta, que se não repetirá, cumpre á Empreza levar ao conhecimento da imprensa, dos seus estimados assignantes, agentes e correspondentes que ella vae dar breve recomeço á distribuição interrompida, a qual, d'ora avante, e até á conclusão da obra, se fará com pontual regularidade.

Resta á Empreza o dever de testemunhar o seu reconhecimento pelos favores recebidos, esperando a sua continuação, que se esforçará por merecer.

A Empreza enviará *gratis* aos snrs. assignantes qualquer fasciculo, dos já entregues, que [illegible] se lhes haja extraviado.

As requisições devem ser feitas directamente ao escriptorio da Empreza.

Decretos de 22 de maio de 1892

Nova tabella de emolumentos e salarios judiciaes, e modificação do decreto de 15 de setembro de 1892, a que se refere a processos criminaes.

Com todas as emendas feitas depois da publicação na folha official. Um elegante volume de [illegible] paginas, brochado, 100 réis; cartonado, 180 réis.

Grandes descontos para revendas. Livraria de F. Silva, rua do Ferial, 11 a 12—LISBOA.

Magnifico dramatico romance por EMILIO RICHEBOURG o rei dos romancistas populares. 200 explendidas gravuras. Primeira folha illustrada gratis ao publico.

"A Teutineira do Monte" [illegible] tecido de aventuras myrificiosas, de paixões violentas, de crimes horriveis, que se desenvolve através das peripecias mais imprevistas até um desenlace surprehendente. E' tambem um romance de [illegible] cheio de bellas scenas de ciume e de emoção, que hão de fazer derramar muitas lagrimas.

Uma caderneta de tres folhas, com tres gravuras e uma capa illustrada, por semana preço 60 reis. Para as provincias, fasciculos quinzenaes de 6 folhas com 6 gravuras, preço 120 reis. Volumes de 15 folhas com 15 gravuras, preço 300 reis. A publicação segue com a maior regularidade.

Assigna-se na Antiga Casa Bertrand, José Bastos, rua Garrett 73 a 75, Lisboa, e em todas as livrarias do paiz.

EMPREZA EDITORA

BELEM & C.ª

LISBOA

Os dois orphãos

Ultima producção [illegible]

Adolphe d'Ennery

Auctor dos applaudidos dramas *As Duas Orphãs*, *A Mentira* e outros

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

Chromo, 40 reis—Gravura, 10 reis—Folha de 8 paginas, 10 reis

Só em cadernetas semanaes de 4 folhas e 1 estampa, 50 reis pagos no acto da entrega

450 RÉIS CADA VOLUME BROCHADO

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES

Quem quer que tu sejas, apparece, deita fora do covil essa tromba macilenta para que ninguem pague innocente.

Landim—30—9—95.

C.

Os tyrannos

Calcai a vossos pés negro passado
Atirae com as frontes radiantes
Pelos bailes onde luzem os brilhantes
Que ao pobre paiz tendes roubado

Despi o Portugal velho e honrado
Deixae-o nu em gritos soluçantes
Emquanto entre risos delirantes
Venceis o vosso sonho tão amado!

O' vós ricos senhores da hypocrisia
Mostrae vossas balanças onde eu ponha,
A pezar estas torpezas d'hoje em dia!

Sahidos da miseria onde nem fronha
Outr'ora o travesseiro vos cobria;
E hoje todos fartos... sem vergonha!

Numero dois

Apparece agora outro *badameco* devolvendo o 5.º numero do nosso jornal, tendo acceitado os antecedentes, talvez com todo o prazer do seu *aleijado toutiço!*...

Ao menos valha-nos isto! Com pouquissimo gasto, vamos nós arranjando assumpto para soltar aos ventos mundanaes, umas trovas pobres de espirito mas que francamente, não sabemos fazer melhor!

E' verdade que tambem seria grande tolice dedicar obra de merito a estes dois

Uma pobre desgraçada,
Que seria alli forçada
Se não gritasse á d'el-rei:
E o monstro desbocado
Não hade ser castigado
Pelos preceitos da lei?!...

Vade retro povo immano
P'ras regiões de Vulcano!!!

Maldita seita, maldita,
Cancro da sociedade!
Se te não vejo proscripta,
Quero morrer d'esta idade!...

Landim 30—9—95.

D. S.

ORA TOMA!

Dizem que surroso *Campo*
Sem viço já, nem verdura
Escangalhado do tampo
Como pipa bem madura
Qual rafado pyrilampo
Sem luz dar em noite escura,

Pois inda assim peralvilho
Qual moscardo d'estrumada
Quer mostrar o maltrapilho
Que sabe andar n'apprumada;
Mas só dá coices ao trilho
Em antes da chicotada.

Hoje que levas masmarro
Esta pancada no lombo
Verei se dizes galfarro
A rasão do rijo tombo
Que te fará meu chicharro
Comeres a conta... palomb!...

Novo titular

Acaba de ser agraciado com o titulo de conde de Arenoso o Exm.º Bernardo Pindella.

Despedida

Esteve na terça-feira n'esta redacção o nosso presado amigo e estimado collaborador Joaquim Dias de Sá, que veio despedir-se de nós, partindo n'esse mesmo dia para o Porto onde o chamam os seus estudos.

Oxalá que a felicidade o não desampare, e que tudo lhe corra conforme os seus desejos.

Scena de pugilato

Pelo nosso presado collega portuense o *Primeiro de Janeiro* ficamos sabendo que no dia 30 do mez findo os srs. Marçal Pacheco e Lopes Navarro, conhecidos personagens no mundo politico, se soccarem em plena rua do Ouro em Lisboa.

Motivos politicos!...

Pois nós achamos que principiam cedo!...

As coisas ainda não estão para já!...

NUM TRIBUNAL

O juiz para uma testemunha—Como se chama?

Testemunha—Saiba *vossa inselencia* que eu sou ha vinte e tantos annos criado do *sinhor incommendador*.

Juiz—Não é essa a minha pergunta; pergunto qual é o seu nome sr.ª testemunha?

Testemunha=Ah!!!!!! (abrindo muito a boca) sim sinhora, sim: Eu sou *Menardino*.

Juiz=Qual é a sua profissão?

Testemunha=E' fazer *buquezes*.

Juiz=Então é esse o seu modo de vida?

Testemunha=*Não sinhora*; eu *tamem* sou o *garda da casa* do *sinhor incommendador* e sou o *opanhador* das *landras de meu amo* . . . . . .

C.

Quando tens ardentes prantos
Esse peito não sentir,
Quando o amor fructos de benção
Já não possa produzir,
Verás, filha, que está morto
O coração que foi teu:
Mas... resiste ao desconforto:
Vae procurar-me no ceu.

18 d'outubro de 59.

Camillo Castello Branco.

DIARIO D'UM INFELIZ

No silencio do mysterio deixo chorar o coração quantas lagrimas elle tem; mas não perturbo com meus lamentos aquelles que mas causaram.

Isto não é porque o golpe que recebo me não fira, é porque quanto mais funda é a ferida, mais eu callo, mais a occulto, para não retribuir golpe com golpe, injuria com injuria.

Soffro; e mais soffreria se pensasse que um dia verias estas paginas, se eu acreditasse no presentimento que ás vezes me faz palpitar o coração.

Eu não soltaria um só grito de dôr se soubesse havias de escutar um dia por mais longe que elle estivesse, o eco d'este grito.

Não accrescentarei nem uma palavra de explicação, ou justificação, para que?

Quando eu vinha buscar,
Balsamo p'ras minhas dores!...

Passaret vida ditosa
Junto ás margens crystallinas;
Quero ser a mariposa
D'estas mimosas boninas!...

Landim 30—9—95.

S.

EPITAPHIO

NO TUMULO DE M. ALVES DA SILVA

Dezesete annos? Bem depressa o fado
Te quiz guardado n'esta campa fria!
Gloria, esperanças que havias sonhado
Foi sepultado tudo aqui n'um dia!...

Carpi a morte do infeliz finado,
Que sepultado aqui foi com dôres!
Um *padre-nosso* rezai com ternura,
Na sepultura *derramai-lhe flores!...*

Landim, 18—9—95.

D. S.

PIRAROTES

Forte alarve!

Vagueia ahi não sei por onde, um pobre diabo que já um dia por *artes de berlindas e berlopies* chegou a fazer figura de alto personagem na sua terra.

Pois para os meus presados leitores poderem apreciar de que *quinate* é o heróe do sugeitorio, passo a narrar-lhe um caso deveras engraçado em que naturalmente o homenzinho entendeu mostrar a sua esperteza!

Ora elle ahi vae.

Quando sahiu o primeiro numero do *Leme* o tal *intelligente* tambem foi dos que o receberam.

Não devolveu no prasso em que o deveria fazer, e portanto ficou sendo considerado assignante.

Acontece agora que o asno tendo sempre recebido o jornal devolve o 5.º numero!...

O caso é tão extraordinario que se não

Camillo ao saber que estava frente a frente com aquelle em quem fundava todas as esperanças, levantou-se.

O Dr. aligeirou os passos e apertando-lhe a mão fel-o sentar, fixando com tristeza aquelle rosto tão macerado pelo soffrimento.

Depois d'uma longa observação o Dr. tentou convencel-o de que o seu estado era proveniente d'uma profunda anemia para a qual só a boa hygiene, um tratamento restaurador e os bons ares poderiam dar magnificos resultados, e melhorado o estado geral, infalivelmente recuperaria a vista.

(7)

FOLHETIM

LOPO DE SOUSA

NUCLEO D'AGONIAS

ROMANCE ORIGINAL

—Creio; e tem já seu irmão duas recommendações a meus olhos que valem muito.

—Eil-o—bradou ella de repente—Apresento-te a senhora D. Diana de Sepulveda. Minha querida amiga—continuou ella, voltando-se para mim—Nuno d'Alvarães, meu irmão.

Fitei o homem que estava diante de nós com certo enleio. Era elle. Comprimentamo-nos em silencio;

—Fallaremos de ti—tornou a minha nova amiga.—Tenho orgulho em dizer-te que achei uma intelligencia distincta n'esta senhora e sobre tudo o coração sincero de que carecia o meu espirito.

Eu sentia-me um pouco embaraçada, e para sahir d'esta situação entendi rompel-a com arrojo.

var pelo Gerez, d'que escrevia no dia seguinte ao Dr. Ricardo Jorge, avisando-o da sua partida.

"E tu queres ir para o Gerez?„—Resposta da esposa: "Da melhor vontade. Estou contentissima, e tenho a quasi certeza de que vaes melhorar.„—"Tens tantas esperanças como eu nas minhas melhoras. Minha pobre martyr!„ Tornou Camillo estendendo a mão á esposa, e que ella lhe beijou em vida pela ultima vez!... A sua pobre martyr! Era assim que aquelle grande espirito denominava a sua companheira!...

E a proposito transcrevo uma poesia que apenas foi publicada nas *Horas de lucta* por João Antonio de Freitas Fortuna.

Estendi pois a mão ao Visconde de Alvarães dizendo-lhe:

—Culpo-me de ser ha pouco severa ou arrebatada em demasia: como V. Ex.ª quizer. Entre desditosos a attracção é visivel e singular. Respondo agora pela auctorisada voz do mesmo Alfredo de Musset que me citou, e que por assim dizer, traduz os sentimentos um pouco imitaveis da minha alma:

"Je te suivrai sur lë chemie,
"Mais je ne puis toncher te main,
"Ami, je suis la solitude.„

Aproximou-se-nos meu marido: deixei o baile.

Assim acabou a minha entrada no mundo. Creio que não omitti coisa essencial, e que me ficarás obrigada pela prolixidade occiosa da minha narração.

IV

Henriqueta a Diana

Ha oito dias sem carta tua! Porque me não escreves? Quantas horas se passam sem te lembrares de mim?

Oh! Diana, Diana! eu estou receiosa de ouvir uma verdade, que tu foges de manifestar-me com o silencio. Porque filha? Não, não me assustes... Conta-me tudo: eu que te conheço sei que nunca podes baixar a um nivel affrontoso para a nossa amizade.

sorriso nos labios, disse voltado para a esposa: "Acompanha o Sr. Dr.„. A esposa sahiu com o medico até á saleta proxima; e dois passos andados ouviu-se a detonação fatal a que responderam dois gritos dilacerantes. Corridos á sala encontrou-se com a cabeça pendida sobre o seio, os braços cahidos e o rewolver no chão. Não dava algum indicio de vida, apenas o pulso batia regularmente.

Ao principio nem se sabia onde fora dado o tiro; mas d'ahi a instantes no parietal direito appareceram pequenas gottas de sangue que lhe rolavam lentamente pela face serena e immovel.

Eram tres horas e um quarto da tarde.

Diz-me pois o que tens feito, o que se tem passado na tua alma para me expulsares tão repentinamente d'ella.

Responde breve, responde, e falla-me algumas vezes de teu marido, d'esse excellente homem que tem por ti todos os disvelos de pai extremoso.

Estou realmente cuidadosa, minha amiga. Gualberto, a quem não posso encobrir os meus terrores, chama-me vesionaria, e invoca a teu favor mil excentricidades e successos que me não servem de grande abono nem quietação; julgar-te mais doente não posso. Teu marido falla a Gualberto nas luas melhores, e na esperança de ver-te emfim restabelecida.

Que mysterio encobre pois o teu silencio?! Roubarte-ha essa nova affeição ao meu carinho? conseguirá a amiga d'alguns dias arrancar do teu coração a raiz que desde a infancia tem bracejado formosa e opulenta?

Será este meu desasocego o vaticinio de grandes calamidades para ti?

Cautella com o teu espirito, filha. E' preciso represal-o e lances ha, minha amiga, em que devemos cortar-lhe os vôos, porque na vida real são perigosas estas ascenções e sujeitas a graves quedas.

Cuidado, pois, Diana, com quanto eu muito confio na tua illustrada intelligencia. Bom é que vás aos bailes, que te distraias, mas não te concentres demasiado em ti, nem dês tanto apreço a esses *scismadores infelizes.*

Continua.

1.º Anno | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 8

O LEME

SEMANARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	2:500 reis
Portugal »	1:200 »
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	20 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO A' REDACÇAO COMO A' ADMINISTRAÇAO, DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL
S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sello	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

S. Miguel de Seide, 13 de outubro de 1895

OS CRENTES

São ainda muitos os crentes que pensam em ver surgir como por encanto ao nosso desgraçado paiz, um sol benefico que nos aqueça a alma gelada pelo desanimo completo, trazendo ao velho Portugal os sorridentes e felizes dias do passado. Estes, são os unicos que podem viver alegres, pois que a sua crença, só por si é bastante para lhes proporcionar a ventura. Esperam resignadamente a realisação da sua riso-

Ora aqui está a expressão do sentir d'esses felizes que se *alimentam de brisas, e andam sempre na lua!...*

Não pertencemos nós a esta pleiade de crentes.

Não!... Nós somos de ideias que estão em aberta opposição ao seu pensar.

Achamos que todo este barco está em pessimo estado de conservação, e que talvez não esteja longe o dia fatal de vermos submergido por entre medonha borrasca, o triste navio onde pela primeira vez abrimos os olhos ao mundo, e onde recebemos na infancia a primeira vaga, tão carinhosa e meiga, como o bafejo suave da suprema felicidade:—*o amor á patria!...*

Prasa a Deus que isto que nós julgamos ser uma cruel e amarga verdade, se transforme rapidamente em mentira, e que

A MINHA FILHA

Na minha ditosa idade
Em que tudo me sorria,
Mocidade, amor, chimeras,
Delicias da phantasia,

Nasceste: apertei-te ao seio
N'um impulso paternal,
Sentindo na alma alegre
Um goso celestial.

Mas depressa a desventura
Acurvou-me a negra cruz!
Nas horas de lucto em trevas,
E's tu sempre a minha luz!

A RACHEL

Meia noite. Dormes anjo?
Vens-me n'um sonho feliz?
Vem do eco, dizer-te um archanjo
O que minh'alma te diz?

Vês ao longe o prado, a fonte,
O arvoredo sombrio,
E o azul celeste horisonte,
E as frescas margens do rio?

Vês o ribinho travesso
A seguir com mão inquieta
Sobre a flor do cadaço
A pintada borboleta?

Vês me á sombra do carvalho,
Onde está todo o meu mundo,
A reposar do trabalho
Do pensamento fecundo?

Sonha assim, victima nobre
D'um destino miserando
Diz-me o mysterio que encobre
O sonho que estás sonhando.

Meia noite, 5 de Fevereiro de 1861.

Camillo Castello Branco.

Meditação

Era a tua primeira impressão a que eu queria, porque me seria a realidade do que sentiste, *se sentiste!* Seja porem como quizeres, porque eu não tenho o direito de exigencias.

*

Sabbado — 7.

Não me havia enganado, Leonor: a meditação havia fazer-te esconder dos meus olhos e do meu coração, toda a verdade. Preadivinho o que n'este momento te vai na alma!... O teu silencio diz-me de mais; e esse mais é o tudo.

Se eu acreditasse ainda no teu amor como me sentiria feliz! Mas... olha Leonor, deixa-me dizer-te o que sinto. E' preciso que me creias. Amo-te como nunca. Muito bem. E porque me não amas tu? Para que atiras a minha paixão á margem d'um abandono terrivel? E' só porque te amo? Então já ha muito que devias ter dito isto, porque já ha muito que te confesso o fogo que me devora o peito, e arrasta a vida á monotonia da desgraça.

Ouve Leonor: é a voz do homem que vive na terra alimentado só pelo grande amor que te consagra.

Se na tua alma podesse caber a minha vizão, se eu tivesse a ventura de conhecer que sentias por mim a chamma d'um amor puro e santo, tu Leonor, verias como o homem alegre do passado voltaria á florescencia da vida risonha da felicidade.

Mas tu desprezas as minhas palavras, as minhas supplicas, e só alguma vez ainda dizes que me amas, é com certeza a compaixão que tens pelo homem a quem atiraste ao mais escuro abysmo da desgraça.

Dá-se em minha alma uma luta horrorosa. O remorso crava-me as garras no peito, e é o amor? Se estivesse na minha mão, o acabar com esta existencia que me não dá senão eternidades de tormentos, tornar-las mais ruins por alguns relampagos de felicidades que apenas brilham e teem a duração momentanea d'um sôpro, matava-me!

Falta hoje a necessaria força para encarar friamente a morte. Hoje podia morrer, sem sentir saudades nem pesar por deixar esta terra amaldiçoada onde vim só para soffrer!

Tu que amo com todas as veras da minha alma parece quereres abandonar-me, sem que eu saiba pelo que, e sem que te mereça esse abandono! O coração que durante o anno sempre julguei e creu unido ao meu vai separar-se de mim!

Tu Leonor, aquella que unicamente tenho amado, aquella que só hei de amar, aonde te encontro? Aonde busca-te?

Só no inferno se pode encontrar outra existencia assim como esta minha malfadada vida!

(Continua).

Publicações proveitosas

OS GRANDES HOMENS DO PASSADO

Historiadores Ecclesiasticos

Memoraveis entre os Hebreos Philon, e Joleto. O primeiro sectario da Platão, e por isso chamado o Platão Judeu.

Fez uma explicação allegorica á Biblia com diffusa eloquencia. Viveu no tempo de Caligula, a quem foi ser embaixador [illegible]

×

Eragro o escolastico, natural de Siria Seculo VI. Escreveu seis volumes da historia ecclesiastica. Esta obra é clara e exacta.

×

Neceploro Callisto, historiador grego no seculo XVI.

×

Cesar Baronio, cardeal da egreja natural de Sira no reino de Napoles, é conhecido por pae da historia ecclesiastica. Seculo XVI.

×

Enrique Espondono, e o Padre Bsovio com outros escriptores adiantaram a collecção.

×

Historiadores gregos

Cadmo de Mileto, (o antigo). Viveu pelos annos de 2820 que foram os tempos da tomada de Troia. Escreveu quatro livros de historia de Jonia sua patria.

×

Claron Lampraceno, floresceu na Olimpiada LXXV. Escreveu sobre a Persia e outras obras.

×

Herodoto de Halicarnasso, terceiro dos historiadores gregos. 450 annos antes da vinda de Christo.

×

Thuydides, cidadão de Athenas, gene-

Illustre e caro senhor
Do meu mais alto respeito
Por Deus desculpe o defeito
E arrojo que vou ter
Em dirigir-me lampeiro
D'uma escura freguezia
A' alta cathegoria
Do seu profundo saber.

Mas então!... A desventura
Por berliques e berloques
Tem enviado taes toques
A este seu dedicado
Que ando de bocca aberta
Sem saber de que maneira
Heide dar co'a melgueira
D'affastar de mim tal fado.

E como sei em verdade
Que o senhor é entendido
E sabio bem conhecido
Na doença vinhateira
Resolvi sem mais aquellas
Arrumar lhe esta maçada
Mal escripta, e mal notada
Por minha grossa caveira.

Ouça pois senhor amigo
A rasão d'esta agonia
Que me rala noite e dia
Ó desgraçado toutiço,
Pois ando tão escamado
Tão levadinho da breca
Que já dei uma sapeca
No lombo do meu derriço.

E sabe senhor o resto
Que lucrei da valentia?
Foi a matrona sadia
Como pêro do Outomno
Por-se ao fresco bellamente
Dizendo fora da porta:
"Agora a coisa vae torta
Com a besta d'este mono.„

Imagine sabio amigo
Com que raiva agora vivo
Qual malandro bem captivo

Que Camillo impunemente
Na "Corja„ reles trabalho
Dez vezes chamou *bandalho*
Ao seu servo

Zé Macario.

S. Thiago da Faia
8—10—95.

UM *CLAMOR* BEM FEITO

Uma certa mãe, ao ver sahir no caixão seu filhinho, que ia para o ceo, segundo certas crenças, fez seu lastimoso pranto!

A avó materna do anjinho tambem não foi insensivel áquelle transe lugubre, porem com o que mais se preocupou foi com o *clamor* da filha.

Depois a velhita quando fallava do fallecido netinho admirava o *clamor* da filha e dizia sempre com grande espanto: Eu tive muita pena, mas minha filha é que se podia ouvir; *sempre fez um clamor bem feito, que nem parecia de minha filha!*... Sempre dizia coisas, que eu d'esta idade nunca assim ouvi um *clamor* tão bem feito!...

Pelos modos até a propria mãe confessa (e eu concordo) a impostura da filha, quando diz que *tal clamor nem parecia de sua filha.*

L.—8—10—95.

***

Que limpeza!...

Adeus, banana do alto...
Leva mais um piparote!
Precisas 'inda d'um salto,
Que te vou dar em pelote!

QUEM SERÁ?

O banana lá do alto!...
Quem será? Pergunto agora!
Dar-se-ha caso que seja
Um *carinha* de cereja
Com ares de triste *caipora*
Que vi ao sahir da Egreja
Com a *Republica* de fora?

Será esse? Usa bigode
Retorcido, aloirado,
Pé com grande joanête
Um corpo de *Turiquete*,
E traz grosso cadeado
A servir de *balancête*
No collete decotado?

Se é este, com certeza
Anda sem sorte... coitado!
Mas tambem não abusasse
Nem viesse peneirar-se,
P'ra terra *bater o fado*;
E a *matrona* levasse
Ao centro do *mar coalhado*!

Em vista d'isto, a conta
Que lhe caiu no toutiço
Foi por ser *malandrana*
E espetar a *Joanna*
Como honrado derriço,
Sem se lembrar *safardana*
De a metter n'um *Caniço*!

Tendo isso na familia
Não seria mais prudente?...
Ou levar a *sobredita*
P'ra casa *da tia Pita*
Que mora lá n'*Aguardente*?...
Pois agora apanha a *lista*
De pulha e gran indecente!

Ati vou dar um conselho
Besuntado n'aguella
[illegible]

Sousa Velloso e Joaquim Alves Correia d'Araujo. Junto ao ataude, os Ex.mos Srs. Aurelio da Fonseca Araujo Monteiro e Antonio Maria Teixeira e Mello conduziam coroas de flores rosa-chá e lilazes com as dedicatorias:

Adeus eterno — de sua esposa.
Amor e saudade — De seus filhos.

Fechou o caixão o Ex.mo Sr. Antonio José Carneiro e Silva.

A' familia enluctada, endereçamos-lhe os nossos sentidos pezames.

— O ultimo numero do "Leme„ foi aqui bem recebido, assim como todos, pelo piparote dado ao figurão da matrona portuense.

— A Tuna d'esta freguezia propõe-se festejar a data da gloriosa restauração de Portugal [1640] com um sarau dramatico-musical, para o que já está a principiar os respectivos ensaios, promettendo ser uma festa imponente, attentos os esforços d'alguns rapazes, tornando se alvo da sympathia popular: *alguns pobres d'esta freguezia serão contemplados com uma esmola, extrahida do producto dos bilhetes entrados para o sarau.* O programma já se acha confeccionado, devendo gastar-se seis horas approximadamente no seu desempenho.

Consta-nos que durante o periodo invernoso os amadores do costume levam á scena algumas comedias, servindo a Tuna de orchestra. Bom é, pois, que tenhamos assim um passa-tempo para então.

— Em casa de seu pae, Villa Carneiro e Silva, o nosso bom amigo o Ex.mo Sr. Antonio José Carneiro e Silva, encontra-se no goso de ferias seu filho o Ex.mo Doutor Jacintho Carneiro, distincto Engenheiro Militar.

— Esta noite choveu torrencialmente, ouvindo-se ao longe o ribombar do trovão. Felizmente desappareceu sem nos visitar, o que muito estimamos.

— Quinta-feira proxima passada, tivemos a amavel visita do nosso amigo Bernardino Santos, dignissimo professor official em Lousado.

A. Coelho

A GRANEL

O nosso jornal

Não acceitamos assignantes, a não ser que esses assignantes sejam considerados como do principio da publicação do «Leme», tendo portanto de receberem todos os numeros já publicados.

Original

Por absoluta falta de espaço, não podemos no presente numero dar publicidade ao original que nos foi envindo, o que faremos no seguinte.

Visconde de Pindella

Dizem-nos que já retirou de Pen Sollar de Pindella, este nosso velho amigo.

Desejamos-lhe a mais feliz das viagens.

A esta redacção

Fomos ha dias visitados pelo velho amigo P.e Antonio Luiz do Rego, companheiro de tempos felizes da nossa mocidade.

Vinhos e azeites

A «Bibliotheca Popular de Legislação» estabelecida em Lisboa, rua da Atalaia, 183, 1.º, reuniu e editou n'um só folheto os decretos de 1 de setembro de 1894, 16 de maio e 23 de agosto de 1895, sobre a fiscalisação de vinhos e azeites. E' tudo quanto ha decretado sobre este assumpto, sendo portanto esta edição sobremaneira necessaria a todos os viticultores, vendedores de vinhos e de azeites, commissões respectivas, etc., etc.

O custo do folheto, que está ao alcance de todos — é apenas 100 reis, franco de porte. Esta edição é a unica que tem *repertorio*. Pedidos á empreza da referida «Bibliotheca.»

Landim, 7 d'outubro de 1895.

(CORRESPONDENCIA PARTICULAR)

Estão quasi concluidas as vindimas, sendo abundante a producção, pois que os proprietarios teem alguma difficuldade em obter o vasilhame preciso; já se tem vendido algum vinho regulando o seu preço—pipa—16$000 a 16$000 rs.

—Após dolorosa enfermidade falleceu sabbado pelas quatro horas da tarde, o nosso antigo professor, Francisco José de Sampaio e Brito, sendo impotente o recurso da medicina, bem como os disvelos e cuidados da familia. Os responsos de gloria teem logar agora com assistencia de vinte padres. A's ultimas de caixão pegaram os Srs.: José d'Abreu Monteiro, Manoel d'Abreu Monteiro, Antonio Joaquim de assombroso de que os vindouros fallarão com respeitosa admiração como d'uma das maiores glorias.»

Fallecimento

Falleceu na proxima freguezia de Landim, o snr. Francisco José de Sampaio e Brito, que alli fôra bastantes annos professor de ensino livre.

Tinha chegado ha pouco do Brazil, onde a estrella do seu destino não quiz dar-lhe o final á vida, enviando-o já com a morte no coração para o seio da sua extremosa familia, e da terra que o viu nascer!

Que descance em paz!

A' familia enlutada, enviamos os nossos sentidos pezames.

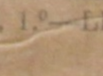
ANNUNCIOS

Annuncio

Vende-se por quantia muito convidativa um lustre de chrystal, proprio para sala, capella ou egreja.

N'esta redacção se diz onde póde ser visto e o seu preço.

Annuncio



Desappareceu de Landim um cão perdigueiro que dá pelo nome de *Nilo*. A quem der noticias d'elle dar-se-hão alviçaras.

N'esta redacção se diz a quem pertence o cão.

LIVROS UTEIS

Codigo Administrativo [1895], 240 reis; Contencioso Aduaneiro [dec. de 27 de setembro de 1894], 200 reis; Codigo dos Proprietarios, 200; Codigo do Processo Commercial, 200; Elucidario dos Juizes de Paz, 200; Elucidario dos Parochos [compilação de leis referentes ao clero parochiante, de 1 de janeiro de 1860 a 31 de junho de 1894 e na integra, os decretos sobre aposentação, etc.] 400; Guia dos Regedores e Juntas de Parochia 240; Lei do Sello, 100; Legislação Varia [referente ao exercicio do poder judicial], publicada desde 1890-1895 [julho], synthese da legislação da mesma indole desde 1835 a 1889 800; Procurador do Contribuinte [adquirindo-o, remessa de modelos de requerimentos], 200; Reforma Eleitoral, 100; Reforma da Instrucção Primaria e Secundaria, 100; Regulamentos: da Contribuição Industrial, 200; da Contribuição de Registo, 200; da Execuções Fiscaes Administrativas, 200; dos Vinhos e Azeites [com reportorio], 100; Tabella dos Emolumentos e Salarios Judiciaes, 200.

Pedidos, acompanhados da respectiva importancia, á Empreza Editora, *Bibliotheca Popular de Legislação*, rua da Atalaya, 183, 1.º—Lisboa.

La ultima moda

Semanario de modas para senhoras

Edição em hespanhol

Publica-se todos os domingos e contem numerosos modelos da ultima novidade em trajos, chapeus, adornos, penteados, etc.; revistas de modas e salões. E' o unico do da sua classe que se publica em Hespanha e mais barato.

Assignatura em Portugal—Anno 3$200 reis; Semestre 1$700; tres mezes 885; Numero avulso 40 reis.

Todos os pedidos de assignatura devem ser feitos ao sr. Manoel Francisco Midões Rua da Picaria n.º 32, Lisboa.

Na redacção do «Povo Hespoendense» mostram-se os numeros da «Ultima Moda» a quem desejo assignar, encarregando-se tambem de a mandar vir.

Legislação Judicial

Publicada nos ultimos annos (1890-1895) inclusive; acha-se na integra n'este volume e emsynthese, a publicada desde 1835 a 1889.

Este livro, que tem por titulo **Legislação Varia** [referente ao poder judicial], póde, sem exagero, classificar-se um precioso auxiliar tanto dos magistrados judiciaes como dos respectivos escrivães e dos snrs. advogados, e outras quaesquer pessoas das que lidam no fôro, a quem pelo menos evita trabalho de indagação.

Ao texto da edição, juntaram os editores um elucidativo ADDITAMENTO, que lhe augmenta o interesse. As pessoas que já tiverem a edição e o desejem adquirir, queiram-o pedir tal-é á empreza editora que lh'o remette gratuitamente.

Pedidos á *Bibliotheca Popular de Legislação*, rua da Atalaya, 183, 1.º—LISBOA.

O seu discurso é suave, segundo é corrente.

×

Não dão menos gloria á sua patria, Polybio, que compoz quarenta livros, e Diodoro Siculo que compoz a bibliotheca historica.

×

Dionisio de Halicarnasso, vinte livros das antiguidades romanas, Plutarco, Aniano, Apiano e outros insignes varões.

(Continua)

PIPAROTES

Carta ao grande vinicultor Ex.º Antonio Christino

Senhor piloto do "Leme„
Queira já publicar
No seu barco que não teme
As ondas de forte mar,
O grito d'alma que geme
Debaixo d'um mau estar.

Queira pois já sem demora
Dar luz á minha cartinha
Que com isso me melhora
O raio da saudinha
Que matei por toda a hora
Me atirar á pinguinha.

Resolvi ir de chofrada
A casa do meu barbeiro
Homem muito entendido
Em materia de mesinhas
Não sei se mesmo p'ra vinhas
Se p'ra qualquer cangalheiro.

E sabe o que m'elle disse
Mal me pôs ouvido ao peito?
E' que eu s'tava sujeito
A' doença que discute
A medicina d'agora
Provéniente de teimas
Tudo, tudo d'almorreimas!...
Chamou-lhe *Blak rot*!...

Não pude com meu espanto
E perguntei de repente
Se era coisa decente
Que tinha na natureza
Responde-me então o gajo
"E' de quem bebe do fino
E vá depressa ao Christino,
Que lhe dê a *bordeleza*„

Fiquei mesmo atrapalhado
D'ouvir esta babuseira
Mas senhor era tal reira
Por dentro em convulsões
Que corro como perdido
A casa quasi desfeito
Admirando o seu geito
A não ser em eleições.

Por isso senhor amigo
E de tanta habilidade
Mande-me por caridade
A sua illustre receita
Que eu estando curado
Prometto por vida minha
Enviar-lhe uma mesinha
Cá segredo d'uma seita.

Portanto dando meu fim
A esta grande estopada
Resta-me dar-lhe a morada
E nome em Braga lendario

Todo Lanoim ja ...
Por essa egregia limpeza!...

L.—9—10—95.

* * *

UM TYPO

Meus senhores peço perdão
Caso os venha encommodar
Um instante de attenção
Prometto não abusar.

Não s'offenda alguem commigo
Pois o fim que tenho em mente
E' de bom leal amigo
Que o sou de toda a gente.

Descrevo o typo janota
Usando *frac* catita,
Calça á faia, fina bota
Linda camisa de chita.

Um bello dandy frisante
Pelo nobre aspecto seu
Altivo; olhar elegante
Um *lorpa d'um camafeu!*

Na nuca fino *bonet*
Branco como a roupagem
Que logo acima do pé
Usa este personagem.

Vamos agora ao melhor!...
Leitores isto que vos digo
Não é d'um nosso doutor
Dos rapazes *sempre amigo!*

Senhor de tanta bondade
Lhe demonstra o todo nobre,
Que lhe não falta amisade
De muito anjo sem... cobre!...

Pantaleão.

go no silencio das minhas meditações: *quem poderia chegar aqui!...*

Acho-me tão pequeno aos olhos do mundo, que sorrindo sorrindo este defecar fluis e moral, que me dará breve o descanço, se os mortos deixam no pó a immortalidade.

Se um dia me accusarem a consciencia de má e perversa, o tempo me defenderá com dôr.

Consolação unica!

Tudo que exalta no homem: coração, dignidade, um nome sagrado pelo infortunio, a essencia mais nobre e mais pura da alma, já eu só se o attribuo; tão estranho vivo a mim proprio que me não conheço!

Na minha face só correm lagrimas sinceras d'uma grande e lancinante dôr.

E' a minha hora torva de martyrio!...

Não ha aqui luz do ceo; é o fulgor satanico do inferno em que me vejo estrangulado pelo soffrimento, astro fatal da minha vida.

DIARIO D'UM INFELIZ

Sexta-feira — 6.

Quem me diz que a reflexão te não aconselha a occultares-me *propositadamente* uma parte da verdade?...

Alli, em face da morte, na presença da dissolução da materia, quem ousará mentir?

Então falla-me a verdade!

E' tambem lá que quero ouvir-te, e ha-de ser junto á morada guardadora do meu corpo, que a minha alma receberá da tua, a confissão verdadeira.

Domingo — 8.

Eu não sei porque; mas soffro! Ainda que quizesse não podia accrescentar a esta dôr mais uma palavra de explicação.

Parece-me que hei de ir bem cedo habitar aquella *peizada* para junto da qual está o descanço de que tanto carece a minha alma.

Olha Leonor, se eu podesse ter sobre o teu coração o valor que teem os que se amão, iria pedir-te para que me acompanhasses ao cemiterio!

Era ali sobre a pedra que hade esconder para sempre o meu soffrimento, que quereria saber do teu coração toda a verdade do que por mim elle sente.

Esta idéia não me abandona, é me preciso retirar este anciado desejo! Ouvir-te!

Eis o que hoje sem cessar me occupa o pensamento.

Terça-feira — 10 — 94.

Para que me deu o Senhor este coração que tenho com a realidade d'uma ventura perfeita, se na terra, não é esse o meu destino? Amo-te! Eis o que me sae da alma continuamente, e nada mais! Sabes por ventura o que

---

Hegesippo, o primeiro que escreveu cinco livros da sua historia depois da morte de Christo.

Era hebreu: abraçou o Christianismo e floresceu no seculo II.

×

Eusebio, viveu no tempo de Constantino o grande. Cahiu nos erros de Arrio. Foi prodigioso o estudo d'este grande homem. Existe copia de livros seus.

×

Socrates, presbytero Pistoninse, chamado o estudante, escreveu volumes de historia.

Placido e ranzinhando de ponto exacto no estylo, e na exposição dos dogmas ecclesiasticos.

×

Os dous Sojomenos, o primeiro de Cizico, o segundo de Pistoia, floresceu no seculo XIV, escreveu uma larga e consideravel historia do estabelecimento da Egreja, e da vida dos Papas.

×

Cassiodoro, no seculo VI secretario de estado de Theodorico rei de Italia, abandonou o mundo e recolheo-se a um mosteiro que elle fizera edificar no Commun de Calabria. Ali escreveu muitos volumes, é indisputavel a sua authoridade.

vae minando a existencia da Patria, riem-se, chamam *disparatados e faltos de miolleira* aos auctores de taes escriptos, alcunhando-os de *ferrenhos jacobinos* e atacados de extrabysmo em tão forte grau, que nunca poderão ver a frente por onde em manhã bonançosa e serena, nos entrará triumphante nas almas, o echo grandioso da salvação!...

(8) FOLHETIM

LOPO DE SOUSA

NUCLEO D'AGONIAS

ROMANCE ORIGINAL

V

Diana a Henriqueta

Discorres tão acertadamente respeito a estes tenebrosos de salão, quão justas me parecem as arguições que me diriges.

E' verdade, Henriqueta. Eu tenho ás vezes illusões que cahem pedaço a pedaço, como as folhas seccas desnudando o tronco em que floriam viçosas.

Tremeste pela minha tranquilidade, e rasão terias para isso, minha amiga: aquieta, porém, o teu espirito, que a sazão vae passada.

Toca-me agora o illucidar-te sobre o occorrido n'estes doze dias.

Logo no seguinte áquelle do baile procurou-me Beatriz com seu pae o conde de Alvarães.

—Authorisado pelo acolhimento que v. ex.ª fez a minha filha—disse elle—e a instancias suas, venho offerecer-lhe os meus respeitos, bem como a seu marido; esperando que v. ex.as me concederão a honra da sua amizade e alguns momentos da sua companhia.

A isto respondi apresentando-lhe meu marido, o qual, como bem sabes, possue uma graça encantadora para recambiar estas amabilidades. Na verdade, ninguem melhor que Alvaro se deixa ver debaixo d'aquelle ar singelo e grave do homem de saber. A sua bella fronte affigura-se-me, por vezes, uma espessa camada de neve encobrindo um vergel esmaltado de boninas. A affeição que sinto por elle é profunda, profunda como são todas que enraizaram na mocidade. Quando o ouço expender uma idéa e sustental-a com a flexidez do homem superior, ou refutar uma theoria lardeada de sophismas arguciosos d'um Voltaire simulado, penso no orgulho que eu teria se elle fosse meu pai. Pai!... sim. Era o nome que o meu coração adoptava, e que me considerava feliz de poder dar-lhe. O destino, porém, tem uma logica de lamina de cortante espada: verga mas não quebra!

Mostrou-se o conde muito agradado de nós, e n'essa mesma noite fomos pagar a sua visita, a que nos obrigou com apertadas instancias.

Vaes saber tudo, Henriqueta. Hoje, depois de ter analysado bem as minhas sensações, devo confessar, para castigo da minha insofrida vaidade de impenetravel, que pensei com alegria que ia tornar a vêr Nuno. Preocupava-me a idéa que elle estaria fazendo de mim, depois do antagonismo de caracter que em tão curto espaço de tempo lhe mostrei. Comprazia-me em imaginar não sei que romanescas peripecias em que elle tomava parte, como um anjo de consolação, nas minhas amarguras... Anjo, vês tu?! Não me tinha dito seu irmão que elle era um desgraçado?

Entrei, pois, em casa do conde com estremecimento interior. Beatriz me disse que, não querendo distrahir-se da satisfação que me dava a sua companhia, preferira passar a noite a sós comigo e com alguns amigos mais intimos de seu pai, a fazer convites que se obrigassem a formalidades.

Agradeci lhe do coração esta prova obsequiosa da sua amizade, asseverando-lhe que era d'essa maneira que eu desejava e queria ser sempre recebida.

Passaram-se alguns quartos d'hora sem que Nuno apparecesse. Admirada, perguntei por elle a Beatriz que me respondeu:

—E' hoje um dos seus dias de trevas. Appareceu-me esta manhã demudado das feições, dizendo-me que não conseguira descançar uma hora, e fechou-se depois no seu quarto resistindo ás minhas supplicas para o arrancar d'alli.—Pobre moço! exclamei eu, sinceramente commovida. Que secretos pezares são esses que lhe amarguram a existencia, quando possue tantos d'esses attributos que concorrem para a felicidade! Não é já um grande bem ter um pai e uma irmã como a minha querida Beatriz? Que faria se elle se achasse só, sem ter de seu lado tão grande amparo? Diga-lhe que se console, que ha ainda creaturas mais queixosas e com mais valor moral para arrostar com os temporaes da vida.

(Continua).

1.º Anno | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 9

O LEME

SEMANARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	2:500 reis
Portugal »	1:200 »
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	20 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO A' REDACÇAO COMO A' ADMINISTRAÇAO DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL
S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sello	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

S. Miguel de Seide, 20 de outubro de 1895

O nosso Municipio

Não somos politicos, não temos paixões partidarias, nem nos queremos aproximar de fórma alguma d'essa *Babylonia* de *caudilhos e seus comparsas*, porque os conhecemos muito bem, e até de mais para que as suas palavrinhas doces como *favos de mel*, possam em nós fazer senão o leve effeito d'uma mosca que nos poisa no nariz e nós sacudimos ...

cadamente para levarem ás urnas a gloria do vencimento.

Não sabemos de que lado está a probabilidade d'essa gloria, mas o que podemos affirmar é que em qualquer d'esses partidos, francamente nós vimos gente muito no caso de representarem com competencia e criterio o seu logar de vereadores ou presidentes!

E' preciso pois que só personagens d'esta esphera sejam eleitos, e não formada a Camara de ineptos e imbecis, que para alli vão servirem apenas de *cordas de sino* dizendo a tudo *que sim*, e com isso tornarem-se *os fortes ajudas* inconscientes, de muita vingança mesquinha, de muita represalia vergonhosa.

A MINHA MÃE

Fugiste mãe! Eu na terra
Fiquei só desamparado,
N'este viver, n'esta guerra
Onde sombra negra aterra
Meu coração torturado!

Eras-me vida e ventura
Estrella de magestade
Eras mãe a luz mais pura
Do sol na minha amargura
No fragor da tempestade!

Eras o talisman sancto
Nas horas do meu soffrer
Eras a graça o encanto
Que veloz levava o pranto
Da minha face a correr.

A ANNA AUGUSTA

Ao voltarem d'abril as rosas lindas,
E as arvores vestirem suas galas,
De mim te lembrarás.
Que tu bem sabes, filha, quanto eu era
Amante dos festins da primavera,
Das rosas e lilás.

Depois irão teus olhos divagando
No doce azul dos ceus, e talvez, triste,
A' terra os voltarás.
E vendo em derredor a soledade,
Bem pode ser que digas com saudade:
Camillo! aonde estás?„

Seide, 11 de dezembro de 1863.

Camillo Castello Branco.

O SESTEAR do meu cançado espirito são as curtas horas de somno, ou antes vigilia, que a Providencia me concede.

Então volto a vêr as adoradas miragens da mocidade, e sinto-me outra vez na atmosphera calida, dolente, e cariciosa que me embalou a infancia tão risonha!

Hei-de dizer-te adeus sem desesperação, hei-de perdoar-te a morte, sem astuciva, e falsa generosidade. Até ao meu ultimo suspiro hei-de amar-te, e ha-de sempre crescer o meu amor.

O meu destino, cumpriu-se!...

Não sei se me amarás ainda, mas creio que se chegares a ter por mim esse sentimento, será já muito tarde para o meu coração.

Agora não me amas, sei-o; ou antes, sinto-o!

Sinto-o n'esta tristeza profunda que me desalenta; sinto-o n'esta saudade d'um bem que me falta, sinto-o n'este perder d'uma esperança que me alentava e que me foge.

Sinto a falta do teu amor, na falta de tudo, que me rouba os encantos á vida, o prazer ao amor, o gosto á ventura, e em tudo, minha querida Leonor, em tudo que me faz soffrer.

A felicidade para mim tornou-se uma chimera!...

Meia hora depois.

Ha destinos que completam no mysterio e na obscuridade, com um *brilhantismo de desgraça* que só Deus conhece, e a que só elle confere a palma do martyrio!

Sou um martyr do amor! Não sei a rasão porque fui fadado a amar assim, se o meu amor não tinha de dar-me a felicidade! Leonor, eu amo-te e tu não me amas, nem podes ainda que o queiras, como desejo de compaixão por mim.

Meu Deus!—que infeliz sou!...

(Continua)

Eu sentia no meu peito
O mais puro e sancto amor
Nem um temporal desfeito
Sentiria mais valor
Cheio d'orgulho estava
A toda voz escutava
E tudo... tudo esquecia!
Nem a mãe ao pensamento
Me vinha n'esse momento
De tão cega phantasia.

N'um instante findou o canto
E nunca mais o ouvi!
De minhas faces o pranto
Tão fortemente senti.
E a estrella bemdita
Para mim ficou maldita,
Pois que não mais alegria
Brilhou em mim desde então,
Nem a saudade um só dia
Me foge do coração.

. . . . . .

. . . . . .

E a minha alegre lyra
Fugiu-me não mais voltou
Nem o coração m'inspira
Tudo já p'ra mim findou
Nem já crenças nas estrellas
Que ao luar de noites bellas
Me venham dizer: "es meu„
Distante d'ellas sorrindo
Vou andando, e vou fugindo,
Te vel-as voar ao Ceo!

Elucidações proveitosas

OS GRANDES HOMENS DO PASSADO

AURORA E EURICO

(Offerecido á Ex.ma Sr.a D. I. E. G. M.—Braga)

Aurora era uma linda rapariga, filha de paes illustres, mas pouco abastados.

Tinha apenas quinze annos. Era bella como não pode descrever-se. Seus cabellos eram negros como o infortunio; seus olhos, da mesma côr, desprendiam chammas brilhantes que exerciam grande poder magnetico sobre todos aquelles a quem ella fitasse; suas faces tinham o mimo das pétalas das flôres, seus labios, a côr dos cravos dos Alpes; seu corpo emfim, parecia mais uma estatua trabalhada pelas mãos do mais afamado esculptor que obra da Natureza.

*
* *

Um dia a mãe, chegando-se a ella, disse-lhe:

—Sabes, minha filha, que estás pedida em casamento?

Pelos labios de Aurora deslisou um doce sorriso e perguntou com a indifferença de quem ainda não deixara pelo amor os brinquedos da infancia:

—Quem me pediu?

—Um homem que, apezar de não ser moço, tem comtudo uma boa posição e pode fazer-te feliz.

*
* *

A' noite os paes apresentaram-lhe um homem que teria quarenta annos.

Logo que ella o viu annuviou-se-lhe o rosto de tristeza e, depois d'elle se despedir, perguntando-lhe a mãe que impressão lhe tinha feito, respondeu:

—E' muito velho.

—Mas immensamente rico.

—A felicidade não consiste no dinheiro.

—Isso dizem os utopistas, os que vivem de illusões.

*
* *

Passaram-se mezes. Aurora estava no caminho de ser mãe.

Seu marido participou que em breve regressaria. Que fazer em tão apertadas circumstancias?

De combinação com Eurico fugiu, indo viver com elle n'uma casa recondita no meio d'um bosque dos montes de***.

Ahi viveram socegados por espaço d'um mez.

*
* *

Uma manhã porém acordaram sobresaltados. Batiam á porta, gritando fortemente:

—Abram em nome da lei.

E sem dar tempo a que o amante d'Aurora se vestisse appareceu á porta do quarto o marido d'ella acompanhado por uma força de soldados, o qual apontando-os, exclamou:

—Eil-a; alli está a adultera com o seu amante. Prendei-os.

Depois dirigiu-se para a esposa com um gesto ameaçador.

Eurico ao vel-o n'aquella attitude agarrou n'um punhal, que estava sobre uma meza e cravou-lh'o no peito.

O marido de Aurora cahiu morto.

Em seguida collocou-se em frente da amante para a defender dos soldados, mas á sua vez cahiu atravessado de golpes.

Aurora ao vel-o cahir sentiu faltar-lhe a respiração. Subiu-lhe ao rosto uma côr pallida, muito pallida e as pernas fraquearam-lhe, obrigando-a a rollar ao chão. Fez um supremo esforço e uniu os seus labios de purpura aos de Eurico, recebendo-lhe n'um beijo o ultimo alento. Depois perdeu os sentidos e quando a levantaram tambem já tinha exhalado o ultimo suspiro.

Eram tres cadaveres que a ambição dos pães d'Aurora fez lançar á valla do sepulchro.

Braga, 13—10—95.

Quem frita o peixe judeu
Sou eu
Quem a sopinha faz só
Avó
Quem nos ensopa o feijão
Meu irmão
E quem esfolla a enguia
E' a thia.

A verdade é que direi
Todos tres tem sua têlha
Mesmo ao diabo da velha
Já uma vez encontrei
Debaixo do trovesseiro
Um bonito agulheiro...
A verdade é que direi

Quem d'espanto mais tremeu
Fui eu
Quem gosava o marajó
Avó
Quem sentira affliçao
Meu irmão
E quem á força o queria
E' a thia.

Mesmo o meu querido mano
Tambem tem sua mania
E de tal sorte a encobria
Que passado mais d'um anno
E' que eu desconfiando
O vi no quarto chorando
Mesmo o meu querido mano

Quem com isso mais soffreu
Fui eu
Quem d'elle sentiu dó
Avó
Quem chorava de poltrão
Meu irmão
E quem mais alto gemia
E' a thia.

A thia, essa tambem

Quem no bom berço nasceu
Fui eu
Quem me cantava o laró
Avó
Quem me embalava ao serão
Meu irmão
E quem mais me sacudia
E' a thia

Tenho bocca regallada
E cómo qualquer comida
No trabalho levo a vida
Não m'importando mais nada
Sou ligeiro das canellas
E não cheiro as panellas
Tenho bocca regallada

Quem sempre pratos lambeu
Fui eu
Quem me chama o seu *Totó*
Avó
Quem me diz que sou lambão
Meu irmão
E quem me chama fatia
E' a thia

Pois agora só me falta
Dizer alto o meu recado
Pensando em ser casado
Visto ser fino peralta
Não quero ter mais demora
Em ver se arranjo senhora
Pois é agora o que me falta

Quem o amor conheceu
Fui eu
Quem lhe chama *Pão de ló*
Avó
Quem diz ser um bom melão
Meu irmão
Quem por elle se lambia
E' a thia

Lá vae o fim á meada
Perguntando á plateia
Ha lhi alguma Sereia
Que queira ser desposada?
Pensem bem... vá!... eu espero
Nada dizem... já não gosto!
Lá vai o fim á meada

de S. Martinho do Valle, está regularmente harmonisada, sobresahindo-se na terceira parte pelo tom em que está escripta, crescendos e diminuendos.

A terceira, em andamento largo e brandamente na introducção, permitte ouvir-se distinctamente os diversos instrumentos, havendo um modelo de harmonia na primeira parte da polka.

—Conhecemos hoje pela primeira vez a nossa collega, professora de ensino livre na freguezia de S. Fins, d'este concelho, menina sympathica e de optima apresentação, pelo que lhe prestamos o nosso respeito.

—Na freguezia da Carreira, festejou-se hoje o martyr S. Sebastião, principiando por missa cantada e sermão ao Evangelho, ás 3 horas da tarde sahiu uma procissão que veio á capella de Santo Amaro, em Paredes, devendo ser de mais apparato e magestosa, se o marchar accelerado fosse substituido pelo passo grave, o proprio das procissões. Terminou esta festividade por um sermão e pela retirada da musica de Ruivães para a casa do Corgo, onde executou peças guerreiras e heroicas até perto das 10 horas da noite.

—Em sua casa, Villa Carneiro e Silva, o Ex.mo Sr. Antonio José Carneiro e Silva, reuniu hoje os seus maiores amigos, d'aqui e do Porto, offerecendo-lhes um jantar que, pelo modo distincto e cavalheiresco como Sua Ex.a costuma receber os seus hospedes, devia ser lauto, trocando-se *au dessert* calorosos e affectuosos brindes, reinando constantemente grande animação.

—O distincto academico, Joaquim Dias de Sá, é o indigitado para discursar no sarau a realisar-se no dia 1 do proximo dezembro, devendo ser escutado com um silencio sepulchral, attenta a sua aptidão.

—Consta-me a realisação em breve, d'um *picnic* (margem esquerda do rio Este), no frondoso arvoredo da Bouça do nosso amigo, Manoel Monteiro.

—O creado do Ex.mo Sr. José Pereira Borges da Silva, andando a vindimar e partindo-se o ramo, ao qual estava encostada a respectiva escada, cahiu ao caminho, ficando bastante contuso na cabeça. Porem tractado pelo seu amo com o cuidado que o caso requeria, [illegible]

Reunião do partido Catholico

Consta-nos que se effectuou na passada quarta-feira uma reunião d'este partido na casa do Vinhal.

Naturalmente alli se trataram de combinações, onde decerto não foi alheia a proxima eleição da Camara.

Até certo ponto alegrou-nos esta noticia, pois que sendo a reunião em casa do Ex.mo Sr. José de Menezes, e estando este cavalheiro á frente do partido catholico, tudo nos leva a crêr que iremos ter nas proximas eleições municipaes, boa gente, que é justamente o que desejamos.

Da terra ao sol

Afinal descobriu-se a verdadeira distancia que ha da terra ao sol.

Em 1893 o observatorio de Washington solicitou o concurso dos astronomos do Cabo e em Gotha, com o fim de determinar a distancia da terra ao sol, empregando o methodo das opposições de Marte indicadas por Le Verrier.

A realisação d'esta campanha astronomica, deu logar a largos e minuciosos calculos, que acabam de terminar e foram publicados pelo doutor Paul Harger.

O resultado obtido, depois de haver sido minuciosamente comprovado é de 147 milhões de kilometros, ou seja um milhão menos do que suppunha Le Verrier.

Quem se quizer dispôr a fazer a viagem, já sabe o caminho que tem que andar e por conseguinte pode calcular os dias que gastará na visita ao senhor D. Sol.

Eclipse do sol em 1900

Meu irmão
De todos quem mais soffria
E' a thia.

FIM

ARREPENDIMENTO

Ao longe, maldita lembrança d'outr'ora,
Meu peito já agora não pode alojar-te!
Não voltes, não voltes, minh'alma não pode
Ser alma de bode que torne a adorar-te!...

Amei-te, é verdade, foi mera loucura,
Mas ainda tem cura meus males talvez!
Meus olhos se abriram, após um lampejo,
Agora é que eu vejo quem foste, quem és!...

Ingrata, cruel, e falsa, hypocrita,
A' vida de freira te mette o abbade!
E o amor, o amor c'os pesinhos sacodes,
A ver se me podes tambem fazer frade!...

Ao longe, não voltes, lembrança cruel,
Não vertas mais fel, meu peito se irrita!
Não quero a ingrata, não quero ser monje,
P'ra sempre e ao longe, lembrança maldita!...

Landim, 9—10—95.

D. S.

CORRESPONDENCIAS

Landim, 15 d'outubro de 1895

(Do nosso correspondente)

A Tuna d'esta freguezia ensaiou hoje:—Saudades d'um companheiro—Valsa—Recordações de Ermezinde—Valsa—Travessia—Polka—dedicada aos insignes exploradores Capello e Ivens—composições que deverão fazer parte do programma a desempenhar-se no sarau do dia 1.º de dezembro proximo.

A primeira, essencialmente sentimental, commove-nos a alma, de modo a traduzirmos perfeitamente qual a impressão apaixonada do auctor, sob que foi escripta.

A segunda, producção do mestre da musica nicola—e charutos no estabelecimento do Snr. Clemente Pereira Rezende.

—Em casa da nossa bondosa madrinha a Ex.ma Sr.ª D. Emilia d'Oliveira Marques, assistimos hoje a uma reunião de familias. A Ex.ma D. Emilia Silva, cantou o *Hymno das Orphãs* e o *Burro do Sr. Alcaide;* e a Ex.ma Sr.ª D. Anna Silvarinho Santos *Os Sinos de Corneville* e *Os doze annos*, sendo acompanhadas ao piano, a primeira pela Ex.ma D. Emilia Borges e a segunda pelo auctor d'esta correspondencia. Tempo tão bem passado, na presença de tão illustres, quão sympathicas pessoas, são momentos que passam, deixando-nos recordação de eterna saudade.

A. Coelho.

A GRANEL

Doente

Fomos ha dias surprehendidos com a triste noticia de que a esposa do nosso velho amigo, Luiz Ferreira Barroso, estava gravemente doente.

Fazemos sinceros votos, para que o restabelecimento se não faça demorar, e que sua senhora volte em breve ao seu estado de saude.

E' o que ardentemente lhe desejamos.

Elucidario dos Parochos

Compilação de disposições legaes, umas extractadas, outras na integra, officios e decisões de tribunaes, referentes á nobre missão do parocho, abrangendo o periodo decorrido de 1 de janeiro de 1600 a 31 de julho de 1894, e incluindo todas as disposições sobre aposentação dos parochos, direitos que as leis lhes reconhecem e deveres que lhes impõem. Obra util e necessaria não só ao clero parochiante, como a toda a classe sacerdotal.

Pedidos á empreza da «Bibliotheca Popular de Legislação», rua da Atalaya, 183, 1.º—Lisboa.—Preço 400 reis.

peninsula, passando pela Guarda na linha central, e por Alicante na parte oriental. N'esta facha o desapparecimento total do sol será d'um minuto e 35 segundos, a oeste da peninsula, e d'um minuto e quinze segundos a leste.

Fóra da facha, a duração será menor, podendo até o eclipse passar de total a parcial conforme a distancia da linha central.

A duração de todo o eclipse deve ser de cerca de duas horas e meia, isto é, desde que o sol principia a encobrir-se, até que fica de novo inteiramente descoberto.

O eclipse terá logar a 28 de maio, começando cerca das 5 horas da tarde.

Ahi está um bom thema para os exploradores da idéa do fim do mundo. Fim do seculo, eclipse total.

Guia dos Regedores e das Juntas de Parochia

E' importante a missão quer da individualidade "Regedor", quer da collectividade "Junta", mas nem todos os cidadãos a quem são commettidas taes funcções conhecem a maneira pratica de as desempenhar. Eis ao que visa esta obra.

Encontram-se n'ella todas as disposições legaes que lhes são referentes, todas as decisões dos tribunaes, decretos, portarias, officios, e finalmente um copioso "formulario", tanto para uso dos regedores, como das juntas de parochia, incluindo modelos d'actas, officios, instrucções sobre escripturação, orçamentos e contabilidade das corporações parochiaes, etc.

E' emfim uma obra de verdadeiro interesse, editada pela "Bibliotheca Popular de Legislação", e custa apenas 240 reis. Pedidos ao editor A. J. Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º—Lisboa.

A pessoa encarregada em Famalicão, para quaesquer informações para o «Lidador», é o snr. Victor Bouça Guimarães - Praça da Motta, n.º 1.

EDITOR RESPONSAVEL—*JOSÉ CORREIA*

TYPOGRAPHIA MINERVA FAMALICENSE

* *

Um dia, estando á janella viu passar pela rua, montado n'um cavallo, um esbelto mancebo que a fitou atrevidamente.

Retirou-se precipitadamente da janella, procurando expellir da imaginação a elegante figura do cavalleiro que tanto a impressionara, mas... baldado empenho. Ah! é que o amor começava a apoderar-se-lhe do coração até alli insensivel.

Ao outro dia, ás mesmas horas, lá estava á janella á espora do cavalleiro, que não tardou em passar, e assim todos os dias seguintes:

*
* *

O marido, de nada suspeitando, tendo de fazer uma longa viagem para tratar de negocios importantes partiu uma manhã cedo.

A' tarde ella foi, como costumava, postar-se á janella; mas, já era noite e elle ainda não tinha passado.

Com o coração torturado deixou-se cahir sobre uma cadeira e os seus formosos olhos fixaram-se no chão n'uma immensa e indefinivel tristeza.

De repente ouve um ruido... Levanta a cabeça e vê ajoelhado a seus pés aquelle que era o alvo de todos os seus pensares. Quiz exprobar-lhe a ousadia mas faltaram-lhe as forças.

Elle então, apoderando-se-lhe das suas pequeninas mãos de neve imprimia-lhes beijos ardentes e apaixonados, dizendo-lhe ao mesmo tempo em tom vehemente:

—Antes que tu Aurora, pronunciasses aos pés do sacerdote o juramento que não sentias, já o meu coração tinha sido atravessado pelas settas do amor. Quiz depois esquecer-te mas não poude e agora esquecendo-me de tudo, aqui me tens esperando a minha sentença.

E sem dar tempo a que ella lhe respondesse levantou-se, cingiu-lhe a esbelta cintura, apertando-a fortemente contra o peito e collando-lhe os labios ás suas formosas tranças.

Ella, como a fragil sensitiva, completamente perdida de amor inclinou a sua cabecita gentil e os seus labios foram collar-se aos de Eurico que assim se chamava o cavalleiro.

D'ahi por diante todas as noites se viam.

QUEM EU SOU

(MONOLOGO)

(Parodia á minha familia)

A toda a parte onde vou
P'ra me tornar conhecido
E pelas damas querido
Pois por ellas tolo sou
Digo o nome sem quisilia
De toda a minha familia.
A toda a parte onde vou

Calisto da Cunha Abreu
Sou eu
Margarida Bercuó
Avó
José da Graça Tristão
Meu irmão
E Rosa d'Alexandria
E' a thia.

Devo estar appresentado
Nada mais preciso então
E visto meu coração
Nunca me ter enganado
Direi com toda a firmeza
Pois d'isso tenho a certeza
Devo estar appresentado.

Quem melhor e mais cresceu
Fui eu
Quem usa velho chinó
Avó
Quem tem bonito carão
Meu irmão
E quem gosta de folia
E' a thia.

E' pois de quatro pessoas
Que se compõe o meu lar
E podem acreditar
Que são todos almas boas
Cada um logo que é dia
Vai cosinhar. Que alegria
E' pois de quatro pessoas.

Quem mais patranhas comeu
Fui eu
Quem lhe deu com um sipó
Avó
Quem gostava da funcção
Meu irmão
E quem a dóse comia
E' a thia

Todos nós muito gostamos
Do tempo das ileições
Pois temos opiniões
Que deveras adoramos
Cada um tem seu partido
E d'um governo querido
Todos nós muito gostamos

Quem um voto já lhe deu
Fui eu
Quem lhe chama Noitibó
Avó
Quem lhe diz quer ser Barão
Meu irmão
E quem mais o aprecia
E' a thia

Cada um tem seu jornal
Em redacções assignado
Cada qual para o seu lado
Lê o *artigo* bem ou mal
Pois eu que sou progressista
Tambem tenho a minha lista
Cada um tem seu jornal

Quem mais o "Janeiro„ leu
Fui eu
Quem a "Tarde„ enche de pó
Avó
Quem sempre lê o "Pimpão
Meu irmão
Quem gosta da "Monarchia
E' a thia

Direi que meu nascimento
Foi em berço de morgado
Por todos sempre estimado
Por conhecido talento
De dinheiro, nem peseta
Mas não importa ter chêta
Se foi bom meu nascimento

11—2 horas da tarde

Não me reservei com o direito de me queixar, e tambem me não queixo a ninguem.

Derramo aqui todo o fel que me trasborda do coração porque morreria se o não fizesse.

Leonor, eu sinto que se me faltar o teu amor, heide morrer muito breve.

Oxalá que seja hoje o meu ultimo dia!...

Tenho bastante força para dizer adeus ao mundo, e a tudo que n'elle deixo.

Esta força não é a ferocidade do suicida, que não tendo valor para soffrer, procura na morte o descanço que a vida lhe recusa: esta força não é a imbecilidade, que o idiotismo empresta ao meu espirito confuso e incerto a respeito do que espero ao findar da vida; esta força não é o sophistico naturalismo dos deistas, não é a absurda descrença do atheu; o sceptico encarar da morte d'aquelles que dizem: «tudo acaba ali!»

Não é nada d'isto Leonor, não é nada d'isto.

A força que me sustenta e a convicção de que eu devo morrer, quando o meu amor se tornar impossivel na tua vida é a convicção de que não podendo dar-te a ventura, nada tenho a fazer *aqui*, e então devo ir esperar-te *lá*!...

Leonor, eu irei!

A minha alma hade separar-se do meu corpo sem violencia, eu hei-de adormecer tranquillamente no somno do sepulchro, hei-de acolher a tua imagem que se aproxima para a estreitar ao meu coração em eterno abraço, com o sorriso da esperança e do conforto.

RECORDAÇÕES

Já cantei. A minha lyra
Fugiu-me não mais volton;
Nem o coração m'inspira
Tudo já p'ra mim findou!
Tive crenças n'uma estrella
Que ao luar de noite bella
Me disse: "serás só meu!„
Acompanhei-a sorrindo
Até que ella fugindo
Voou, voou para o ceo.

Desde então no firmamento
Todas as noites eu via
Brilhar a todo o momento
A estrella que me fugia.
De seguil-a já cançado
Adormeci descuidado
Em verde relva do chão
Accordei na madrugada
Olhei ao ceo; mas já nada
Eu vira da estrella então.

Mas qual não foi meu espanto
Não sabia onde me achava
Conheci que por encanto
N'essa relva m'incontrava!
Far-eu-me ser ledo sonho
Para mim feliz risonho
Que só vivia d'amor!...
N'essa louca phantasia
Uma meiga voz ouvia,
Um canto d'um trovador...

Nunca tive outra alegria
Como foi essa d'então
Tudo para mim sorria
Com risos do coração
E a voz meiga e serena
Maviosa e tão amena
Como mesmo o rouxinol,
Era mais bella e formosa
Mais linda que a linda rosa
Quando vem beijal-a o sol.

E' despido de affectados enfeites, sincero, puro e elevado.

Salustio, é um dos maiores flagelos da maldade, sendo receptaculo de vicios.

E' incomparavelmente estimado pelo seu estylo sublime alto e magestoso.

Tito Livio, grande e abundante escriptor. Todas as nações respeitam o tom de magestade das suas profundas sentenças, e o seu estylo arrebata.

Paterculo, foi de sangue illustre, e no engenho.

O estylo é digno do seu seculo em que se articulava o mais puro latim.

Valerio Maximo, viveu em tempo de Tiberio.

Quinto Curcio, cavalleiro romano, escreveu a vida de Alexandre. Tem a primeira recommendação, como brilhante e florido, sublime e magestoso nas expressões, ainda que excessivo nas sentenças.

Flora, estylo de poeta.

Suetonio viveu no tempo de Vespasiano. Compoz a vida dos primeiros doze imperadores. E' veracissimo e prompto nas propriedades da sua lingua.

(Continua)

A politica do concelho

O REGENERADOR

que entendemos relativamente á politica do nosso concelho.

E' o que hoje vamos fazer com toda a imparcialidade e justiça.

* * *

São no proximo dezembro as eleições camararias, em que serão eleitos os representantes do nosso Municipio.

Já nos consta, e se falla, *bem a claro*, em renhida lucta entre regeneradores, progressistas, catholicos e republicanos.

Todos estes partidos trabalham affin-

publico, e não odiosa e desrespeitada!

Ha n'este concelho muito boa gente; repetimos; para preencher honradamente o seu logar.

Não se esqueçam d'elles os eleitores na hora propria, porque com isso concorrerão para o engrandecimento do concelho, e para o bem estar de todos nós.

No caso porém de se deixarem cegar pelas *traiçoeiras mansinhas da politica*, tudo ficará em pessimo estado, e nós continuaremos a olhar esta aggremiação que tem por dever a seriedade e o respeito, com a tristeza e conhecimento de que nunca chegaremos a vêr a realisação do nosso desejo.

O PARTIDO REPUBLICANO

Achegavas-me a teu seio
Com sublime paixão
E n'esse feliz enleio
Findavas meu olhar cheio
De pranto do coração.

Mas a morte traiçoeira
Um dia chegou emfim!
A sua vista primeira
Te lançou mãe; e ligeira
Te levou! Deixou-me a mim!

Quiz seguir-te! Mão pesada
Sobre mim cahiu então
E uma voz maguada
Infantil amargurada:
"Papá...papá!...„Maldição!...

(9) FOLHETIM

ANNA AUGUSTA PLACIDO

NUCLEO D'AGONIAS

ROMANCE ORIGINAL

V

Diana a Henriqueta

— Quantas vezes lh'o não tenho eu dito, minha amiga?!—Tornou Beatriz—Mas não ha forças que o demovam d'aquelle constante desalento. Foi quasi obrigado por mim que consentiu hontem em entrar alguns momentos no baile, e accusou-me já hoje de lhe ter procurado uma nova dôr. Por mais que me esforce por arrancal-o áquella situação responde-me que é inutil, que não sei, e Deus me livre de comprehendel-o.

Serviu-se o chá.

Meu marido e o conde abancaram n'uma partida de wist; os outros acercaram-se da meza, e Beatriz sentou-se ao pianno. Tocou como professora que é e pediu-me que me deixasse ouvir. Não fiz objecção, e cantei a aria final de *Maria de Rohan*. Pouco a pouco a imagem de Nuno tinha-se esvaecido no meu espirito, e quando soltei aquelle primeiro brado "infausto hymeneo„ havia só a dôr verdadeira da minha situação a alancear-me o peito.

Da outra extremidade da sala acordou-me uma explosão de bravos, quando vibrava ainda no ar a ultima nota: conheci que os jogadores tinham parado para me ouvirem e voltei-me sorrindo, para agradecer esta ovação immerecida. Em frente, de pé, e encostado ao alizar da porta estava Nuno. Seus labios não se descerravam mas a expressão dos olhos fez-me baixar os meus, correspondendo quasi machinalmente ao cumprimento que me dirigia. Depois sem o vêr, conheci que se encaminhava para mim, e senti-me alvoroçada agradavelmente.

Desejarás por certo conhecer Nuno de Alvarães e tempo é de fazer-te o seu retrato, que nada tem de original.

Não é alto nem baixo, nem magro como os heroes dos romances tragicos, nem gordo como os dos romances alegres. Tem cabellos escuros, bocca graciosa, e nos olhos meiguice natural e melancholia. Não é propriamente um Adonis, nem tão pouco possue a fealdade que é possivel disfarçar-se na palavra sympathia. No que elle é comparativamente inexcedivel, é nas maneiras delicadas que denunciam logo o homem superior que tem convivido com a primeira sociedade.

—Aqui me tem—disse-me elle com tristeza—quiz fugir-lhe, tinha protestado não a tornar a vêr, e não pude cumprir. A sua voz arrancou-me ás minhas boas intenções; tive de ceder ao impulso violento do coração; e aqui estou, supplicando-lhe que me não repulse da sua presença. Não, eu não lhe fallo mais—continuou, vendo que eu ia interrompel-o—não me diga nada se as suas palavras devem ferir-me. Se soubesse que desesperos tenho hoje soffrido, que blasfemias tenho proferido contra Deus, porque m'a mostrou tão tarde! Tarde, sim, não sorria; a minha vontade attrahiria a sua alma como o iman attrahe o aço e a felicidade não seria uma chimera como cheguei a pensar tantas vezes. Creia-me: eu conheço-a ha muito! Ha muito tempo que a procuro sem poder encontral-a; e agora, quando me apparece, quando as nuvens se rarefazem para deixar brilhar o sol com todo o seu esplendor, aquellas palavras motejadoras que me dirigiu, o sorriso ironico que descerrava os seus labios, o ar severo que lhe noto na phisionomia tudo me leva a crêr no seu desdem e na fatal irrisão do meu destino. Porque havia de conhecel-a em realidade, visão adorada dos meus sonhos?!

(*Continua*).

1.º Anno | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 10

O LEME

Semanario Humoristico e Noticioso

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	2:500 reis
Portugal »	1:200 »
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	20 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO A' REDACÇAO COMO A' ADMINISTRAÇAO, DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL
S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sello	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

S. Miguel de Seide, 27 de outubro de 1895

A politica do concelho

O PARTIDO REGENERADOR

Decididamente as *coisas* ainda não lhe estão na melhor ordem para as proximas eleições da Camara Municipal.

Isto nos foi contado por pessoa que anda bem a par de todas as minudencias politicas do concelho; o que nos leva a crêr que temos em prespectiva forte *imbroglio*, do qual com [illegible] logar em questão, está preenchido, e o seu proprietario nada resolvido a pedir a reforma!...

Além d'isto um grupo importante d'este mesmo partido, levanta-se altivo e arrogante dizendo querer que a camara seja reeleita; outros que de fórma alguma assim o querem, juram pelo seu Deus, votar com os republicanos se o caso assim succeder!...

Veremos pois onde toda a meada vae parar.

×

O PARTIDO PROGRESSISTA

Quem é o chefe? Onde está o chefe? Quem são os progressistas? Onde estão [illegible] para o engrandecimento [illegible] porque com isso concorrerão [illegible] chefes [illegible] primeira [illegible]

Uns, dão-lhe bastante vida e valentia para a lucta, e nós com esta franqueza de que sempre faremos uso diremos e muito convencidos de que é simples verdade, de que não tardará o dia de vermos annunciar: *geraes exequias por sua alma!*

Pois é pena!...

×

O PARTIDO REPUBLICANO

Este a nosso vêr, é o que vae ganhando sangue novo, e segundo nos consta de boa fonte trata de se preparar para as eleições camararias com toda a sua força.

Não sabemos se tem bons dados para o alcançamento da victoria, mas o que nos

A RACHEL

Nas aldas encanecidas
Ha trez almas sempre novas
Quando lá vivem trez vidas,
Que tu, santo amor, renovas.

Emquanto a luz da saudade
Nos encaminha ao pé d'ellas,
Não se apaga a mocidade,
Nem as propicias estrellas.

Remoça a triste velhice
No sorrir das creancinhas:
Tudo que é santo sorri-se
N'aquelle amor que me tinhas.

O que hoje sentes, ó mãe,
Tem menos vividos brilhos,
Mas tens n'alma trez affectos,
Tens o teu, tens o dos filhos.

Fevereiro, 1874, 23.

Camillo Castello Branco.

O ORPHÃO

Como é triste viver-se
No mundo sem ter ninguem.
Sem ter as meigas caricias
Nem do amor as delicias
Dos braços de nossa mãe!

dade Leonor! E é bem digna de compaixão uma mulher como tu! Leonor, és mais desgraçada do que eu: soffres mais que eu! Não amas e nem ao menos te crês amada! Se crendo no meu amor, te permittes todo esse escarnecedor jogo de contrariedades; se hoje me chamas e amanhã me despedes; se te apraz fazer-me o brinco de tuas horas desoccupadas e aborrecidas, dos teus momentos de expansão e sentimentalismo, melhor fôra Leonor que d'uma vez para sempre me abandonasses.

13—7 horas e meia da noite.

Ai, Leonor, com que ancia eu te amo! Com que ternura, e com que ardor! Amo-te mais que tudo quanto existe, quanto existiu e quanto pode existir.

Presinto pouca vida para o meu corpo; este amor mata-me, porque me queima e devora a vida.

Tenho pena de ti, quando penso que ficarás só, e que lá ao tarde hasde comprehender a força da verdade do meu amor, e é então que hasde amar-me.

Não deverias nunca ter-me dito: «amo-te». Não, isso nunca.

Se soubesses o que fizeste com isso? Porque, olha, é uma desgraça, mas eu não posso crer no teu amor!

Amares, tu!... A mim!... Porque? Que attractivos, que encantos, que bellezas, que qualidades e que condições, possuo eu, para que me ames?

Ouves? Eu não quero de ti compaixão. O teu amor por esmola... nunca!

Prefiro-lhe o odio, e... ia dizer o desprezo!... Estou louco! Soffro! Lembra-me morrer! Se fosse este o meu ultimo dia!...

proezas de valentia, nos tempos em que o Senhor D. Miguel tinha feito *ablativo de viagem*.

E os ouvintes riam a valer das historias que o bom velho relatava, dizendo que o "Senhor D. Pedro foi um grande rei, valente como as escopetas".

A seguir la entrava em scena minuciosamente narrado, o cerco do Porto, e as suas peripecias.

Emfim, ali passavam algumas horas em alegre piada do Mesquita, e quando retiravam offereciam ao velhote feijões, milho, vinho, que o Mesquita agradecia com os olhos marejados de lagrimas mas nunca acceitando. Por este motivo muitos pensavam que o velho tinha *colleita de peças* arranjadas no Cerco.

A verdade a seu tempo a saberemos. Depois da conversa e dos offerecimentos, lá caminhava em direcção á sua casinha sempre alegre, e sempre risonho o decrepito Mesquita. Assim passava a vida feliz, sem que uma nuvem de tristeza toldasse o seu formoso horisonte e felicidade.

* * *

Deixemos por alguns instantes o velho Mesquita, e vamos leitores conhecer um personagem que n'este veridico conto tem um papel importantissimo, pois é elle o protogonista do sangrento drama de infamia que principiamos a narrar.

Rodrigo Pinto, muito conhecido pelo *Peça má*, representava os seus 32 annos. Era d'um temperamento brusco; fallava pouco, e passava por já ter dado uma facada que tinha produzido a morte a um almocreve na feira dos 16 em Fafe.

O seu caracter era d'uma irritabilidade espantosa. Tinha dias que não apparecia a ninguem, e semanas inteiras em que o trabalho o não encontrava disposto a seguil-o.

Era viuvo, e vivia com uma filha muito creança ainda: teria 8 para 9 annos.

Esta creança algumas vezes passava dias, apenas com um boccadinho de pão, e choros af-

E sem mais leve demora
Eis o asno a urnear
N'um escripto tão *rançoso*
Que só o cafre tinhoso
O poderia cheirar!

Já se vê levou a conta
Que o caso requeria;
Mas pena foi! Innocente
Pagou outro. O indecente
A isto nada dizia!...

Sem vergonha o tal palerma
Metteu-se em casa gosando
Da tosa que outro levando
Vendo o caso mal parado
Sem rasão, foi mal tratado.

Pois conta covarde pulha
Meu saltimbanco de feira
Que te vou levar *com geito*
Até te pôr bem desfeito
O corpo, e a caveira.

CORRESPONDENCIAS

Landim, 21 d'outubro de 1995

(*Do nosso correspondente*)

Por devoção particular houve hontem aqui —Capella do S. Braz—uma pequena festividade, constando de missa cantada e sermão ao Evan-

A GRANEL

AVISO

Vamos proceder á cobrança das assignaturas do *LEME*. Pedimos pois a todos os cavalheiros que nos tem honrado com a sua assignatura a especial fineza de aquiescerem a esta nossa resolução, para assim podermos sanar qualquer difficuldade de administração, e o *LEME* continuar impavido como até aqui, defendendo o seu programma, a sua doutrina.

Viscondessa de Corrêa Botelho

Por alma da bondosissima esposa do nosso chorado Camillo, e mãe amantissima e perpetuamente pranteada, do nosso querido director Visconde de S. Miguel de Seide, realisou-se na passada segunda-feira, e na egreja de Seide, uma missa mandada celebrar pelo dilecto amigo d'esta familia, o Ex.mo Sr. Antonio José de Souza Christino, sympathico cavalheiro que Famalicão toda conhece.

Assistiu bastante gente.

—Com identico fim celebrou-se tambem na visinha freguezia de Landim, outra missa mandada dizer pela Ex.ma Sr.a D. Anna Candida dos Santos Silvarinho, da casa das Pedras, d'aquella freguezia.

O director do *Leme* agradece profundamente reconhecido a esta senhora tamanha gentileza.

Festejos ao 1.º de dezembro em Landim

Segundo o programma que temos á vista, os numeros a executar no Sarau promovido pela Tuna, de Landim, em homenagem aos gloriosos restauradores da nossa independencia, em 1640, são os seguintes:

1.ª PARTE—*Symphonia* pela orchestra—*Viva Amarante*, marcha academica, pela Tuna—Discurso pelo ex.mo snr. J. Dias de Sá—*Uma hora d'espera*, comedia em um acto, original do ex.mo snr. Visconde de Seide, pelos amadores de Landim—*Sobre o Tejo*, valsa pela Tuna.

2.ª PARTE—*Nas Trevas*, poesia recitada por Domingos Silva—*Travessia*, polka pela Tuna—*Uma noute ao relento*, comedia em um acto por amadores—*Saudades d'um companheiro*, valsa, pela Tuna.

3.ª PARTE—Discurso por A. Dias Costa—*Juventude e Flores*, valsa, pela Tuna—*A Patria*, poesia recitada por T. Gonçalves—*Os Dois Estroinas*, comedia em um acto, por amadores—*Viva Amarante*, marcha academica, pela Tuna e orchestra.

Este programma poderá ser alterado por qualquer circumstancia imprevista.

A direcção suprema de todos os trabalhos do sarau, como arranjos de casa, musica, e mais partes foi confiada ao director da Tuna, o nosso amigo snr. Arnaldo Coelho, que foi o que tomou a iniciativa d'estes festejos a realisar.

A parte dramatica do sarau, está a cargo do eximio amador e nosso collega de redacção snr. Theotonio Gonçalves, e a orchestra é dirigida pelo nosso estimavel assignante José Gonçalves, que deveras é conhecido como perito em assumptos musicaes.

Um espectaculo cheio e que deverá ser acolhido com bastante sympathia, attendendo-se ao fim a que se destina—relembrar a data historica da nossa restauração patria.

Vendo que Maria continuava a sua tarefa, Rodrigo rastejiramente se levou da negra salita sem que a creança o chegasse a ver.

Sahiu para o caminho, sentou-se em frente da casa sobre a tosca parede que circulava a cabana, principiando a calcular onde praticaria o seu primeiro crime.

A' sua imaginação correram muitos pensamentos criminosos, e por ultimo parou aquelle que logo no começo da vida lhe hia acarretar a mais escura fatalidade!

Ficou pois resolvido ser essa mesma noite a testemunha da sua esperta criminal.

* * *

A noite como já dissemos ao começar esta narrativa, estava escurissima, e ainda ha pouco tinham soado as Ave-Marias no Campanario.

Recolhia pois o velho Mesquita cantando alegremente, e pensando na feliz noite que iria passar ao abrigo das suas *mantinhas*.

Chegando proximo da casita, levou a mão ao bolso d'onde tirou a velha e ferrugenta chave.

Ao dirigil-a porém á fechadura, sentiu um braço vigoroso como ferro sobre o pescoço, e a seguir uma fria lamina entrar-lhe direita ao coração.

Não pode balbuciar uma unica palavra! O golpe fôra certeiro e dado com paracida mão de mestre. Mesquita cahiu desamparadamente no chão!

Estava morto!

Rodrigo, que não era outro o assassino, abriu immediatamente a porta e arrastou o cadaver do desgraçado velho para dentro. Em seguida da parte interior fechou a cabana, raspou na parede um lume, procurou a candeia, e ella accesa, dirigiu-se á salita onde Mesquita tinha uma velha caixas de pinho e o leito, que lançou a vista adormecer a Maria, e despertar a cantar!

Rodrigo foi direito á caixa que lhe parecia melhor. Devia estar ali o ouro, pensava elle.

Estava reconhecido claramente o criminoso!...

E a pobre Maria soluçando dizia ir accusar ao pae que lhe tinham roubado a faca!...

Pobre creança!... Eras tu a causa involuntaria da tua desgraça e da prisão eterna de teu pobre pae.

* * *

EPILOGO

Passadas apenas horas, Rodrigo estava preso.

Pediu para abraçar a filha não a culpando na sua accusação, mas sim a si proprio, que não soube esconder o rasto do crime.

Passado 6 mezes seguiu o condemnado para a Africa, sem que até hoje se soubesse o seu fim. Maria ainda creio que vive em companhia d'uma caridosa alma que se doeu em extremo pela filha do assassino.

PIPAROTES

Um inedito do popular actor Dias

Publicamos hoje uma *carcalhada* enviada pelo actor Dias ao nosso director, agradecendo-lhe um barril de vinho.

Tem merecimento os seus versos porque talvez muitos e muitos dos seus amigos e admiradores não saibam que o Dias

Ao meu amor

Olha anjo quando tocas
Os teus labios pelos meus,
Penso ser um *Cariocas*
Do largo de S. Matheus.

E quando me vens pegando
Na mansinha tão de leve
Todo eu tremelicando
Pareço feito de neve.

Um *rais'parta* a minha sorte!
Pois não é assim meu amor?
Ponho-me gelo de morte...
E tu com tanto calor!

Sinto vergonha; e franqueza
Se n'outra *alhada* me vejo
Vou com toda a ligeireza
A' caça do Caranguejo!

Pantaleão.

* * *

A manhã do dia 19 de dezembro appareceu carrancuda e chuvosa.

Era domingo. Estava prestes a principiar a missa e o Mesquita ainda ninguem o tinha visto. Foi isto a admiração da rapaziada que estremecia o bom velhote, e logo resolveu encaminhar-se á casita do seu contador d'historias

Seguiram seis d'aquelles que mais costumavam rir com o Mesquita.

Ao chegarem á cabana viram que a porta estava aberta.

Chamaram; ninguem respondeu. Resolveram entrar. Assim fizeram; mas qual não foi o seu assombro ao ver estendido e banhado em sangue na cosinha, o seu velho amigo!

Aproximaram-se, apalparam, e reconheceram que estava frio e morto, o bom Mesquita.

Não se imagina a dor dos pobres rapazes. As lagrimas correram-lhe das palpebras e prantearam largo tempo aquelle cadaver.

A noticia correu velozmente por toda a freguezia.

Passados poucos instantes bastante gente se encaminhava para a choupana do velho.

A propria Maria, a filha de Rodrigo, vendo tantas pessoas passarem para o lado da casa do Mesquita, seguiu os caminhantes levada por curiosidade infantil.

Entrou dentro da cosinha.

Viu o velho morto. Chorou sem saber por que!

De repente levantou-se e foi direita a um dos rapazes amigos do velho Mesquita que estava a examinar a faca que tinha findado a existencia do velhote.

Maria empallideceu e deitando-lhe a mão disse em alta voz: "Esta faca é nossa. Mercou-a minha mãe na feira de Guimarães„ e não queria largar a faca.

Estas palavras soltas pela innocencia causaram um immenso assombro em todos.

Coco a perguinha divina
Mas o preço até faz
Em dar [illegible] a Christina!
De carreto e cabana
Quatro centos e oitenta
Mais direitos... ladroagens...
Mil quinhentos e noventa!...
Elle sae caro é verdade
Mas a zurrapa de ca
Não vale nem a metade
Do peior que ahi ha!
Em grande velocidade
Chega aqui de consolar;
Nem os ladrões teem tempo
De boa verruma usar.
Mas depois... arre diabo!
Quando vejo as quantias
Exclamo com saudade:
Que bello, o *mercadorias*!...
Mais vale um gosto, é facto
Que diz dictado antigo;
Mas quatro mil e setenta!!!
Arre... safa... meu amigo!
Pois se pr'as bandas de Silde
Um bom Placido Santo
Se lembrar dizer agora:
"Meu amigo, o vinho é tanto„
Pelo Ceu, era fugir
P'ra bordo da bella Sagres;
Pois que vinhos por tal preço
Tornavam-se acres vinagres.

Em conclusão, mon ami
Jamais se velocité
Só para eu ir ahi breve
Abraçar o snr. Usted.

DIAS.

pagar á administração d'este jornal a importancia de nove numeros do «Leme» com que Vossoria se abiscoitou.

Saibe o *sôr* coroado que isto aqui não é roupa de francezes; e se tinha vontade de não assignar o «Leme», devolvesse-o em tempo competente, não nos pregando agora o *jéco* como quer pregar na assignatura.

Fica intimado pois a que largue a *fa*, como lhe cumpre, porque nos custa muito mais a ganhar do que a Vossoria, que passa a vida em cantigas.

Ora pois!.....

E por causa de duvidas, vamos passar procuração ao sr. Bernardino Santos d'esta terra, para que receba de Vossoria a sobredicta cuja importancia, ou lhe penhore a *cabritraina* se tanto necessario for.

E não o largaremos emquanto nos não pagar.

Aquella casa triste

Conheço um certo *monsnie*
Nascido de porco lar,
Que já foi pantomineiro
Saltimbanco e até cocheiro
Nas terras d'alem do mar.

Que teve um dia o descaro
De se fazer fanfarrão
E mostrar a *focinheira*,
Contra o "Leme!„ Olha qu'asneira
Passou na mente ao *pilão*.

nia, deixando bem impressionadas todas as pessoas que a escutavam.

—Domingo proximo realisa-se aqui outra festidade á Senhora da Boa Viagem, a expensas do sr. Joaquim Alves, de Avidos, constando de missa cantada, sermão ao Evangelho e procissão. Para então teremos o prazer de ouvirmos duas musicas:—a de S. Martinho do Valle e a do snr. Antonio das Fontes.

—Na madrugada de hontem, quando nos reconciliavamos com *Morpheu*, não podendo conseguil-o antes, em virtude de o não querer assim um mollar que nos atormentou toda a noite, fomos sobresaltadamente despertados pelo *estrondear* de numerosas duzias de dynamite que, echoando nas altas regiões athmospericas, annunciava o enlace matrimonial do snr. José Amaro, rapaz trabalhador e bem comportado, com a sr.ª Emilia Alves, filha do sr. Bento Alves, ambos d'esta freguezia.

Durante o dia, os nubentes foram felicitados por diversas pessoas das suas relações, fazendo-se annunciar pelo *estralejar* dos foguetes, cumprimentos que se prolongaram ate ás oito horas da noite.

—De visita a seu avô, o Exm.º Snr. Commendador Antonio Vicente de Carvalho Leal e Sousa, esteve aqui na semana passada seu neto, o Ex.mo Sr. Doutor Antonio Vicente da Cunha Sampaio, digno delegado do ministerio publico em Guimarães.

—A tratar de negocios commerciaes, partiu hontem para o Porto o Snr. Clemente Pereira Rezende, conceituado negociante d'esta freguezia.

—Partiu para a Povoa de Varzim, a uso de banhos, o Ex.mo Sr. Antonio Martins Ferreira, acompanhado de sua mana, D. Anna Martins Ferreira.

—De visita a uns amigos, partiu para a mesma praia, o Sr. Domingos da Silva, *bandolim* da Tuna d'esta freguezia.

A. Coelho.

N'esta ultima quarta-feira, reuniram-se em Villa Nova de Famalicão, os marechaes do partido conservador d'este concelho, dizendo-se-nos ser por causa de eleições camararias.

Nosso Senhor os fade bem; mas seria muito mais rasoavel occuparem-se d'outros misteres mais patrioticos, tendo em vista a crise por que está passando o desgraçado do nosso paiz.

Doente

Tem passado ultimamente bastante incommodado o nosso querido director e amavel camarada Ex.mo Sr. Visconde de S. Miguel de Seide.

Sentindo immensamente as dores que lhe cruciam o existir, a par do lancinante desgosto que ainda ha pouco lhe titanisou o coração, fazemos votos pelas suas rapidas melhoras, e que volte breve a fazer uso da sua iniciativa prodigiosa, dando-nos o prazer da sua direcção sempre benevola!

Enlace

No domingo passado consorciaram-se na freguezia de Landim, o sr. José Correia Amaro, proprietario d'aquella freguezia com a sr.ª Emilia Alves, tambem d'alli.

Desde o romper *di a bella aurora*, até á noite os amigos dos noivos fizeram atroar os ares com quantos foguetes haviam por essas europas álem! ..

Morteiros, dynamite, e até fogo de raiunas alli se exibiu!...

Quer-nos parecer que nem as vesperas de S. Thiago da Cruz lhe chegaram.

Enfermo

Está gravemente doente, não restando infelizmente esperança alguma de salvação, o snr. Luiz Pereira da Silva, d'esta freguezia, sobrinho do reverendo Parocho d'aqui, o nosso amigo padre Antonio José da Costa.

Sentimos muito.

bordo do *Zaire*, e em direcção á India portugueza os destacamentos das differentes armas, mandados áquella nossa possessão para restaurar alli o dominio portuguez bastante ameaçado.

Commanda a expedição S. A. Real o Snr. D. Affonso, irmão d'El-Rei.

A partida dos valentes soldados foi saudada delirantemente por milhares de pessoas que assistiram ao embarque, e pelas duas rainhas que vieram despedir-se dos seus vassallos.

Aos heroicos descendentes dos portuguezes de 1500 a nossa saudação calorosissima; pedindo á Sorte que lhes bafeje o porvir, protegendo-os como ao valoroso Vasco da Gama, cujo caminho e terras alli vão assegurar.

Nova fabrica

Vae principiar a construir-se em Santo Thyrso uma fabrica de tecelagem, estando já organisada a respectiva sociedade. Como se sabe esta fabrica tem de receber um donativo valioso concedido pelo capitalista José Luiz d'Andrade á Misericordia, e com a condição de subsidiar uma fabrica a construir-se n'aquella villa.

Para Santo Thyrso, é isto um melhoramento de subidissimo valor.

A pessoa encarregada em Famalicão para quaesquer informações para o «Leme», é o snr. Victor Corrê Guimarães—Praça dà Motta, n.º 1.

EDITOR RESPONSAVEL—*JOSÉ CORREIA*

TYPOGRAPHIA MINERVA—FAMALICÃO

Sem ter um seio sincero
Que nos conforte na dôr;
Sem ter o meigo sorriso
Que nos leve ao Paraiso
Em sonhos d'eterno amor.

Oh! quão amarga é a vida
Que abysmos que ella tem,
Quando foge a formosura
E a mais feliz ventura
Que gosa só quem tem mãe!

22—10—95.

* * *

DIARIO D'UM INFELIZ

12—5 horas da tarde.

Fiz hoje sobre mim mesmo uma experiencia que me custou um violento esforço.

Passei por ti sem te olhar!

Resisti á força que para ti me impelle. Que lucrei? Soffrer duas horas uma dôr profunda e cruel. De dia a dia sinto e comprehendo o grande amor, o immenso amor que o meu coração te dedica.

Eu, Leonor, embora te creia má e injusta, amo-te com todas as veras da minha alma.

Nasceste assim, foste sempre assim formada. Eu fui fadado e creio que ainda no berço, para amar esse mixto, essas duas partes de que se forma um todo que eu adoro com um affecto grandioso.

Mas... tu és injusta e bem cruel!

Quando assim te concebo, causas-me pie-

com a tua imagem.

Amo-te n'esta hora como nunca te amei. O amor de todos os meus dias reunidos não prefaz aquelle com que n'este instante te digo: —Leonor, eu amo-te muito... muito!

15 minutos depois.

Parece-me que choras!...

Em que pensarás agora?

Eu não tenho direito aos teus pensamentos. Quem sabe o que sou para ti?

Estremeço com a ideia de me approximar das tuas palavras.

Se chego a tocar a tua mão morro!...

E não seria ella feliz morrendo assim!

Que Deus me désse ao menos essa ventura!...

(Continua).

HISTORIA D'UM CRIME

A noite estava escurissima.

O vento agreste sybilava por entre os pinhaes produzindo na passagem um assobiamento monotono e medonho.

As Ave-Marias ainda ha pouco tinham soado vagarosamente no campanario.

Não era tarde. A esta hora quasi sempre recolhia a casa o velho Mesquita, homem dotado d'uma d'essas construcções antigas... uma tempera de ferro! Quem o visse chegar á sua pequenina cabana, cantando alegremente com voz forte e vigorosa, não diria que um ancião de 82 annos poderia ser o author do alto canto. Pois era elle mesmo em corpo e alma, o Mesquita, o conhecido Mesquita que por todos se reconhecia adorado na sua pequena aldeola.

Não havia ninguem que não gostasse do velhote, e aos domingos ao fim da missa lá estava elle rodeado de rapaziada contando-lhes

...contrario a sua vontade, por um d'esses mysterios incomprehensiveis, tinha no coração a par da perversidade, um cantinho para amar, onde estava depositada constantemente a visão da filha.

Quando o pão faltava n'aquelle miseravel lar, Rodrigo que odiava o trabalho, pensava no roubo e mais ainda para conseguir que a creança não conhecesse as agonias da fome.

Vinham-lhe á mente lembranças horriveis. Recordava-se d'ouvir contar façanhas do *José do Telhado*, e persuadia-se que fazendo o mesmo, seria um homem feliz, livre de trabalho, da miseria, e tendo sempre pão á farta para a filha.

Brilhavam n'este momento os seus olhos como chammas de fogo ardente!... Na lucta em que a alma lhe labutava, não póde a honra vencer a tentação criminosa, e fugiu abandonando por completo, o desgraçado que ficou entregue ao desamparo na estrada do crime!...

Rodrigo estava perdido!...

* * *

18 de dezembro. A madrugada tempestuosa. Chovia torrencialmente. Rodrigo levantou-se da enxerga andrajosa sem acordar a pobre creança. Sahiu em direcção á loja de Antonio Severino, comprar os dois ultimos vintens que lhe sobravam, de pão.

Voltou ligeiramente á choupana.

Maria ainda estava entregue ao somno.

Rodrigo fitou a face da pequenina demoradamente e de seus olhos rebentaram turbilhões de lagrimas.

Ali estava o boccadinho de coração d'amor, a preludiar a desventura da infeliz creança.

De repente voltou a cara ao lado e limpou as bagadas que lhe tinham orvalhado todo o rosto.

Maria principiava a dar o primeiro signal de accordamento.

Assim foi. Ao despertar vendo a seu lado aquelle pão que o pae lhe tinha ido buscar, poz-se a devoral-o sem reparar que o desgraçado estava acocorado a um canto com os olhos da mais sorridente satisfação, ao ver a filha saciar a fome com os seus *ultimos dois vintens!*...

doença de mau caracter a circular-lhe o seio, onde *discordias e ambições* o poderão levar de momento, ao piso desastrado d'um *bêcco sem sahida!*

Conta-se por exemplo que ha dois pretendentes (ambos caudilhos de força) a um logar, e que dois elevados personagens na alta politica, se empenham cada um para seu lado!

Mas o que tem mais graça, é que o

Oxalá isto seja apenas um manejo de mentirosos, que em vesperas d'eleições costumam sempre fazer uso da *patranhice*.

×

PARTIDO CATHOLICO

Correm muitas versões relativamente a este partido.

se dia que esperamos anceiosamente.

(10)

FOLHETIM

ANNA AUGUSTA PLACIDO

NUCLEO D'AGONIAS

ROMANCE ORIGINAL

—Ouça-me tambem agora, senhor Nuno de Alvarães, redargui eu serenamente.—V. ex.ª seria digno de grave censura, se eu não désse ás suas palavras o verdadeiro sentido. Quero acreditar que v. ex.ª é em parte sincero, mesmo porque deve conhecer que nada lucraria com fingidos devaneios que o fariam abjecto aos meus olhos, e aos olhos de toda a mulher que se preza da sua dignidade. E' por tanto em nome d'esta que lhe peço, me poupe a ouvir expressões d'essa ordem. Das duas uma: ou v. ex.ª está convencido que falla a uma mulher boçal que se deixa arrebatar pelas melodias d'um sentimentalismo exaltado, e essa presuasão é um insulto, ou sente realmente por mim uma affeição que me lisongeia. Se é essa, como supponho, acceito-a sem córar, impondo-lhe unicamente uma condicção. V. ex.ª não torna mais a fallar-me como ha pouco; não me fará allusões pessoaes, que são uma offensa á minha posição. Ficamos de accordo?

—Sim—balbuciou elle commovido.—Veja como hontem a comprehendi de relance, e como a minha alma achou de prompto o epitheto que lhe cabe bem... *Anjo!*

—Basta—tornei eu—ou fica sem effeito o que tratamos.

Desde esse momento as horas passaram rapidamente. Nuno estava alegre e Beatriz redobrara de carinhos como agradecendo-me o contentamento do irmão. Eu sentia-me bem: pela primeira vez saboreava o prazer de me vêr obedecida e amada.

Louca, meu Deus! louca! Porque preço devia eu pagar tão intempestivo contentamento!...

E por hoje fiquemos aqui Henriqueta: estou cançada de evocar reminiscencias que tomara eu esquecer.

VI

Diana a Henriqueta

Ardua tarefa emprehendi minha amiga; mas não afrouxo, não: o mesmo peso d'ella fará abater parte das sublevações d'um espiritualismo que me adoenta, e que me faz talvez cahir em aberrações indesculpaveis.

Pelo final da minha carta ficarias entendendo que excedi na insolita presteza com que acceitei d'um homem quasi desconhecido a troca d'um sentimento a que nós mulheres temos obrigação de demarcar certos limites, se não queremos desmerecer no conceito d'aquelles mesmo que nos obrigaram a descer um passo no pedestal. A minha rasão bradava, porém a minha alma senhoreada por pensamentos d'uma suavidade embriagadora, procurava sophismas que tresmalhavam o candido rebanho das minhas idéas, que tão seguro de si caminhava então por esses prados e alfombras!

Algumas vezes pensei em ti, e convencida estou que a tua voz levantaria alta e salutar ceuma no meu espirito; estes momentos porém eram instantaneos como relampago.

Nuno e Beatriz não me davam tempo para raciocinios; e, posto que este cumprisse religiosamente a palavra que me dera, eu sabia em que altar me achava collocada, sentindo-me rica e orgulhosa com esta vassalagem humilde, sem exigencias, nem esperanças.

Não era isto o que de muito cubiçava a minha alma?

Na audicção interior do meu espirito, resoavam sem cessar todas as phrases que mais ou menos se ligavam, reforçando esta idéa, este suave e mortifero veneno da minha tranquilidade. Já emfim, graças não sei a que philtro, aquella sombra febricitante das minhas longas noites de vigilia se tornava compacta e visivel.

(*Continua*)

1.º Anno | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 11

O LEME

SEMANARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	2:500 reis
Portugal ».	1:200 »
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	20 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO A' REDACÇAO COMO A' ADMINISTRAÇAO, DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL
S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sello	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

S. Miguel de Seide, 3 de novembro de 1895

DIVAGAÇÕES

Sejamos ao menos coherentes!...

A hora, a occasião, não é para campanhas á *Rapèll*.

Degladiam-se ahi no vasto pelourinho da intriga trinta mil chicanas tendentes a desvirtuar este ou aquelle partido, esta ou aquella facção; movimenta-se com acintosa energia uma guerra de morte contra os mareantes do calhambeque ministerial, e não ha ahi, sequer um *Pierrot*, um sachristão dubitativo, que, com os seus braes da Dignidade, pedir ao Deus de Jacob ou de Vulcano, um raio da sua omnipotencia com que fulminasse aquelle dos tresmalhados do Dever, e que por isso mais nos tem envergonhado no convivio da gente de bem; se a imprensa, aquella que costuma alcatifar os *boudoir* ministeriaes com o rosmaninho de suas bajulações, fugisse d'esse caminho, e deixasse o governo no campo, sosinho, sem *Desdemonas* que lhe envenenassem o viver, mas tambem sem *guarda-costas* que lhe açulassem os despauterios,—tudo isto correria melhor, tudo emfim entraria nos devidos eixos.

Assim não. Assim nada se faz.

Porque se uns, dentando o alcance d'esta ou d'aquella medida, vão dizer aos quatro ventos da terra, d'essa medida, o que Mafoma não diz do toicinho; e se outros [illegible] a politica, porque com ella nada podemos fazer.

* * *

E' vêr ahi que de noticias nos vão chegando da India. A intriga canarim em todo o seu auge!...

Já não são, como a principio se julgava, só os discolos *marathas* que se revoltaram; são tambem os *ranes* e os *dessays* que pegaram em armas contra nós!... A raça mais ordinaria da India portugueza; mesclagem gentia do interior, que fomentada pelos nativistas d'aqui, desgraçadamente, se armaram contra o poder constituido e commettem toda a sorte de latrocinios!..

E' necessario pois toda a energia, toda a acção para que a nossa preponderancia na Asia não seja alterada; e essa cafila de

Adeus!

Deixo-te a pallida imagem
A fallar d'aquelle amor,
Entre sorrisos nascido,
E acalentado na dôr.

Quinze annos, longa vida,
Tão golpeada de revezes,
Sem descorarmos na lucta,
Vencendo a dôr tantas vezes!

E como pode ainda o mundo
Increpar-te, ó mulher forte,
Que hasde ser abençoada
Pela sagração da morte!

Destas batalhas immensas,
Obscuras e sem brilhos,
Tens dois padrões de victoria;
Tens dois tropheus: são meus filhos.

27 de abril, 1873.

Camillo Castello Branco

SECÇÃO LITTERARIA

ABENÇOADAS BOMBAS

(REALISMOS)

O Sol já nas alturas. As oito batidas no relogio da velha e musgosa torre do antigo Mosteiro de * * *.

Pois ainda só a esta hora é que Maria Paneira, principiara d'entre os brancos lençoes

talidades o que Miguel poderia, favorecido da sorte, conseguir nos 15 annos de trabalho.

Emfim passava o nosso Miguel por ter boa fortuna, boas côres, e magnifica gordura, toda recheiada de fortissimo vigor, e explendorosa saude.

Ora a verdade, não era o que quasi todos julgavam.

Miguel fôra sempre desde rapasito pequeno um *estroineta* muito dedicado ás brincadeiras, e quando no Brazil se apanhou livre de mão guiadora e entregue a sua livre vontade, era um *escacar de famosas borgas*, e quanto de dia apurava, de noite o consumia nas tabernas e nos *baixos tons* dançantes, onde chegou a ter o honroso titulo e diploma de *marcante!*

Mas tambem é verdade que quando um dia pensou a serio em voltar á patria, abraçar a decrepita mãe, tratou de economisar a valer; e trabalhando com afan de noite e dia, pôde embarcar no Rio de Janeiro em direcção a Lisboa, com duzentas libras em oiro no bolso.

Aqui está pois todo o dinheiro, toda a fortuna com que Miguel chegara ao seu saudoso lar. No entanto dizia a torto e a direito ter *mundos e fundos*, e que brevemente voltava com pequena demora ao Brazil onde ia fazer completa liquidação da sua importante casa.

E perguntava quem saberia de boas quintas. Que desejava empregar ao menos metade dos seus haveres em propriedades. E n'estes *vaivens* de *trapalhadas* que o Miguel enviava constantemente aos parceiros do *cavaco*, foi-lhe contado que ali na freguezia estava para se realisar o casamento da Maria Paneira, rapariga já *entradota* mas *avesando* boas propriedades, e basta *patacaria*.

Miguel que conhecera a Maria antes do

As tres formosas quadras que a seguir publicamos, foram enviadas pelo distincto e talentoso poeta Eugenio de Castro, a Camillo Castello Branco, por occasião do fallecimento de sua netinha Maria Izabel, saudosa filha do nosso presado director:

CHORA!

Fugiu, fugiu ao ceo n'um caixãosinho estreito
A pomba virginal que te alegrava a vida;
As brancas mãos em cruz, no delicado peito
E um sorriso d'amor na palpebra descida.

Deus que habita no azul dos paramos divinos
A's creanças bradou immediatamente:
"O reino do Senhor é para os pequeninos!
E a tua flor partiu ao ceo ligeiramente.

Deixa correr o pranto! A lagrima saudosa
Os peitos illumina onde vegeta a magua:
Feliz o que por tarde amena e silenciosa
Dirige pelo ceo os olhos rasos d'agua!

Eugenio de Castro

A' mesma creancinha tambem Camillo, dedicou as duas sentimentaes quadras que seguem:

A' MINHA NETA

Parecia dormitar; tinha morrido
Pedi que a não levassem no caixão,
Que a deixassem myrrar e desfazer-se
Como a flor se desfaz sem podridão.

Teimaram em levar-m'a, e eu cingia
Ao peito que se abriu pela pressão,
Depois, pude escondel-a, e tenho-a morta
No meu despedaçado coração.

Chegando ao cruzeiro sentei-me na escada;
E os astros brilhavam de intenso fulgôr ..
Busquei os segredos da noite calada,
E os ares me trouxeram requebros d'amor!...

Os pios do mocho ao longe se ouviam;
Do adro da egreja uns sons que diziam:

"Sobre a terra fria e dura,„
"Debaixo da espessa lousa...„
"Sou feliz na sepultura,„
"Onde teu corpo repousa!„

"Deixei a vida, que importa„
"No mundo viver sem ti?„
"Se ainda depois de morta„
"Para te amar não morri?!...„

"Procurei o teu jazigo„
"N'esta mansão sepulchral,„
"Para habital-o comtigo„
"Para sempre até final!„

Passados momentos a voz se extinguiu,
E o mocho não cessa seu triste gemer;
Um som mais lugubre já mal se ouviu,
Que em poucas palavras já pude entender:

"..„
"Oh, vem que ha cem dias„
"Sem ti, n'este leito...„
"As noites tão frias„
"Não gelam meu peito!...„

"..„
"Quem te obrigou, minha amiga,„
"A casar contra-vontade,„
"Já hoje te não obriga„
"A casar na eternidade!...„

Assim presencêo o eterno consorcio
Que em vida uns algozes roubaram sem dó!
Alli tudo é santo, não ha um divorcio!...
Corri para o adro, mas tudo achei só!...

Porto, 29—10—95.

em mim tal força de resistencia á desventura, que pude arrancar a imaginação do abysmo da dôr e leval-a; leval-a a tão subido ponto de indifferença, que me considerei feliz ao vel-a sorrir-me do alto pedestal como a dizer-me:

«Levanta desgraçado a tua fronte, repelle com altivez a amargura que te dilacera a alma, e depois terás a felicidade!»

Seria isto um sonho Leonor?

Não! Não foi sonho, porque me recordo bem, ter visto nascer o sol no horisonte, e entre os seus primeiros raios, espraiados sobre as minhas flores, traser comsigo formosas borboletas que saltitavam alegremente pelas plantas do pequenino jardim.

Isto não é sonhar?...

16—5 horas da manhã.

Que formosa manhã!...

Como devem ser felizes aquelles passarinhos que xilreiam alegremente no fronteiro arvoredo.

Se agora aqui estivesses, Leonor, como admirarias estes encantos da natureza! Que formoso é o mundo!...

Se a minha alma podesse ainda receber uma esperança do teu amor, não quereria então morrer! Para que? Se a sorte me bafejava meigamente o coração?...

(*Continua*).

PIPAROTES

voltas em todas as colonias, e *disfructamos uma paz* de se lhe tirar o chapeu!...

Mas como afinal tudo dá certo,.. ponto e virgula!...

* * *

Alguns jornaes de Lisboa, da opposição bem entendido, asseveram pelas vinte e quatro tubas da fama que o governo lucta com difficuldades, não arranjando gente que se preste a exercer o logar de deputado na proxima temporada legislativa.

Puramente um engano. Ha gente de mais. Até,

Já elle mandou á pressa
avisar seus capitães,
p'ra que mettessem na lista
o Alexandre das Quintães!...

* * *

«A situação do contribuiute portuguez não se nos afigura tão afflictiva e angustiosa, como tanta vez nol-a tem pintado a imprensa periodica. Deve-se notar que nos referimos ao pequeno contribuinte que é afinal o que relativamente mais paga, e não obstante quer-nos parecer que elle não é ainda de todo infeliz.»

Esta coisa vem escarrapachada n'um jornal cá da lusa, e quer dizer na sua aquèlla que a sangria das contribuições ainda não é a que devia ser. E que até o pequeno contribuinte, que paga sem bufar muito mais que os graúdos, passa sem a menor novidade e não é de todo infeliz!...

Sim senhores; pode marcar mais duas á preta que ganhou a taluda; mas a respeito de pagar mais contribuições não o diga assim tão á escancarada que não vá o diabo pegar-lhe na palavra.

Já temos a *Predial*
Pagamos a *Sumptuaria*
nós temos a *Industrial*

que S. Ex.ª não interviria em nada deixando a vontade popular manifestar-se em toda a sua pujança!...

Bumba, que te dou eu! Assim, é que é o falar!...

Mas, aqui á surreita, diz-nos do lado o compadre Bonifacio, homem dado a questões de campanario, que aquella contradicção se parece muito com a lenda do *Era e não era*. Ou é que vae ir tratar d'eleições, ou é que não vae!!...

E é resolverem isso a preceito que não vá o cambio descer três pontos d'esta *feita*.

Ao meu amor

Olha q'rida o negro frio
Que me traz arrepiado
Tem rasão; pois o teu brio
E' tão tolo que me rio
Apesar de contristado.

Não entendo a tua vida
Mas o que sei de sobejo
E' que ficas atrevida
E com âres d'aborrecida
Se te peço um doce beijo.

Vens logo com tal cantiga
Insultando a minha magua
Que fazes com' que maldiga
O teu amor que é espiga
Que me põe a pão e agua.

Pois menina não querendo
Aquecer-me o coração,
Os frios irei soffrendo
Por toda a parte dizendo,
Que só me serves p'ra v'rão.

amigo Antonio Vieira, é o encarregado de preparar o Salão da Victoria, onde se realisá o sarau do dia 1.º de dezembro.

— Alguns proprietarios d'aqui, comparando a differença de vegetação entre as ramadas sulphatadas e as que o não foram, sendo estas muito poucas, estão resolvidos a sulphatar todas as videiras, não receando o mau do sulphato de cobre que a principio tanto foi combatido pelos inexperientes.

— Ultimamente passou por aqui o grande maestro Zé Paiva, de Ruivães, que, segundo dizem já tem no prelo uma obra de grande merecimento, intitulada "A Caminho para o Agostinho".

Deve ser com certeza um trabalho pyramidal attenta a intelligencia fecunda e fecundissima que reveste este personagem tão celebre.

— Falleceu a noite passada, na casa do Pregal, d'esta freguezia, o Sr. Bento Machado d'Araujo.

A. Coelho.

A GRANEL

AVISO

Vamos proceder á cobrança das assignaturas do "Leme". Pedimos pois a todos os cavalheiros que nos tem honrado com a sua assignatura a especial fineza de acquiescerem a esta nossa resolução, para assim podermos sanar qualquer difficuldade de administração, e o "Leme" continuar impavido como até aqui, defendendo o seu programma, a sua doutrina.

Enfermo

Tem passado muito mal, soffrendo [illegible]

Cartas de homens celebres d'este paiz a Camillo Castello Branco

A administração do «Leme» vae tentar a edição em oitavo francez, e papel commum impressão de luxo, das cartas mais importantes em litteratura e assumptos contemporaneos, recebidas pelo nosso grande e saudosissimo escriptor, durante a sua vida.

Deve ser, como effectivamente vae ser, uma obra de grande merecimento litterario, e é essa a rasão porque nos apressamos a dar esta boa nova a lume.

Lapide commemorativa

O nosso bom amigo e subscriptor Henrique Coutinho, da cidade do Porto, pediu consentimento ao nosso director para collocar de sua iniciativa, no frontal da casa onde viveu e morreu Camillo Castello Branco, uma lapide commemorativa do passamento pela terra d'esse vulto gigantesco das nossas letras.

"Voz Publica" e "Seculo"

Recebemos as amaveis visitas d'estes nossos collegas da imprensa.

Mil agradecimentos por tão penhorante deferencia.

Arnaldo Coelho

A esposa d'este nosso amigo e obsequioso correspondente em Landim, teve a sua feliz *delivrance* no domingo passado; mas, como a duração ephemera das rosas de Malherbe, assim transitou cá na terra o pequenino. Sor evolando se para a mansão

(*Do nosso correspondente*)

Realisou-se effectivamente a festividade á Senhora da Boa Viagem, como alludi na minha ultima correspondencia, constando de missa cantada e procissão.

Na occasião propria, subiu ao pulpito o orador sagrado padre Manoel d'Azevedo que, em linguagem clara e precisa, prendeu a attenção d'um numeroso auditorio por espaço d'uma hora. A musica da festa, foi a de S. Martinho do Valle. A do snr. Antonio das Fontes, não chegou a tocar aqui, porquanto demorou-se em Esmeriz mais tempo do que esperava demorar-se.

Durante a tarde, as duas musicas tocaram em frente á casa do snr. Joaquim Alves da Silva, em Avidos, sendo a expensas d'este cavalheiro a realisação d'esta festividade.

Dizem-me que o sr. Joaquim Alves da Silva volta brevemente para o Rio de Janeiro, onde vae continuar na vida commercial. Que tenha uma feliz viagem.

—Assisti hontem ao ensaio dramatico—*Dois Estroinas*—comedia d'um desempenho difficil; porém devido aos esforços e muito saber do digno ensaiador Theotonio Gonçalves, tive de classificar os amadores de bastante peritos no assumpto attendendo á pouca pratica que teem do palco.

—Pela ultima vez direi que todos quantos se presam de ser portuguezes, e tendo na devida conta o fim patriotico e caritativo mesmo d'este sarau, deverão acolher favoravelmente e impressionados, esta festa, nunca aqui realisada, como homenagem aos valentes da Restauração de 1640; facultando com as suas presenças no sarau, o serem contemplados com uma esmola alguns pobres d'esta freguezia, e de reconhecida indigencia.

A commissão assim o espera, agradecendo desde já tão louvavel, quão patriotico procedimento.

—Pela alma do Sr. Francisco José de Sampaio e Brito, foi hoje celebrada uma missa na egreja d'esta freguezia.

—Sabbado uniram-se pelos laços do hymineu, Manoel Ferreira da Silva, com Clara Pereira Moutinho. Que tenham uma vida feliz é o que lhes desejamos.

—O armador de Santo Thyrso, e nosso

Casamentos

Realisou-se no sabbado 26 do passado, em Requião, o do nosso bom amigo e dedicado subscriptor snr. Luiz d'Azevedo Guimarães.

Tambem se effectuou, em Avidos, o do snr. Joaquim Alves da Silva, ha pouco chegado do Brazil, com uma senhora do visinho concelho de Santo Thyrso.

Relojoaria em Seide

Falla-se na proxima installação n'esta freguezia d'uma officina para concerto de relogios e congeneres, dirigida por artista de reconhecido merecimento.

Vederemo para mais tarde fazermos as apreciações que de justiça forem necessarias.

Obituario

Na tarde de segunda feira passada, falleceu na casa do Pregal, freguezia de Landim, d'este concelho, o sr. Bento Machado de Araujo, solteiro, proprietario, d'aquella freguezia.

O finado era tio e cunhado dos nossos amigos Henrique Machado d'Araujo Junior, e Manoel Alves Corrêa de Araujo, a quem endereçamos a profunda expressão do nosso pezar.

O funeral, que se realisou na 4.ª feira, foi bastante concorrido, assistindo a elle o que de mais grado se conhece n'este concelho.

—Falleceu tambem, n'esta freguezia de Seide, o sr. Manoel da Silva Azevedo, casado, d'esta freguezia.

O fallecido que por muito tempo exerceu n'esta terra um modesto officio, era dotado d'um coração bondoso, muitissimo honrado; motivo esse porque a sua morte foi muito sentida n'esta freguezia.

Recebemos d'esta casa editora, a *Casa dos Regedores e das Juntas de Parochia*, contendo as attribuições, direitos, obrigações e disposições legaes e de jurisprudencia que se lhes referem.

Dizendo que este livro, como tantos outros que a empreza editou é de bastante alcance para todos que se emmaranham n'essas lides de direito administrativo, é fazer justiça ao seu compilador, pois veio preencher uma lacuna deveras sensivel no nosso meio.

O seu preço é de 240 reis, e vende-se na rua da Atalaya, n.º 183—1.º—Lisboa.

A pessoa encarregada em Famalicão para quaesquer informações para o «Lome», é o snr. Victor Corrêa Guimarães—Praça da Motta, n.º 1.

EDITOR RESPONSAVEL—*JOSÉ CORREIA*

TYPOGRAPHIA MINERVA—FAMALICÃO

ANNUNCIOS

Curso Nocturno de Instrucção Primaria

Avidos—Famalicão

O professor d'ensino livre Theotonio Gonçalves, abriu o seu curso nocturno de instrucção primaria, no logar de Penço, da freguezia de Avidos.

Funcciona das 7 ás 10 horas da noite.

DIARIO D'UM INFELIZ

14—6 horas da tarde.

Leonor, não sei o que me preadivinha o coração! Olha, sem saber porque, as lagrimas preludiantes d'uma grande agonia apparecem em meus olhos que não cançam de chorar! Sancto Deus!... O que estará para acontecer em mim, ou sobre ti Leonor?

Que pesada fatalidade será essa que tão cedo me busca o coração como aviso do Ceo? Não sei Leonor, mas temo o momento de o saber.

Será o approximar da tua expiação? O castigo que a Providencia costuma enviar aos culpados, como vingança dos desgraçados?

Será emfim a minha derradeira hora?

Oh! que Deus m'a envie emquanto posso dizer a verdade que me mortifica a alma, emquanto a minha voz sente o vigor de expirar abençoando-te e perdoando-te todo o mal que me causaste.

15—9 horas da noite.

Chorei... chorei muito. Estou melhor. O horrivel pesadello que me torturava como setta de fogo o coração, desappareceu como que por encanto!

Sinto-me outro. Chego a imaginar-me um pobre louco, um desgraçado visionario, quando na minha mente vejo só nuvens negras de tristeza. Hoje, n'este momento até me julgo feliz!

Levantei me ao despontar do dia. Abri a janella que dá para sobre um pequenino e modesto jardim que na minha mocidade foi um companheiro dilecto e leal. Era ali que eu passava as minhas felizes horas d'infantibilidade. Com que saudade o olhei!...

E sabes Leonor? Senti n'esse momento

D'arranjarmos documento
Que vae fazer-te *caipora*
Pôr o focinho cá fóra
Na praça á chuva e ao vento.

Has-de levar a *continha*
A' luz do sol e do dia.
E podes contar songuinha
Que vaes figurar na linha
Da burlesca cantoria.

Vamos-te fazer um *fado*
Tão mimoso no seu mote
Que toda a vida... coitado!
Te lembrará o *boccado*
Que vaes trincar em *fartote*.

Portanto crê na verdade
D'este aviso em *pagode*
Não penses em nullidade
A' *tareia* que te ha-de
Fazer saltar como *bóde*.

Pitadinhas a esmo

Do *Correio da Noite;*

«A paz que disfructamos é mais silencio que tranquilidade.»

Parece-nos que sim, que *adregou*. Mas não é a *paz tranquilla* do «Noivado do Sepulchro» de Soares de Passos:

«Que *paz tranquilla!* Dos vaivens da sorte
Só tem descanço quem alli baixou.»

é a paz silenciosa, á moda das machinas «Singer», que trabalham sem fazer *restôlho*, sem causar barulho.

Todos os jornaes politicos são assim uns pandegos na apreciação geral da nossa politica contemporanea. Barulhos a todos os cantos, re-

Que q'ria pois o jornal
agora contribuir?
—Decerto a lingua *do tal*
p'ra não tornar a *ganir*!

* * *

«Desappareceu da rua José Estevão, 78, um cão da Terra Nova, de côr amarello escuro, tendo nos olhos duas nevoas.

Dão-se alviçaras a quem o entregue, das 8 ás 12 horas da noite, na redacção da *Vanguarda*.»

Conta isto um dos jornaes da capital. Naturalmente o cachôrro é ahi qualquer *môno* que á supradita folha tentaram pregar. E o *sucio*, para se esquivar á largadélla das *mássas*, põz-se ao fresco, com as *duas nevoas* a cavallo nos olhos, por causa dos maus encontros, já se vê.

Tambem por cá temos salvo seja d'essas *caurinices* a granel, mas não nos arreliamos por cousa nenhuma d'esta vida, carissimo collega. E' o lombo do caurinador que paga as custas.

* * *

«Na rua das Trinas de Mocambo, em Lisboa, houve na quinta-feira passada, grossa pancadaria entre um trabalhador do Arsenal e varios populares do sitio.

O alludido trabalhador em estado de embriaguez furiosa, pegou d'uma tranca, e desancou o costado de quantos se lhe avisinharam, indo um pobre grumete da armada, que passava na occasião, receber curativo á pharmacia proxima, de graves contusões na cabeça.»

O novo Seraphim das forças parece que tinha mafarrico no corpo; e bom seria n'esse caso que a policia da capital o mandasse á cáta de pretos, ou então para um raio que o parta e mais á bebedeira d'elle!

* * *

Diz um jornal alli do Porto que o senhor Governador Civil foi a Lisboa conversar com o Ministro por causa das futuras eleições. Mas

raguda — sem ferir aquelle duro coração, que sendo Maria já madurona em janeiros, e cheia do melhor tino para se escapulir ás tentações satanicas do amor, não pôde resistir á tempestade, e escorregou, cahindo ao atoleiro da monomania casamenteira!... E não havia volta a dar-lhe! Os homens até ali na sua imaginação sempre cheirosa pareciam-lhe *aves de mau agoiro* e chamava-lhes *tinhosos* e *cambaios*. Agora, peneirava-se afadistadamente ao vel-os, sorrindo-lhes e mostrando-lhes o bordado e branco lencinho que levava ao quilometrico nariz continuamente, e lambia a beiça toda, quando algum rapaz alegre lhe dizia de passagem: «adeus ó bem boa!»

Apenas decorridos poucos dias d'essa celebre noite de tantos prazeres, e ao mesmo tempo martyrios incomprehensiveis por que passara Maria, ouviu-se echoar na freguezia espalhados aos quatro ventos, uma duzia de bombas que atroaram os ouvidos de todos os habitantes. Que havia de ser?

Era o filho da tia Anna do Ribeiro, o Miguel que ausente ha 15 annos pelas terras de Santa Cruz, voltava agora radiante de felicidade á sua terra natal, e aos braços da velha mãe. Fôra mesmo elle que para causar maior surpreza na aldeia, comprara no Porto os foguetões, e em Santo Thyrso arranjara homem de confiança para os fazer estoirar com todas as praxes da arte. E tal banzé produziu o foguetão na freguezia que os seus moradores gostando do *pagode*, asseveravam face a face ao recemchegado, ser elle um *poço de piada e graça*.

E admirando as boas côres, e a magnifica gordura do Miguel, sahiam de seu lado convictos de que o homemsinho arranjara optimamente a sua vida no Brazil.

«Que ali, havia *bago sonante* á farta»; diziam; e alguns chegavam mesmo a fazer contas e mais contas, sommando em grossas to-

estoira vergas, e francamente toda a gente se admira de Maria o querer. Mas então? ella o que quer é casar, e n'esse caso aproveita quem é *ajanotado*.

Miguel não disse mais uma palavra. Despediu-se do Lemos, e n'essa mesma tarde já quem fosse passar ao Pinheiro Torto, lá o veria em alegre conversa com a Maria Paneira, que dava valentes casquinadas de riso, alvar... mesmo uma tolla!...

Trez dias depois já corria com insistencia pela pittoresca aldeola a palpitante noticia do enlace matrimonial de Miguel do Ribeiro com a Maria Paneira.

Foi um espanto geral!...

Todos se riam a *bandeiras despregadas* continuando a dizer por entre fortes gargalhadas: «um poço de piada e de graça, este Miguel».

Chegou o domingo.

Era dia de festa. Mal o dia apontava ainda no horisonte e já sahiam da egreja o Miguel com o seu fato lustroso em estreia e a Maria com vistosa corôa de larangeira sobre a *nuca*. Estavam pois unidos para sempre pelos sacratissimos laços do hymineu.

E sob basto sorriso de adultos, e galhofeiro gaudio da rapasiada, lá seguiram os dois a caminho da velha casa que possuia a mãe de Miguel, que não tinha assistido ao *casorio* visto o amanho da *bôda do noivado* lhe estar todo entregue do que ella com inteira rasão se orgulhava.

Aqui está como o *velhacote* do pagodeiro Miguel, encontrara o Brazil na sua terra e na propria aldeia que o viu nascer!...

Abençoadas bombas!...

O DIA DE FINADOS

Passou hontem o anniversario dos nossos queridos mortos. Esse dia tão memoravel que a Egreja destinou para a celebração de rytuaes em seu louvor, e que a humanidade inteira respeita, relembrando-se dos que n'este valle de lagrimas lhe foram caros.

Prestemos n'esse caso pois, aqui, a consignação mais infinda da nossa eterna saudade aos queridos companheiros que tivemos n'esta vida, e que nos páramos syderaes do Incomensuravel anceiam pelas nossas preces, tanto como o naufrago pela taboa salvadora que o arrime a porto amigo; e choremos todos, sim, todos nós que no Campo Santo temos um pae, um parente um amigo,—a depôr sobre o sarcophago da nossa affeição, um bouquet de suspiros enterlaçado com as magnolias da nossa saudade ingente!...

E choremos, choremos, porque as nossas lagrimas alentam a memoria daquelles que nos roubaram; e parece que até lhes faria pulsar o coração, se coração fosse dado existir n'esses confins do infinito onde só reina um Deus todo amor!...

Sons que passam

(A HENRIQUE MACHADO)

Ouvindo o silencio da noite serena,
Sorvendo os encantos d'infindo prazer...
Meu corpo em deleite, minha alma com pena
De achar sobre a terra tão curto viver!

costuma de ordinario brigar, porque nada se faz com isso.

Do que se precisa, do que se necessita, é d'uma acção mais conducente, mais harmonica com as nossas tradições d'um povo livre.

O resto desvirtua-nos!...

Se a imprensa que com tanto afinco tem desdoirado as pessimas ordenações do governo, o abandonasse á sua obra, nefasta ou boa, e fosse com o povo, aos hum-

mo, nada se apura, a não ser a prova evidenciante d'uma capacidade curta e dementada!...

E a occasião é melindrosissima para acintes de tavolagem!

Sejamos pois coherentes, estudando todos a fórma de terminar com este estado de cousas, deixando o governo, despresando a politica. Mas deixando o governo porque d'elle nada esperamos, e despresando

* * *

Deixemo-nos pois de questiunculas ou discussões estereis; abandonemos tudo, tudo, e vejamos de que fórma nos poderemos salvar; de salvar a honra bem entendido, porque a nacionalidade já ha muito pende para o grande pantheon, o de costumam dormir o seu derradeiro somno as nações gloriosas como foi a nossa!...

---

(11)

FOLHETIM

ANNA AUGUSTA PLACIDO

NUCLEO D'AGONIAS

ROMANCE ORIGINAL

VI

Já a visão recompunha feições, a chimera tinha voz; o sonho delirios; e o coração arfava-me no seio invulneravel até essa hora... vivia! e que vida aquella! E apezar de tudo, não era isto ainda o amor, a paixão que allucinava.

Oh! de certo não, Henriqueta; não me digas que era; não me convencias, e todavia atormentavas-me. Isto não era mais que uma illusão do meu espirito, a sêde da minha alma que me arrastava tonta e cega apoz d'uns meandros amenissimos, que eu imaginava deverem confluir a uma fonte crystallina.

Como alma, coração e espirito nos enganam, minha amiga! Como nos atraiçoam! Pois não devia eu ouvir uma voz que me advertisse que aquelle homem era vil, hypocrita e refalsado?! Em tenebrosissima escuridão, despertei!

Agora sim, agora cuido que já entrei na iniciação dos mysterios do coração humano; creio que estive prestes a tombar na fogueira das paixões ignobeis, que pairei um momento sobre essas chammas infernaes: e se sahi d'ellas corporalmente illesa, a alma soffreu muito, soffreu; ficaram-me por lá pedaços!... Ficaram que eu sinto-me pobre: pobre do meu orgulho que barateei sem dó; pobre da isempção que fazia toda a minha soberba.

Que não vás tu pensar, filha, que eu lamento despresos ou preferencias. Não: a ferida que me doe é apenas o desengano frio e atroz das minhas aspirações, é ver á mingoa de alento, morrer uma a uma as florinhas que renasciam d'hora a hora na minha imaginação.

Basta, porem, de exordio: escuta.

Como ha pouco te disse, Nuno fazia-me viver n'uma athmosphera embriagadora. Cercavam-me attenções, carinhos, e sobre tudo aquella adoração muda e respeitosa que o coração tambem recebe, e nunca deixa sem paga. Em contraposição, era eu a que pensava alto; era eu que me deixava levar da torrente, era eu que folgava d'ir recostar-me sobre os espinhos, tomal-os ás mãos e beijal-os! Era este o grande perigo.

Que homem! que homem aquelle! Como finge extremos que não sente, como sabe mentir com os olhos! Como podia elle haver lagrimas, quando nos meus desalentos lhe supplicava lastimas para o meu infortunio! Como podia modular a voz, como aprender o som intimo com que me dizia que nunca encontrára paragem na vida onde repousar as doces e inebriantes chimeras de seu pensamento... E mentia; mentia... como homem! e eu imbecil, que estive a ponto de entrajal-o com as roupagens celestes! Eu,—confesso-o para minha vergonha eterna—eu que o vestira de luz, que o coroára com as joias mais preciosas da minha idealidade, que o incensava com as mais puras essencias do meu espirito.

Quando recebi a tua carta, mostrei-lh'a; fallei-lhe de ti, da nossa infancia, da felicidade que gozas n'esse cantinho ignorado do mundo, e onde tu imperas como rainha, entre Gualberto e as louras cabecinhas de teus dois filhos. Sem querer, meus olhos arrazaram-se de lagrimas, e a saudade dos dias que ahi passei comtigo foi tão acerba, que me soffocou a voz. Reparando em Nuno, notei que estava commovido. Estendi-lhe a mão que pela primeira vez beijou com respeito.

Quiz depois ouvir tudo quanto eu podia dizer-lhe relativo aos nossos primeiros annos, mostrando-se admirado da minha tal qual instrucção e da tua, pelo que as tuas cartas revelam, e a que elle chamou pouco vulgar. Contei-lhe, então, como ficando orphã na primeira infancia, fui entregue por quem quer que fosse a madame Martoan, a nossa excellente mestra e quasi segunda mãe, senhora de grande intelligencia e grandes virtudes, que circumstancias imprevistas trouxeram a Portugal, e obrigaram a tomar me para a sua companhia como educanda. A ella devi, ou antes devemos, porque tambem tiveste a fortuna de ser confiada á sua tutella, o pouquinho que sabemos. Agora apertam commigo as saudades d'aquella nobre alma! Muito perdemos com a sua falta, ó Henriqueta? Nunca as nossas lagrimas e o preito que damos á sua memoria pagará o muito que lhe devemos.

(*Continua.*)

1.º Anno | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 12

O LEME

SEMANARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	2:500 reis
Portugal »	1:200 »
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	20 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO A' REDACÇAO COMO A' ADMINISTRAÇAO, DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL
S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sello	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

S. Miguel de Seide, 10 de novembro de 1895

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assignantes das provincias o obsequio de nos remetterem a importancia das suas assignaturas, quer em vale do correio ou ordem de pagamento, quer em notas ou sellos em CARTA REGISTADA.

Assumptos do Ultramar

As noticias que ultimamente tem chegado do Ultramar parece que são mais um [illegible]

meiro dos interesses pessoaes de cada um, e só dando de quando em quando quatro vivas a Portugal em perigo, para se evidenciar ao fazer evidenciar um patriotismo que só existe na rethorica, e ao mundo que nos vê, espavorido de tanta audacia, de que se não somos necessariamente uma sociedade de trampolineiros, não passamos aos olhos de muitos se não por uma caterva de dentistas de feira!

E' bom pois que qualquer feito das nossas tropas em prestigio da nossa bandeira se tenha evidenciado, como nos communica o telegrapho, para nos tirar d'um marasmo impossivel, e a que nos tem sugeitado, provavelmente com bom sentido, qualquer acção dos dirigentes do Estado, e mesmo porque é necessario que isto termine, sabendo-se lá fóra, que se temos sido um paiz de mentecaptos, não somos como muitos nos querem chamar — uma [illegible]

Se o flibusteiro d'alem Magúl é por ahi qualquer *Lovelace* de tanga e que se regala todo com as Circes inglezas exportadas pelos Fifes da Grão-Bretanha e do Cabo, não tem por isso que dar satisfações a ninguem, porque cá, *n'este jardim á beira-mar plantado* tambem os temos e de *primo cartello*.

Logo não tem nada a perder na sua reputação só com essas simples ninharias.

O que está provado, o que se demonstrou, é que o regulo Gungunhana tem um exercito de fazer frente a uma nação bem armada; e se *levou* d'esta feita, foi isso devido á nunca desmentida bravura dos nossos soldados, e a nada mais.

São por tanto consoladoras todas as noticias do *terminus* d'essa campanha com victorioso desideratum para nós, porque francamente, a occasião não é lá das mais propicias para essas folias, visto atravessar-

PROBLEMA

Pode existir corpo humano vivo sem alma?

Não respondem os oraculos de todas as religiões espiritualistas.

Logo: o corpo de um homem mentecapto tem alma.

Qual será o destino da alma do mentecapto separada do corpo?

Não pode ser o inferno nem o paraiso porque um doido não pecca, visto que não tem responsabilidade nem a consciencia dos seus actos.

Não pode ser o ceo o destino da alma do mentecapto, porque o ceo alcança-se com boas obras das quaes o mentecapto não tem consciencia.

Se não vae para o ceo, nem para o inferno, nem para o purgatorio a alma do mentecapto, para onde vae?

Camillo Castello Branco.

A TEMPESTADE

Chega á janella e entra a luz do dia.
Eu bem a vi chegar, já não dormia,
E tarde me deiter!
Como um soldado que jámais se aterra,
E se levanta pertinaz para a guerra,
Assim me levantei!...

Cheguei até á porta dos terrores,
Cinco collegas encontrei com dores...
Com colicas de morte!
E mal a porta abriram os archeiros
Entraram seis robustos viajeiros,
Tirar o passa-porte!...

Sobem as escadas seis guerreiros juntos:
E eu vi alguns arrecuando ás defuntos

Não ha nada mais bem deduzido, mais bem explicado.

Esperas talvez (se te occupares de mim) que me queixe, que te interrogue, que te chame!...

Como te enganas!... Eu?...

Alem de não ter *direito* para qualquer d'essas coisas, não o empregava ainda que o reservasse para meu uso. Eu nunca me queixo. Interrogar-te? Para que? Não sei eu por ventura bastante, não me disses-te tu, que não me querias dizer *tudo*, ou por outra, demais? Chamar-te? \

Seria inutil. Tu não queres, e não podes responder á voz do meu amor. Olha Leonor, escusava violentar-te, nem calcular com as tuas impressões, reprimindo-te, e recusando-me o segredo d'essas impressões, temendo (quem sabe) comprometter-te demasiadamente para comigo! Nunca podes crêl-o. Alguma vez te implorei o dever de amar-me ou de cumprir, o que uma hora de exaltação te fizesse prometter-me?

Sabes bem que não!...

Tu não me conheces. Eu não quero, não acceito e não recebo do coração, senão o que o coração quer, ou pode livre e expontaneamente conceder-me.

Inspira-me desdem e piedade a tua reflexiva prevenção; a tua calculada analyse do que *deves* ou não conceder-me, para que te não vá de futuro inquietar a tranquilidade, o somno, com gritos de dor e lamentações de desgraçado!...

E' quasi miseravel esse teu calcular!... Não posso deixar de rir-me, apesar de o fazer com riso bem cruel. Se o visses comprehenderias o que elle exprime, e deixavas-te d'esse frio arrasoado, com que pensas tranquilisar a tua consciencia!...

ra e a noite na sua alma; da aurora toda a luz explendida, da noite a frescura consoladora. Todas as cordas da sua alma tão dos anjos, vibravam em harmonia com as harmonias *eólinicas* dos instrumentos do céo.

Toda a sua vida tão curta, tão linda para a impaciencia do bom Deus, conservou aquelle perfume angelico, estranho, que trouxera das regiões longinquas, luminosas, celestes que rodeam o throno de Senhor, impregnadas do pollen palpavel dos lirios brancos. Era bôa, era linda, era querida. A' luz do seu olhar ao calor dos seus sorrisos, desabrochavam flores nas almas tristes. Era a alegria, a saude, a belleza, a luz que a circundava.

E os corações embebedavam-se com uma mentira.

A alegria fugiu com a saude, a belleza sumiu-se na escuridão d'um luto.

E morreu a Julinha, ella, ella, que é ainda hoje, o anjo da guarda d'aquella casa triste!...

Invocada pela saudade, a lembrança d'ella, muito clara, muito côr de rosa, encantadora, volita constantemente ante os olhos humidos, luminosos como os raios d'uma custodia no alto d'um throno, entre as mil luzes do altar e o perfume do incenso e flores, serena como o canto das harpas, consoladora como a agua limpida d'uma fonte n'uma collina interminavel.

Morta como está, da vida das coisas mortas, dá falla ás coisas mudas. As horas do dia, um dia que fôra alegre, um dia que hoje é triste, um pequenino objecto, um nada, são chrysalidas que rompem o casulo, borboletas brancas, azues, côr de oiro, iriadas, que esvoaçam, esvoaçam, subindo, subindo, batendo as azas, para o ceo longinquo, para o céo que ella habita e d'onde a saudade a chama como a saudade do Senhor a chamou.

E ella orando lá em cima, muito longe, entornará sobre todos a paz onde se julga que só reina o desespero. Harmonia milagrosa das orações da terra e do céo.

.....

.....

As lagrimas cahidas nas mãos invisiveis d'um anjo, são logo offerecidas a Deus!...

Ella morreu, e a eterna saudade faz-nos

Aos pés d'ellas, o cãosinho,
Ao seu lado, o guardião,
Só difere no focinho,
Mais estreito que o do cão!
Se os virem, adivinho
Que o tomam por irmão!...

Não pude mais d'esta vez
Conter tanta gargalhada...
Entrei e disse: "quem fez„
"Esta estupenda chapada?!„
Pois, meu amigo, o freguez
Quiz a familia inteirada!...

E assim accrescentou:
Toda a gente me tem dito,
E eu tambem por isso 'stou,
Que do grupo o mais bonito...
—Diga lá se adivinhou?!—
Ora essa? (E' o cãosito!.....
.....

Landim, 31—10—95.

D. S.

Pitadinhas a esmo

«Noite pallida e triste. A lua, urna saudosa do azul infindo, derrama sobre a terra lagrimas de luz celeste.»
«Sombria, impassivelmente, alveja uma Cruz, quasi escondida por entre as ramagens d'um cemiterio!...»

«Impressões d'alma».

E' justamente o que nos faltava descobrir.

Porque nem o raio do Saragoçano se atreveu a tanto—ver na lua, na triste lua, o cofre *saudoso do azul infindo!*.....

Nem que o luminoso satelite fosse ahi qualquer taleigo d'encommendas, quanto mais com o bôjo de guardar todo esse azul que vae de Melgaço ás portas do *Quim Fá*, na China!...

T'arrenego diabo!..„

Lá o entender que alveja sombria, e *impassivelmente* uma Cruz, no centro do meio das ramagens do cemiterio, com isso é que nós não temos nada, porque pode muito bem a «ubradi-

* *

Rapaz

«Precisa-se um de 11 a 13 annos, da provincia, com alguma pratica de mercearia. E' para pêso».

«Primeiro de Janeiro», n.º 264».

Dão agora em boa os bacalhoeiros da invícta. Comprarem rapazes para vender a pezo como qualquer boião de manteiga de porco, é pyramidal, de se lhe tirar o chapéu!...

Porque lhe não atinamos com outros motivos, a não ser que elles sirvam, como os bacorinhos de Murça, para o enchimento de salame,—mettendo-os assim inteiros dentro d'uma tripa de boi, salvo seja!...

* *

Diz o nosso collega "A Ideia Nova„ de Barcellos:

O regimen do calote

Os operarios da camara municipal de Lisboa ha já tres semanas que não recebem os seus salarios.

Não brinque o caro collega
c'os typos da Lisbia amada!...
Ponha os olhos na «Vanguarda»
Que trincou sua *naifada!*

Bem sabe. Nós os pelludos
só servimos p'ra pagar!...
E lá elles, guedelhudos,
pregam-nos trinta canudos,
e por cima—*Não chiar!*.....

Deixe pois a *mancipal*
não pagar os taes salarios!...
O que ella quer é votantes
não precisa d'operarios!

* *

«Individuo viuvo, de 68 annos, bem comportado e com ordenado de 360$000 réis annuaes, estando n'uma povoação proxima d'esta cidade e desejando casar com uma senhora solteira, d'idade não superior a 22 annos,

Declaração

Maria da Cruz Teixeira
Senhora de sã rasão
Vem hoje d'esta maneira
Avisar todo o *pimpão*
Que lhe não chamem *sopeira*
Sob pena de prisão
Ser dada sem brincadeira.

Visto ter novo estado
Muito breve na egreja
Seu radiante noivado
Com José Pinto Carqueija
Manda ter *bico* calado
A todos, ou da peleja
Algum será maltratado.

Como seu magro marido
Descende de boa rama
E tem um fino ouvido
Como qualquer *patrazana*,
Não quer graças no sentido
De lh'apar'cer qualquer trama
P'ro noivado ser perdido.

Portanto diz arrogante
Que se julga com direito
De não mais abrir o peito
A qualquer *louro tonante*
E se este seu preceito
Alguem o achar *pedante*
E' tolo e asno feito.

E p'ra n'esta exposição
Ficar tudo valioso
Diz alto e em bom são
Por este meio honroso
Que tem a procuração
D'auctoar qualquer teimoso
O bravo Sebastião.

. . . . . .
. . . . . „

RECONHECIMENTO

Maria da Cruz Teixeira

o [illegible] ouvir alguma chalaça irrisoria d'algum gracejador! Os bilhetes, até ao dia do sarau, vendem-se em casa do snr. Clemente Pereira Rezende, sendo os seus preços:—superior 200 reis; geral 100 reis.

—Por fallarmos no sarau, levamos ao conhecimento do publico que *extra-programma* ha-de haver alguns improvisos de bom effeito. Se me fosse permittido não segredal-os, com certeza que a commissão tinha urgente necessidade de mandar imprimir mais bilhetes, em virtude da sua *phenomenal procura*. Mas, vista serem *improvisos*... silencio!...

—A commissão dos festejos, em cartão de visita pediu ao digno proprietario do «Jornal de Santo Thyrso» Ex.^mo Sr. Jose Bento Correia, o distincto favor de noticiar estes festejos. Porém, devido a esquecimento (ou indifferença?) não tiveram tal dita!!!

—Foi causa da intemperie athmospherica o Ex.^mo Snr. José da Silva Abreu Guedes, de Famalicão, não pôde realisar um *pic-nic* na pittoresca Cêrca do Mosteiro de Landim, como estava projectado para domingo passado.

—No dia 30 do mez passado, houve na egreja d'aqui os responsos de sepultura com assistencia de vinte padres, pela alma do fallecido Bento Machado d'Araujo, da casa do Pregal. O acompanhamento foi numeroso, pegando ás azas do caixão os Ex.^mos Srs. Francisco José da Silva, Francisco Pinheiro Alves, Francisco d'Araujo Pereira, e Bernardino Dias de Sá. Fechou o caixão o Ex.^mo Sr. José Hilario Teixeira de Mello. O fallecido era um rapaz trabalhador, reconhecendo-se-lhe em todo o seu proceder bondade e innocencia. Paz á sua alma.

—De regresso a Pernambuco, partiu para aquella cidade, o nosso amigo, Ex.^mo Snr. Alberto Martins Leite Bastos, acompanhado de sua esposa, a Ex.^ma Sr.^a D. Flavia Dias Borges Martins.

Hontem recebemos o seu cartão de despedida. Fazemos votos pela sua feliz viagem e que em breve voltem á sua terra natal.

—Do Rio de Janeiro chegou aqui ultimamente o Snr. José Pereira da Fonseca.

—Estiveram aqui, em goso de ferias, os distinctos academicos, Joaquim Dias de Sá e Henrique Machado d'Araujo Junior.

—O Snr. José Carneiro—*O Santeiro* perguntou a um amador da Tuna d'esta freguezia, se *bandoli-*

Que mil felicidades lhe bafejem o porvir e a sua ex.^ma consorte, é o que sinceramente lhe apetecemos.

Partido republicano

Dizem-nos com toda a reserva de que um cavalheiro d'este concelho, de toda a respeitabilidade, proeminente no nosso meio financeiro e illustrado, vae entrar para as fileiras do partido democratico, e tomar o seu posto na avançada d'aquellas hostes.

A ser certa a noticia muito tem a lucrar o partido republicano com mais este lucrador da liberdade.

Em Landim

De visita ao nosso bom amigo e subscriptor, o ex.^mo sr. Antonio Joaquim de Souza Velloso, d'aquella freguezia, estiveram ultimamente alli suas ex.^mas cunhada D. Felicidade Neves Velloso e filha, da cidade do Porto.

Festejos ao 1.º de Dezembro

Da illustrada commissão de festejos que tem por objecto organisar em Landim uma apotheose ao glorioso dia que nos relembra a nossa restauração patria recebemos a respectiva senha d'entrada, ou convite para o sarau, que affectuosamente agradecemos aqui.

Casamento

Está para breve o casamento d'uma sympathica dama de Landim, com um cavalheiro aqui do concelho de Famalicão.

Damos a noticia com as reservas que o caso requer.

Cambio do Brazil

[illegible] Sousa, que ha dias enfermara como antecedentemente noticiamos.

E' do coração que lhe desejamos o seu mais curto restabelecimento.

Carros Rippert

Falla-se na proxima abertura d'uma carreira de viação Rippert entre Famalicão e a visinha freguezia de Landim.

A ser assim ha rasões de sobra para dar os parabens a esta tão florescente e aprazivel localidade.

Fallecimento

N'esta freguezia falleceu hontem de madrugada a sr.ª Felicidade da Silva Brites, muito bemquista na localidade pelo seu caracter lhano, e sogra do sr. Francisco da Silva Barros, actualmente no Brazil.

Melhoramento

Vae principiar em breve a obra de construcção do novo cemiterio d'esta freguezia, sendo o terreno cedido gratuitamente pelo nosso bondoso director snr. Visconde de S. Miguel de Seide.

Principia tambem a effectuar-se a obra de reparação na egreja, devido aos bons esforços da respectiva junta parochial, e ao benemerito parocho d'esta freguezia snr. padre Antonio José da Costa, que tem sido incansavel em promover toda a ordem de melhoramentos para a terra que lhe foi berço.

A pessoa encarregada em Famalicão para quaesquer informações para o «Leme», é o snr. Victor Correa Guimarães - Praça da Motta, n.º 1.

Curso Nocturno de Instrucção

A GRANEL

Derrama Industrial de 1894

Terminou o prazo para o pagamento d'esta contribuição do Estado.

Aviso aos refractarios para evitar qualquer dissabor da Fazenda.

Alberto Martins

Acompanhado de sua ex.ma esposa ausentou-se para Pernambuco a tomar a direcção da sua casa commercial, o nosso bondoso amigo e assignante snr. Alberto Martins Leite Basto, da casa das Beiças, da freguezia de Landim, d'este concelho.

Segundo a nova reforma eleitoral é de oito o numero de deputados a eleger por todo o districto de Braga.

Segundo se deprehende d'uma lista publicada pela «Tarde» orgão official do partido governamental, em Lisboa, são estes os apresentados pelo governo como candidatos às proximas eleições geraes do dia 17 do corrente:

João Franco Castello Branco, ministro do reino; Adolpho Pimentel; Monsenhor Santos Viegas, abbade de S. Thiago d'Antas; Guilherme de Abreu, Conselheiro Pereira da Cunha, empregado superior do ministerio do reino; Dr. Carlos Braga, advogodo bracarense; Dr. Quirino de Jesus, redactor do "Correio Nacional„ de Lisboa e o Rev.º Abbade de Maximinos.

Convalescença

Continua bastante doente o nosso bondoso amigo de S. Paio de Seide, o snr. José d'Arau-

TYPOGRAPHIA MINERVA—FAMALICÃO

ANNUNCIOS

Curso Nocturno de Instrucção Primaria Avidos—Famalicão

O professor d'ensino livre Theotonio Gonçalves, abriu o seu curso nocturno de instrucção primaria, no logar de Penço, da freguezia de Avidos.

Funcciona das 7 ás 10 horas da noite.

LIVROS UTEIS

Codigo Administdativo [1878], 240 reis; Contencioso Aduaneiro [dec. de 27 de setemoro de 1892], 200 reis: Codigo dos Proprietarios, 200; Codigo do Processo Commercial, 200; Elucidario dos Juizes de Paz, 200; Elucidario dos Parochos [compilação de leis referentes ao clero parochiante, de 1 de janeiro de 1860 a 31 de junho de 1894 e na integra, os decretos sobre aposentação, etc.] 400; Guia dos Regedores e Juntas de Parochia, 240; Lei do Sello, 100; Legislação Varia [referente ao exercicio do poder judicial], publicada desde 1890-1895 [unica Synopse da Legislação da mesma indole desde 1835 a 1889 300; Procurador do Contribuinte Industrial [collecção de modelos de requerimentos], 200; Reforma Eleitoral, 160; Reforma da Instrucção Primaria e Secundaria, 100; Regulamentos: da Contribuição Industrial, 200; da Contribuição de Registo, 200; da Execuções Fiscaes Administrativas, 200; dos Vinhos e Azeites [com reportorio], 100; Tabella dos Emolumentos e Salarios Judiciaes, 200.

Pedidos, acompanhados da respectiva importancia, á Empreza Editora, *Bibliotheca Popular de Legislação*, rua da Atalaya, 183, 1.º—Lisboa.

O DEBATE

JORNAL REPUBLICANO DA MANHÃ

Redigido por devotos apostolos á causa popular. *O Debate* tem uma larga secção das provincias redigida por conhecidos democratas que fóra da capital, sustentam os principios republicanos e os interesses das respectivas localidades.

Redacção e administração em

LISBOA

Travessa da Trindade, n.º 12, 2.º

Toda a correspondencia relativa á redacção dirigida a *Pedro Ferreira*, a que se refira á administração a *M. Caradosso*.

Legislação Judicial

Publicada nos ultimos annos (1890-1895) inclusivé; acha-se na integra n'este volume o emsynthese, a publicada desde 1835 a 1889.

Este livro, que tem por titulo **Legislação Varia** [referente ao poder judicial], póde, sem exaggero, classificar-se poderoso auxiliar tanto dos magistrados judiciaes como dos respectivos escrivães, e dos snrs. advogados, e outras quaesquer pessoas das que lidam no foro, a quem pelo menos evita trabalho de indagação.

Ao resto da edição juntaram os editores um elucidativo ADDITAMENTO, que lhe augmenta o interesse. As pessoas que já tiverem a edição e o desejem adquirir, queiram solicital-o á empreza editora que lhe offerece gratuitamente.

Pedidos á *Bibliotheca Popular de Legislação*, rua da Atalaya, 183, 1.º—LISBOA.

Officina de alfaiate

«Vae abrir novamente, o alfaiate sr. Antonio dos Reis, o qual estará á testa do seu negocio».

Diz isto em annuncio um dos jornaes do nosso Douro—Que o sr. Antonio de Tal vae abrir novamente, n'uma officina d'alfaiate.

Nada nos espanta a noticia acima porque o tempo não é para outra cousa. O Santo André está á porta, e cada terra tem seu uzo.

O que nos fez pasmar, do que não sabiamos, é que o sr. Antonio levasse a coragem ao ponto de assistir á abertura do seu redenho, e fosse já a segunda vez que se prestasse a tal autopsia.

Ha gente para tudo!...

* * *

A' volta do mundo a pé

«Mais tres individuos portuguezes vão intentar a viagem em volta do mundo a pé e sem dinheiro.

São elles os srs. Augusto Marianno, Guilherme Garcia e Carlos de Assumpção. Este ultimo deve partir por todo este mez, de Alqueidão de Santo Amaro a pé para Lisboa, afim de se reunir aos seus companheiros de viagem. Os tres viajantes contam gastar 1:044 dias e esperam que a Sociedade de Geographia lhes forneça o itinerario, fatos e cartas para a Sociedade de Geographia e á imprensa».

Talqualmente a celebrada viagem de trez pandegos que em Vianna do Castello pregaram o *jéco* a uma hospedeira, e lá foram de escantilhão, á volta do mundo, por S. Thiago de Compostella!...

Os pobres *sucios*, julgam naturalmente que isto de viajar á larga ou descobrir o pólo e ahi qualquer romagem ao Senhor da Pedra, que a fazem com trez bolinhos de bacalhau e borôa!?..

Lá o ir de Alqueidão a Lisboa, como o ultimo dos trez vae fazer, não é para espantar o orbe a pataco por cabeça, porque d'essas corridas executa-as ahi, quotodianamente, qualquer boletineiro postal e não leva cartas do Luciano Cordeiro para essas feitas!...

Deixem-se pois da pimponice, porque isso aqui já não pega; e de Lisboa aos artelhos da Nova Zelandia, é muito mais longe que do Chiado a Rilhafolles!...

cia o facto a quarenta reis por linha e em typo 12, com sello e tudo.

A questão é que não faltará ao tolleirão que espera na redacção, uma qualquer decisão que lhe avive o coração; porque a estação é mesmo a propria para o casamentão que o guloso velharrão quer levar a effeito n'uma povoação alli perto da cidade de que reza o annunciarrão!

Creia o pelitraina de Castello Branco de que não faltarão pretendentes ao expendido no seu edital.

E tanto que por causa de duvidas aqui lhe apontamos o primeiro, para seu descanço e devidos effeitos;

Corre depressa a Lisbôa
s'inda tens certas as *cócas*
E encontrarás a bôa
Mariquinhas das *Tairócas!*...

* * *

«**Mais um:**—Desappareceu o recebedor da comarca de Ceia, deixando um alcance de nove contos de reis.

Mais uma consequencia da moralidade dos costumes, mais um corolario da maneira como a justiça procede, castigando os pequenos criminosos e deixando impunes os grandes.»

Do «Louletano»

Até se parece este arrasoado com um dos sermões do nosso Padre Antonio Vieira, barregando contra os phelisteus da Bahia, alli por tantos de tal de mil seis centos e pico!...

E é pregar no deserto. Porque se o homem fugiu de Ceia caurinando-a em nove contos de reis, hade apparecer p'ra almoçar quando a tripa lhe dér horas!... Verá.

E nada de afflgir, porque este mundo é de quem mais pilha, palavra d'honra.

MAXIMA

A mulher meiga, é como uma formosa manhã de primavera.

Esta nobre papelada.

Eu escrivão da cambada

Dominyos da Teçoleira.

Milagre!...

De Ruivães dizem a medo
Haver coisa d'espavento
Que rebentara um penedo
D'elle logo um *nascimento*
D'um menino manso... quêdo,
Com *orelhas de jumento!!!!...*

CORRESPONDENCIAS

Landim, 6 de novembro de 1895

(Do nosso correspondente)

Falla-se na reorganisação da musica d'esta freguezia, sendo indigitado para mestre o nosso amigo, José Duarte de Carvalho Gonçalves que já durante algum tempo a regeu com uma indiscriptivel aptidão, chegando a ficar victorioso em diversos combates com outras musicas de grande nomeada! E' um emprehendimento muito louvavel e sympathico que deve ir por diante, ainda mesmo com alguns esforços e sacrificios da parte d'algumas pessoas.

Não somos aduladores, mas felicitamo-nos pela prosperidade e augmento da terra que nos foi berço!

Parece-me que se deve proceder a uma subscripção geral n'esta freguezia, afim de se satisfazer ás suas mais instantes necessidades, e para o que com certeza todos concorrem.

A'vante pois, landinenses!

—A commissão dos festejos do primeiro de dezembro, mais bem pensada resolveu não vender os bilhetes de entrada para o sarau, de porta em porta, como disse na minha correspondencia ultima, evitando assim augmento de receita *ao sapateiro*

Se salvam felizmente!
Oh quanta pena eu tive dos finados!
Pois nunca vós serieis approvados
Se eu hoje fosse Lente!...

Porto, 28-10-95.

D. S.

DIARIO D'UM INFELIZ

17—8 horas da noite.

Não sei porque não queres vêr-me! Estive debaixo da tua janella uma hora á tua espera. Não appareceste!

Tens rasão! E para que vêr-me? Porventura poderia, ou pode isso agradar-te? Sou bem estupido quando assim me deixo dominar pelo desejo de ser alguma coisa para ti.

Dá-me vontade de rir da minha ridicula e pretenciosa vaidade! Na verdade o amor tornou-me bem pobre de rasão!...

Sinto-me tão pequeno!

Vejo-me tão empobrecido!

Concebo-me tão louco que tenho piedade de mim, como d'um ser enfermo e transtornado pela molestia.

Porque me não escreves?

Eis o que pergunto a mim mesmo, como se a resposta podesse ser duvidosa, ou custasse muito a encontrar!... E' porque não queres! Não ha nada mais simples, mais logico, e mais natural!

O motivo porque não queres, não o encontro e tambem já nem o busco! A causa acha-se consubstanciada com effeito.

Não queres, porque não queres!

Que a minha vingança caia comigo no descanço eterno da sepultura, e que se não aproxime de ti, como negro phantasma na tua existencia, *no teu feliz viver*.

Amo-te deveras, e o coração quando assim ama, absolve sempre aquelle que abusando da sua fragilidade, no fogo intimo da paixão, o lançou ao mais terrivel abysmo da desgraça!

(*Continua.*)

A mulher vaidosa é a perdição do homem, assim como a modesta é a paz e a felicidade do lar.

Á UMA CREANÇA MORTA

Ha quasi um mez que ella dorme, vestidinha de branco, puríssima como um alfobre de rubis, n'aquelle caixão cheio de flores.

O Ave, os pinheiraes, por onde ella passeava a pedir saude, a acalentar-lhe o somno de creança, a acordar-lhe os sonhos com a musica do murmurar das ondas, o sussurrar das ramagens, gemeram, lamentaram-se, tristes, sob um céo enuvoado, melancolico, no dia em que ella morreu.

Era linda, alegre, cheia de luz da sua pequenina edade, resplandecente como uma alvorada da India, como as madrugadas de abril.

A doença minou-a, empallideceu-lhe as faces, roubou-lhe as forças, ensombrou-lhe o rosto, como as nuvens ao céo no dia em que a Julinha morreu. Só os olhos conservaram o brilho do céo de que tinham a côr, só os labios sorriam tristonhos, quando os olhos olhavam para o céo! O principiar do dia é assim, tem as mesmas côres opulentas do declinar d'uma tarde. O que parecia uma aurora d'abril era o crepusculo da noite.

E ella, a bôa da nossa Julinha, tinha a auro-

A um homem de luneta

Qual sombra leda d'um porvir ameno
Qual vento fresco d'um feliz destino
Qual rosa bella d'um perfume fino,
Serás tu sempre d'um sorrir pequeno.

Qual meiga noite d'um luar sereno
Qual Toutinegra d'um olhar ladino
Qual mestre forte d'um brutal ensino,
Serás dos parvos o fatal apeno.

Serás a norma d'um parvo de basto
Serás o guia d'um bordão nefasto
Serás da patria o cantador da treta.

Serás um *papo que chorando o gasto*
Dirás em breve quando finde o *pasto*
"Lá se foi tudo mas cá s'tá a luneta!„

UM GRUPO SYMPATHICO

Que lindo grupo eu vi
N'uma villa ao pé do mar!
Eu nunca tanto me ri
Com vontade de chorar!
Ainda agora estremeci
Com pena de me lembrar!...

Passando ao retratista
Quando ia para o banho,
Foi tal assombro na vista
Que corri para o rebanho!
E a scena me contrista
Do grupo que não m'é estranho!...

Umas meninas d'aldeia,
Phantasma que a luz fixou,
N'uma d'ellas a mais feia
Que o demo sempre ar'negou...
Em que a aranha já fez teia,
Mas que agora desprezou!

o nosso labor, e pondo até em risco a nossa autonomia e bom nome.

São de verdadeiro interesse nacional pois todas as boas novas que da Africa ou da India nos tenham chegado, e é com o maximo prazer que aqui n'este logar teceremos elogios a quem quer que seja, dado o caso que alguem, pela nossa boa patria, se tenha exposto desinteressadamente como de todos é dever, mas a que poucos estão affeitos, devido á pessima orientação de nossos costumes e proceder.

Porque é sestro velho cá no paiz dos syndicatos, occupar-se o nosso povo pri-

negocios com o Gungunhana estão quasi no seu *terminus*.

E já que fallamos no Gungunhana, diremos de passagem quem é o temivel potentado do paiz de Gaza e que tanto em sobresalto pôz as nossas armas.

—O celebre negralhão do paiz dos vatuas, nem é um borrachão, como por cá lhe quizeram chamar em tempo nem tão pouco tem nada de tolo, como tambem se quiz fazer acreditar.

—E'um politico *pur sang*, um Mirabeau como qualquer outro; um Dubois como muitos que tem havido.

PRO-PATRIA!

Se já outr'ora foi valente,
Se já por todos foi temida,
Exaltou-a a heroica gente
Immolando a propria vida
Pela patria que sômente,
N'esse tempo foi querida.
Se hoje pulsa um coração,
Vem após a salvação.

19—10—95.

S.

12

FOLHETIM

ANNA AUGUSTA PLACIDO

NUCLEO D'AGONIAS

ROMANCE ORIGINAL

Depois d'estas confidencias refinou a minha cegueira. Parecia-me que Nuno ganhava novos direitos á minha estima, cuidava conhecel-o desde muito; fallava-lhe com o abandono d'uma irmã que se crê deveras estremecida. Oh! em má hora resolvi sahir da provincia; em má hora pensei n'esta terra maldita onde eu devia conhecer as paixões mesquinhas de que me julgava a coberto... Ouve:

Tinha Beatriz depois de alguns dias projectado um passeio a Cintra. Esta lembrança sorria-me primeiro que a ninguem, amiga como sou de vêr o céo azulejar-se por entre os choupos, os olmos e os castanheiros em flôr. Ajunta a isto a belleza do local tão afamado, e a excitação da minha curiosidade, desde que o auctor do Childe-Harold, aquelle grande espirito que eu tanto admiro, nos disse d'elle coisas tão lindas.

Marcou-se o dia que amanheceu esplendido, e ás 8 horas da manhã rodavamos estrepitosamente dentro dos caleches que não eram menos de cinco. No primeiro entrara eu com Beatriz, no segundo ia com seu marido D. Guiomar de Menezes, senhora em quem deves estar lembrada te fallei, e que não tornára a vêr desde a noite do concerto. No terceiro vinha a viscondessa, seguindo logo a victoria particular do visconde de Alvarães acompanhado do barão de *** seu intimo amigo, e que eu julgo com intenção a respeito de Beatriz. Fechava o prestito o coche do conde com meu marido.

Tudo parecia prometter-nos um dia agradavel. O ar estava tepido e os palacetes que marginam os caminhos com seus balaustres engrinaldados de flores, brunidos com os raios do sol convidavam o espirito a pensamentos alegres. Todavia, a minha alma ia escura. Sentia uma oppressão inquieta e febril, um desprazimento de tudo o que via, um desejo irresistivel de mandar voltar os cavallos, e fugir não sei a que perigos que um funesto presentimento me fazia antever. Debalde Beatriz a quem talvez não escapara esta disposição melancholica, tentava desenrrugar-me a fronte e distrahir-me; a cada instante recrudescia a minha invencivel tristeza.

Confessemos porém todo.

Não era o meu estado devido unicamente ao vaticinio que como morcego de azas negras avoejava sobre o meu coração. O que fôra a principio sombra vaga e indivisivel converteu-se afinal em realidade. Essas azas negras debaixo das quaes me appareciam garras como de tigre, rodeavam-me acintosamente e pouco a pouco iam demudando de fórma até se transformarem n'uma mulher: essa mulher era Guiomar!

Porque? vaes sabel-o.

Tanto o meu espirito se preoccupara com duas imagens conhecidas n'essa noite fatidica, que todas as outras quasi se esvaeceram na minha memoria. Atonita fiquei, pois, n'essa manhã, quando sem ser convidada nem esperada, no momento em que estavamos para sahir de minha casa, que era o ponto de reunião, vi chegar D. Guiomar de Menezes.

Não posso ainda que quizesse descrever-te a desagradavel impressão que me causou a sua inesperada visita. Vinha deslumbrante de formosura. O rigoroso lucto que trajava fazia sobresahir a alvura e o asseinado de sua faces, como açucena por entre um tufo de verdura... Protestei não te encobrir nada, Henriqueta. Olhei para mim com descontentamento do meu vestido verde-malva, quasi escondido por magnificas rendas pretas. Achei-o vulgarissimo e de mau gosto!

Ves? Cá estava o demonio da vaidade a agitar-se-me no seio. (*Continua*)

1.º Anno | S. Miguel de Seide—Vill Nova de Famalicão | N.º 13

O LEME

SEMANARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	2:500 reis
Portugal »	1:200 »
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	20 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL
Nuno Castello Branco

TODA A CORRESPONDENCIA RELATIVA TANTO A' REDACÇAO COMO A' ADMINISTRAÇAO, DIRIGIDA AO REDACTOR PRINCIPAL

S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sello	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não serão restituidos.

S. Miguel de Seide, 17 de novembro de 1895

AS ELEIÇÕES

Procede-se hoje em todo o paiz á eleição geral dos deputados, na conformidade da ultima reforma eleitoral decretada dictatorialmente pelos membros do actual governo.

Como se sabe, esta reforma alterou em todo o seu contexto, o outr'ora legislado pelo governo do extincto estadista Fontes Pereira de Mello, acabando com a representação das minorias e reduzindo mesmo o numero d'eleitores e deputados, que agora são eleitos por districtos administrativos

capricho e da vaidade, começa por ahi a bandear-se com toda a sorte de dispauterios e prepotencias,—os nossos louvores n'este caso converte-se-hão em caudal de desprezo, porque acima de tudo, adoramos do coração esta terra que nos foi berço, e que tão descurada tem sido por todos, sem excepção de partido ou pessoas!...

Esperamos pois, convictamente que a eleição a que hoje se procederá será o inicio d'uma epocha de paz mais propicia e cuadunante com o nosso viver, porque assim, como actualmente, seria um impossivel, para não dizermos uma hediondissima calamidade.

* * *

Mas as eleições d'hoje serão a expressão genuina do sentimento portuguez? Não sabemos; queremos dizer.... temos bastante duvida n'uma pessoa mais [illegible]

tevam, Rodrigues Sampaio e até mesmo Fontes Pereira de Mello, isso é que jámais voltarão!!...

N'esses tempos deixavam manifestar-se com mais amplitude a vontade popular! Jogava-se mais á livre o destino d'um governo liberal!...

Não se manietava com o arcabuz d'esse decreto a decisão d'um povo livre,—deixava-se a nação votar livremente, ainda que bastas vezes se corrompesse a consciencia d um eleitor!

Mas o governo não peccava, peccava o cidadão que se corrompia!...

O governo dava-lhe as prerogativas de se manifestar em toda a sua força. E se o cidadão prevaricava, se gostava de locupletar-se nos festins d'um Balthazar de grãocruzes, nos lupanares d'um syndicato qualquer, a culpa era toda sua, o crime era do

A Anna Augusta

Aos vinte annos vi um anjo refulgente
ouviam ser a Esperança. Tanto andei
a segui-lo, a fitar-lhe a face ardente
— a deslumbrante luz que rutilava —
que emfim, sendo já velho, ainda a fitava
com olhos juvenis, louco temel
em vez de frente a luz que me offuscava
até deixar de a ver; porque cegueí.

Camillo Castello Branco.

SECÇÃO LITTERARIA

DIARIO D'UM INFELIZ

18—6 horas da tarde.

Esmagam-me o peso d'estas dores que o Senhor me mandou soffrer á terra!

Abafa-me esta ancia que me tortura!

Escalda-me o fogo d'este sentimento; abraza-me este pensamento, enlouquecem-me estas imagens, estas ideias que fazem da minha vida, um tormento, um escarneo, um martyrio!...

Senhor, tende piedade de mim!

Cumpra-se a vossa justiça, muito embora, mas sustente-me a vossa força!

Que a fé me não abandone, Deus das misericordias immensas e infinitas!...

O chorar fôra um bem doce alivio... mas já não posso chorar!...

19—5 horas da manhã.

Estás sempre aqui, tão estreitamente unida comigo, que não somos ambos mais que um só ente.

O que se passa em volta de mim não reparo nem me importa; tu estás sempre ali!...

Podia o mundo material voltar ao cáhos de que sahiu a voz do Eterno, que eu não presencearia essa queda da materia, se ella podesse completar-se sem envoltar o espirito.

Ha em mim dois homens; ou ha na minha organisação, uma duplicada natureza, uma duplicada existencia.

Vivo n'uma vida só para ti, ou por ti: vivo—ou vegeto—outra materiai e phisicamente, como vive qualquer planta, ave, ou reptil, que se move porque tem movimento, come porque digere e ha de morrer porque vive.

(*Continua*)

Ao som d'uma guitarra

(*Ao meu particular amigo Alfredo Velloso*)

Não durmas, que o somno das noites serenas
Te rouba centenas de encantos sem fim;
Oh, vem, nao demores, unir-te a meu peito,
Que as palhas do leito não bolem assim!...

Acorda, não durmas, que a vida é escassa,
Que quasi se passa n'um longo dormir;
Os ternos momentos mais bellos da edade
Só deixam saudade, não tornam a vir!...

Levantam-se os astros na esphera celeste,
E a lua reveste seu manto doirado;
Que mudo silencio nos seios do mundo,
Que somno profundo, sem teres acordado?!

rebro, tanto se lhe dando que a etymologia grite por soccorro, como se a prosodia vá plantar batatas, berrando pela guarda á vista do sangrador que a estraga.

A questão, o decantado xis, é que o seu nome venha em letra redonda nos fundilhos da supradita asneira. E em typo vinte e quatro, se tanto podesse ser!...

E barafuste-se indite embora contra a degradação a que chegou o jornalismo na actualidade!... Um marialva que usa lunêtas e comprou polainas, deve escrever lôas attenta a focinheira de bom entendedor; e um seminarista qualquer, deve infalivelmente fazer revistas para os periodicos, porque não ha nenhum..... que não seja neto direito da senhora sua avó!...

E á vista d'isso pois, chegamos á conclusão de não termos remedio se não aceitar de bom grado as considerações de Michelet—que até os parvos teem a sua utilidade n'este mundo, porque desopilam a ligadeira aos que soffrem de *melancholia*, dando-se a circumstancia attenuante, d'aquella loucura mansa não fazer mal a ninguem. Antes pelo contrario—augmenta a industria typographica, ainda que, derrancando os compositores, os ponha mais tolos do que a propria grammatica do Cassoila de Freixo de Numão!...

* * *

E para terminar:

Havia em tal terra um rei, que tinha um filho tão gentil, tão galante, tão galante, que fazia o encanto das feiticeiras.

O pae, como então era uso, no dia do baptisado do Lucas, convidou as fadas dos seus estados, a assistirem ás regias bodas, dando cada qual ao seu pimpolho uma

PIPAROTES

Resposta ao Comba

Caro Comba Frigideira
Folguei de ver teu bilhete
Embora com pederneira
Ou escripto a cacete
No vasto campo d'asneira
Marcas bem o teu ferrete.

Que parvo ès, já se sabe
E por todos é notorio.
Mas que trêta já te cabe
P'ra sebento palanfrorio,
Isso até ao abbade
Espanta no oratorio!

Tu velho asno cançado
Tomáres agora andadura
Não acho bom; e pisado
Vais ficar da ensinadura
Com chagas... espravonado,
Sem nenhuma ferradura.

Não sei se teu pensamento
Suspira por barulhada
Mas vendo teu *nascimento*
De penedia callada
Custa crer-te bom bulhento
A não ser na tratantada.

Mas emfim tu já marcado

pesou 32 arrobas, ou 480 kilos, e vendido a retalho, produziu mais de 500$000 réis.

Calcula o jornal que dois bois não dariam tanto.»

Já se vê que sim. A respeito de arrobas temos conversado; ora lá dizer-se que vendido a retalho com bandulho e tudo produziu 500$000 reis, não é isso de admirar porque vendido á razão de dez moedas cada arratel ainda poderia render muito mais do que as celebradas piramides do Egypto em hasta publica, como qualquer apolice de boa cotação!...

A noticia pelo visto era muito mais pelluda que os bacorinhos de Murça, se não tivesse como tem o carimbo das Americas, d'esse Brazil onde o porco foi engordado!...

Um *cevado* do tamanho de dois bois, arre diabo!... Salvo se elles fossem ahi da bitola de quatro *chincharravêlhos* novos!...

N'esse caso, sim!...

* * *

Conta a "Vanguarda„ que o cigano Felix Torrado, de Sevilha, dera doze facadas n'um tal Luiz Gomes Terra, portuguez, que expirou apoz a aggressão. Que o cigano quando dera a primeira naifada no Terra, este cahira quasi morto, não obstando isso a que o assassino sustasse a sua faina de sangrador.

O *Farrabroz* de Sevilha a dar assim facadas na terra até pode um bello dia dar um ponta-pé na lua que nos põe á divina, sem lumieira e ás cabras cegas de todo!...

Não haverá por lá um *valiente* que o escangalhe d'um trago, ou um raio que o parta que o fulminar d'uma vez?...

* * *

«Defendeu these, na escola medica, a distincta alumna D. Maria Theodora Pimentel, a primeira senhora açoriana que completa o curso medico.

A these intitulava-se: *Algumas palavras sobre a meningite, como complicação da febre typhoide.*

Por *algumas palavras*, queremos nós concluir que a citada these versou sobre a tenha

sandem ao choloroformio infecto dos seus pulmões, com a pieira do costume.

. . . . . .

Mas o raio da tentaçao a açular-nos o apetite para um deslombamento acabado!...

Vá lá—salta pois d'ahi a enxurrada que nos enviou o parvalheiro em bilhete:

"Snrs. Redactores:

"Falla em espavento
"e em penedo rachado
"E aqui está tudo tão socegado?
"Só se o auctor das linhas
"Encontrou no hospital Conde Ferreira
"Tudo occupado.
"Que por Landim
"tambem dizem que anda outro assim„.

E nós a parodiar o typo dizemos:

E' verdade, sim senhor, estimo muito,
que gose barbicachos bem á farta
que 'screva baboseiras como esta
e até que vá p'ra um raio que o parta.

E se isto não chegar:
que dê c'o focinho n'um cedeiro
até se amansar!...

Ponto e virgula!

CORRESPONDENCIAS

Landim, 13 de novembro de 1895

Eleições

Procede-se hoje conforme se diz em artigo editorial á eleição geral de deputados.

Cada listo insere o nome dos seus candidatos em papel branco liso e as assembleias serão as mesmas onde até ao presente se costumava votar.

No proximo numero informaremos os nossos leitores dos resultados colhidos n'estas eleições, em todo o continente.

Errata

No numero 12 do «Leme» e na secção litteraria — *A Tempestade* — 4.ª instancia 5.º verso, onde se lê *approvados*, deve ler-se *reprovados*. Fica feita a rectificação.

Longevidade

Morreu no Brazil, provincia de Minas Geraes, um homem com a bonita edade de 130 annos. A sua mania agora em tão avançada edade foi a de querer aprender a lêr e escrever, conseguindo chegar a fazer o seu nome por extenso.

O famoso Mathusalem morreu com todas as suas faculdades intellectuaes perfeitissimas.

Juros das inscripções

Começaram na sexta-feira a pagar-se no Banco de Portugal, os juros das inscripções do 2.º semestre d'este anno, e a começar desde o numero 1 em deante.

2.ª feira de Penafiel

Notas falsas

Foram presos em Lisboa tres individuos que andavam pela capital a passar notas falsas do Banco de Portugal, do valor de cinco mil reis, feitas, segundo as ultimas informações, por um lithographo d'aquella cidade.

Expedição á India

Chegou a Nova Gôa a expedição mandada áquella provincia para manter alli o nosso prestigio e auctoridade, commandada pelo Senhor D. Affonso de Bragança.

Chegou tambem o couraçado «Vasco da Gama».

Regresso

Regressou da Povoa do Varzim, com sua Ex.ma esposa e filhinha, onde esteve a banhos, o nosso estimavel amigo e assignante Sr. Antonio Maria Teixeira de Mello, da casa de Penço, da freguezia d'Avidos d'este concelho.

Prohibição da pesca de trutas

Pela 4.ª secção da circumscripção hydraulica foram mandados affixar editaes, lembrando o decreto de 20 de abril de 1893, que prohibe a pesca, e por conseguinte o commercio de trutas, nas aguas interiores do paiz desde o 1.º de novembro a 15 de fevereiro.

Aviso aos pescadores dos nossos rios.

Creança queimada

Ha dias n'uma freguezia do concelho de Penafiel, uma mulher de nome Maria Pinheiro pelo facto de não poder sustentar um filho seu' creança de dois annos, envolveu-o n'um panno

ANNUNCIOS

Partido progressista

O Centro do partido progressista n'este concelho convida os seus correligionarios a reunirem-se na proxima quarta feira, 20 do corrente, pelas 3 horas da tarde, em Villa Nova e na casa onde costumam fazer-se as reuniões, afim de se resolver a attitude que se deve tomar com respeito á proxima eleição camararia n'este mesmo concelho.

Na ausencia do presidente,

O secretario,

JOSÉ BERNARDINO DA COSTA E SÁ.

PERÚS

Vendem-se aos casaes ou separados na quinta de S. Miguel de Seide.

Aos amadores d'antiguidades

Padre Antonio Couto

Falleceu na sua casa de São Thiago de Bougado, concelho de Santo Thyrso, o reverendo Antonio Joaquim d'Azevedo Couto, muito conhecido pela sua tenaz propaganda reaccionaria, que effectuou tanto no pulpito como nas conferencias na Associação Catholica do Porto.

Deixou testamento cerrado, em que institue herdeiro de todo o remanescente da sua fortuna, calculada em mais de 50:000$000 rs. o Seminario do Porto, com a obrigação de crear na sua freguezia um collegio para educação de meninos pobres. Nomeia testamenteiro o nosso amigo e assignante Snr. José Elysio Gonçalves Cerejeira, da freguezia de Louzado, d'este concelho.

A pessoa encarregada em Famalicão para quaesquer informações para o «Lame», é o snr. Victor Correa Guimarães - Praça da Motta, n.º 1.

EDITOR RESPONSAVEL *José Correia*

TYPOGRAPHIA MINERVA—FAMALICÃO

Curso Nocturno de Instrucção Primaria

Avidos — Famalicão

O professor d'ensino livre Theotonio Gonçalves, abriu o seu curso nocturno de instrucção primaria, no logar de Penço, da freguezia de Avidos.

Funcciona das 7 ás 10 horas da noite.

LIVROS UTEIS

Codigo Administdativo [1895], 240 reis; Contencioso Aduaneiro [dec. de 27 de setembro de 1894], 200 reis; Codigo dos Proprietarios, 200; Codigo do Processo Commercial, 200; Elucidario dos Juizes de Paz, 200; Elucidario dos Parochos [compilação de leis referentes ao clero parochiante, de 1 de janeiro de 1860 a 31 de junho de 1894 e na integra, os decretos sobre aposentação, etc.] 400; Guia dos Regedores e Juntas de Parochia, 240; Lei do Sello, 100; Legislação Varia [referente ao exercicio do poder judicial], publicada desde 1890-1895 [julho] Synopse da Legislação da mesma ingole desde 1835 a 1889, 300; Procurador do Contribuiate Industrial [collecção de modelos de requerimentos], 200; Reforma Eleitoral, 100; Reforma da Instrucção Primaria e Secundaria, 100; Regulamentos: da Contribuição Industrial, 200; da Contribuição de Registo, 200; da Execuções Fiscaes Administrativas, 200; dos Vinhos e Azeites com reportorio 100; Tabella dos Emolumentos e Salarios Judiciaes, 200.

Pedidos, acompanhados da respectiva importancia, á Empreza Editora, *Bibliotheca Popular de Legislação*, rua da Atalaya, 183, 1.º—Lisboa.

O DEBATE

JORNAL REPUBLICANO DA MANHÃ

Redigido por devotos apostolos a causa popular. ***O Debate*** tem uma larga secção das provincias redigida por conhecidos democratas que, fóra da capital, sustentam os principios republicanos e os interesses das respectivas localidades.

Redacção e administração em

LISBOA
Travessa da Trindade, n.º 12, 2.º

Toda a correspondencia relativa a redacção dirigida a *Feio Terenas*; a que se refira a administração *M. Cardoso*.

Legislação Judicial

Publicada nos ultimos annos (1890-1895) inclusivé; acha-se na integra n'este volume e em synthese, a publicada desde 1835 a 1889.

Este livro, que tem por titulo **Legislação Varia** [referente ao poder judicial], póde, sem exaggero, classificar-se poderoso auxiliar tanto dos magistrados judiciaes como dos respectivos escrivães, e dos snrs. advogados, e outras quaesquer pessoas das que lidam no fóro, a quem pelo menos evita trabalho de indagação.

Ao resto da edição, juntaram os editores um elucidativo ADDITAMENTO, que lhe augmenta o interesse. As pessoas que já tiverem a edição e o desejem adquirir, queiram solicital-o á empreza editora que lh'o offerece gratuitamente.

Pedidos á *Bibliotheca Popular de Legislação*, rua da Atalaya, 183, 1.º—LISBOA.

Temos à prôa *begueiro*!...

Pitadinhas a esmo

«Na America o jornalismo está tomando um feitio especial. Assim publicam-se 7 jornaes impressos em lenços, 3 que dão aos seus assignantes o direito de tirarem o retrato de graça, 5 que os convidam a jantar uma vez por mez, 260 que dão medico e 3 que pagam os enterros dos seus leitores.»

Só falta apparecer agora um jornal que forneça aos assignantes um copo de capilé ou sinapismo de Rigollot, salvo seja!...

Que de innovações nos chegam todos os dias da joven America, santo Deus!...

Até parece que estamos a ver quando d'alli nos chega a noticia:

De ter app'recido agora
quem dególe o nosso *cão*,
e descobrisse por musica
um systema d'eleição!

E até por baixo preço
por berliques ou berlóques
de nos ensinar a *trêta*
de vendermos os batoques;
.....
que o governo mandou vir,
para a imprensa não ganir!...

Estes americanos da America são mesmo uns sabios como não ha tolo nenhum, palavra d'honra!...

*
* *

«Um jornal de Minas, Brazil, diz que em S. João d'El-rei um tal F. de Miranda, morador na freguezia da Serra, tinha engordado um porco, que depois de morto

aranha aranhão
bicho de toda a nação!...

Sim, porque dizer-se que com *algumas palavras* se cura a meningite, o typho e até o mal das canellas, tapados como uma porta somos nôs se o entendedoiro nos chega a mais!...

Ou escrevam com mais *prauza*, se querem palavras amigas!...

*
* *

Pelas vias postaes recebemos de Ruivães um bilhete de dez reis, tendente a fazer espirito sobre o nosso piparote de domingo passado—*O Milagre*—, e em que o chulismo corre parelhas com a mais refinada das pelintranisses.

Conhecemos o poltrão que rabiscou a estrumeira pela carapuça d'asneiras que lhe saem quotudianamente da lata, assim como pela piranguice do arrasoado que se parece mesmo ter um *nascimento* muito de Bertholdinho, ou d'um pantomineiro abarracado!...

Não respondiamos ao lafrau na *casa triste* se não fosse o vir dar-nos o alegrão de prehencher estas columnas com qualquer coisa de ridiculo, visto faltar-nos o assumpto esta semana para uma longa serie de piparotes.

Mas já que o *corretaina* de Ruivães vendeu os tamancos para nos mandar um bilhete de meio vintem, fazendo espirito com a sua chapada d'um humorismo lôrpa, aqui lhe consignaremos os nossos agradecimentos, tomando-os o geringonça da Silva Frigideira por uma resposta se assim o quizer ou melhor entender.

Mas dizendo em todo o caso a essa illustrissima alimaria de Ruivães, não termos aqui picadeiro ou curral de parvos onde o jagodes sem freio podesse aprender a não ser burro tão chapado como é; porque se o tivessemos, já ha muito que o pescorrencia do *Milagre* tinha dançado na corda bamba da bexiga, ahi como qualquer moleque de cordinhas, comprado no Cainéo!...

E ficaremos hoje por aqui, pedindo ao façanhudo berimbau do postal, e que tanto se doeu com o torcilhão do *Milagre*, a que continue a mimosear-nos com a'salsada das suas baboseiras, porque nos desopillam o figado, ainda que tre-

nemos, querendo ter a certeza do bom tempo para essa occasião, vae telegraphar immediatamente ao Saragoçano, pedindo-lhe que seja benevolo com as pressões atmospherica, remunerando-se-lhe tão especial fineza com dezoito vintens. O Clemente Rezende está tão animado que se promptifica a pagar o telegramma na condição de ser o primeiro a assignal-o.

—Levo ao conhecimento do respeitavel publico que o *sarau* é realisado nó Salão da Quinta da Vistoria—Salão com 100 metros quadrados, podendo comportar 500 pessoas!

As pessoas que lá entrem não podem fumar, bem como é prohibida a entrada com bengalas ou pau, evitando-se assim uma respiração viciada e a gravidade de qualquer desordem.

—Por especial fineza d'um dos redactores do *Leme* foi-nos permittido vêr um postal, dirigido á respectiva redacção, e assignado por um tal *Comba da Silva Frigideira*, de Ruivães.

Tal obra denota que o author soffre de rheumatismo, porquanto é preciso ser se bom paleographo para o entender.

Peço-te *Frigideira* amigo a fineza de me saberes se a *taes* Symphonia já está prompta.

— E apparece com outro *bilhêstre*.

A. Coelho

A GRANEL

O Tempo

De alguns dias para cá tem chovido copiosamente com acompanhamentos de ventania que tem produzido enormes estragos á lavoura, em atraso no seu S. Miguel.

Dizem-nos de Riba d'Ave que os temporaes alli causaram grandes prejuisos, deitando mêdas abaixo, ramadas e arvores de fructo.

O Saragoçano pelo visto parece andar de candeias ás avessas com nós outros cá dos confins da Peninsula.

19—4 horas da tarde.

Estes ultimos tres dias marcam uma epocha bem cruel para mim! Corramos um negro veu sobre essa quadra.

Eu amei-te sempre e tu—se não amavas—occupavas-te em me mortificar!

E esse martyrio qual foi? Callemos, Leonor, a sua explicação.

A minha vida é d'uma tal enfermidade que ninguem dirá vendo-a deslisar assim monotona e regularmente, que vivo um seculo em cada hora, que soffro ás vezes uma eternidade de torturas em cada momento, e gozo por vezes a immensa felicidade do amor em um instante!

Quem dirá vendo-me calmo, tranquillo, que sinto o fogo do inferno dentro em mim? Pois sinto Leonor, sinto essas chammas malditas a cercar-me o coração!

Se fosse o fogo da Bemaventurança, não blasfemaria a sós contra o meu destino. Não, eu sentiria então o estremecer da ventura, n'um louvar eterno ao Senhor lhe supplicaria a sorte de que me fizesse digno na terra, que me fizesse ensinado a amar e a antever n'esse amor a esperança a sorridente alegria dos anjos!

Eu vivo em dois mundos e em duas vidas.

Uma gasta-se n'um êrmo de tudo que são affectos e sensações da alma, em turbilhões de esperançosas alegrias futuras; outra em agonias horriveis em trevas medonhas onde só vejo a todo o momento a visão negra da desgraça.

Eis a vida que eu vivo, no meio dos dois mundos; n'aquelle em que te não encontro e te não vejo. Ainda assim na minha imaginação fallo-te, vejo-te e ainda melhor como tu me olhas!

«Eis a dormir o trovador sentado,»
«Tendo a seu lado uma guitarra nova;»
«A' qual eu dando mui tremido som»
«Cantei-lhe então esta bonita trova:»

Dorme, donzella, n'esse somno lêdo,
Que aqui teus medo, tudo é medonho...
Dorme, coitado trovador, sem cura
D'essa aventura só terás um sonho!...

Porto, 11—11—95.

D. S.

AS FADAS E O LUCAS

(OS LITTERATOS)

Hoje como sempre, a eterna mania da epocha, succede justamente o que o nosso grande Camillo asseverou n'uma das suas geniaes producções—que não havia litteratos, que, com solla e tira-pé deitassem meias sollas; mas havia sapateiros que com papel e tinta faziam folhetins.

E assim é.

Um parvo qualquer, um *badoux* que por ventura compre pomadas e leques de tostão, é jornalista por nascimento; ainda mesmo que um fiasco o tenha dentado na sua reputação de peralta, ainda mesmo que o pontapé dos entendidos o tenha deitado a rigol para o pantheon das inutilidades!...

Um marçano em segunda instancia, qualquer lavrador mesmo, e com presumpções a regedor d'aldeia, escreve para os jornaes da localidade, ressuando no almasso as baboseiras que se lhe encharcam no cerebro.

Será um portento de locomotiva, dissera a fada Eliza. E um cadet d'intelligencia, rogougou a Ermengarda. E um escriptor *pur-sang*, appoia D. Ximenes. Um maleficio especial para as maleitas, diz do lado D. Gertrudes. Mas tambem ha de ser um *macarêno* apostrophou d'um canto a fada da Meia Noute.

E todas á uma, fugindo cada qual para o seu souto, a pipilar como os carriços novos: *Um macarêno, um macarêno!!!*...

.....

E no paço d'aquelle monarcha tudo são choros, tudo são prantos, por causa do maldito *macarêno*; do raio do palavrão que veio entupir a santa familia em romaria.

.....

E tudo assim, justamente succedeu. O Lucas é hoje um portento, uma intelligencia, um grande sabio; mas macarêno como um pataco falso, macarêno como o Roupinhas da Batalha, macarêno como a sineira de Requião!...

* * *

Lombroso esqueceu mencionar na sua grande obra esta especie de larvados—os *litterato-maniacos-pedantes*.

E se o fez propositadamente, deve-se á circumstancia de querer o celebre e eminentissimo criminalista, elevar a industria graphica ao mais alto grau de prosperidade.

—Ou então era por força socio d'alguma fundição typographica.

Tudo pode ser.

pecial alvedrio que procedendo assim melhor cimentaria os alicerces d'uma boa organisação administrativa e que tal medida prepararia um porvir de prosperidades para a nossa terra,—terá n'essa caso o nosso appoio sincero e desinteressado, não lhe regateando louvaminhas e as hossanas que necessariamente mereceriam.

Mas porém se o seu intuito foi estabilisar-se no poder, engendrando uma representação popular á sua moda, o que não acreditamos, e se, hasteando a bandeira do ocioso dizer não me acharmos uma cerneIha de vontade para se manifestar na urna, dizendo ao governo se lhe approva ou não o proceder....

—Não se lhe importa, bem entendido! Deixa correr as marfins, como se costuma dizer em linguagem plebêa!...

* * *

Eleições como nos aureos tempos de Rodrigo da Fonseca Magalhães, José Estevão, Tavares de Almeida, Fontes Pereira de Mello, Barjona de Freitas, Antonio Rodrigues Sampaio, Mendes Leal, Casal Ribeiro, Rebello da Silva, Sá Nogueira, Sá Carneiro, Antonio Ennes, Marianno de Carvalho, Dias Ferreira, Elvino de Brito, Pinheiro Chagas, Thomás Ribeiro, Latino Coelho, Antonio Candido, Luciano de Castro, Barros Gomes, Hintze Ribeiro, Oliveira Martins, Jayme Moniz, Ferreira de Almeida, Manuel d'Assumpção, Alves Mendes, Antonio Centeno, Augusto Fuschini, Augusto Pimentel, Antonio Cabral, Antonio Arroyo, Eduardo Abreu, Eduardo Villaça, Ferreira Freire, Gomes de Castro, Guilherme de Abreu, Jacinto Candido, Jayme Arthur, Jayme Victor, Joaquim Tello, José Dias Ferreira, José Luciano, Julio de Vilhena, Manuel Espregueira, Manuel Pedro, Marianno de Carvalho, Mello Gouveia, Pedro Victor, Pereira Dias, Pinto de Magalhães, Rodrigo Pequito, Sant'Anna e Vasconcellos, Simões Dias, Teixeira de Sousa, Thomás de Carvalho, Vaz Preto, Visconde de Chancelleiros, Visconde de Moreira de Rey, Visconde de Reguengos, Wenceslau de Lima, Zeferino Candido, Zophimo Consiglieri, Alves Matheus, Antonio Maria de Fontes, Antonio Villaça, Augusto Poppe, Barão de Combarjua, Barão de Ramalho, Barão de Viamonte, Barão de Vianna, Bernardo Pequito, Bernardo Serpa, Caetano de Carvalho, Carlos Bento, Conde de Bertiandos, Conde de Castello de Paiva, Conde de Margaride, Conde de Thomar, Conde de Villa Real, Conde de Villa Secca, Conde de Villa Verde, Conde de Villar Maior, Conde de Villa Nova de Cerveira, Conde de Villa Nova de Portimão, Conde de Villa Pouca de Aguiar, Conde de Villa Real de Trás-os-Montes

1.º Anno—2.ª serie

S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

N.º 14

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Disse Henry Heine que lhe transportassem o cadaver sobre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez a que me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco.

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal

S. Miguel de Seide — Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 réis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sello	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

S. Miguel de Seide, 23 de Janeiro de 1913

Duas palavras

—

O «Leme» não é um novo combatente, que enfileira entre a imprensa do paiz. Nasceu em 18 de agosto de 1895 e a 17 de novembro do mesmo anno emudeceu, vergado ao peso da desdita, pela doença fatal do seu timoneiro. Como Lazaro do sepulchro resurge, pois, do pó do archivo de S. Miguel de Seide, onde se concentraram as mais radiantes tradições do romantismo portuguez.

Girando-lhe nas veias o sangue de Camillo Castello Branco, o polemista eximio, o critico mordaz, o mestre da lingua portugueza, o romancista egregio, caprichará em não deslustrar as tradições de familia pelo desassombro e sinceridade das suas pelejas.

Distanciado bastante d'aquelle immenso fóco de luz, que tanto enriqueceu a litteratura, só poderá projectar uma claridade amortecida e tenue; mas n'esse contraste nem porisso deixará de erguer bem alto o seu clamor a favor da justiça e da verdade, como levantar o seu latego contra a oppressão e a calumnia, qualquer que seja a sua origem. São habitos ancestraes a que tem de pagar fatalmente o seu tributo.

Em politica o «Leme» deixa o campo franco aos experimentados. Acata e põe a sua penna a favor das instituições, que nos regem, reconhecendo no actual regime a fórma mais perfeita das nações civilisadas.

Em religião é um crente: na *Divindade de Jesus* do avô dos actuaes timoneiros do «Leme» está synthetisada a crença que nobilita toda a sua geração.

Em litteratura e artes fará o que estiver ao alcance da sua intelligencia. E, como em 18 de agosto de 1895, dizia o «Leme», em artigo de apresentação sahido da penna do Visconde de S. Miguel de Seide, repetem hoje os seus filhos no «Leme» resuscitado:

«Eis, portanto, n'estas poucas palavras a missão do «Leme», que, respeitosamente, pede a protecção do publico e uma leal camaradagem aos collegas» (a quem sauda e cumprimenta, após 17 annos e tanto de pesadissimo lucto)!

Visconde de Seide

—

Passa hoje o anniversario da morte de Nuno Castello Branco, que foi o fundador d'este jornal.

Se é certo que em 23 de janeiro de 1896 Nuno Castello Branco foi arrebatado aos carinhos da familia e ao convivio dos seus amigos, a sua personalidade não se extinguiu n'esse dia, perdurando ainda no espirito dos que tiveram a sua intimidade.

Hoje, com o resurgimento do seu querido «Leme», mais nitida revive ainda no espirito do autor d'estas linhas, que foi o mais obscuro dos seus colaboradores.

23 | 1 | 913.

J. Dias de Sá (Dr.)

O "Leme"

O «Leme» é enviado a todos os seus antigos assignantes, esperando a continuação do seu auxilio. Se por qualquer circunstancia, porém, alguns delles não puderem ou quizerem dispensar-nos o favor da sua coadjuvação, muito nos obsequirão, devolvendo-o.

— No cumprimento de antiga e respeitavel promessa do seu fundador, o «Leme» dará em todos os seus numeros uma producção inedita de Camillo Castello Branco, ou qualquer peça litteraria ou epistolar que elle deixasse zelosamente collecionada em seu particular archivo.

*

Aos nossos collegas da imprensa, a quem enviamos o «Leme», pedimos o favor da permuta e d'uma modesta referencia.

— A's emprezas editoras rogamos a fineza de se lembrarem de nós com as suas edições, que, como permuta de generosidade, lhe faremos sempre referencia e publicaremos annuncios que nos sejam recommendados, além de quaesquer outros serviços, que dependam da bibliotheca de S. Miguel de Seide, em que possuimos e conservamos, com aquelle zelo e nobre orgulho de quem tem amôr ás letras, numerosos e importantissimos volumes.

— A's casas ou emprezas annunciadoras, offerecemos o nosso modesto jornal para a divulgação dos seus annuncios, mediante as clausulas e preço que no alto do mesmo vão determinados.

*

O «Leme» acceitará com reconhecimento qualquer collaboração estranha, desde que não vá de encontro á sua indole, como jornal litterario, scientifico, humoristico e noticioso.

— A's pessoas a quem pela primeira vez enviamos o nosso jornal, rogamos-lhes o obsequio da assignatura No caso, porém, de não poderem obsequiar-nos com o seu auxilio, pedimos o favor da devolução.

— Se as auras do favor publico bafejarem fagueiramente o «Leme», que resurgiu nas mãos de novos timoneiros, augmental-o-hemos de formato, e dar-lhe-hemos alentos para escolhida e variada collaboração.

REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA RIO DE JANEIRO

EPITAPHIO

Em uma sepultura no cemiterio de N. Senhora do Carmo, em Villa-Real

Aqui, marmores, termina esse contracto
Que tem por condição isto que vêdes
Um pó, que n'estas pedras se consome,
Resolve d'esta vida o problema.
Retratos d'este pó, só de mais temos
Um sopro consumador, que a Deus se torna.

Camillo Castello Branco

A nossa desafronta

Mais uma vez me vejo obrigado a retratar o sr. Abilio Areias que, na celebre questão do «relogio de Camillo», pretende virdiamente, com desculpas de mau pagador, justificar o seu procedimento.

No «Primeiro de Janeiro» de 12 de dezembro ultimo, aquelle sr. começa por exordiar umas razões, que, nada provando, denunciam á primeira intuição, o *abbade* a quem foi encommendar o *sermão*. Pelo que vejo, não era só o sr. Abilio Areias que tinha interesses em fazer authenticar o relogio, falsa e maliciosamente attribuido ao meu avô, outro pretendente *mais alto se alevanta*. Desde ha dias se ensaiava, com fins que eu não pretendo definir, para não offender susceptibilidades, uma nova comedia. O sr. abbade da freguezia da Carreira andava apregoando por ahi o mistificado relogio, como *prenda* que dizia ter adquirido e para a qual já havia pretendentes á razão de 50$000 réis por cabeça! Isto é bem sabido em Famalicão, onde se começou a ensaiar o novo truc. Com que fins appareceu este novo personagem a mostrar e a fazer reclame ao relogio mistificado? *Dican' arrangiata*, como diria o sr. abbade..

Mas analysemos a peça litteraria do sr. Areias, que tem manifestos resaibos de *sermão encommendado*. Eu disse, e repito-o: o relogio de meu avô, conhecido pelos presentes e passados, foi sempre de ouro; o relogio mistificado é de prata; logo não foi jámais pertença de meu avô. E o sr. Areias commentou: «fortissima razão!»

E eu respondo: santissima innocencia, que esta a pedir mamadeira! Quem lhe mettesse o dedo na bocca, já que eu lhe não posso introduzir a luz nos miolos?! Depois o sr. Areias vem dizer que o relogio lhe não pertence; que nas *montras* do seu estabelecimento foi exposto, por obsequio ao seu verdadeiro dono; que o sr. Valdemiro só vendeu o relogio e não os outros objectos, etc.

E que tenho eu com isso? Porque não veio logo descalçar a *bóta*, digo... a luva? Porque obrigou o correspondente a fazer reclame ao relogio como pertença exclusiva do sr. Areias? (Vej. P. de Jan., n.º 277, corr. da Povoa de Varzim).

Porque rasão affirmou o sr. Valdemiro que vendêra o relogio e restantes objectos ao sr. Areias, accrescentando que foram pelo custo, isto é, sem lucro d'um centavo? E para que é que agora, ao fim de quasi um mez se pretende emendar e inverter o caso com tão ridiculas peripecias?

O sr. Areias acha que foram maliciosas as minhas interrogações ao sr. Valdemiro, como infelizes as respostas deste cavalheiro! Eu sei, sr. Areias, onde lhe dóe, mas... como ainda não conhecia o seu mentor, não podia lh'pedir-lhe o *formulario* para o interrogatorio que indica, como quem vae pedir o ensino do Padre Nosso ao *Vigario*.

O que é certo é que o sr. Valdemiro foi *infeliz nas respostas*, porque não viu (no acto da compra e da venda, entendamo-nos) gravados no relogio, nem demais objectos apregoados, o nome e iniciaes de Camillo Castello Branco; sim; o sr. Valdemiro foi infeliz, o que não quer dizer que fosse inexacto, ou pouco verdadeiro. Ainda bem que o sr. Areias confessa a infelicidade das respostas.

Quanto ao estojo diz o sr. Areias que o sr. Valdemiro ainda o possue, que o não vendeu, que póde fallar verdades, porque o sinete tem as iniciaes C. C. B. Não quero saber se o sinete para nas mãos do sr. Areias ou do sr. Valdemiro, se é d'aquelle ou d'este senhor. Quem attribuiu a propriedade d'esses objectos ao sr. Areias foi o correspondente do «Janeiro» e proprio sr. Valdemiro nas declarações que fez (V. de Jan., n.os 277, 280 e 285).

Mas sejam de quem fôr: esta questão não é comigo; entendam-se, pois, como quizerem uns com os outros. O meu fim, e creio tel-o conseguido plena e satisfatoriamente, era desmascarar a mistificação e a fraude. Queria o sr. Areias mais cavalheiro, mais provas e mais testemunhos? Para quê? Ao sr. Areias é que cumpria provar a authenticidade das *prendas* que possue, possuiu, ou mandou arranjar como reliquias de Camillo Castello Branco. Eu protestei e provei a mistificação, quando não era preciso ir tão longe; o sr. Areias nada prova, nem pormenorisa: conjectura, enreda e mistifica, como doença de velha costumeira.

Para isso recorreu ao testemunho do sr. José Maria de Paiva, de Ruivães, que era frequente visita de meu fallecido pae, de quem ouvira dizer que meu avô «era um excentrico; tinha, por ex., um relogio de *prata* (!!!) que era uma verdadeira caldeira.»

Pois vae depôr agora o sr. José Maria de Paiva, já que o chamaram a terreiro, e compare-se o que affirma este sr. com o que o sr. Areias escreveu, ou mandou escrever... Ao sr. Paiva nos dirigimos n'estes termos:

«Ill.mo Sr. José Maria de Paiva e respeitavel amigo

No «Janeiro» de domingo, de 22 do corrente, vêm attribuidas a V. S.ª umas affirmações relativas ao relogio de meu avô, que eu muito desejo saber até que ponto são exactas. Para esse fim rogo-lhe a fineza de traduzir textualmente o que sobre esse respeito ouvia da bocca de meu fallecido pae, que nunca poderia attribuir a meu avô qualquer relogio de prata, pelo simples motivo de que ninguem lhe conheceu relogio daquella natureza. Pela fineza da resposta me subscrevo amigo e obrigado.

S. Miguel de Seide, 24-12-912.

— *Nuno Placido Castello Branco.*

Ao fim de umas boas 8 horas de ponto que o sr. Paiva pediu (elle lá sabia para o quê...) respondeu da seguinte fórma:—«Ill.mo Sr. Tenho a dizer-lhe que não tenho nenhum conhecimento dos relogios pertencentes a Camillo Castello Branco.

Foi em conversa com o sr. Areias e outros amigos, eu disse que me *parecia* ter ouvido ao sr. Visconde, seu pae, que o seu avô ou tinha ou gostava dum relogio grande chamado *caldeirão*. Sem conhecimento do que se tratava disse estas palavras unicas; porém agora não sei mesmo nada a respeito do tal relogio nem a quem pertencia —Seu amigo muito attento e obrigado.—*José Maria de Paiva.*

P. S. Na occasião em que (sr. Areias) tirou do bolso um relogio grande e perguntou-me:—Será este? Respondi:—Não sei! Retorquiu-me:—Olhe bem...—Reparei melhor, vi a firma «Camillo Castello Branco» e concluí então:—Está bem feita! .. Nada mais. *Paiva.*

Comparando se agora a resposta do sr. Paiva com o que lhe attribuiu o sr. Areias vê-se que o argumento indirecto deste sr. resulta incongruente, contradictorio e aleijado como o espirito de quem o produziu.

Pois não affirma o sr. Areias que o sr. Paiva ouvira a meu pae dizer a respeito de meu avô, que este «era um excentrico; tinha, por exemplo, um relogio de prata que era uma verdadeira caldeira? E agora vem-nos: «Por acaso será esta caldeira (note-se o termo) a que v. ex.as elevaram com o augmentativo de caldeirão?» E o sr. Paiva, que disse ao sr. Areias e outros que ouvira fallar em caldeira, vem agora dizer na sua carta que ouvira fallar em caldeirão! E por ultimo nada affirma, sómente lhe *parece*, *nada sabe*. A que ficou reduzido, pois, o testemunho do sr. Paiva? Verifique o publico. Pena foi que o sr. Paiva, muito nosso amigo, na verdade, muito das relações de minha familia desde os tempos de meu fallecido pae, se deixasse em metter-se em tão obscuramente atraidal Mas como tenho de desafrontar-me de tantas injustiças, falsidades e calumnias, não posso deixar de o apreciar com um certo desamor. Com capciosa dialectica e empaffias do *padre-mestre* observa o sr. Areias: «como póde comprehender-se que o Visconde fosse procurar o relogio do pae para nelle escrever aquellas dizeres (*Hora em que morreu C. Castello Branco*) e não escreveu no que de facto teria no bolso?» E depois de fallar na paragem do relogio, em que eu, nem por sombras, fiz referencia, mas sobre que s. s.ª se permitte bordar

umas phantasias saloias, dogmatisa: parece-me mais logico que o Visconde escrevesse—*chora a que morreu meu pae* e assignasse o seu nome».

Que pobresa de raciocinios em quem promette gestos de Demosthenes! Meu pae escreveu no relogio de meu avô, para que aquella data, notavel por muitos motivos, constasse como monumento dos proprios objectos do seu espolio.

Por escrever em objecto que ao morto pertencia e que expressou o nome de «Camillo Castello Branco» e não de «meu pae», que não seria natural nem logico. «Porque não assignou o seu nome?» Porque não adivinhou a exigencia do sr. Areias, nem achou que os seus dizeres viessem a carecer da autenticidade, que o sr. Areias exige.

De resto o sr. José Maria Paiva que foi muito das relações de meu pae, e que por certo conheceu o relogio por elle usado, (tambem d'ouro, mas de valor e merecimento artistico muito superior ao de meu avô) pode, querendo, vir a minha casa verificar, se o que eu apresento como autentico foi alguma vez visto por s. s.ª, como pertencente a meu pae —o Visconde de S. Miguel de Seide.

Ah! sr. Areias; não peça *ao sr. abbade* pitadas de simonte; peça-lhe antes aspersões de agua benta, que lhe dão mais proveito e menos irritações de nervos!

E prosigamos, passando á historia pittoresca da secretaria.

O sr. Areias que não falla como um possesso, mas que, com certeza, está possesso dum espirito estranho, que fala no seu corpo como *um abbade*, que sabe onde tem o nariz, mas ignora lastimosamente onde está a razão, não fez ma escolha do mentor; no que foi infeliz foi na escolha do assumpto. Vel-o hemos já. Falla assim s. rev.ma, perdão, a rev.ª do espirito estranho que se introduziu no corpo do sr. Areias: «A secretária sobre que Camillo escreveu uma grande parte das suas obras, existe em casa do rev.º parocho de Requião, que a adquiriu da casa do P.e Antonio d'Azevedo, já fallecido, (*que para não ser vivo!*) que justamente com seu irmão Luiz, que ainda é vivo (*como se não perdesse tudo!*) e passa regularmente da sua importante saude (*como vou eu logo com isso!*) a foi adquirir a S. Miguel de Seide, em casa dos netos de Camillo Castello Branco! e a quem a sr.ª D. Anna Rosa Correia, mãe d'aquelles, asseverou ser aquella a «autentica secretária»... etc., etc.

Bem se vê que os espiritos em corpo estranho nunca fallam verdade. Oh! homem de Deus! o sr. Luiz Azevedo sabe tanto como nada. Esse senhor nunca fallou com a tal sr.ª D. Anna Rosa Correia, minha mãe. Com que testemunhos pretendem autenticar objectos? Já vê que cahe tudo pela base... que as habilidades do mentor não conseguem salvar do naufragio tantos esforços combinados! Mas de quem foi a secretária? Que o diga o mentor do sr. Areias, já que teve artes de rebuscar trastes velhos e farejar objectos de valor por tabernas?! E se elle m'o não souber dizer, dirlh'o-ei eu, mas quando fôr mais opportuna a occasião. A esperteza saloia deve dar primeiro o que tiver.

Depois d'isso... fallaremos. E fiquemos assim, por emquanto... Mas fique desde já sabendo: a secretária foi tanto de meu avô, como o relogio. A de meu avô, a verdadeira, a autentica, já de vel-a em nossa casa, se não espirrar de mais com o simonte do sr. abbade, que parece prometter subir ao ultimo andar...

Em resumo: o sr. Luiz Azevedo é um cavalheiro ás direitas, incapaz de faltar á verdade, merecedor de todo o credito, como o suppõe o sr. Areias e eu não tenho a ousadia de contestar; mas o sr. Luiz Azevedo nunca teve fallas com minha mãe, sob qualquer pretexto, e, muito menos, nunca com ella teve quaesquer negocios ou transações. E fiquemos n'isto...

A minha familia e o sr. Areias são aqui bem conhecidos, como diz; mas ninguem será capaz de dizer que eu ou qualquer descendente de Camillo Castello Branco tenha contribuido para o vicio, para a immoralidade, para qualquer negocio escuro, ou para perpetração de qualquer crime. Ha de permittir-me que contra a enygmatica e tendenciosa phraseologia, que empregou, eu levante a luva, e sacuda com nojo a lama do seu capote. Não somos nós quem *usamos de processos de caracter dubio*, nem quem desejemos á calumnia, mas o sr. Areias e seu mentor, que, como ratos de sacristia, foram achar uma secretária, que nunca foi de Camillo Castello Branco. Tudo isto que é estranho á questão do relogio devia ser posto por mim de parte. Mas como preciso de desafrontar a honra e dignidade de minha familia que é atacada impudica e traiçoeiramente, vejo-me obrigado a avançar contra os nossos inimigos até aos ultimos reductos em que pretendam refugiar-se. E devo desde já declarar que a maior magoa que envolve o meu coração é ver que o calor da refrega é alimentado por um padre a quem sempre fiz as mais honrosas referencias e que para mim merecem tambem sempre as mais lisongeiras apreciações. Mas é bem certo o adagio popular: a todoa cahe muitas vezes no fino estofo.

Pois bem: o ataque pessoal que nas suas linhas geraes nos annunciam, as vinganças indecorosas e traiçoeiras que arteiramente nos movem e as mil peripecias que procuram engendrar para engordar á sombra honrada e gloriosa do Mestre do Romantismo portuguez (não confundir com o mestre... que encanhôa os queixos do sr. abbade) hão de ser pulverisadas uma a uma, e as miserias dos inimigos de minha familia hão de ser expostas ao publico com toda a sua hediondez. Por emquanto limito-me á defensiva facil a que me provoca uma companhia emerita... E passemos á questão do jasigo.—A Camara Municipal ordenou a todos os proprietarios de jasigos a remoção d'estes para o novo cemiterio em Moço Morto. Claro está que n'essa deliberação era envolvido o nosso jásigo. E d'ahi resultava: ou a renoção á custa propria, ou o abandono ao destino camarario.

Sem recursos pecuniarios para fazer face á despeza (não foi nunca deprimente confessar a pobreza, mas foi sempre infame escarnecer della!) resolveu minha familia vender o jazigo: optando por esta resolução não perderia tudo. Foi nesta conjunctura que por meu intermedio entabolou negociações com o sr. José Joaquim Pinto de Carvalho. Eu pedi sempre 500$000 reis e aquelle senhor offereceu 250$000 reis. E' de pasmar agora que o sr. Areias, baseado no testemunho daquelle sr. venha dizer que eu pedia por elle 150$000 reis!

Mas, peor do que isso, é de baixa e aviltante calumnia affirmar, baseado no mesmo testemunho, cujo valor em breve apreciarei, que eu disse ao sr. Carvalho, em referencia aos nossos mortos queridos: «*Não faça caso, deixe-os ficar, que alguem lhe dará o devido destino!!!*».

Para pulverisar a revoltante calumnia dirigi áquelle sr. a seguinte carta:—«Ill.mo Snr. José Joaquim Pinto de Carvalho. No «Jornal de Vendas» de domingo, de 22 do corrente, intercaladas na carta da Povoa de Varzim, vêm umas apreciações attribuidas a V. S.ª e referentes á minha pessoa, que são absolutamente fantasiosas e destituidas de verdade, principalmente nas palavras que me attribuem. Peço o favor de me dizer se auctorisou aquellas affirmações, como verdadeiras, ou rectifical-as no que haja de falso, pois preciso de saber a quem devo attribuir as responsabilidades, para minha desaffronta. Aguardando a resposta, que agradeço, me subscrevo amigo e obrigado.

S. Miguel de Seide, 24-12-912. —*Nuno Placido Castello Branco.*

Pois os leitores querem saber como aquelle sr. procedeu?

Rasgou a carta, mastigou umas palavras ininteligiveis e de resposta... 3X9=27=0, que é o equivalente da sua dignidade e honradez. Já assim não procedeu o sr. Paiva, a quem precedentemente me referi, e que é, apesar de tudo, uma boa pessoa. A attitude do sr. Carvalho dá-me o direito de concluir que S. S.ª se rendeu, como um poltrão, e se recusou a assumir as responsabilidades da calumnia como um cobarde! E isto bastaria para mostrar perante o publico e o sr. Areias o que vale e o que pesa o sr. José Joaquim Pinto de Carvalho, a cujo testemunho se recorreu! Mas é preciso não deixar porta nem saida a homens de tanta maleabilidade e doblez; e, por isso, vou dizer e comprovar, com testemunhos dignos de credito como o sr. José Carvalho mentiu com todos os dentes da bocca!

1.º—Eu pedi pelo jazigo reis 500$000 e não deduzi nunca daquella quantia nem um centavo.

O sr. Carvalho, affirmando que eu o vendia por 150$000 reis, como o declara o sr. Areias, mentiu (é o termo) impudica e conscientemente.

2.º—O sr. Carvalho, segundo o que refere o sr. Areias, affirmou perante este e outros cavalheiros que, com referencia aos mortos sobre que diz ter-me interrogado, eu respondera: «*Não faça caso, deixe-os ficar, que alguem lhe dará o devido destino!!!*», o que é absolutamente falso e calumnioso, porque sobre este respeito o sr.

Carvalho inverteu por completo as nossas intenções, que foram bem manifestas: a da trasladação dos nossos queridos mortos para Seide, sobre o que eu já me tinha previamente entendido com os membros da Junta de Parochia desta freguezia, cujo testemunho posso invocar.

Duas vezes apenas estive com o sr. Carvalho: a 1.ª em companhia do sr. Dr. Sebastião de Carvalho, e a 2.ª em companhia do sr. solicitador Dias Costa. Ahi estão esses dois cavalheiros para informarem o que ha de verdade sobre o assumpto entre nós tratado. Ao que elles disserem me submetterei promptamente. São pessoas de toda a probidade, que podem, se fôr preciso, decidir o pleito.

Antecipadamente, porem, eu posso, com o desassombro que me inspira a verdade, dizer: o sr. José Carvalho rendeu-se, como um poltrão, e recusou-se a assumir a responsabilidade de sua insidiosa calumnia, como um cobarde! Para tanta doblez é pouco o rigor dos termos! E, por ultimo: O sr. Areias, que traz com certeza espirito *abbacial* no corpo, precisa de recorrer aos exorcismos ecclesiasticos. Quem foge tão flagrantemente do campo a que foi chamado, para farejar bolorentos trastes velhos e descer depois, com faro de côrvo esfomeado e toupeira ardilosa, ás podridões dos cemiterios, ou sente prazer na convivencia dos miasmas, ou tem a consciencia nitida e verdadeira de que, quanto ao corpo e alma,—*jam foetet*...

Nuno Placido Castello Branco.

*
* *

Venho responder ao arrazoado inepto que o sr. A. Areias lançou a lume no *Primeiro de Janeiro* do dia 22 de dezembro proximo passado. E lendo aquella prosa cheguei á conclusão de que o homem certamente deveria dar entrada no Instituto Pasteur, atendendo á espuma de falta de educação que jorrava de seus bofes. Como foi inutil todo o seu trabalhinho, quer agora convencer o publico, com a sua prosa de chocolateira, de que tem lá o verdadeiro relogio de meu avô. Pensei, ao lêr o seu artigo, que o homem tambem ia dizer que tinha no seu cerebro os miolos de meu avô; mas enganei-me, pois que se não se arriscou a isso foi certamente por falta de lembrança. O seu artigo, ou lixo, começa logo por redondas mentiras provenientes da sua baba intriguista e de ranço. E a toda a força quer que nos calêmos para melhor facilitar o seu negocio. Como enganado está o sr. Areias com o seu *caldeirão!* Não me compete, nem devo responder ás chacotas dirigidas a meu irmão Nuno; limito-me a responder apenas ás que inconvenientemente me dirigiu, e ás quaes respondo, não como satisfação ao artigo ou mesmo ao autor a quem a não dou, mas ao amavel publico que por certo, repito, já deve estar admirado da *camisa de onze varas* em que o sr. Areias se meteu por causa dum caldeirão. Posto isto passemos á analyse do lixo:

*
* *

1.ª blague — «*Precisava ir a Seide verificar se o relogio d'oiro do avô era o de prata que estava na Povoa*»... Eu não fui a Seide vêr se o relogio de oiro era o de prata que estava na Povoa de Varzim. Fui simplesmente para vêr se lá se encontrava, ou não, o verdadeiro relogio de meu avô. E vi-o lá: foi o que eu disse na minha carta. Ora se o sr. Areias não comprehendeu o que escrevi, nesse caso o melhor é ir para uma escola de instrução primaria e aprender; depois é que poderá meter bico (mas note bem) no que tiver razão; e, se não vê bem, o melhor será comprar e usar lunetas de grande alcance, como de grande alcance deve ser a sua inteligencia.

Phenomenal!

2.ª blague — «*Diz mais no seu arrazoado que não daria um pataco por o tal caldeirão. Seria dos carimbados?!* Não senhor A. Areias, não era, Porquê? Tambem se prestaria para lhe gravar o nome de C. C. Branco?

Que cheiro á polvora!

3.ª blague — *Servir-me-hia qualquer taberna de Seide por onde talvez tenham passado objectos de maior valor da mesma procedencia*».

Falso, falsissimo, sr. A. Areias. Mas que quererá dizer o homem com taes palavras?! Certamente no furôr da alucinação lembrou-se do vinho que talvez lá tenha bebido e lamenta a sorte, pois até nelle queria vêr se conseguiria gravar o nome de C. C. Branco. Como desgostoso deve estar o homem de ter dado cabo d'elle! Se chega a raiva de o vir declarar !...

4.ª blague — «*Nunca pensei tambem em collocar-lhe a taboleta «aos parvos» porque previ sempre que sua ex.ª não seria um pretendente*». Certamente este honrado negociante não sabe pegar numas balanças; porque do contrario poderia vêr o grau de imbecilidade de seu cerebro que deve ser pouco mais ou menos o triplo do peso do seu corpo. E além disso eu não pretendo coisas que não prestam e por conseguinte póde socegar e gravar-lhe o que quizer e no que quizer, que eu não o vou incomodar, pois não quero esses objectos, nem a sua magnanima honradez.

5.ª blague — «*Não podia prever d'ahi graves transtornos á navegação: o abalroamento por exemplo... de qualquer barco de pesca?*

Não conhece sua ex.ª o grande açoriamento da costa? Não poderia ocasionar uma conflagração europeia sendo causa até um desiquilibrio do oceano com graves prejuizos para a costa da outra banda?»

Não haveria perigo nenhum, a não ser o abalroamento da sua mesquinha honradez. Mas agora diga-me, sr. Areias: aonde viu aquelas palavras?

Com certeza não foi dentro dos seus candieiros d'illuminação a gazolina...

6.ª blague — *Ora bolas, meu amigo*». Ora carapuças, meu amigo, é que são boas para o frio e nada de bolas que podem acertar-lhe no cerebro, morrer e... não se perder nada.

7.ª blague — *Que pelo Botelho ainda parece aparentado com suas ex.as*». Qual seria melhor: ser aparentado com a familia de Pero Botelho ou com as *areias* que os cães mimoseiam com os produtos das suas entranhas?

8.ª blague — «*Sou natural de Requião onde sempre residi*». Requião, por acaso, não terá um tolo? Pelo que vejo é a terra dos grandes sabios... E é porque o Camillo de Mões o não sabe, senão já lá estaria tambem residindo. O que lastimo é elle não ser natural de lá; se dizem tão bem e se as basofias e intrujices se entrelaçam...

Finalmente:

9.ª blague — Vem com um reclame á sua casa, certamente para que lhe compremos uma vassoira automatica para limpar tapetes e a sua raiva... E era o que nós deveriamos ter feito, mas lembramo-nos de que «bemaventurados são os *pobres de espirito* porque delles é o reino dos céus». E para a sua raiva aconselhamos-lhe banhos d'agua fria, mas em abundancia pois de muita precisa s. ex.ª

Creio bem que os amaveis leitores estão ao facto de tal trapalhada e, por isso, deixo a quem quizer os comentarios. E ao sr. A. Areias repito: Carapuças, sr. Areias, carapuças.

Braga.

Camillo Castello Branco.

(Neto)

Noticias e echos

Fallecimento

Na sua casa de Vila-Quelxa, freguezia da Palmeira (Santo Thyrso) falleceu domingo o bondoso e bemquisto joven Nuno Assis de Sá Gonçalves. A' familia enlutada apresentamos o nosso cartão de pesames.

Sousa Fernandes

Veio a sua casa, Famalicão, demorando-se dous dias, o ilustre senador e nosso distincto amigo sr. Sousa Fernandes, digno director do jornal «O Porvir».

Juizes de direito

O sr. ministro da justiça vai mandar publicar uma portaria chamando a atenção do tribunal da Relação, a fim de recolherem aos seus logares os juizes que se encontram fóra das suas comarcas.

Venda avulsa

O «Leme» vende-se avulso, para quem o requisitar, na casa Gaspar Pinto de Sousa & Irmão.

1.º Anno—2.ª serie | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 15

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Composto e impresso na na TYP. MINERVA—Famalicão

Disse Henry Heine que lhe transportassem o cadaver sobre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez a que me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal

S. Miguel de Seide — Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 réis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sello	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

S. Miguel de Seide,
6 de Fevereiro de 1913

S. Miguel de Seide

—

O vandalismo de Seide, esse acto inqualificavel de maldade que não representa uma affronta á memoria de Camillo, pois não ha couce capaz de attingir o sol, constitue no entretanto um dos mais lamentaveis capitulos da miseria em que se debate a nossa educação moral. E' um acto que seria impossivel n'um paiz em que a respectiva consciencia da responsabilidade tivesse chegado ao seu periodo de fecunda maturação —e por isso contrista e desalenta. Elle é, no seu significado flagrante de intensidade, no seu aspecto caracteristico de sintese, a prova real da distancia a que estamos do nosso seculo pela integração, pela communhão dos principios basilares da moral que o domina.

Comprehendia-se talvez, sem que com isso o facto se justificasse, que a destruição do monumento erigido por D. Anna Placido em homenagem a Castilho, quando da visita do grande poeta e pedagogo ao estranho architecto da palavra escripta, obedecesse a um impulso de revindicta, a uma supposta desaffronta, a um desforço d'odio contra um aggravo recente. Mas não. Revindicta contra quem? Contra Camillo? Morreu ha muitos annos. Não haveria odio, por mais fundo, que esperasse esta hora tardia para a sua exteriorisação materia. Depois, Camillo estava tão alto, tanto acima da mesquinha condição da vasta massa humana, que o não viam, de modo a poder odial-o, criaturas da craveira raza d'aquellas que degradaram as suas mãos violando um padrão pacifico de religiosa piedade e de acendrado culto.

Contra os netos do romancista? Tambem se me não affigura acceitavel esta hipotese. O odio que no furor da vingança não hesitasse em commetter esse attentado, revelava-se exigente em excesso para se satisfazer perpetrando apenas um sacrilegio—teria, antes de mais nada, tingido as mãos em sangue. E era, além d'isso, demasiado intelligente, d'uma intelligencia incompativel com a monstruosa bruteza. Só um degenerado intelligente veria no desacato a um monolito de marmore, com uma inscripção a lettras douradas, uma maneira de ferir pessoas odiadas.

Não havendo sido violado por odio, por vingança, fica de pé, como explicação provavel da estranha irreverencia, a maldade instintiva, animal, selvagem, que destróe pelo unico prazer de destruir. Ao evocal-a, torva de sombrios impulsos, saturada de maldade, avulta no meu espirito dolorido, com a revolta natural em frente d'um caso de ferocidade inverosimil, a saudade do dia d'agosto, quente, luminoso e suggestivo que alli passei, junto do momento, sob a sombra amiga da accacia do Jorge, revivendo, atravez da mais profunda admiração, a figura enorme do prosador formidavel. E pergunto a mim mesmo, que razões documentarão o desleixo criminoso, acintosamente barbaro, a que tudo aquillo continúa votado—a casa em que o romancista fundiu a maior parte da sua obra de colosso, os restos do seu mobiliario, o jardim que o seu amor ás arvores e ás flores cultivou com enlevos de namorado.

Sousa Costa.

FOLHETIM

Anna Augusta Placido

Nucleo d'agonias

ROMANCE ORIGINAL

—Não sei o que é, foi, ou será, Dianna; já vejo que estás de má fé a respeito d'elles, e eu não posso dizer-te mais do que isto.

—E já é muito,—interrompi eu—é de mais para a inoffensiva curiosidade que me despertaram. Callamo-nos. As minhas ideias eram tão confusas, que eu temia perder-me no labyrintho em que insensivelmente me ia entranhando. Comprehendia a necessidade de me mostrar serena, para desviar as suspeitas que porventura laboravam no espirito de Beatriz. Além de que, não lhe podia ficar duvida na intenção secreta das palavras que Guiomar affoitamente me dirigia. De mais, tinha eu direitos para me sentir affrontada? que poderia eu exigir de Nuno se o amasse? Fidelidade no futuro, em troca da minha tolerancia sobre o passado. Esta é que é a verdade; isto é o que seria se eu o tivesse amado, com o amor vulgar das creaturas. Mas é que eu não amava, Henriqueta! Eu adorava-o! Era a minha religião, o meu culto, o meu Deus, a minha santa e im-

Perolas escondidas

—

A Anna Augusta

Quando em teu coração immaculado
O teu anjo infantil ainda sorria,
E tu vinhas aqui festiva e pura
A vesinha d'amor, leve poesia
Sacudir tristezas, mas tristezas dores,
Prantos verter, mas prantos de alegria,
Não eras tão feliz, Anna, não eras
A gaiata flor das lindas primaveras?

No degrau do cruzeiro confidente
As vestes d'alma candidas trajando,
Estrellas para atar no azul do espaço
Com teus languidos olhos procurando...
E as auras mugidoras que brincavam
Teus sonhos vagos, ... sonhar, cantando...
Oh visão pura ao sopé da cruz!
Nunca mais voltarás perdida luz!

Quem te visse n'aquellas magas horas
D'essas tardes d'agosto harmoniosas
Em que as cytaras dão hymnos meigos
Vibradas pelas mãos mysteriosas
Dos anjos e das virgens... quem te visse
Lagrimas em tuas faces melindrosas,
Quem te visse chorar assim, dizia:
«Que dôr teu pranto, ó bella, presagia?...»

Que dor!? Naquelle tempo acaso as dores
Em teus dourados sonhos negrejavam?
Presentiste as horrendas amarguras
Que os destinos, ó filha, nos guardavam?
Tu vias já filtrarem nas abobadas
Os gelos que nessa alma traspassavam?
Ouviste acaso o estridor do ferro,
Ou viste mortal plaga do desterro?

Não era, não. Tu viste no futuro
Annos depois, esta visão mais triste:
Ali virás sentar-te, ali na pedra
D'aquella mesma cruz, onde me viste,
Os olhos ergueras ao ceo d'onde ora,
Pedindo o estorvo que repelliste:
E a voz da viração, que é voz do ceo,
Responderá: «Esse infeliz morreu!»

Seide, 20 de Dezembro de 1867.

Camillo Castello Branco.

Nós e o abbade da Carreira

—

Da mão d'este rev.°, aquem fiz umas ligeiras e inoffensivas allusões no artigo—A nossa desaffronta—no passado n.° do «Leme», recebi a seguinte carta, a que por um excesso de lealdade jornalistica concedo publicidade no nosso modesto jornal. É a seguinte:

Ao cidadão Nuno Castello Branco (filho), redactor e editor d'«O Leme»

Cidadão:

Vi em seu jornal de ontem, 23 de Janeiro, numero 14, um peregrino arrazoado de duas paginas, relativo á honra e interesses da familia Castelo Branco, de Seide.

Subscreve-o Nuno Placido Castelo Branco, nome ou pseudonimo de pessoa desconhecida, eminente, porém, em latinidades, ritos e ceremonias de água benta e exorcismos e mais partes concorrentes em nós-outros os padres.

Nada teria o abade da Carreira com tais desabafos se não fôra vêr-se ali citado e imiscuido leviana e insidiosamente. Nem tampouco agradece ao articulista as referencias amaveis que diz ter lhe enderessado em tempos idos; não precisa delas.

O abade da Carreira, firmado para seu govêrno em principios definidos, crê que o *proximo é muito exigente mas não dá nada a ninguem* e corresponde áquela exigencia com irrigações de amoravel ternura e a esta mesquinhêz com a mais decidida renuncia. Bastam-lhe a consciencia para supremacia, o trabalho honrado para provimento e o humor para corrigir baldas.

Por isso assevera:

1.°—Desconhecer ainda neste momento o comunicado do *Jazneiro* de 22 de dezembro ultimo, referente á célebre questão do relogio de Camilo, que lhe é sairosamente lhe é atribuido.

2.°—Não ter dado minutas nem colaboração alguma escrita no assunto discutido, porque nem este lhe é de feição, nem dela, pelo visto, carece o illustrado autor.

3.°—E assevera ter em seu poder o avantajado relogio, recebido de mãos que não teem as de seu dôno, durante o tempo preciso (cinco minutos) para ir mostrar-lo ao R. Prior de Lindim, a casa do sr. Dias Costa, em Famalicão, simular um hilariante contrato de venda com o seu intimo amigo Jaime Mesquith e estudar-lhe a applicação das caixas a duas preciosas sentas.

Tudo, o aduzido e mais no armazém do sr. Nuno Placido Castelo Branco, é mistificação, mentira e leviandade.

Peço, cidadão Nuno Castelo Branco (filho), em face da verdade rectificar nestes termos e publicar esta no seu jornal.

Carreira, 24 de Janeiro de 1913.

P. M. (*Padre Manuel*).

*

Agora umas explicações e commentarios ligeiros. O sr. abbade não tinha direito á publicidade da sua carta, porque, dirigindo-se-me em 25 do p. p. janeiro, pessoalmente depositou nas minhas mãos aquella carta, pedindo, e quasi exigindo, immediata resposta, fóra de todas as praxes jornalisticas. Accedendo ao seu desejo, recolhi ao gabinete de redacção e redigi a seguinte resposta, de que conservo copia:—«Ao Rev.° Abbade da Carreira respondo:

O «Leme» nada tem que rectificar relativamente á parte em que assevera ter o Rev.° sr. abbade com o relogio a fazer reclame. E' um facto que se não póde contestar nem carece, como tal, de demonstração.

Quanto ao mais: o sr. abbade é precipitado e pouco prudente: o «Leme» não disse nem asseverou que o sr. abbade da Carreira era o auctor dos artigos assignados pelo cidadão (vá a palavra por que *nos* era particular predilecção) Abilio Areias. E' o que tem a dizer, reservando-se para futuros commentarios qua o caso e carta do sr. abbade da Carreira suggerem.

S. Miguel de Seide, 25-1-913.

Nuno Placido Castello Branco.

Estava satisfeito por completo o desejo do sr. abbade e dispensado, porisso, o «Leme» de aturar o mau humor de que s. rev.ª vem saturado para *corrigir baldas*. Eis a razão por que só por um excesso de lealdade jornalistica aqui lhe concedo a publicidade. Mas, como na occasião prometti, vou fazer-lhe os commentarios que julgo opportunos. Ora vamos por partes.

1.° O sr. abbade desconhece por completo a minha personalidade, para s. rev.ª o meu nome é *um nome ou pseudonymo de pessoa desconhecida!* Coisa alguma importaria isso, se eu não soubesse de ante-mão que o reverendo pretende impôr a sua palavra como a ultima *ratio do magister dixit*. S. Rev.ª, que me cortejava, que me estendia a sua mão prasenteiramente, que me acolhia em toda a parte com aquella *charge* de bom humor, que lhe é peculiar, perdeu a memoria do meu nome, da minha personalidade, das tradições de minha familia, da minha nullidade mesmo, para me reduzir a um misero pseudonimo, na impossibilidade de me reduzir a um mytho!

Pois seja, como pretende; mas o valor do que affirma n'um

---

maculada poesia! E tão sublime era esta adoração, que a confessaria a meu marido sem córar! E ainda mesmo depois de saber que era escarnecida por elle, quando me enfeitiçava com a ingenua historia da sua vida, moldada pela minha nos arroubos mysteriosos, levava a minha generosidade até o ponto de perdoar-lhe, e procurar ainda nos fragmentos do meu despedaçado idolo o pó d'essas reliquias.

O almoço correu triste. Fomos depois á *Penha verde*, que não te descrevo porque afóra as grandes arvores, por nós tão vistas no nosso Minho, nada temos que admirar; não vi mais nada. Pareceu-me que os olhos do visconde de Alvarões e os de Guiomar espreitavam a mim e do os meus movimentos. Foi bastante este incentivo, para que a minha dignidade sobrelevasse o desgosto que sentia.

Creio que me mostrei alegre e naturalmente tranquilla. Vi-os dois sentados debaixo d'uma grande arvore, emquanto eu e a Beatriz apanhavamos aqui e além uma flor, ou admiravamos as borboletas fulgindo e adejando sobre nossas cabeças com suas azas matizadas. A distancia não deixava ouvir o que diziam, os gestos, porém, do visconde eram imperativos, e como a acusando pouco contentamento. Affastei me de proposito, entrando n'uma rua lateral que m'os escondia; mas d'ahi a momentos Nuno sahia-nos ao encontro.

—Porque me fogem?—disse elle com ar pesaroso.

—Não fugimos—redarguí eu.—Corções nos atrás das borboletas, como v. ex.ª corre atrás da felicidade.

—Quer dizer que os meus esforços para a seguir são tão inuteis como as tentativas de v. ex.ª para colher esses animaesinhos das mãos?

—Deus me livre de tal pensamento!—tornei em risonha. —Ninguem a merece tanto. O caso está em não desanimar. Enfiei o braço no de Beatriz e deixei-o pensativo. Quando recolhemos aproveitei o ensejo que me davam uns ataques de tosse secca e nervosa para me evadir ao jantar em casa da viscondessa. Nuno não póde, nem me parecem, pelo menos, fazer esforços para se approximar de mim. Já não guardado pelos olhos de Guiomar!

E que teria elle a dizer-me?

(Continua).

apontuado de incongruencias ha-de ser aquilatado como merece. E prosigamos.

2.° S. Rev.ª não quer as minhas amaveis referencias nem ficar-me obrigado por qualquer expressão lisongeira. Confia no seu trabalho, no seu esforço, nos seu merecimentos ... e tanto lhe basta!

E eu a ouvir, poucos momentos antes de me defrontar com o sr. abbade, a apologia da sua modestia, da sua envergadura intellectual, fóra do vulgar, e da sua palavra honrada e infallivel, como a d'um oraculo! Como ha-de ficar agora arrependido e intrigado o amigo que me apresentou o retrato do rever.° com umas tintas que tão rapidamente se esvahiram!?

3.° O sr. abbade *assevera* que ainda não conhece o *communicado* do sr. Areias publicado no «Janeiro» de 22 de dezembro ultimo referente á celebre questão do «relogio de Camillo», para provar que sobre elle nem deu minhas nem collaboração escripta, mas em seguida affirma que, *pelo visto*, d'essa collaboração não carecia o illustre autor! E' flagrante a contradicção, como symptomaticos os esgares e dôres de cotovello de s. rev.ª pelo testa de ferro que pretendeu viver de fraude. E, finalmente:

4.° Vem dizer ainda, para attenuar culpas, que entrou no truc do relogio, para *simular um hilariante contracto de venda!*

Quem póde dar coherencia a tantas incongruencias? O sr. abbade, para fugir da embrulhada em que tão levianamente se metteu, tinha apenas uma saida airosa: a do silencio. E n'esse caso, se a sua palavra é de prata, seria de ouro o seu silencio. Não o entendeu assim; e dizendo aqui o que desdiz acolá, sophisma e embrulha tudo. E' este apenas o merecimento da sua obra.

De que lado está, pois, a *mistificação*, *mentira* e *leviandade*?

Ora cebolorio, sr. abbade!

Nuno Placido Castello Branco

*

Post scriptum

Acabo de ler na «Desaffronta» a carta do sr. Abbade da Carreira acima publicada, mas precedida de diversas explicações, a ultima das quaes termina: «Esperando dever a V... a publicação da minha defeza que o «Leme» covardemente não acceitou, sou ... — De V... etc.»

O sr. Abbade da Carreira anda decididamente na lua! As minhas inoffensivas bellisoadoras, na sua cutis demasiado sensivel, desorientaram-no!

Como não acceitou o «Leme» a sua defeza, se elle, depois da entrega da sua carta, só hoje podia sair a publico? D'onde póde colligir a recusa de publicação, se eu pessoalmente das suas mãos recebi o autographo sem lh'o devolver com a carta que no momento me exigiu? Não estava implicitamente feita a promessa da publicidade, quando dizia na minha alludida carta que me *reservava para futuros commentarios, que a carta do sr. abbade suggeria?*

Com que ousadia vem, pois, affirmar em publico que eu *recusei covardemente* a publicação da sua defeza no «Leme»?

O sr. abbade não pensa, sonha; não se defende, compromette-se! Continúa simulando, prosegue no desempenho d'um grotesco e falso papel que lhe confiaram: é emfim uma taboa de desmantelada náu que se vae desfazendo de encontro aos baixios.

Recusa covarde?! O sr. abbade quando se me dirigiu para pessoalmente fazer entrega da sua carta, como um Golhath que tenta confundir David, não esperava de certo encontrar em mim a nobre altivez que tanto caractirisou os meus ascendentes, e, por isso, n'uma desforço infeliz e desproposito-

Arcades ambo...

—Ora veja lá bem isso, rev.mo sr....
—Tem mesmo onze varas... *Em que camisa te mettês-te!...*

do, arremessa epithetos e que são os mais authenticos monumentos de desorientação de s. rev.ª

O sr. abbade não precisava de conselhos *privescos* (que quererá dizer com isto?) mas do que precisa com certeza é de pés d'agua fria na cabeça e de ventosas sarjadas no cachaço.

E' um doente desde que passou dos *seus principios definitivos* para as *Areias* movediças, que nem á força de argamassa deram obra que se visse.

T'arrenego!...

Nuno.

Piparotes

AO ARREPIO

Zé Leonardo, o Bréjeiro,
Por entre eyprestos e campas
Arvorou-se em pregoeiro...
Aquem ninguem leva as lampas.

Ao camiferio passava
O caturra, seu rival,
E, vendo-o, Zé pregoava:
—*Cento e cincoenta...* E que tal?

Respondeu o caturra, então,
Ao Zé, dobrando a cerviz:
—Obrigado, seu Castrol...
E em certo gato o mais diz:

—Metta a pá!... no seu nariz!...
D'ahi é Zé Leonardo
Pesando a piada infeliz
Transformou-se em riso pardo!

Ene.

Ao decair

Já ha um mez que findou o anno de 1912.

Dirão os leitores: grande novidade! Ao que respondo: novidade grande é anno memoravel. Sabem porquê? Certamente, aposto, que todos estão traçando já planos e rabiscando os miolos com a ultima novidade do anno de 1912. Mas nada de afflições, que podem assustar o sr. Areias.

Não foi nenhum cataclismo; não foi nenhuma incursão monarquica, mas a ida para as regiões do desconhecido do celebre *caldeirão*, que o velho anno arrastou na sua derrocada para espolio de suas preciosidades.

Aposto que já haverá alguem que o viu dependurado nas suas barbas e que um certo *individuo* por elle chorara, pois ainda lhe poderia render alguns *cobres* com tal padrinho; porém a todos eu peço um minuto de compaixão por aquelle que se viu em *calças pardas* e que não póde passar mais que um *caldeirão* a quem teceram honras com prosa de chocolateira. Depois de ter descançado annos e annos, eis que cahu em mãos que lhe feriram o rosto com um nome que nunca foi de seu dono, e ei-lo de viagem por um e outro lado, apregoado como uma reliquia, uma preciosidade, elle, o desgraçado, que jámais passou de *caldeirão* que era! Pobre, triste *caldeirão*, que apenas ám compensação te pódes ainda ufanar que dos teus ultimos dias de vida ainda introduziste teu ultimo dono numa *camisa de onze varas* que o suffoca do tal fórma, que nem o echo de suas puerilidades se repercute. E nestas singellas linhas traçadas á pressa, vai o meu ultimo grito d'alma que te dirijo: Adeus, celebre caldeirão!

Braga.

Camillo Castello Branco.

(Neto)

Sciencia, Religião & Artes

CRIAR

Porque não se diz que Deus *fez*, mas sim, que *criou* o mundo? Vejamos: quando o carpinteiro *fez* os bancos, de que coisas se serviu? Dos instrumentos da sua arte e da madeira. E quando Deus fez o mundo de que coisas lançou mão? De nada, certamente, porque nada existia. Porisso se diz não que *fez* o mundo, mas que o *criou*; porque *criar* é tirar do nada, segundo G. Perardi, que accrescenta: o homem não é capaz de *criar*, sómente póde modificar, isto é, dar outra fórma ás coisas. Tirar do nada, on, melhor, *criar*, é sómente proprio de Deus: «fallou, e todas as coisas foram feitas; ordenou, e foram criadas».

Porisso escreveu Gandry:

«Recordo que o meu venerado professor de Embriologia o sr. Gerbe, me fez seguir dia a dia o processos dos ovos deitados a uma gallinha, advertindo-me que ao principio a gemma tem um disco pequeno, branco, que cresce até envolver toda a gemma. Um dia notou-se uma cousa bscura rodeada de uma veia coronaria, desenvolvendo-se para um ponto central. Outro dia, esse ponto era um coração com as suas palpitações. Senti uma impressão extraordinaria, quando o professor me fez notar no ovo, que na vespera estava sem movimento, um coração que se movia.

D'onde vem para o ovo esse movimento vital? Da mãe, não: está d'ella separado por uma casca dura, e, por outro lado, o calor produz só por si o mesmo effeito que a gallinha.

D'onde vem então essa força vital? Em breve a vida se extende no ovo; o pintainho saírá da casca, será um gallo, que cantará, terá cuidado dos seus pintos e saberá defendel-os á custa da propria vida (*Revue des Deux Mondes, 1896*).

V.

Noticias e echos

Dr. Jazelino Dias Costa

Abraçamos e felicitamos muito cordealmente este nosso querido amigo, pela sua nomeação para official do registo civil de Gondomar.

Mantemos, desde creança, as melhores relações de amisade com o dr. Jazelino que, tão bondoso e intelligente como é, estamos certos fará um excellente logar.

Obito

Após um longo soffrimento, falleceu em Laudim o sr. Joaquim Pereira Borges, cunhads do nosso bom amigo sr. dr. Joaquim Dias de Sá.

O finado era um verdadeiro homem de bem, pelo que a sua morte é sentida por quantos o conheciam.

O seu funeral foi bastante concorrido, dada a geral consideração e estima em que era tido por todos.

Que descance em paz o desditoso Joaquim Borges e a toda a familia enlutada apresentamos sentidas condolencias pela lancinante dôr que acaba de soffrer.

Dr. Sousa Costa

Com a devida venia transcrevemos do «Primeiro de Janeiro» o artigo que publicamos em fundo, e que pertence á penna pujantissima do nosso talentoso amigo dr. Sousa Costa. S. Ex.ª refere-se a um caso de affrontosa injuria aos descendentes de Camillo Castello Branco e de inqualificavel degradação á memoria do morto illustre, que não tem culpa do atraso intellectual e «bruteza» moral de quem sente prazer em nivelar-se com os irracionaes na pratica das mais vexatorias acções.

Poderia alguem suppôr que os descendentes do mallogrado romancista alguns motivos dessem áquella revindicta, se não fosse bem sabido que elles jámais praticaram a menor falta de incorrecção ou urbanidade para com os seus conterraneos e conhecidos.

O facto foi, pois, inspirado em sentimentos da mais rude e degradante bruteza: a inveja miseravel de se render culto de admiração a quem tanto engrandeceu as lettras patrias, passando-se com desdem pela estatua grosseira e rude do ouro, que se levanta proximo, como a desafiar o entusiasmo dos párias e sybaritas do mundo.

O dr. Sousa Costa, com aquelle espirito scintillante, que tanto o caracterisa, com aquelle criterio esclarecido com que aprecia os homens e as coisas, deixou bem a descoberto aquelle acto deprimente e os motivos degradantes que o impulsionaram. E' por esse duplo motivo que com grande satisfação archivamos no modesto «Leme» aquelle pedaço de vernacula e brilhante prosa, que elle estampou na sua apreciavel «Lisboa d'hoje».

Ineditos de Camillo

A poesia que hoje publicamos, como inedito de Camillo Castello Branco, é extrahida do proprio autographo d'aquelle escriptor, autographo que temos em nosso poder, como muitos outros que daremos á publicidade á medida que fôr sahindo o «Leme».

Reputamos inedito todos esses escriptos, mas se, por desconhecimento nosso, algum d'estes tiver sahido á luz em qualquer publicação do paiz, muita nos obsequirão os nossos leitores em dar-nos d'isso conhecimento.

A um nosso dedicado amigo de Lisboa, que sobre este assumpto nos escreveu, a proposito do *Epitaphio* publicado no passado numero, chamamos a attenção para a poesia d'hoje e esperamos que S. Ex.ª com a mesma franqueza nos ilucide sobre qualquer coisa que se prenda com este, ou qualquer outro assumpto do «Leme». E' mais uma coadjuvação valiosa, que muito teremos a agradecer-lhe.

Landim—*Romaria e feira das Candeias.*

Foi animadissima e teve bastante e frequencia de povo. Para isso concorreu o tempo, que nos mimoseou com um esplendido dia de sol. No dia seguinte fêstejou-se o S. Braz, como é costume, concorrendo bastante povo das circumvisinhanças.

Consorcio—Está tratado para breve o enlace matrimonial da galante menina e nossa prezadissima assignante D. Aduzinda de Castro Ribeiro com o sympathico rapáz M. Gomes da Costa, de Joanne.

Pelas boas qualidades que exornam aquelles noivos auguramos-lhes um bom e prospero futuro.

Fradelos—*Consorcio.*

Com a ex.ma sr.ª D. Maria Correia Maia, elegante senhora aparentada com o sr. d-. Azevedo Maia, illustre l nte da Escola Medica do Porto, consorciou-se ha dias em Vila do Conde o nosso presadissimo amigo e assignante sr. dr. Manoel Dias Moreira, distincto facultivo dest freguezia.

Nosso folhetim

E' a continuação do antigo folhetim do «Leme» (1.º anno —1.ª serie)

Continuamo-lo crentes de que todos os nossos estimaveis assignantes concordarão com o nosso alvitre.

Julio Brandão

A «Ilustração Portugueza» publica n'este numero uma bela poesia do brilhante escritor da *Maria do Ceu* e muito outros livros deliciosos, com o retrato do seu autor.

O tempo

Temos ha alguns dias um tempo de sol lindissimo, que veio alegrar as gentes após a invernelra do mez findo.

Parece, porém que será «sol de pouca dura» visto a temperatura estar muito fria.

Sala de visitas

Em casa do nosso ex.mo amigo sr. Manoel d'Abreu Monteiro, de Segures (Landim), tem estado a passar o Carnaval o sr. Bernardino Andrade, da Quinta de Esporões, em Braga. Veio acompanhado da Ex.ma Esposa D. Adelina Pinto Monteiro e filhinhos.

—Tambem veio passar o tempo do Carnaval na sua casa de Caride, S. Paio de Seide, o nosso obsequioso amigo e assignante sr. Dr. José Gomes de Freitas distinctissimo professor n'um dos lyceus do Porto.

—Com o mesmo fim se encontra em casa de sua familia, em Avidos, o sr. dr. Raul Barbosa tambem distinctissimo professor n'um dos lyceus do Porto e nosso presado amigo e assignante.

—A passar as ferias do Carnaval com sua familia está na casa do Prégal (Landim) o intelligente estudante Abilio de Freitas Machado.

—Com o mesmo fim se encontram em casa de seus paes: em Segures, da mesma freguezia, o estudante Alcino Pinto Monteiro, e no Souto, o inteligente estudante da Escola Medica Joaquim da Fonseca Monteiro.

—Com muito prazer cumprimentamos o nosso presado amigo de Santo Thyrso Henrique de Vasconcellos, que veio gosar a romaria das Candeias, em Landim, onde tivemos o agradavel ensejo de o encontrar.

Venda avulsa

O «Leme» vende-se avulso, para quem o requisitar, na casa Gaspar Pinto de Sousa & Irmão.

1.º Anno—2.ª serie | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 16

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Composto e impresso na na TYP. MINERVA—Famalicão

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal

S. Miguel de Seide — Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sélo	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

Disse Henry Heine que lhe ransportassem o cadaver sotre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez aq ue me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco.

S. Miguel de Seide, 20 de Fevereiro de 1913

S. Miguel de Seide

(A proposito da gravura d'hoje)

E' sempre com prazer, um dôce prazer espiritual, que, em horas vagas, nos encaminhamos para S. Miguel de Seide.

Ha, nesta aldeia, que a permanencia dum grande homem tornou celebre, sem especie de encanto sugestivamente religioso, que ali nos atráe, como aos crentes do Alcorão a sua encantada e hieratica Meca.

Foi alli, naquella casa, que é pequena por um genio, mas grande por um homem sem ambições, que o maior literato portuguez do seculo desenove, penou maguas lancinantes, e escreveu paginas duma dramatisação intensa e excepcional.

S. Miguel de Seide e Camillo Castello Branco são nomes que se irmanaram, são ideias que andam tão juntas, tão associadas, que dificil é secundar um sem evocar o outro, impossivel lembrar o escriptor sem vêr logo a tebaida querida, o vento de paz amoravel, onde

elle encontrou as mais preciosas veias de inspiração, onde lapidou e acepilhou essa prosa mascula e nervosa, que não deixou discipulos, que não creou escola, essa prosa que é um pouco do seu sistema nervoso, que é muito do seu espirito de elite, que é quasi tudo do seu grande coração.

S. Miguel de Seide occupa, consequentemente, na historia da literatura portugueza, um logar de honra, por ter merecido a maior consagração, que uma terra póde ambicionar. E' titulo de nobresa ser berço dum homem benemerito, dar brazão de heraldica a fidalgos de raça, ser theatro de fitas altisonantes; mas nenhuma grandeza eguala a de S. Miguel de Seide, que foi o ninho meigo e acariciador onde aquella aguia do genio veio abater seus vôos.

Nos seus costumes, nos seus habitos, encontrou figuras e modêlos para os seus romanos immortaes, na sua natureza uberrima, nos seus rios, nas suas varzeas, encontrou tema para o seu descriptivo dum colorido intenso e inimitavel. Nas suas mulheres — o tipo ideal da mulher do Minho, que elle consagrou a primeira mulher de Portugal; nos seus lavradores, o lavrador minhoto que elle fez viver em quadros dum relevo unico, e até para o ridicularisar, em servir o *brásileiro* amigo, que encontrou nos seus passeios habituais ás aldeias visinhas de Seide.

Como nos é grato recordar este pedaço de uma gloriosa historia litteraria, onde o nome de Camillo fulgura como astro de primeia grandeza, onde a sua obra prodigiosamente vasta occupa paginas duma grandeza epica!

S. Miguel de Seide!

Ainda hoje, tantos annos

FOLHETIM

Anna Augusta Placido

Nucleo d'agonias

ROMANCE ORIGINAL

VII

Dianna a Henriqueta

Lê a copia d'essas duas cartas para te orientares no que se tem passado.

«Dianna.

«Chamo-te na anciedade d'uma «grande e afflictiva dôr. Recu«sarás tu acudir-me? Ha sete «dias que me fechas a tua por«ta, que ninguem te vê; mas «eu sei que vives e que passas «o tempo lendo, escrevendo e «sonhando como sonha a tua «rica imaginação.

«Sei que pensamentos te absor«vem, conheço a chaga que te «faz soffrer, e desespero-me de «não poder chegar-lhe o balsa«mo.

«Por piedade escuta-me: te«nho infinitas coisas a dizer-te «que não ouso confiar ao papel.

«E' uma necessidade urgente «fallar-te; supplico-t'o como uma «fineza da tua parte, o que nun«ca esquecerei.

«Lembra-te, por tanto, que «espera uma resposta favoravel «a sempre tua

«Beatriz».

«Resposta:

«Enganaste-te minha querida «filha. Tomaste os antigos espi«nhos da minha cruz por novas «e hervadas setas. A chaga não «é d'agora: ha muito que ella «sangra e sem esperanças de «cura.

«Se me concentrei na minha «thebaida não foi por temer re«cahidas perigosas; cancei do «bulicio d'esse mundo em que «me sinto extranha, e reatei o «fio partido da minha descon«fortavel vida por uma intermit«tencia que devia deixar-me re«cordações penosas.

«Que o não digo eu por ti, «nem mesmo me queixo d'al«guem. Se ha culpas, são mi«nhas; se ha enganos são chi«meras d'este pobre visionario «do meu espirito.

«E agora que me queres tu? «Que posso eu fazer para te «desfadigar d'esse estado d'exal-

volvidos sobre o triste acontecimento que nos roubou o maior genio de romancista que Portugal produziu, este nome cicia docemente ao nosso ouvido, como um dos mais queridos nomes que a bôca do Mestre pronunciou.

S. Miguel de Seide! Que a tradição te conserve sempre, e que os poderes publicos não esqueçam que é um padrão de gloria, nas letras patrias, pelo genio que te ungiu de immortalidade.

A. C.

O' A. A., tu dormes
Nessas ancias que se apressam
Para o perpetuo dormir.
Teus paroximos começam,
Espera que eu quero ir.
Não morras, ó minha luz.

Porque se eu perco a razão
E á campa te não sigo
Oh que existencia, que Cruz!
Filha! leva-me comtigo!

S. 19 de Dezembro 1881.
9 h. 5 min.

Camillo Castello Branco.

PEROLAS ESCONDIDAS

Relativamente á poesia que no ultimo numero publicamos escreve-nos de Lisboa o nosso dedicado amigo ex.^mo^ sr. Luiz Ferreira Lima:

«Em virtude do desejo de V. manifestado no numero de «O Leme», que hoje recebi, devo dizer-lhe que a poesia da secção «Perolas escondidas» não é inedita; foi publicada sem titulo, nem dedicatoria e sem data, no volume *No Bom Jesus do Monte* (a paginas 184-185, edição de 1864), com bastantes correcções, e uns tres versos completamente refundidos.

«Peço a V. me desculpe estas impertinencias... e

«Creia-me sempre ao seu dispôr com a maior consideração, etc.»

Tem razão o nosso ex.^mo^ amigo: a alludida poesia foi realmente publicada no livro a que se refere e que nós desconheciamos. Sendo é absolutamente inedita, não deixa de ter algum interesse, não só pelo que tem de inedito, mas ainda por levantar o véo do ideal que inspirou o seu auctor — a dedicada e unica companheira de seus dias que se chamou Anna Augusta Placido. Vê-se, pois, que Camillo fez e confiou a alludida poesia á guarda de sua dedicada esposa, para quem foi feita e consagrada, resolvendo-se, mais tarde, a dar á publicidade a mesma poesia com bastantes alterações e ocultando a musa inspiradora das vagas expressões — «*Anaïs*», «*Alva pomba*», «*Virgem*», etc.

Pela poesia que por nós foi publicada, e que extrahiramos do proprio autographo de Camillo, sem alteração de uma virgula, descobriu-se o segredo do poeta, que, a nosso vêr, algum interesse deveria despertar. O nosso amigo, prestando-nos tão cavalheirosamente aquellas informações, concorreu para melhor penetrarmos no amago do grande romancista e nos familiarisarmos com o seu sentimento, que foi enorme, e com as folgurações do seu talento, que não teve quem o excedesse. E para os nossos leitores poderem apreciar bem a poesia a que alludimos, vamos hoje reproduzi-la de novo com a que foi publicada no livro — *No bom Jesus do Monte*, sublinhando as diversas variantes que o nosso dedicado amigo indica. Não foi, como diz uma impertinencia a observação que nos fez, mas antes um apreciavel serviço, que muito reconhecidamente lhe agradecemos.

III

Quando em teu coração imaculado
O teu anjo *innocente* ainda sorria,
E tu vinhas aqui, festiva e *leda*
Avesinha d'amor, toda poesia,
Scismar tristezas, mas tristezas dôces,
Prantos verter, mas prantos d'alegria,
Não eras tão *ditosa, Anaïs*, não eras
A santa flôr das lindas primaveras?

No degrau do cruzeiro confidente,
As vestes d'alma candida trajando,
Estrellas para amar no azul espaço
Com teus *morbidos* olhos procurando,
E as auras murmurosas, que brincavam,
Teus sonhos vagos, a sonhar, contando...
Oh visão *linda* no *degrau* da cruz,
Nunca mais *volverás, extincta* luz!

Quem te visse, *alva pomba*, ás magas horas
D'essas tardes d'Agosto harmoniosas,
Em que as *harpas resoam* meigos hymnos
Desferidos por mãos mysteriosas
Dos anjos e das virgens... quem te visse
Aljofradas as faces melindrosas,
Quem te visse chorar assim, dizia:
«Que dôr! teu pranto, ó *virgem*, presagia!»

Que dôr! Naquelle tempo acaso as *magoas*
Em teus doirados sonhos negrejavam?
Prelibavas o calix de amarguras
Que féras mãos de ingratos te amostravam?
Tu vias já filtrarem nas *cavernas*
As gotas que teu peito entregelaram?
Ouviste acaso o estridor do ferro,
Ou a plaga horrenda do lethal desterro?

Não era, não! Tu *lias nos arcanos*
Do nublado provir visão mais triste...
Aqui virás sentar-te... *aqui na base*
Da cruz onde te vi, onde me viste;
E os olhos erguerás ao céu d'outr'ora,
Pedindo o coração que repelliste;
E a voz da *aura da noite*, a voz do céo
Responderá: «Esse infeliz morreu!»

(Do Liv. «No Bom Jesus do Monte.»)

C. Castello Branco.

A Anna Augusta

Quando em teu coração imaculado
O teu anjo *infantil* ainda sorria,
E tu vinhas aqui festiva e *pura*
Avesinha d'amor, toda poesia,
Scismar tristezas, mas tristezas doces,
Prantos verter, mas prantos de alegria
Não eras tão *feliz, Anna*, não eras
A santa flor das lindas primaveras?

No degrau do cruzeiro confidente
As vestes d'alma candida trajando,
Estrellas para amar no azul *do* espaço
Com teus languidos olhos procurando...
E as auras murmurosas que brincavam
Teus sonhos vagos, a sonhar, contando...
Oh visão *pura* no *sopé* da cruz!
Nunca mais *voltarás perdida* luz!

Quem te visse *n'aquellas magas horas*
D'essas tardes d'agosto harmoniosas
Em que as *cytaras têam hymnos meigos*
Vibradas pelas mãos mysteriosas
Dos anjos e das virgens... quem te visse
Lagrimas em tuas faces melindrosas,
Quem te visse chorar assim, dizia:
«Que dôr teu pranto, ó *bella*, presagia!»...

Que dor!? Naquelle tempo acaso as *dores*
Em teus doirados sonhos negrejavam?
Presentiste as horrendas amarguras
Que os destinos, ó filha, nos guardavam!
Tu vias já filtrarem nas *abobadas*
Os gelos que nossa alma trespassavam!
Ouviste acaso o estridor de ferro,
Ou viste mortal plaga do desterro?

Não era, não. Tu *vias no futuro,*
Annos depois, esta visão mais triste:
Ali virás sentar-te, *ali na pedra*
D'aquella mesma cruz, onde me viste;
Os olhos erguerás ao ceo d'outr'ora,
Pedindo o coração que repelliste;
E a voz da *viração* que é a voz do céo,
Responderá: «Esse infeliz morreu!»

Seide, 20 de Dezembro de 1863.

Camillo Castello Branco.

(Do seu proprio autographo)

Piparotes

DIALOGO

Com que então os netos de Camillo sovaram valentemente o Areias?!

—O Areias?

—Sim, o Areias, que annunciou um relogio como tendo sido o de Camillo Castello Branco.

—Mas o relogio de Camillo está em Seide, em poder dos descendentes do ineguavel romancista. Vi-o eu lá não ha muito tempo: uns nove mezes, talvez.

«tação que te fez lembrar de «mim?

«Conheço-me um átomo tão «insignificante, que, por mais «absurda que seja a minha vai«dade, descubro claramente que «por causa nenhuma posso en«trar nos teus pezares. Comtudo, «tu chamas-me e eu folgo de «me considerar prestavel. Vem, «pois, quando quizeres, que a «minha alma está disposta a re«colher as tuas confidencias».

Dez minutos depois Beatriz estava comigo. Vejo-me obrigado a encurtar pormenores para te não enfastiar. Direi portanto em resumo o que daria longas paginas, e referindo-me unicamente ao que Beatriz me contou.

As suas primeiras palavras gelaram-me de espanto. Nuno enlouquecera! Guardavam-no á vista, receiando algum funesto incidente d'um dos frequentes accessos. A sua idéa predominante era o suicidio. Sangrando de poucas horas, arrancára as ligaduras e pedia, ora com lagrimas e já com gestos furibundos, que o deixassem morrer. O conde estava inconsolavel e os medicos temiam algum successo fatal, que de repente lançasse Beatriz na orphandade.

O sangue estuava-me nas veias; queria e sentia fallecer-me o animo para abordar directamente o ponto essencial. N'este aperto faltava-lhe a palavra e até o raciocinio. Uma voz interior dizia-me que de tudo era eu a causa, e o negro quadro, carregado ainda com as pezadas côres da minha imaginação tornava-se medonho.

Beatriz, que me comprehendia, não achava modo de me fortalecer, nem como dirir-me uma insinuação pessoal em que chegariamos á dura perplexidade das explicações. Por fim, vendo que eu nada dizia de positivo que a authorisasse a fazer-se ouvir mais do que me convinha, entregou-me essa carta que tambem acharás junto, dizendo-me:

—Vou deixar-te Dianna. Sei que me entendeste; e para almas como a tua escusado é apontar-lhes para o caminho mais nobre.

Vou contente: levo a certeza de que não verei malograda a minha esperança. Por tanto, adeus. Conto contigo esta noite á cabeceira d'um enfermo de quem pae e irmã te pedem o milagre da cura e da vida.

(*Continúa*).

—Sim, o tempo que a mãe do Areias dispendeu para dar á luz... o phenomenal... o descommunal... o original... negociante de vassouras automaticas.

—Isso agora é *piada*?

—Não é, não, senhor! Pois Você não sabe que o *fólinho* que durante nove mezes incubou o Areias no ventre materno, não largou o pimpolho senão depois de attingir o tempo preciso, para dar ao mundo uma creatura completa, um negociante automatico, quero dizer, de coisas automaticas, um gravador automatico, um vendedor de objectos automaticos, de relogios gravados automaticamente e de tudo que a sua imaginação, tambem automatica, concebia fazer automaticamente?

—De cada vez percebo menos...

Você faz chuchadeira!

—Oh! homem de Deus: o que lhe digo não é chuchadeira, é uma verdade conhecida por quasi todo o mundo. Então Você não soube que nas montres do Abilio Areias na Povoa de Varzim esteve exposto um relogio descommunal, como o cerebro do mesmo Areias, que alguem já pretendeu comparar como uma cebôla do Egypto?

—Não soube, não; agora não leio jornaes; e apenas «O Leme», por tradições, que ainda respeito, abriu excepção á minha abstenção de leitura de gazetas...

—E não viu então o que se dizia n'elle a respeito de Areias e quejandos comparsas?

—Vi; mas, com franqueza, não percebi a philosophia da coisa!

Os homens foram celebrados em prosa e verso, e, para nada faltar, até em caricatura ligeira. E por que tanta tempestade n'um cópo d'agua?

—Por que se pretendeu vender um relogio reles de prata, como reliquia fraudulentamente attribuida a Camillo Castello Branco, para cujo fim ha um anno bem cheinho se fez gravar nas tampas o nome d'aquelle romancista. Percebe agora?

—Percebo, sim, senhor: negocios automaticos para enriquecer automaticamente! Modos de vida com que Você nom eu nada temos!

—Perfeitamente. Mas para que vem ao caso um rev.^mo sr., que tambem lá figura, mas que eu não conheço senão de nome?

—Porque tem humor para *corrigir baldas*, mas dôres de barriga em penca, para se descobrir ingenuamente no jogo... Simplesmente, por isso.

—Pois que esperem pelo troco...

Já alguem me disse que *de carreira* ha-de vir a vingançasinha...

—Deixe lá fallar quem falla: nem tanto ao mar, nem tanto á terra.

O homem lê o Evangelho e sabe, como os que bem sabem, que n'aquelle codigo se não recommendam coisas tão terrificas...

Apesar, que, já um reverendo das circumvisinhanças, talvez para ir immediatamente, e de carreira, ao collega mostrar as suas dôres, devolveu o «Leme», depois de o ter acceitado na primeira visita. Mas tambem é verdade que o tal reverendo é dos taes que, á falta de homens, se *padrou*!..

—Você é muito optimista: olhe que eu tenho ouvido rosnar mal do caso. Mais hoje, mais ámanhã, a coisa dará de si...

—Deixe lá isso, homem! Quando se declara a guerra, já se não trata de desenferrujar armas.

Quero dizer: já todos *trazem uma cortiça nas costas!*

—Ah! sim, comptehendo: dos fracos não resa a historia.

.....

Ene.

Coisas da vida

—

Debruçado num fauteil o velho marquez du Roc, com o cerebro rude dos mais inauditos pensamentos, via a seus olhos um futuro triste, talvez a forca, a morte.

O seu amo, o imperador, sabendo não só o valor e prestigio que o marquez gosava no seu reino como tambem a sua predileção e sacrificio para obter trastes antigos—pois o velho marquez era um bom archeologo—havia-o incumbido de, dentro do praso de tres dias lhe conseguir um objecto que houvesse pertencido a seus antepassados.

Desde que o imperador encarregou o velho marquez du Roc de tal missão, um velho manto de tristeza veio cobrir o seu palacio, trazendo todos os servigaes mergulhados em terror vago, pois a ninguem elle confessava a missão que o imperador lhe havia confiado. Nunca em sua vida tivera tão cruciante viver, porque acima de tudo queria ser favoravel ao seu senhor e mostrava que a sua palavra não voltava atraz. Havia já corrido terras e terras á procura do mais insignificante objecto que contentasse o imperador mas todas essas tentativas tinham sido infrucciferas e elle temia que, passados os tres dias, o imperador viria ao seu palacio ver se havia cumprido a sua missão.

Esgotados todos os engenhos da alvitres sugeridos por sua inteligencia o velho marquez du Roc viu-se na necessidade de confessar a sua filha a missão que o imperador lhe confiara e mandando-a chamar abriu-lhe as portas do seu coração, confessando-lhe a tristeza que o minava.

Abraçado á sua filha ao velho marquez occorreu a ultima tentativa: fugir com sua filha cautelosamente para bem longe, abandonando a patria, os seus amigos e o inseparavel companheiro de tantos annos—o palacio!...

E fugiu.

.....

Passaram tres dias. O coche imperial acaba de chegar ao palacio do marquez du Roc. Descendo de coche o imperador sobe a larga escadaria e entra no salão do velho marquez. Um lacaio vem ao seu encontro e com todo o respeito depõe nas mãos do imperador uma carta a elle endereçada com os sinetes do marquez. Apressadamente o imperador rasga o envelope e vê escritas estas singelas palavras:

«Meu bom imperador»

«Vendo que eram inuteis todos os esforços para o bom «conseguimento da empreza que «Vossa Magestade se dignou con«fiarme, resolvo, embora me «custe cara a vida, abandonar «a patria, deixando porem a «Vossa Magestade essa preciosi«dade que eu nunca abandonei.

O Roc.

Finda a leitura da carta o mesmo lacaio entregou ao imperador uma grande mala. Poucam quão grande não foi o seu espanto quando viu o que ella continha!

Nada mais que uma camisa de onze varas...

Braga.

Camillo Castello Branco.

Sciencia, Religião & Artes

Gomes Leal

Fala-se agora de novo dum auxilio a Gomes Leal, o Poeta Maximo da *traição* e da *Historia de Jesus*...

Já quantas vezes a minha penna, destillando lagrimas de revolta, escreveu sobre este doloroso caso da nacionalidade portugueza!..., e quantas eu vi os meus artigos rogeitados por importunos e offensivos para este ou aquelle camaleão que se permitte opinar sobre o gigante.

Nome tão grande o seu, na propria mesquinhez da miseria d'hoje, que ao estoirar nos ares, em vibrações rugentes de belleza, suffoca de pasmo os alaudes, ciosos de seus dêdos aritigos e que de saudades quebram com desespero as cordas gemedoras.

Ah, que de todo se perdem o poderio dos velhos deuses! Já os sapos avançam atrevidamente na pretenção nojenta de abafar, com a sua rouquidão sinistra, o gorgeio triumphal dos rouxinoes e o grito vencedor das aguias!...

Que praga será esta que vem assolar terrivel a humanidade, roubando-lhe o sentimento e a voz?!

Já em nuvens empanam a luz do sol as catervas monstruosas dos gafanhotos, que devastam os campos, e pela terra avança a legião enorme dos camaleões, de tudo aparentando, confundindo-se com as coisas, postas de vicio escuro e abominaveis incestos...

*

Logo ao romper deslumbrante d'aquelle Sol, que foi a proclamação da Republica, alguem lembrou o nome de Gomes Leal.

Foi Antonio José d'Almeida, apoiado á Neva Em o seu mais altivo Cantor, esse esforçado e altisono espirito cuja propaganda pela Republica parecia a todos esquecer.

O velho Cedro monumental ameaçava ruina. Era força acudir-lhe.

Mas, logo, por entre a relva, se agitaram viscosidades repugnantes e ousou dizer-se que tal pensão seria um attentado, porque o Poeta, dementado pela dôr, ajoelhára e se acolhera á caridade de um grupo politico religioso da monarchia.

Pobre rei Lear do Parnaso, louco e phantastico, errando atravez das selvas o manto esfarrapado da unica realeza, Gomes Leal vagueava então, absorto na sua tragedia, mal sabendo a vereda que trilhava.

Jámais se maculou a sua lyra impoluta, abastardando-se, em bajulações aos grandes da terra, ella que bem sentia a sua enorme grandoza.

Mas o Poeta ouviu o coaxar enervante e doeu-se e retrahiu-se, mais e mais fugindo ao contacto viscoso do camaleão da praga...

Porisso, hoje como hontem, a sua carcassa humilde e desengonçada vive só do calor que a espaços lhe infiltra o seu espirito, ainda prenhe de rubras fulgurações.

Unem-se todos os corações, que ainda palpitam neste rude atrofiar de sentimentos, no *Evohé!* colossal com que deve ser glorificado o poeta em desgraça.

Acima de toda aquella miseravel aparencia de mystico enlouquecido, pairando d'alto no espaço livre, o espirito divino do Poeta parece turbado de vêr om tal abandono o seu envolucro terreno...

E cada pagina da sua obra imensa é uma terrivel condemnação para a ingrata indifferença dos homens publicos d'esta terra.

*

O côro triumphal dos que o aclamam vae abafar por completo o coaxar das rãs nos charcos.

Ergam-se as grinaldas de Rosas e de Myrthos, sob que ha de passar.

O' guerreiro vencido, vem refazer-te da tragica jornada!

A derrota não te diminuiu aos olhos dos qne sabem vencer!...

15 de janeiro.

Do pamphleto *O Cadastro* de

Silva Passos.

Noticias e echos

Pezames

Apresentamo-los muito sinceros ao distincto cavalheiro e nosso obsequioso assignante ex.mo sr. Heitor Brandão, pelo fallecimento do seu querido filhinho *Bébé*.

Nomeação

Foi nomeado escrivão do 3.º officio do juíz de direito de Espozende o nosso presado amigo e assignante sr. João Gomes Vinha, a quem porisso apresentamos o nosso cartão de parabens e felicitações.

«O Cadastro»

Recebemos a visita deste nosso distincto collega da capital, que muito agradecemos. E' um *pamphleto hebdomadario de inquerito á vida nacional*, como se sub intitúla, e em que o seu redactor, o incessivo publicista Silva Passos, já muito conhecido no mundo das lettras, aprecia as pessoas e os factos por um prisma que revéla um fino tacto e um criterio prenhe da philosophia e de luz. Para comprovar o que dito fica, sem lisonja nem favor—nem d'ella carece o talentoso escriptor da nova geração—trasladamos do seu retrospecto, para a secção «Sciencia, Religião & Artes» de *O Leme*, o artigo que epigraphamos «Gomes Leal».

E' a melhor recomendação que podemos fazer ao nosso distincto collega, com quem muito gostosamente permutamos.

A redacção e administração do pamphleto «O Cadastro» é na R. do Ouro, 178, 2-D Lisboa.

O preço da assignatura é de 1:200 reis por anno. Numero avulso 50 reis.

Artigo de fundo

Pela primeira vez, mas com promessa de continuar, obsequiou-nos um nosso obsequioso amigo com o bello artigo que publicamos em fundo, a proposito da nossa gravura d'hoje.

Muito modestamente se occulta nas iniciaes A. C., que nós não podemos decifrar, por sua expressa recommendação. O que não podemos deixar de dizer aos nossos leitores e que ellas occultam um velho jornalista, cujos escriptos são sempre apreciados pelo primor da edição. Esperando o cumprimento da promessa feita, desde já agradecemos ao talentoso amigo a coadjuvação que tão desinteressadamente nos presta.

Os larapios

Estes *cavalheiros* pretenderam ha dias assaltar a casa do nobre Visconde de Pindella, em S. Thiago da Cruz. Presentidos a tempo tiveram de dar sêbo aos calcanhares!... O que por ahi vae, Santo Deus!

Sr. administrador: os peores inimigos da ordem e tranquilidade publica são, sem a menor duvida, os «cavalheiros» que se entregam áquela profissão prohibida. Entregue os tambem V. Ex.ª sem a menor contemplação ao sr. Piedade, que ainda tem aposentos de prevenção para lhes dar guarida. E' um dos melhores serviços que V. Ex.ª poderá prestar ao concelho, que administra.

Jayme Dias

Do nosso bom amigo sr. Jayme Dias, inspector da companhia de seguros sobre a vida «A Equitativa de Portugal e Ultramar» n'este concelho, recebemos uma phosphoreira e um estojo para borrão, que agradecemos.

Este nosso amigo voltou a estabelecer a sua residencia n'esta villa, com o que muito folgamos.

Sala de visitas

—

Passaram alguns dias encommodadas de saude as galantes meninas D. Olivia e D. Zelia, da casa de Segures, em Landim.

Accentuaram-se, porém, já as rapidas melhoras, o que muito folgamos.

—Em Landim, de visita a sua familia, esteve durante os dias de sabbado e domingo o sympathico e estudioso academico Alcino Pinto Monteiro.

—Fazem annos:

No dia 21 do corrente: a menina D. Rachel Castello Branco, sympathica irmã do intelligente director d'este jornal. Não lhe gabamos o gosto, porque, quem rene em si tantas graças e louçanias da primavera, não deve caminhar para onde fique exposta ás lufadas do macanbuzio outomno. Mas, já que assim quer, não se esqueça do seu reporter com uma lambusadéla de pasteis a respectivas achêgas de champanhe...

No dia 20: a menina Alice, filha da sr.ª D. Flora Castello Branco e Antonio Villaça, dignissimo empregado do registo civil n'uma das repartições do Porto, e sobrinha do nosso director.

E' outra *tolice* heriditaria de fazer annos. Mas como está no Porto e não póde mandar pelo telegrapho os pastels, mande ao menos uma beijoca, porque d'esta vez não *pica*...

Mas não admira tanta pressa em fazer annos, porque:

—Já os fizeram:

Em 4 do corrente a sympathica D. Camilla Machado de Araujo Freitas, brindosa irmã do nosso velho e dedicado amigo sr. P.e Henrique Machado d'Araujo Junior, dignissimo abbade de Esmeriz.

Em 5 do mesmo o sr. Silverio Joaquim da Silva Guimarães Junior, de Landim, intelligente estudante da escola normal de Braga e irmão do nosso obsequioso assignante sr. Jayme da Silva Guimarães

Porque ambos se combinaram para se internarem na velhice com o pequeno intervallo de um dia, não teriamos duvida, se não nos tomassem isso a mal, de indicar aos dois garridos pombinhos um bom *pombal*, para os seus arrulhos felizes!... Mas, para que se não susceptibilisem... ficamos por aqui, desejando a todos as mais completas alegrias, de qne inegavelmente são dignos.

—Tivemos ha dias, n'esta redacção, a visita do sr. Domingos da Costa Simões, pae do nosso dedicado amigo sr. Dr. Nuno Simões, laureado academico da Universidade de Coimbra.

Venda avulsa

O «Leme» vende-se avulso, para quem o requisitar, na casa Gaspar Pinto de Sousa & Irmão.

ESTÁ Á VENDA

Vocabulario ortográfico e remissivo da lingua portuguêsa

POR

A. R. GONÇALVES VIANNA

Relator da comissão ortográfica

Contendo cerca de 100.000 vocábulos conforme a ortografia oficial, flexão verbal e nominal. menção das fórmas incorrectas, com as devidas correcções, etc,

1 vol. enc. em percalina, 800 réis,

pelo correio 880 réis

LIVRARIA BERTRAND

75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

1.º Anno—2.ª serie

S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

N.º 17

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Composto e impresso na TYP. MINERVA—Famalicão

Disse Henry Heine que lhe transportassem o cadaver sobre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez aq ue me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco.

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal

S. Miguel de Seide — Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sélo	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

S. Miguel de Seide, 6 de março de 1913

"Ninharias,,

Com este titulo mais que modesto, veio o sr. José de Azevedo e Menezes, da Casa do Vinhal, d'este concelho, enriquecer a litteratura patria, com uma obra de alto valor.

Antes de escrevermos duas palavras de apreciação, que para maiores ensanchas não temos envergadura, devemos ao leitor duas palavras ácerca do autor, que plenamente justificam a estima que lhe votamos.

O sr. José de Azevedo e Menezes, sobre apreciaveis predicados de caracter, que lhe fazem avultar os superiores quilates do seu espirito esclarecido, tem para nós este grande motivo de veneração:

Foi amigo, e pessoa de muita consideração, do luminoso escriptor que se chamou Camillo Castello Branco, cuja sombra amiga e valedora é ainda hoje a melhor egide dos netos, que, no *Leme* se esforçam por lhe conservar o nome e avivar as tradições gloriosas que lhes legou.

Muitas pessoas, que ainda vivem, e foram das relações d'um e outro, sabem em quanta monta eram tidas por Camillo as qualidades morais e as faculdades de intelligencia e saber do sr. José de Azevedo e Menezes, que algumas vezes foi ouvido por aquelle sobre pontos de historia genealogica.

Voltando ás *«Ninharias»*.

Versa este volume, que é o 3.º publicado pelo autor, sob a mesma epigraphe, uma pagina de historia patria, para muitos desconhecida talvez, mas d'um intenso e admiravel colorido, traduzindo um rasgo de heroismo epico, que não hesitou perante a iminencia da morte, preferindo-a o heroi para si e para os seus, antes que submetter-se ás arremettidas do Adeantado de Galliza.

Não é o feito que prendeu o erudito escriptor. Esse, trá-lo a historia, e conserva-o a tradição.

Mas como quer que fosse que um homem, tambem sabedor em coisas de linhagens, e quiçá bem intencionado, viesse, na imprensa, desmerecer dos pergaminhos do alcaide de Faria — o heroi da epica façanha — não sofreu o animo do sr. José de Menezes — que tal injustiça e desprimôr para os descendentes· corressem mundo e pensou em reivindicar para a memoria do alcaide os fóros de nobreza que, de justiça, lhe pertencem.

E fê-lo com tal arte na dição, com tal paciencia e verdade na investigação documental, bebeu, e quasi as exauriu, em tão boas fontes, apaixonou-se tanto pelo assunto, em que interessou muitos estudiosos e competentes, que, leigos embora na materia, pensamos que o pleito está findo, e a memoria do alcaide sobejamente e suberabundantemente recompensada da parcella de gloria que o sr. Anselmo Braamcamp temporariamente lhe negou, talvez involuntariamente.

As *«Ninharias»* representam um trabalho de vulto.

E para tudo ser bom, até a nitidez das gravuras é inexcedivel, as reproduções de documentos e plantas perfeitissimas, e a mão d'obra typographica capaz de fazer a reputação duma casa.

De passagem, e como episodios, traz a obra do sr. José de Azevedo e Menezes fulgentes paginas de historia, comentadas e observadas á luz d'um são criterio, que encerram proveitosos ensinamentos, no presente, e para o futuro.

Escusado será dizer, para quem conhece o elevado caracter e a absoluta coherencia de principios do sr. José de Menezes, que a obra reflecte esplendidamente a orientação do seu espirito convictamente christão, e liberalmente catholico.

São delle, quasi no final do livro, estas palavras que, traduzindo um bello pensamento, são tambem uma lição proveitosa, neste momento de insubmissões e de revolta em nome de principios, que não podem fazer a felicidade dos povos. Positivamente.

«Em qualquer regimen politico, monarchico ou democratico, é necessario que impere o principio basilar do temer de Deus, que obriga o governo e o povo a respeitar a lei e os direitos de terceiro; e só assim póde haver a bem entendida liberdade, a ordem publica e o progresso moral.

Foi o ideal christão que fez a grandeza de Portugal, e que póde

ainda salvá-lo da crise aguda em que se debate. A moral sublime e a metaphysica consoladora do divino Mestre satisfazem inteiramente as mais bellas aspirações do espirito humano.»

Esta louvavel integridade de caracter, numa epocha de duplicidade e defecções, não é por certo dos menos apreciaveis titulos do valor da obra do illustre linhagista.

A. C.

Perolas escondidas

(Carta de C. Castello Branco a sua esposa D. Anna A. Placido)

Creio que cheguei ao termo da vida. Resignate, m.ª querida e até á morte, adorada Anna Augusta. Agarra-te á vida que é a taboa salvadora d'este filho que está ao pé de mim com a morte estampada ao rosto. Segue a tua via de amargura com a coragem que tens sempre revelado.

Fica n'este mundo por alguns annos como quem se sacrifica ao pai na pessoa dos filhos. Lembra-lhes mil vezes o teu

Camillo (1).

2 horas da manhã.
28 de abril de 1870.

(1) No autographo não ha epigraphe nem ha assignatura escreve o romancista os appellidos de que usava (*Castello Branco*).

(Nota da Redacção)

Sciencia, Religião & Artes

O Mez de Março

Fevereiro despediu-se de nós com um bello dia de sol. Entregues agora ás influencias caricias de Março, é nosso dever dedicar-lhe aqui algumas linhas.

Março, assim chamado porque era consagrado a Marte, estava collocado sob a protecção de Minerva e sempre teve o numero de 31 dias em qualquer dos calendarios adoptados pelos romanos.

Nem sempre, porém, Março occupou na ordem dos mezes o logar que hoje tem: o calendario de Romulo incetava por elle o anno. E justo era que o deus, de quem o primeiro rei de Roma se julgava filho, tivesse o primeiro logar no anno que elle dava ao seu povo que formava; assim o pedia o dever de filho agradecido. E este procedimento, consoante o attesta Ovidio, não desagradou aos deuses.

Um povo que das armas tazia a sua predilecta profissão e que dedicaria todas as suas contendas pela espada, não era de estranhar que dirigisse suas preferencias para o deus da guerra e que por um mez a este consagrado mudasse seu anno, para sempre o ter propicio, porque

Do romano o saber entre pelejas;
E o mais discreto o que melhor as faria.

(Ovidio, trad. de Castilho).

Março era o sexto mez do calendario republicano francez, chamava-se *ventôse*, ventoso, por causa dos ventos que caracterisam esta epocha do anno.

E' certo, porém, que os ventos não devem ser desabridos neste mez, porque então mal iria ao lavrador, mórmente se o futuro abril vier chuvoso, como mui claramente nol o indica o antigo adagio: — *março ventoso, abril chuvoso, do bom colmeal fardo asseroso.*

Domingo de Ramos

(Apontamentos historicos)

Approxima-se o Domingo de Ramos, o domingo que inicia a Semana Santa, e que assim é chamado por causa do uso estabelecido desde os primeiros seculos de serem levados, na procissão d'este dia, pelo clero e fieis, ramos bentos em memoria da entrada triumphante de Jesus Christo em Jerusalem.

E' tambem conhecido este dia com outras denominações: assim é-lhe dado o nome de *Paschoa florida*, porque outr'ora começava neste domingo o tempo prescripto para satisfazer á communhão paschal; *domingo dos concorrentes*, porque neste dia os catechumenos vinham, todos juntos, pedir ao bispo a graça do baptismo, que lhes era ministrado no domingo seguinte; *domingo capitlavio*, porque, como preparação para o baptismo, se lavava a cabeça aos catechuinenos; *domingo de indulgencia*, porque os imperadores e patriarchas costumavam n'este dia conceder graças; *domingo da hosanna*, porque era o dia do triumpho de Jesus Christo.

A benção e procissão dos ramos remonta a antigos tempos, muito provavelmente á epocha de Constantino, mas com certeza ao seculo VI, como o certifica S. Isidoro de Sevilha, e tam considerada era esta ceremonia que os eremitas abandonavam seus retiros e reuniam-se no *Domingo de Palmas* para celebrar juntos esta festa, supplicando, consoante o espirito da Egreja Catholica, a Deus que se dignasse receber a homenagem que lhe mereceu a idolatria sublime!

Sim, é necessario que eu ame a minha loucura: mandou-me Deus essa prova, e eu acceito-a.

—Has-de salval-o, sim?—redarguiu ella—Salvarei; e, o que mais é, que nenhum de nós tenha de córar da sua fraqueza aos olhos do mundo.

Esta é a carta que Beatriz me deixou, dirigida ao barão de ***

«Em que occasião me deixas!

Foge-me alma e vida atraz d'esse espirito angelico que lá vae pairando nos ares, envolvido na sua pura chlamyde!... Espirito, sim. Aquella voz, aquelle rosto, aquelle porte sem igual, tudo denunciava uma essencia superior.

«Viste-a acaso no meio das outras?

Ouviste aquellas palavras que lhe sahiam dos labios como ciladas por um instromento aereo e suavissimo? Podeste vel-a como eu, sentada á banca cavegada das obras dos mais elegantes poetas e prosadores, passados e contemporaneos? Admiraste-a na encantadora simplicidade, no abandono da sua posição abstrahida e pensadora, quando o rosto apoiado nas mãos se embebia na mystica e celestial leitura do *Tratado do amor de Deus*, repetindo-me estas palavras que eu repito a todo o instante, tão dignas são dos labios que as pronunciavam, tanta theologia lhe encontro com o objecto que m'as tornou conhecidas:

«*Não nasci para este mundo, pois que o mundo não chega para mim.*

Existe por cima de mim alguem soberano bem, de quem dependo e que para si me creou. O incomparavel artifice, que insoflou em mim este desejo de saber a sublimação a amar, é aquelle soberano bem, só aquelle mister que eu cubiço, para quem é forçoso que me eduque, e a quem é necessario que me eu ligue para achar em sua bondade o que não posso achar em parte alguma.

«Sublime creatura! Como deixaria eu de amal-a até ao frenezi? Que homem teria coração para a contemplar com indifferença, quem poderia deixar de ficar vencido por tantas relações terrestres e espirituaes!

«E que magia a d'aqueles olhos! Que influxo mysterioso predomina n'aquellas branduras de seu olhar! Que poder fascinador nos subjuga a seu lado a materia e os sentidos, elevando-nos a alma a caminhar no rasto luminoso de sua até ás mais castas voluptuosidades!

«Vendo-a, comprehendi o typo divino d'aquellas raças biblicas outr'ora proscriptas de Sião; comprehendi-me do santo e ardente enthusiasmo d'essas virgens martyres, arrastadas ao circo pelos ferozes sectarios do barbarismo, e que esquecidas de si entoavam o hymno do triumpho, emquanto as feras pavaneavam nas jaulas á vista de suas victimas!

(Continua)

FOLHETIM

Anna Augusta Placido

Nucleo d'agonias

ROMANCE ORIGINAL

VII

Dianna a Henriqueta

Lancei-lhe os braços ao pescoço, suffocando os soluços que me despedaçavam o seio.

—Sim, irei,—respondi—e permitta Deus que lhe seja leve as na conta das que elle soffre, as horriveis torturas que me estão martyrisando a alma. Agora posso dizer-te tudo, Beatriz, posso. Deixo cahir esta mascara que me envergonho de ter aproveitado. Para que esconderei eu estas lagrimas? para que procurar um disfarce indigno de mim? Repara que este orvalho da piedade não tem o queimar acre do crime, e que eu choro afoitamente diante de ti pelo

menagem que os fieis lhe rendiam como a seu Rei e seu Senhor.

O cantico que se faz ouvir ao abrir as portas do templo (nos logares em que esta Ceremonia reveste toda a solemnidade) attribue-se geralmente a Theodolpho, bispo de Orleans, que o compozera na prisão em que se achava encerrado por ordem de Luiz o Clemente.

Acompanhando esta procissão, que outr'ora, em França, se fazia em volta dos muros das cidades, ao passar em frente da prisão pediu o bispo que por um pouco parasse o prestito e entoou então o magestoso cantico, de que o rei tanto se agradou que immediatamente deu ao prelado a liberdade. Em memoria d'este facto a egreja d'Orleans o começou a cantar neste dia e d'aqui passou a todas as outras egrejas da christandade.

Em varias egrejas era levado, sobre um andor ricamente adornado, no meio das palmas, dos cirios, dos thuribulos e dos guiões e bandeiras, o livro dos Evangelhos, como para representar a pessoa de Jesus Christo triumphante; em outras, levava-se a sagrada Eucaristia, e é esta uma das mais antigas procissões em que se saiba que se levasse o Santissimo Sacramento.

Despertam-nos sympathica recordação presenciar a alegria com que as creanças escolhem o mais lindo ramo de oliveira para caprichosamente o enfeitarem, e, todas contentes, como antigamente os meninos hebreus caminharem para o templo commemorar o triumpho do Salvador. Quem repara no grande ramo que nas nossas aldeias *mordómo* a custo conduz para a egreja parochial?

Torna-se em verdade mister que este ramo se recommende pela sua grandeza, porque depois de benzido é assaltado e muito diminuido por todos aquelles que, não tendo levado ramo, ainda assim não querem ser privados de trazerem para casa uma recordação d'este dia, e ainda é necessario que fique o sufficiente, que, reduzido a cinzas, ha de servir para a ceremonia da primeira 4.ª feira da quaresma do anno seguinte.

Mencionaremos um preconceito ligado aos ramos bentos, queimados na occasião da trovoada, diz o nosso povo que afugenta e conjura os seus perigos.

Retrospecto bibliographico

Recebemos e muito agradecemos:

O Cadastro, de Silva Passos, *pamphleto de inquerito á vida nacional*, n. 4, correspondente á primeira quinzena de fevereiro. Com admiravel correcção e prosa castiça o seu auctor analysa os principaes factos da quinzena, por entre gargalhadas de ridiculo e lampejos de talento. O criterio é masculo e sadio, motivo, além d'outros, por que merece ser lido por todos aquelles que desejam vêr os homens e os factos através o prisma da verdade e da razão.

Além disso o preço d'aquella publicação é exiguissimo: 50 reis cada numero.

A redacção e administração estão installadas na Rua Aurea, 178-2.º Lisboa para onde póde dirigir-se qualquer requisição.

O Ultimo Cigarro monologo comico de C. Garlaud, traduzido por Climaco Baptista e editado por A. Figueirinhas. Constitue o 13.º fasciculo da «Bibliotheca theatral para creanças. Deposito geral na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, Succ. —Rua do Almada, 119 a 123 — Porto, custando apenas 50 reis.

Manual Pratico para Catequese das Crianças. — E' um bello livrinho de 88 paginas, que, posto seja destinado ás creanças, como do seu titulo se comprehende, é de grande utilidade tambem para adultos que pretendam ouvir com attenção o sacrificio da missa e fazer com proveito uma boa confissão.

Ali encontrarão importantissimos elementos para a realisação daquelles importantissimos actos não só as creanças que se destinam á primeira Communhão, mas todos os adultos que daquelle livrinho poderão tirar muitos conhecimentos praticos e grande copia de reflexões moraes. Deposito geral na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, suc.—Rua do Almada 119 a 123—Porto.

E' de 60 reis o seu preço. Ver adiante o annuncio.

* —.*

A sahir do prélo:

Rocios do Céo (*Verdades oportunas*) do presbytero J. Vieira.

Opusculo de 84 paginas, segundo nos communicam e que, a avaliar pelas faculdades de intelligencia do seu auctor, que conhecemos desde ha muito, como parocho muito illustrado d'uma das freguesias d'este concelho, deve ter merecimento.

Aguardamos a promettida offerta e a seu tempo daremos conta das nossas impressões.

Noticias e echos

Carreira 5

Veio a «Desafronta», pela pena do seu correspondente nesta freguezia, classificar de politica de regedoria a mudança que ultimamente se operou com a caixa do correio, e diz a proposito umas insinuações a quem só tem feito a bem do publico tudo o que está ao seu alcance. Mas como pretende classificar de injustiça o que foi um acto de moralidade, sempre lhe devo dizer que:

1.º A caixa foi mudada, porque o antigo depositario se torna incorrecto nos serviços do correio, como por exemplo, não entregando com regularidade a correspondencia, e fazendo alarde muitas vezes da correspondencia aberta;

2.º A desenvoltura da linguagem que tambem por vezes se usava na casa do mesmo depositario reclamava desde ha muito as providencias que se adoptaram;

3.º Como se promette continuar a illudir o publico com falsidades, venha tudo o que tiver a dizer, que nós fallaremos depois. E ficamos esperando.

M. d'A. e Silva.

A nova moeda

Tendo o governo da Republica decretado um novo typo monetario a par do *dollar* e *peso* da America, aproveitando a concordancia millesimal do typo do antigo mil reis, em ouro, pareceu-nos conveniente publicar uma tabela de concordancia entre o antigo e novo systhema monetario, tanto mais que estão em circulação moedas e valores de um e outro systhema.

O escudo equivale a 1$000 reis. Dividindo o escudo em 10 partes, cada uma délas será um deçavo equivalente a cem reis.

Dividindo o deçavo em dez partes, cada uma délas será um centavo, equivalente a 10 reis.

Dividindo o centavo em 10 partes, cada uma delas será um milavo, equivalente a um real, unidade virtual e de uso no nosso antigo systema monetario.

Avos é uma denominação que serve para exprimir fracções.

Deçavo, centavo e milavo, querem dizer a décima, a centessima e millessima parte da unidade.

Um conto de reis equivale a mil escudos.

O tipo das novas moedas é o seguinte:

Niquel

Meio centavo igual a	5	reis
Um » » a	10	»
Dois centavos » a	20	»

Práta

10 centavos, egual a.	100	»
20 » » a.	200	»
50 » » a.	500	»

Ouro

1 escudo, egual a....	1000	»
2 » » a....	2000	»
5 » » a....	5000	»

Abreviatura:-E. escudos, C. centavos

Fórma de assentar dinheiro

	Rms.
Meio centavo 0,005 egual a.....	5
Um centavo 0,01 egual a.....	10
Um centavo e meio 0,015 egual a meio.....	15
Dois centavos 0,02 egual a.....	20
Quatro centavos 0,04 egual a....	40
Cinco centavos 0,05 egual a.....	50
Dez centavos 0,10 egual a.....	100
Vinte centavos 0,20 egual a.....	200
Cincoenta centavos 0,50 egual a.	500
Um escudo 1,00 egual a.....	1:000
Dois escudos 2,00 egual a.....	2:000
Cinco escudos 5,00 egual a.....	5:000
Dez escudos 10,00 egual a.....	10:000

Cada escudo vale cem centavos, ou sejam 1$000 réis pela moeda antiga.

EXEMPLOS

Somas:

1,005
7,50
100,04
360,95
469,495

(quatrocentos sessenta e nove escudos, quarenta e nove centavos e meio).

Multiplicação:

31,75
55
158,75
1587,5
1746,25

(mil setecentos quarenta e seis escudos e vinte e cinco centavos)

Divisão:

650,35 | 4
25 | 162,58
010
023
035
03

Em estampilhas existem as seguintes taxas

1/4 de centavo egual a	2 1/2	rs.
1/2 centavo egual a	5	»
1 centavo egual a	10	»
2 centavos egual a	20	»
2 1/2 centavos egual a	25	»
5 centavos egual a	50	»
7 1/2 centavos egual a	75	»
8 centavos egual a	80	»
10 centavos egual a	100	»
20 centavos egual a	200	»
30 centavos egual a	300	»
50 centavos egual a	500	»
1 escudo egual a	1:000	»

Escola Agricola

Segundo nos communica o nosso presado collega do «Commercio do Porto» deve inaugurar-se no dia 16 do corrente, na freguezia do Louro, d'este concelho, uma Escola Agricola subsidiada por um benemerito daquella freguesia e organisada por aquelle distincto collega, um dos mais incansaveis protectores da lavoura portuguesa.

«O Leme»

Para satisfazer a alguns pedidos de assignantes, que desejam a collecção completa do nosso jornal, já esgotada n'esta redacção, pedimos a todas aquellas pessoas que não tenham feito collecção o favor de nos venderem os n.os 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 ou 13. Pela collecção completa d'estes numeros offerecemos 500 réis.

Aos nossos assignantes que nos teem pedido a collecção do *Folhetim* devido á penna da dedicada consorte do mestre do romantismo, que, como o seu esposo, sentiu as maiores amarguras e escreveu, tambem inspirada pelos mais intensos sentimentos, tencionamos fazer d'elle uma reimpressão, logo que tenhamos 50 pretendentes.

Tambem faremos annunciar as collecções, se nos fôr possivel fazer d'ellas a aquisição. Ficam assim esclarecidos alguns assignantes nossos, que sobre este respeito se nos teem dirigido.

O azeite

Em consequência de ter sido escassa a última colheita, informam os grandes jornais que vai subir em breve o preço do azeite.

Se fôr a autorisada a importação, o que é natural que suceda, não tardará que os exploradores façam o que costumam fazer, abusando impunemente e sem comiseração da miséria do povo.

Verêmos.

Ad sidera

Mais um golpe inesperado veio fazer sangrar o coração paternal do nosso dedicado amigo e distincto clinico de Landim Dr. Joaquim Dias de Sá, pelo fallecimento da filhinha Elisa. Conhecedores de quanto aquelle nosso amigo é estremoso pelos filhos, avallamos bem como deveria ser profundo mais este golpe, pelo que aqui lh: significamos os nossos sentimentos.

Carlos Carreira

A bondosa esposa d'este nosso velho e dedicado amigo, muito digno e intelligente aspirante de finanças no Porto, brindou-o ha dias com mais uma creança do sexo feminino.

Muito cordealmente o felicitamos.

Notas de 20$000 réis

Avisamos os nossos presados leitores de que o Banco de Portugal não faz mais pagamentos em notas de 20$000 réis e vai recolher as que andam em circulação, visto andarem correndo muitas dessa importancia que são falsas.

Refórma judiciária

O «Diário do Govêrno», publicou um decreto pelo qual fica nomeada uma grande comissão composta de senadores e deputados de todos os partidos políticos para apresentar a refórma da organisação judiciária e de todos os serviços que com ela se relacionem.

Vinho do Douro

No mez de janeiro findo despacharam-se para exportação pela Alfandega do Porto, 5.381:840 51 litros de vinho, no valor de 703:930$000 réis.

Em igual periodo do ano anterior despacharam-se litros 6.141.835,14, no valor de 850:744$000 réis. Houve, por isso, uma diferença contra o mez findo de 759:994,63 litros, no valor de 146:814$000 réis.

O patrão para a criada:
—O' Rosa, traga agua quente mas depressa.
—Já ahi a tem, senhor; pul-a ahi hontem á noite.

Salla de visitas

Como ha tempos preannunciamos, realisou-se o enlace matrimonial do sr. Manoel Gomes Ferreira da Costa, bemquisto cavalheiro de Joane, com a sr.ª D. Adozinda Augusta Soares de Castro Ribeiro, sympathica joven de Landim. O acto civil realisou-se na freguezia de Avidos, após o qual se seguiu a solemnidade religiosa na freguezia de Landim, revestida de grande pompa. Paranympharam por parte do noivo o sr. Abilio Gomes Ferreira da Costa, pharmaceutico estabelecido em Landim, e sua mãe a sr.ª D. Emilia Ferreira da Costa, de Joane; e por parte da noiva o sr. Eduardo Alves Guimarães, negociante no Porto, e a sr.ª D. Emilia Maria de Jesus Oliveira, de Landim.

Na *corbeille* da noiva foram depositadas valiosas prendas. Depois do jantar, a que assistiram diversos convidados, partiram os sympathicos contrahentes para o Porto, onde foram passar a lua de mel, tendo já regressado á casa dos paes da noiva, em Landim. Aqui lhe apresentamos o nosso cartão de parabens, desejando-lhes todas as venturas de que são dignos.

—De visita ao Meretissimo Juiz de Direito sr. dr. Bernardino Alves de Moura, estiveram n'esta villa o ex.mo sr. dr. Arthur de Moura Basto e sua ex.ma esposa.

—Honrou-nos ha dias com a sua visita a ex.ma sr.ª D. Candida Malheiro, nossa presadissima assignante e illustrada professora official na freguezia de Requião.

Fizeram annos: No dia 26 de fevereiro proximo passado: a sr.ª D. Maria do Carmo Azevedo, bondosa irmã do nosso obsequioso assignante sr. Caetano Alberto do Carmo Azevedo, brioso alferes de infantaria 6.

No dia 4 do corrente: O Redactor d'este jornal sr. Nuno Placido Castelo Branco.

A ambos apresentamos, porisso, as nossas felicitações e bons desejos de os ver a fazer muitos e muitos annos.

—Noticiou ha dias o nosso collega da *Desafronta*, pela penna do seu correspondente em Landim, que estavam para realisar se brevemente naquella freguezia nada menos que dois casamentos! De um delles já nós alguma coisa haviamos enxergado; do outro, nem com a lanterna de Diogenes conseguimos descobrir indicios. Houve certamente equivoco: o *ramo* estava numa porta, mas o *vinho* vendia-se na outra... Ora caminhe um pouco mais para a frente e verá que uma formosa menina, que da primeira mãe dos viventes herdou as graças e o nome, dará em breve a sua mão a um bello e distincto rapaz de Joanne que d'ella é bem merecedor... Não será aqui o verdadeiro alvo?

—Congratulavamo-nos no passado numero de dar noticia das melhoras das encantadoras meninas D. Olivia e D. Zelia da bemquista familia Abreu, de Landim, quando d'ahi a pouco nos informaram que a boa e gentil mana D. Esilda se lembrou de lhes seguir o exemplo, sem mesmo dar tempo a que arrefecessem os lençoes. Foi descuido certamente da graciosa mademoiselle, mas, como já entrou em franca convalescença, os nossos parabens. Mas... não queira avezár...

Manual Pratico para Catequese das Crianças, que se preparam para comungar. Santa Missa e Confissão—por Edmond Burtey, superior do grande seminario de Dijon Tradução portuguesa. Este livrinho tem um prefacio do sr. D Antonio, Bispo do Porto, aprovando-o e indulgenciando-o. Tem lindas gravuras e com 86 paginas custa apenas 60 reis.

Livraria Portuense de Lopes & C.ª, Suc.—PORTO.

ESTÁ Á VENDA

Vocabulario ortográfico e remissivo da lingua portuguêsa

POR

A. R. GONÇALVES VIANA

Relator da comissão ortográfica

Contendo cerca de 100.000 vocábulos conforme a ortografia oficial, flexão verbal e nominal. menção das fórmas incorrectas, com as devidas correcções, etc,

1 vol. enc. em percalina, 800 réis,

pelo correio 880 réis

LIVRARIA BERTRAND

75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

1.º Anno—2.ª serie | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 18

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Composto e impresso na TYP. MINERVA—Famalicão

Disse Henry Heine que lhe transportassem o cadaver sobre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez a que me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco.

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR
Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal
S. Miguel de Seide — Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sélo	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

S. Miguel de Seide, 20 de Março de 1913

Camillo Castello Branco

No passado dia 16 fazia Camillo Castello Branco 87 annos, se um desvario que as suas grandes e intensas dores e augustias lhe provocaram, o não levasse a pôr termo á existencia. Com o desapparecimento d'aquelle grande fóco de luz perderam muito as lettras portuguezas e abriu-se uma grande lacuna no romantismo, que se não prehencherá tão cedo.

Para commemorar o anniversario do fecundo romancista, estampamos n'este jornal o seu retrato, com uns ligeiros traços biographicos, pois para mais não dá ensanchas as pequenas dimensões d'este jornal.

Camillo Castello Branco nasceu em Lisboa a 16 de Março de 1826 e falleceu em S. Miguel de Seide no dia 1 de junho de 1890.

Morreu, pois, o grande escriptor com 64 annos de edade, ao fim de uma existencia de colossal trabalho litterario, d'onde se levantam algumas obras, que não hão de morrer emquanto se fallar a lingua portugueza, a lingua que elle tanto amou, e de que tirou tão belas paginas, convulsas de paixão, vibrantes de emoção pathetica, faiscantes de sarcasmo agudo e crú.

Camillo era filho natural de Manoel Botelho Castello Branco. Sua mãe era uma judia; e por mais d'uma vez Camillo se orgulhou de ter sangue judaico nas veias.

Em 1836, com dez annos, Camillo Castello Branco ficou orphão, e foi para Villa Real de

---

FOLHETIM

Anna Augusta Placido

ROMANCE ORIGINAL

VII

Dianna a Henriqueta

Reconheci o poder supremo de Deus no prodigioso conjuncto de tantas perfeições n'uma só creatura; adorei aquelle ser unico em graça, a que anjos invisiveis protejem com suas azas immaculadas!

«O' meu amigo! Eu tão cego idolatra do genio, cheguei a odiar o Dante, Petrarcha e Milton, O Camões e Bernardim Ribeiro, e todas essas gloriosas sombras que são meus rivaes no espirito d'aquella mulher. Não, já não lhe invejo o éstro. Fosse eu um só reunindo o poder intellectual de todos, e tudo trocava, tudo dava de barato por um só premio: o amor d'ella!

«Quem poderá merecer-lh'o? Que throno ha ahi em cujos degraus não poisasse com a segurança do merito pessoal o pé d'aquella creatura? Que corôa deixaria de assentar bem n'aquella fronte magestosa, que sabe impôr toda a ordem de respeitos, desde a vassalagem até ao acatamento da divindade!

«Quando me ponho a reflectir na bruteza das minhas affeições e enlevos passados, tenho pejo de mim; pejo e dôr de ter desperdiçado as delicadezas do sentir por veredas sujas e tortuosas, manchando as simplezas adoraveis da virgindade do coração, que eu dava hoje tudo por offerecer-lhe sem macula.

«E perdi-a! Perdia-a, sem ter pensado sequer em chamar-lhe minha!

«Grandioso predominio do espirito! Amei-a tanto, que nunca me entrou na mente obscurecer a dourada aureola que a circundava.

«Ella crê-me mau, pervertido e traidor; as apparencias condemnam-me; mas eu quero, morrendo por ella, ganhar para a minha memoria uma rehabilitação saudosa e eterna. Quero; é preciso morrer. A vida sem a sua estima é d'um pezo incomportavel, é ir requestal-a como a uma mulher vulgar; humilhar-me e tornar-me por assim dizer indigno a seus olhos, da altura em que eu sei era visto até que o demonio da fatalidade me fez cahir, isso é que eu não posso.

(Continua)

Traz-os-Montes, para casa d'uma tia, irmã de seu pae.

Ali, o futuro romancista, percorrendo a miudo a paisagem grandiosa e forte, habituou-se a uma vida de contemplativo, e recebeu talvez as primeiras e vivas impressões da natureza, que ainda assim não amou e interpretou na sua arte senão como fundo, como grandioso e simplificado *scenario* dos dramas humanos, tão variados, que desenrolou pela sua vasta galeria de romances.

Um dia, teria treze annos, Camillo lembrou-se de fugir para Lisboa; e negou a partir, com esse intento, de Villa Real, mas foi preso no caminho á ordem da tia. Fez ainda outras tentativas para deixar Villa Real, até que foi viver com uma irmã, encontrando na sua familia um padre erudito, que lhe deu as primeiras noções de latim, e lhe inoculou talvez o amor pelos velhos textos. Depois d'estes primeiros annos e tendo sido mandado estudar para o Porto, foi alli que passou a sua agitada mocidade.

Escreveu immensos artigos e folhetins no *Nacional* e outros jornaes, e, desde muito novo, a sua penna se tornou admirada e temida.

Em 1858 já Camillo conquistára um dos mais bellos nomes entre os escriptores portuguezes.

* * *

Desde que a luz dos olhos se lhe apagou, que a ideia do suicidio começou a ocupar o espirito de Camillo Castello Branco e a preoccupar profundamente sua esposa e os seus amigos.

E esta ideia do suicidio transpareceia em todos os seus escriptos.

Assim os **Horas de lucta**, volumesinho publicado pelo seu amigo Freitas Fortuna, e de que apenas se fez uma tiragem de 82 exemplares, encontram-se as seguintes reflexões acerca do suicidio:

A vida dos desgraçados irremediaveis seria um perfido escarneo do Creador, se o suicidio lhes fosse defezo.

Quando confronto a minha covardia com as argentações redemptoras do suicidio, então comprehendo a grandeza de animo dos que se matam.

—

Invectivar de covarde o suicidio é escarrar na face d'um morto. Não se pode ser mais cruel nem mais infame.

Um dos cantos do *Inferno* de Dante é um poema de lagrimas. São os suicidas que passam gemendo.

—

Se a alma do suicida podesse subir á presença de Deus, a divina magestade esconderia a face envergonhada ou condoida da sua obra; porque o suicida lhe diria como Job: «Porque me tiraste do ventre materno?» — *Quare de vulva eduxisti me?...*

PEROLAS ESCONDIDAS

Na capa de um livro em que se publicou o discurso de Vieira de Castro recitado pelo seu author em 25 de janeiro de 1867, no Sanção do theatro Lyrico do Rio de Janeiro:

Ha 18 annos que descanças, meu querido Vieira de Castro. Dorme, dorme infinitamente... Se accordasses, e visses como a desgraça despedaçou a tua familia e os teus amigos, fecharias sobre ti a tua campa e pedirias ao Senhor que apartasse de ti o calix da vida.

28 | 3 | 87.

C. Castello Branco.

COMMEMORAÇÃO

Semana Santa

Jesus

Da officina d'um operario de Nazareth sahiu o luminoso espirito, que irradiou no coração dos justos, quaes o velho Simeão do templo. Aos doze annos, um menino, creado na supersticiosa e ignorante Judéa, vai á synagoga, impugna a doutrina da lei velha, e humilha a soberba dos doutores.

Os ouvintes, suspensos dos labios d'uma criança, dizem: «Nenhum homem fallou assim! Onde aprendeu estas cousas o filho do carpinteiro?!»

E não era como Socrates, e Platão, e Cicero que respeitavam os desvarios supersticiosos do vulgo. Estremava-se dos philosophos da gentilidade, que pregavam maximas de boa vida, e as desdouravam na pratica. «Se não credes em minhas palavras, dizia o justo da Galliléa, crêde ao menos em minhas obras.»

Aos que lhe espiavam malquerentes a existencia milagrosa de beneficios e abnegação, dizia: «Quem de vós me apontára uma culpa?»

Na serenidade de seu rosto lampejavam, intercadentes com as asperezas de homem, os resplendores da divindade. Acariciava as creancinhas com brandura de pae. Fallava aos velhos com respeito e amor de filho. Enxugava lagrimas com as consolações nunca ouvidas da palavra humana. Coava balsamos estranhos ás chagas recônditas da alma. Despertava os pulsos roxos das algemas de tyrannos.

Diante do pobre, admoestava a soberba do poderoso. Diante do poderoso, ensinava ao pobre a virtude da humildade. Ia á presença do grande, sem antepôr aos exteriores da pobreza a recommendação de sua divina ricusagem. Abraçava os fugitivos á lei pharizaica, instrumento de hipocritas, sepulturas brancaqueadas, cheias de vermes e podridão. Sustentava as multidões famintas com o pão que o Pae multiplicava debaixo de seus olhos supplicantes. Feria com um ralo de luz os olhos cerrados em trevas desde o nascimento.

Levava suas palavras ao coração do surdo para quem a linguagem humana fôra um mysterio. Mandava ao paralytico erguer-se com o seu grabato.

Chorava sobre o tumulo de Lazaro, e filtrava-lhe no selo vida nova com suas divinas lagrimas.

Perdoava á mulher peccadora, que a justiça da terra apedrejava. Curvava-se a lavar os pés dos discipulos que o seguiam vacillantes de fé e coragem. Este justo, se fosse um homem, não teria inimigos. Eram predestinadas as suas inenarraveis amarguras.

Ergueram-se homens a injuriál-o. E o santo da paciencia e do perdão encarou-os com doçura, e fallou, quando os viu baixarem-se para o apedrejarem: «Por qual dos meus beneficios quereis apedrejar-me?»

Não era homem; que a sua paixão foi um assombro nunca repetido de humildade, submissão, brandura e constancia.

Não era homem; que as calumnias, os ultrages, as dôres, os supplicios não lhe arrancaram um gemido de cólera.

Não era homem; que antes do trespasse de Jesus Christo nunca o perdão baixára da cruz sobre os algozes d'um innocente.

Socrates morrêra com espantosa coragem e animo imperterrito.

«Se a vida e morte de Socrates foram de um sabio, a vida e morte de Jesus foi de um Deus».

Diz Rousseau, o philosopho, a consciencia alvoraçada por um rapto do coração.

Da «Divindade de Jesus», de

Camillo Castello Branco.

O Christo

I

A velha civilisação ia-se esphacelando, carcomida pelos falsos principios e devaneios philosophicos. A sciencia, que devia ser a mestra da vida e a moralisadora dos povos, envolvia-se nas trevas caliginosas do erro, que tinham attingido o maximo de condensação.

N'este estado de coisas, o mundo vacillava entre abysmos hiantes, que ameaçavam sorvel-o. Eis que desponta então radiante, bello e fecundo, o astro refulgente d'uma nova era, d'uma tão anciada regeneração social, que, esfarrapando os vapores obumbrosos, que tentavam empanal-o, jorrou seus raios luminosos e colorificos por toda a superficie da terra. N'este baptismo de luz se retouçaram os

povos, que andavam transviados da senda da verdade e percorriam a passos agigantados a viatura d'uma perdição inevitavel e imminente.

Desobscureceram-se as intelligencias, robusteceram-se os os espiritos atrophiados, acalmaram-se os animos, e os germens fecundantes dos novos principios começaram de desenvolver-se e fructificar nas almas depuradas do erro.

Remoçaram as velhas sociedades, cuja decrepitude precoce as arrastava ao sorvedouro enorme e tenebroso da corrupção, que com os cabellos desenrolados pelas espadas nas voluptuosas, transcorria todos os trilhos do velho mundo. Era mister, como opportuna foi, uma lua nova e vivificante, que arrebolasse os horisontes escurentados pelas culpas do homem, essa luz, que desde a primeira revelação se reflectia nas almas predestinadas dos propbetas.

II

O astro aurifulgente, que illuminou o globo, é o symbolo formoso da regeneração da humanidade pela cruz.

Foi Christo, que os hebreus esperavam anciosos, quem, descondensando as trevas e resolvendo-as em orvalho fecundante, accendeu nos espiritos o pharol da verdade e desbravou os escabrosos caminhos do erro.

Foi elle quem, com as suas doutrinas de origem divina e a sua moral civilisadora, apontou aos povos o verdadeiro caminho que leva á felicidade suprema; foi elle quem irmanou os homens e os uniu n'um amplexo fraternal, ensinando a unidade de origem e a unidade de destino; foi elle quem os alevantou da abjecção em que jaziam, e lhes deu os foros que os ennobrecem e distinguem. Foi elle, emfim, quem lhes prometteu o gozo da ventura suprema no selo esplendoroso da gloria eterna.

Mas, para regenerar a humanidade e operar os prodigios que assombraram o mundo inteiro, tinha elle a viver uma vida cheia de affrontas e soffrer uma morte ignominosa. E' sublime a resignação do Homem Deus, como estupenda é a agonia do Calvario.

Não eram só as flores pulsicas que avergavam o corpo do Salvador e lhe atormentavam a alma, senão tambem as injurias e affrontas que lhe cuspiam no rosto. O apostolo do verdadeiro progresso e da civilisação mais coherente com a razão humana era o ludibrio dos pharisaeos e homens sem crença nem fé em elle, com o ardente desejo de salvar o mundo, arrostava com todos os improperios, soffria todas os affrontas e resignava-se a expirar na cruz vilipendiosa dos reprobos, que desde então tem sido o symbolo da religião do verdadeiro Deus.

III

Foi enorme a agonia.

Sentiu-a a natureza e sentiu-a o ceu, mas os homens não a sentiram!

Parecia approximar-se o cataclysmo dos mundos. Toldara-se o firmamento; o sol desmaiava e refugiava aterrado para os abysmos do espaço; estremecia a terra nos eixos desconjuntados, e estalavam e escachavam-se as montanhas com o desequilibrio do universo; os riachos, que serpeavam por entre as campinas estrelladas de flôres, sustavam o seu curso, e os mares, encapellados em enormes vagalhões, combatiam furiosos contra os fragedos da praia, que se cobria de espuma, vozes ignotas e trovões estrepitavam por entre as arvores das florestas, a ribombar, em tons plangentes e aterradores, em todos os angulos da terra.

Tudo se agitava, tudo se estorcia só o homem conservava o animo calmo e a alma desannuviada.

Estirado n'uma cruz, agoniza o padecente. O sangue, resfriado pelo halito da morte, intumece-lhe as veias, injecta-lhe os olhos, e estua-lhe nas fontes; os musculos, retezados, parece desfazerem-se; o pallôr do desfallecimento mortal embranquece-lhe o corpo e entivida-lhe o gosto; a gangrena, invadindo os tecidos e infiltrando-se pelos escaninhos do coração, seca-lhe os labios, como o simoun do deserto. O estertor da agonia é lento e prolongado, e o Homem Deus sente uma das necessidades originarias da sua encarnação: tem sêde. «Tenho sêde» diz o Salvador, com a voz sumida de moribundo.

As palavras soaram no espaço, com um suspiro, e repercutiram-se no marulho do mar, no ciciar da brisa, com o accento lamentoso de quem pede a vida no anciar da morte.

Aos labios resequidos e descorados acheggaram-lhes os algozes uma esponja embebida em fel e vinagre.

Ah! fel e vinagre! quando elle pedia uma gotta d'agua!

As aves do céu e as flores do prado têem o rocio da aurora; as féras bravas os arroios, que meandram nos almargeus; o homem, os rios crystallinos que brotam das fraghas; e o Deus que formou os mundos, não tem uma gotta d'agua! Elle, que deu a Moysés a vara com que fez jorrar a lympha dos rochedos do deserto! Elle, que encheu os vastos depositos do oceano!

Uma gotta d'agua! A perola que reflecte no calice da flôr ao sol da primavera; a vaga que o oceano arremessa á praia; a vesicula que a nuvem esparze sobre a terra! Uma gotta d'agua!

E em vez d'agua, dão-lhe fel e vinagre!

Ai meu Deus! Desde o Calvario, a ingratidão dos homens começou a agastar-te o seio, e a cuspir de envolta e blasphemias o diploma da remissão que tu lhes outorgaste.

IV

E' santa a tua doutrina, ó Christo, salutares os teus preceitos. O codigo de moral, ditado pela tua intelligencia divina, é o primeiro codigo do mundo. Milhares de gerações, no transcurso de dezenove seculos, se têem curvado reverentes ante os teus altares, pronunciando o credo da sua fé. Os inimigos da tua egreja debalde têem tentado abalar os solidos alicerces em que os firmaste; mais forte que os cedros a tua cruz, hasteada no vertice dos teus templos e cravada no solo inhospito de plagas longinquas, tem resistido aos embates da impiedade e aos golpes do erro. Se não fossem divinas as tuas leis, ha muito as teria postergado o orgulho valdoso dos homens, que sabem destruir, sem saberem edificar. Doutrinas obnoxias, galgando as nossas fronteiras e atravessando os nossos mares, têem subjugado alguns espiritos cultos, que as mais das vezes as professam, para seguirem a corrente de ideias do seculo, e não por convicção firme, invariavel. Nem a mão d'alguns dos teus proprios ministros, ó Christo, tem estremecido os fundamentos da tua egreja!

Foi divina a tua missão. Remiste o homem da culpa que o maculava; regeneraste os costumes, depravados pela sensualidade bruta, pelo amor das riquezas, pela ambição do poder, pelo inaudito desprezo dos deveres, deste lhe leis sabias e justas, que ainda hoje são o assombro das nações; egualaste os homens, levantando a dignidade dos que jaziam abjectos e estavam presos ás gargalheiras da escravidão; ergueste a mulher á altura da sua missão sympathica e nobilissima, dando-lhe direitos, que ella não tinha; emfim, as tuas doutrinas foram, são e serão sempre o pasmo das gerações cultas.

Bemdito sejas, Filho de Deus.

Narciso Alberto de Sousa.

SOLEDADE

Ei-la junto á cruz
No Monte Calvário,
Mostrando o sudário
Do meigo Jesus!

O Filho já morto
Em seus braços tem
Sem haver alguem
Que lhe dê conforto!

Sómente a afliição,
A dôr, a desgraça
Sem dó lhe traspassa
O bom coração!

Magoados, sem luz,
Os olhos levanta.
E a Mãe terna e santa
Exclama! «Jesus!

O Filho que eu tinha
E' morto, Senhor!
Oh! se haverá dôr
Semelhante á minha!

Ó vós que passais
Por êste logar,
Ouvi-me chorar,
Escutai meus ais!»

E a Mãe amorosa,
Sem outro confôrto,
Beija o Filho morto,
Triste e lacrimosa!

Manoel dos Santos Marques.

Noticias e echos

A festa da arvore

N'este concelho foi effectuada com enthusiasmo e brilhantismo. Na villa constou do um imponente cortejo, em que se encorporaram representantes de todas as associações locaes, e d'uma assistencia solemne em que falaram brilhantemente os nossos distinctos amigos Dr. Hugo Simões e Senador Souza Fernandes, terminando tudo por um chá offerecido ás creanças das escolas que tomaram parte na festa.

Ficamos agradavelmente impressionados pelo brilhantismo e boa organisação que presidiu a esta festa.

Falecimentos

Faleceu ha dias o bemquisto proprietario sr. José Bernardino da Costa e Sá, tio do nosso dedicado amigo sr. dr. Guilherme da Costa e Sá, a quem apresentamos os nossos sentimentos.

—Tambem faleceram no Calendario:

D. Joaquina d'Oliveira Guimarães, mãe dos srs. Bernardino Ferreira Dias Guimarães, residente no Rio de Janeiro e Anionio Ferreira Guimarães, da Quinta da Victoria, no Calendario.

Dois dias após o fallecimento d'aquella senhora rendeu tambem a alma ao Creador a gentil menina Emilia Ferreira Dias Guimarães, neta d'aquella extincta e filha do sr. Bernardino Ferreira Dias Guimarães.

A todos os cavalheiros enlutados os nossos sentidos pezames.

Collecções do «Leme»

Aos nossos presados assinantes, que teem requisitado a collecção completa do «Leme», damos a agradavel noticia de que em breve poderemos satisfazer os seus desejos. Já temos algumas em nosso poder e esperamos ainda conseguir as que nos faltam. Temos o maximo empenho em attender a todos os pedidos até agora feitos.

Camilo Pereira Coutinho

Por noticias recebidas do Rio de Janeiro (Brazil), sabemos que este nosso bom amigo e estimado patricio embarca d'ali para Portugal em 12 de maio proximo, pelo paquete «Blucher».

Seja bemvindo.

Dr. Antonio José d'Almeida

Passou em Famalicão, no proximo passado domingo, sr. Dr. Antonio José d'Almeida, illustre e prestigioso chefe do partido evolucionista republicano.

O inteligente e honesto caudilho da Republica, que anda em excursão de propaganda politica, foi muito cumprimentado na sua passagem na estação d'esta vila, onde lhe foi feita uma grande manifestação de sympathia por todos os seus amigos e correligionarios.

Retrospecto bibliographico

Recebemos e muito agradecemos:

Fabulas, por José Agostinho. E' o XIII volume da *Bibliotheca das creanças*, que, como todos os que teem saído da penna do fecundo publicista sr. José Agostinho, teem grande merecimento Na respectiva secção publicamos o annuncio com o indice do oposculo por onde se póde avaliar a importancia do pequeno trabalho do distincto escriptor.

O Livro da Mae, por Paulo Combes (traducção). E' o III livro dentre os «quatro livros da mulher» que o talentoso escriptor francez consagrou á mulher, considerada como *esposa*, como *dona-de-casa*, como *mãe* e como educadora. Pouco lemos ainda d'este livro, mas os escrupulos que o editor sr. A. Figueirinhas costuma ter na escolha dos livros que resolve dar a publico são garantia segura de que o livro é de grande utilidade e merecimento. Na secção respectiva publicamos o annuncio e por elle se póde avaliar tambem, até certo ponto, o seu valor e alcance, principalmente para as senhoras que desejam comprehender bem o seu papel, tanto no lar domestico como no convivio social. A ellas é o livro d'um modo especial consagrado.

Salla de visitas

A passar as ferias da Paschoa, encontra-se em casa de sua familia, no Callendario, o nosso dedicado amigo sr. Dr. Nuno Simões, insigne litterato e laureado academico da Universidade de Coimbra.

—Com o mesmo fim está na sua casa de Bairro o sr. Dr. Antonio da Silva Pimenta, distinctissimo professor no Lyceu Alexandre Herculano do Porto.

—A gozar as mesmas ferias com sua familia, seguiu a semana passada para Vianna do Castelo a sr.ª D. Candida Malheiro, distincta professora Oficial em Requião.

—Tambem em goso de ferias se encontram em casa de suas familias os distinctos academicos Alcino Pinto Monteiro, da casa de Segures, e Abilio Machado de Araujo, da casa do Pregal (Landim).

—Tivemos o grato prazer de receber da Ilha de S. Thomé e Principe noticias directas do nosso presado compatricio Julio José Ferreira Velloso, filho do honrado proprietario de Landim e nosso dedicado amigo sr. Antonio Joaquim de Sousa Velloso.

—Tem passado bastante encommodado de saude o nosso presado assignante sr. Antonio Pereira Resende, honrado negociante de Landim.

—Fez annos no dia 12 o nosso presado assignante sr. Carlos Carreira, dignissimo aspirante de Finanças no Porto.

Pois que faça mais um meio cento, pelo menos, já que gosta de tal obra, e nós que lh'os contemos...

—Esteve em Famalicão, de visita a seu sogro, o nosso presado amigo e assignante sr. Alvaro Mesquita de Araujo, recebedor proposto do thesouro de Finanças em Guimarães.

—Fez annos no día 4 do corrente a nossa galante e gentil assignante mademoiselle Maria Isabel de Menezes, actualmente residente em Taboaço.

Estimamos immenso, mas sentindo não ter sabido mais cêdo, de tão esperançoso anniversario. Mas, como diz o adagio, *antes tarde que nunca*. Por isso os nossos parabens.

O livro da mãe

Acaba de ser publicado este magistral livro de Paulo Combes, o o celebrado autor do Livro da Esposa e do Livro da Dona-de-Casa.

Para se avaliar do merito desta obra admiravel basta ler-se o seu sumario que é o seguinte:

III—O LIVRO DA MÃE

Introdução—Alegrias e deveres da maternidade.

Capitulo 1.º—«Preparação para a maternidade».—Necessidade que a mulher tem de se preparar para bem cumprir as varias obrigações que a maternidade lhe impõe.

Capitulo II—«Como a mãe deve amar os seus filhos».—Mães egoistas que só amam os filhos por amor proprio. Mães ignorantes que não sabem amar verdadeiramente os filhos. Deve-se ter amor aos filhos, tendo sempre em vista o seu futuro.

Capitulo III—«Obrigações materiaes da mãe». —O desenvolvimento fisico e a saude das crianças. Os primeiros cuidados que se devem dedicar ás crianças (mesmo tendo em vista o futuro e bom desenvolvimento da alma) procurarão fazer de cada uma delas um «animal» perfeito e forte.

Capitulo IV—«Obrigações intelectuaes da mãe». —Desenvolvimento da actividade, dos sentidos e da inteligencia das crianças.

Capitulo V—«Observações moraes da mãe».—Os filhos são, durante toda a sua vida, o que deles fizeram as mães.

Capitulo VI—«Disciplina moral da mãe e das crianças».—As mães respeitam austeramente a mesma disciplina moral a que sujeitarem os seus filhos. Influencia do exemplo.

Cpitulo VII—«Formação intelectual e moral da criança».—Partido que as mães podem tirar dos brinquedos e da curiosidade natural das crianças.

Dapitulo VIII—«A melhor forma do amor materno—a vigilancia».—A mãe é o visivel anjo da guarda dos filhos. Deve exercer uma constante vigilancia sobre tudo que possa sugestionar, intelectualmente ou moralmente a alma da criança; as relações, os amigos, os companheiros de estudo, os brinquedos, e leituras.

Capitulo IX—«A mãe amiga e confidente dos filhos».—A mãe conserva a afeição dos filhos e continua a exercer vigilancia sobre eles, mesmo quando crescidos, se ela se dedicar cuidadosamente a ser sempre sua amiga, confidente das suas alegrias on inquietações, e conselheira sempre respeitada.

Capitulo X—«Papel das mães e avós para com as crianças».

Conclusão—«A missão da mãe».

O Livro da Mãe está exposto à venda nas principais livrarias e custa 500 reis br. e 700 encadernado.—Livraria de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão.

FABÚLAS

por José Agostinho

E' n livro XIII da «Biblioteca das Crianças» que agora aparece em 2.ª edição, refundido e com uma bonita capa e muitas gravuras.

Eis o indice dêste belo livrinho de «Fabulas»:

Prefacio: ás crianças—A abelha e a môsca—A rosa e a violêta—O gato e os ratos—Os dois cães—O pôrco e o rouxinol—Os passarinhos—O lobo e o carneiro—O gato e os passarinhos—As formigas e a aranha—A cadelinha e o filho—Os cães e o lobo—O burro vaidoso—O cachorrinho leviano—A galinha fidalga—O burro vestido de lobo—O pintasilgo—O cão vaidoso—A pomba vaidosa—O cão cego—O gato descuidado.

O livro tem 86 paginas e custa apenas 100 réis.

Livraria Portuense de *Lopes & C.ª*—Porto.

1.º Anno—2.ª serie | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 19

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Composto e impresso na TYP. MINERVA—Famalicão

Disse Henry Heine que lhe transportassem o cadaver sobre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez a que me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco.

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR
Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal
S. Miguel de Seide — Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sélo	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

S. Miguel de Seide, 3 de Abril de 1913

Gomes Leal

—

Mais um escriptor para quem é preciso chamar a piedade publica.

Gomes Leal, o poeta em que mais alto ascendeu a aza do genio, que tem uma obra vigorosa e impetuosa de revolta, de generosidade e de cavalheirismo, senhor dos gladios luminosos da ironia, idolatra da justiça e da verdade, com uma duzia de livros publicados, dos mais nobres, mais limpidos e inspirados versos de Portugal, encontra-se na miseria, abandonado de politicos cujas conveniencias a sua bondade serviu, abandonado de camaradas cujas esperanças a sua gloria reforçou. E como para Silva Pinto, outro irreverente que a piedade publica não chegou a offender, recorre-se nesta hora para elle á generosidade do leitor, aquelle mesmo que não comprehende as sublimes torturas dos que a chamma da justiça e da verdade uma vez queimou e deixaram arder o coração e o cerebro na febre do sacrificio.

A *Renascença Portugueza* sabendo da situação precaría do poeta pediu-lhe licença para abrir uma subscrição nacional em seu favor. Gomes Leal accedeu, e elle sabe a magoa com que se viu forçado a faze-lo.

Até hoje é de homens de lettras a maioria dos subscriptores.

E' que esses leram-lhe a obra, beberam soffregamente a loucura divina de ideal que a aquece e engrandece e viram o contraste flagrante e vergonhoso entre ella e as chalrices que a consagração tomou á sua conta começando por subsidiar os seus auctores. Mas não é bastante isso. Para Gomes Leal alguma coisa mais pode compensar-lhe a desgraça. E' o culto dos corações.

Quem foi toda a sua vida um instrumento do coração, ha-de consolar-se na velhice com os enthusiasmos sentimentaes da mocidade que procura levar-lhe lenha para a lareira da saudade e da memoria.

A' mocidade das escolas, do jornalismo, da litteratura, do theatro, a essa é que compete quebrar a indifferença publica de encontro á sua alegria, á sua nobreza e ao seu enthusiasmo, lendo á maioria inculta a obra do poeta, explicando-lha e consagrando-a em festas publicas que

---

FOLHETIM

Anna Augusta Placido

Nucleo d'agonias

— —

ROMANCE ORIGINAL

«O' Dianna, Dianna! Tu me ouvirás depois lá d'um outro mundo. Tu me farás justiça; tu saberás que santo pudor fechou meus labios á entrada do tumulo. Tu me chorarás; tu irás perguntar á minha campa o segredo que não ouso revelar-te, e eu te direi então na lingoagem dos mortos: olha para esta pedra; guarda a memoria do homem que deixou o mundo, porque não soubeste que coração perdias.....

«Adeus; abraza me a febre. E' necessario terminar com isto. Adeus».

VIII

Dianna a Henriqueta

Deves ter notado o meu silencio n'estes quinze dias que me tem fugido rapidos, como a memoria d'um sonho.

E' um encanto tão doce sentir reviver debaixo dos nossos olhares uma vida preciosa e adorada! Os mesmos sobresaltos da duvida, contrabalançados com os fulgôres sempre vivos da esperança, tem um sabor especial e indiscriptivel!

Sim, agora posso dizert'o. Nuno, o idolatrado irmão da minha alma está salvo. Acabaram os meus terrores; findaram as minhas apprehensões; sinto na alma não sei que lufadas de primavera que me rejuvenescem, que me trazem envolvida n'uma athmosphera vertiginosa e encantadora.

Se tu visses, como Nuno me agradecia, não a vida que eu ia levar-lhe, segundo elle dizia, mas a dôr extrema e violenta que me acercava de seu leito! Se viras o conde, esse ancião respeitavel por quem eu sinto uma especie de culto, e que é aos meus olhos o typo do grande fidalgo, conservando todas as poeticas tradicções de seus avós; se o visses apertar-me ao seio alteado pelos soluços, e dizer-me baixinho: abençoada seja! Se presenciasses os transportes de Beatríz, perdoavas-me este accesso de orgulho, esta alegria ineffavel que sinto junto d'esta familia que preso como minha, e de quem me vejo estimada acima dos meus insignificantissimos merecimentos.

A lucta entre a vida e a morte, a perda de sangue que foi necessario tirar ao enfermo para acalmar o ardor da febre, tornaram morosa a cura, e por vezes arriscada, quando uma pequena exaltação o fazia cahir em syncopes assustadoras.

N'esses momentos é que eu sentia forças sobrenaturaes para incutir aos outros a fé de que a minha alma mais carecia.

Pouco a pouco foi este estado degenerando n'uma prostação phisica. Os calmantes que elle só acceitava da minha mãe iam-lhe conciliando uns somnos reparadores, emquanto eu sentada aos pés do leito orava e o contemplava sósinha.

(Continúa).

sejam para o poeta além de fonte de receita, origem de emoções consoladoras.

Mais do que os parcos escados que a situação desafogada de alguns camaradas possa reunir-lhe, elle ha de estimar o concurso consciente do publico para minorar a sua pobreza. E esse concurso consciente que póde ser valiosissimo, só por artigos, estudos e conferencias terá realidade.

Procurem todos dar-lha. E que Gomes Leal saiba que acima de todas as explorações politicas e religiosas está o seu vulto cavalheiresco e a sua obra:—fanfarra demoniaca com parenthesis de sonho, em que os tremulos de violino nos enleiam e commovem.

O verdadeiro anno em que nasceu C. C. Branco

A proposito do nosso artigo editorial do numero passado, consagrado ao anniversario de Camillo Castello Branco, dirigiu-nos o nosso conspicuo amigo sr. Luiz Ferreira Lima, a seguinte carta:

... Senhor:

No artigo com que abre o numero de *O Leme* que recebi hoje o distinto articulista diz que *Camilo* nasceu em 16 de Março de 1826, quando o ano do seu nascimento foi o de 1825.

Neste mesmo erro laborou por muito tempo o proprio «*Mestre*» e por isso, certamente, o affirmaram Vieira de Castro e Freitas Fortuna, mas o sr. Alberto Pimentel, que lhe apresentou a certidão d'edade fez aclarar este engano.

Os srs. Tavares Proença Junior e Paulo Osorio nos seus livros tambem o rectificaram.

A Camara de Lisboa na lapide que mandou collocar no largo do Carmo apenas trocou a data do nascimento pela do baptismo, mas respeitou o anno, 1825, e assim ainda se conserva.

Desculpe V. estas minhas impertinencias, que, creio não lhe serão desagradaveis e disponha sempre de

De V. etc.

Lisboa, 2 | 3 | 1913.

Luiz Ferreira Lima.

Concordamos plenamente com o que nos refere o illustre chronolographo, entendemos que a melhor rectificação a fazer será publicar aqui as suas judiciosas considerações. Ellas ahi ficam, pois, esperando que o seu illustrado auctor nos relevará a ousadia.

PEROLAS ESCONDIDAS

Ninha (1)

Estou a escrever ao Ant.º Vicente e ao Campos (2) **Logo tomo chá, e dei-to-me depois. Até amanhã. Beijos nos filhinhos.**

Teu C. (3)

(1) Esta carta, cuidosa singeleza das suas linhas parece destituida de todo o interesse, é de summa importancia para os admiradores de Camillo. Na banalidade da phraseologia revela a doçura suave d'uma existencia feliz, o sentimento calmo e impregnado de intimas commoções.

N'uma vida agitada como foi a de Camillo, a sua existencia amargurada como foi a do inimitavel romancista, aquella carta marca uma epocha importantissima: sem duvida a que precedeu aquellas que deram justamente ao genial escriptor o cognome de *Torturado do Seide*. E foi por isso, talvez, que a carta foi guardada escrupulosamente no escrinio de D. Anna Placido, como documento de superior valia, e por ella, em horas de tristeza e de amargura, beijada e aconchegada ao coração. E', portanto, a posse de ver, um documento curioso, para quem falem e estudar com rigoroso escrupulo a psychologia do Mestre.

(2) Antonio Vicente de Carvalho Leal e Souza (Commendador) morreu a 15 de Janeiro de 1911, na sua casa do Mosteiro de Landim. Era um dos intimos de Camillo e por este muito considerado pela erudição e talento de que sempre deu provas, tanto no convivio social, como nos cargos publicos a que foi chamado.

(3) O Romancista assigna apenas com a inicial do seu nome. Tambem não tem data a carta; mas não erraremos muito, se a fizermos remontar a 1848.

(Not. da Red.)

Carta do Trindade Coelho a Camillo C. Branco (1)

Meu querido Mestre e amigo

Uma tristeza. Hontem no Theatro Colombricense, o *Assassinio de Macario*.

Os cartazes tinham annunciado: — Recita extraordinaria em honra da illustrada Academia de Coimbra».

Mas não era preciso... O nome de V. Ex.ª bastaria para provocar uma enchente. E a enchente foi real, espantosa, não obstante as enormes proporções do theatro. Gente nos logares da orchestra, imagine V. Ex.ª! Aquelle theatro é o theatro *classico* da troça academica. Pois hontem o caso verdou de figura: o sorego foi completo, a ordem inalteravel, a attenção religiosa.

E como se não bastasse este conjuncto, veio mais este: — mal o panno se levantava, a platéa descobria-se, como a que nem ella nem aquelle theatro estavam habituados..

A ovação foi completa, estrepitosa, delirante.

E' das manifestações mais imponentes que tenho visto, por parte da academia.

E sabe como ella é capaz de as fazer...

Nos entre-actos só se ouviam exclamações de admiração e altissimo respeito pelo talento incomparavel do Mestre.

Cada um arranjava sua formula:

—«Isto é um poema epico da criança!»

—«A epopeia da graça portugueza!

—«Diabo, isto é um monumento da creança nacional.»

—«Coroada d'um genio!»

Lá dentro, os actores andavam radiantes, enthusiasmados. «Deante de tal plateia representa-se toda a vida» — sem comer a vida o José Ricardo. A actriz chorou á noite d'hontem a sua melhor gloria de artista. O Dias desfazia-se em abraços, louco de contente. No fim de cada acto, as chamadas eram sem numero. Até que alguns mais prudentes gritavam:

—«Basta! Mas isto já parece mal. Essa gente esfalfa-se!»

Choviam flores de todos os lados, nem sei onde os rapazes foram arranjar tanta flor.

Emfim, um delirio, uma loucura!

A Academia correu logo a offerecer espontaneamente o seu theatro.

—«Queremol-os no Academico. Ha-de ser lá que se ha-de repetir a ovação ao *Assassino do Macario*.

Nota final. No *D. Luiz* ha á scena pela segunda vez uma *Revista do Anno*—o genero predilecto do gosto colombrão.

A's 9 e meia o panno levantou-se, e... o emprezario veio declarar que *por falta de numero* não tinha logar o espectaculo!

Dou-lhe estas noticias, meu querido mestre, porque sei que estima os rapazes, e é justo que saiba que os rapazes o adoram.

Na proxima segunda-feira sahi para Portalegre onde aguardo as ordens de V. Ex.ª.

Com a maior consideração e respeito

De V. Ex.ª amº mtº grato e discipulo

Coimbra, 8 de Maio de 1886.

Trindade Coelho.

(1) Trindade Coelho foi um fanatico admirador de Camillo, desde os bancos da Universidade. Escrevia frequentemente ao Mestre, como lhe costumava chamar, e não perdia nunca ensejo de lhe dar noticias, que o alegrassem ou lhe dessem tristeza, e o distrahissem nos desalentos. Camillo estimava muito o talentoso moço e abençoava-o muitas vezes o patrocinou em pretensões de cargos publicos. E', porisso, que aqui damos a estampa a carta de estudante academico, que teve uma morte quasi egual á do Mestre e amigo.

(Nota da Red.)

Sciencia, Religião & Artes

As andorinhas

Alegres viajantes não tardarão a visitar-nos annunciando a quadra primaveril. No seu rapido vôo ellas lá vem, umas tragiando o oceano aos grupos, outras, mais velhas, nas quaes as forças já escasseiam, pousadas nos mastros de algum navio, e ainda outras, coitadas! faltando-lhe as forças, em vão chamam pelas companheiras e desaparecem na branca espuma do tenebroso oceano!

A'manhã ellas cá estarão de volta ao seu ninho, que os pardaes não se cançaram de despedaçar, a construil-o de novo e mais tarde lá se vê por uma pequena abertura a pequena prole de bicos abertos á espera que seus paes lhe tragam o apetitoso alimento. E quando o inverno nos bate á porta como é magestoso o sublime vêr os paes rodeados de seus filhos preparando-se para a partida em grupos nos beiraes dos te-

lhados ou nos fios dos postes telegraphicos ...

E lá vão mar em fóra ...

Por isso hoje ao vêr que não tardarão tão meigas e trabalhadoras avesinhas, traço estas linhas pedindo a todo o lavrador que receba bem e adore quem tão cossas amigas e auxiliadoras nos são e exalá que todos os peitos ao vê-las lhes sorriam. Bem-vindas sejaes!

C. C. Branco,
(Neto)

Eu já não serei o homem de Maria Rosa?

Uns estudantes embebedaram um pobre homem; quando o apanharam bem na conta pregaram-lhe esta peça:

Raparam-lhe a cabeça no sitio de corôa, vestiram-lhe uma béca, e levaram-no em braços a um convento onde contaram terem encontrado aquelle reverendo com um ataque, e se por caridade ali o recolhiam ao menos aquela noite.

Como o homem não dava accordo algum de si, assim mesmo como estava foi estendido n'uma cama onde ficou.

Ao outro dia o irmão enfermeiro foi visital-o e perguntar-lhe a que horas dizia missa. O typo que então acordou respondeu:

—O' senhor eu não digo missa, eu nunca em minha vida disse missa, eu sou o homem da Maria Rosa.

—Então, V. Ex.ª é padre e não diz missa?

Foi então que o bebedo olhou para si e não se conhecendo monologou embatucado.

—E' verdade!!... e eu sou padre! (apalpando a corôa) e é de missa!... Eu já não serei o homem de Maria Rosa?!...

Façam favor de ir a casa da Maria Rosa vêr se lá está o homem d'ella, perguntar-lhe se eu lá estou, porque eu nunca fui padre, e se ella não tiver o homem, é porque então sou eu.

Afinal o homem da Maria Rosa faltara-lhe em casa n'aquella noite e ella não parava com afflição, e por isso logo serenou os padres, e o bebedo voltou para sua casa embaçado e... dizem que se emendou... mas eu não creio.

P. A. dos Santos.

Revaspecto bibliographico

Recebemos e agradecemos:

O Livro da Educadora—E' o 4.º volume dos *Quatro Livros da Mulher* do illustre escriptor francez Paulo Combes, que o sr. Antonio Figueirinhas, editor portuense de grande actividade e arrojadas iniciativas, fez verter para a nossa lingua, enriquecendo o mercado litterario com as suas edições, que são muitas e de grande alcance moral e scientifico.

Lemos de fugida aquelle bello livro e devemos declarar aqui, sem lisonja para com o seu editor, que não está isso nos nossos habitos, que é uma obra de consideravel alcance familiar e, portanto, de grande alcance social: os elementos tão cuidadosamente preparados em familia teem necessariamente de reflectir-se na communidade. As impressões que colhemos da leitura rapida, como não podia deixar de ser, pela estreiteza do tempo e pela exigencia de urgente juizo critico, não podiam ser mais lisonjeiras: «O Livro da Educadora», podemos dizel-o afoitamente, é um livro imprescindivel na familia, como imprescindiveis são tambem os que o precederam — «O Livro da Esposa», «O Livro da Dona-de-Casa» e «O Livro da Mãe.»

Todos estes volumes são preciosos e não obra de fancaria, como muitas que pejam as estantes dos livreiros.

A todos os nossos leitores recommendamos aquelles livrinhos: são a prenda mais preciosa com que poderão gelardoar suas familias pela utilidade moral, e scientifica mesmo, que d'elles hão de derivar. São livros, emfim, que no seio d'uma familia representam uma preciosa bibliotheca. Vêr o annuncio na secção respectiva.

Fernando, romance infantil por José Agostinho.—E' o XVIII volume da «Bibliotheca das Creanças». Tem encadeado, é correctissimo na edição, como tudo que sahe da penna de José Agostinho, e muito acommodado á intelligencia das creanças a que é dedicado. Deleita pelo enredo e agrada pela naturalidade das personagens. Póde ser lido por todos, porque tem um fundo de moral que abunda e significa o exemplo. Vai illustrado da secção respectiva.

Questões de Ortografia, segundo a reforma official.—Para avaliar o merecimento do opusculo, basta ler o annuncio que vai adiante.

Arvores, comedia—drama para theatro, dedicado ás creanças, por Antonio Waldode. E' outro opusculosinho muito bem architectado para incutir na creança o amor ás arvores e o gosto pela agricultura. De tudo recruma a moralidade, como é dever a defender o espirito infantil das precipitadas imprevidencias e das suggestivas maldades da natureza corrupta.

E' o XIII opusculo e custa 100 reis. Livraria editora de Antonio Figueirinhas—Porto.

Ninharias, refutação documentada dos erros commettidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados ácerca dos Farias, de Barcellos, por José de Azevedo e Menezes.—Já fizemos a apreciação critica do livro pela penna de um dos nossos mais distinctos collaboradores. Hoje aprazno-nos accusar a recepção do bello e curioso livro e agradecer d'um modo muito particular a dedicatoria com que o seu erudito auctor nos faz a offerta de tão conscienciosos trabalho. S. Ex.ª, que é um escriptor correctissimo e modelar, que foi um dos mais sinceros e dedicados amigos de Camillo Castello Branco, com quem tanto privou pessoal e litterariamente, envia-nos com as expressões que nos confrangem n'um livro cujo merecimento faz contraste flagrante com o nosso engenho. Nós somos os echos amortecidos dum genio que não teve rival; S. Ex.ª é um espirito que soube assimilar e produzir. E isto basta para se apreciar o valor—que é grande — das «Ninharias» d'um dos maiores admiradores e amigos do nosso malogrado avô Camillo Castello Branco.

Adiante publicamos o annuncio, como é do nosso dever, recommendando a leitura do livro que historica e litterariamente é escrupuloso e irreprehensivel. Quanto á parte material faz honra ás officinas dos nossos amigos Manoel P. de Sousa & Irmão, de que sahiu.

Noticias e echos

Escola do sexo feminino

Foi ha pouco creada na vizinha freguezia de Landim, onde a sua falta desde ha muito se fazia sentir. E' uma freguezia muito populosa e, porisso, com direitos incontestaveis ao beneficio que só agora lhe concederam os poderes publicos. Resta, porém, que a nomeação de professora recaia em pessoa, que pelas suas habilitações e qualidades, dê fundadas esperanças de que o beneficio será o mais lisonjeiro e completo possivel.

Gréve de Riba d'Ave

Terminou, finalmente. Os operarios voltaram todos ao trabalho.

Foi bom, porque todos tinham muito a lucrar com isso: os patrões, porque vêem frutificar o capital empregado; e os operarios, porque teem já direito ao justo salario com que possam subvencionar suas familias.

Collecção de «O Leme»

Com bastante difficuldade e despezas conseguimos organisar diversas collecções do nosso jornal, desde o seu apparecimento em 18 de agosto de 1895. Tivemos com isso uma grande satisfação, porque nos foi possivel attender a um grande numero de assignantes nossos, que desejavam possuir a collecção completa. A estas horas já a deverão ter em seu poder.

Ainda temos quatro collecções que podemos ceder a quem requisitar pelo preço que estabelecemos para todos—400 reis. Algumas d'essas collecções custaram-nos 1$000 réis; apezar d'isso o preço estabelecido não nos causa prejuizo e o nosso unico empenho é poder satisfazer o desejo dos nossos assignantes. O espirito de ganancia não entrou jámais nos nossos habitos; a empreza de «O Leme» contenta-se em poder cobrir as despezas da publicação e só com esse fim solicita a coadjuvação pecuniaria dos seus assignantes.

Desde que alguns lucros se reunam, todos serão dispendidos em beneficio dos mesmos assignantes com os melhoramentos que introduziremos n'«O Leme».

Como ainda não procede

mos á cobrança da assignatura, não podemos fazer balanço nem calcular, porisso, se nos será possivel promover melhoramentos. «O Leme» caminha vagarosamente, mas temos fé que ha de progredir. Ajudem-nos os nossos assignantes, que nós cumpriremos com brevidade a promessa.

Fallecimentos

Em 28 do mez passado falleceu em Cabeçudos a sr.ª D. Maria Bezerra. A finada era parente dos nossos presados assignantes snrs. Antonio Christino, de aquella freguezia, e Alvaro Bezerra, da villa, a quem por tal motivo apresentamos as nossas condulencias.

—Fomos hontem surprehendidos pela noticia inesperada do fallecimento do considerado proprietario da freguesia da Lagôa Bernardino Pereira Alves Carneiro, de Cucos. O finado era tio do nosso bom amigo revd.º Manoel Pereira Alves Carneiro, abbade de Requião. A este nosso amigo, bem como aos filhos do pranteado extincto, enviamos a expressão do nosso pezar.

O tabaco

Uma professora Inglêza, miss Arabella Spencer, afirma que o tabaco influe poderosamente no caracter, a ponto de que os homens não fumadores são em geral impacientes e violentos.

Miss Arabella Spencer expôz a sua teoria favoravel ao uso do tabaco numa série de conferências para raparigas solteiras, na primeira das quais sustentou a tese seguinte: «Não se casem de modo algum com um homem que não fume.»

Esta conferência provocou apaixonados comentários em todos os clubs britânicos e suscitou contra a autora o anátema da sociedade contra o uso do tabaco.

Não obstante, miss Arabella prosegue na sua campanha, propondo-se demonstar que todo o homem prestes a encolerisar-se e de humor desagradavel, se converte no homem mais pacífico do mundo se, depois de comer, digere com beatitude contemplando o fumo azulado de um charuto puro ou de um cigarro posto entre os seus labios.

A cabra

A humanidade deve conservar este animal em toda a parte onde existam infelizes; na cabana do pobre é que se aprende a conhecer o quanto vale uma cabra. Companheira da mizéria, vive com o desgraçado allviando as suas necessidades. Vemo-la contente com um alimento facil e grosseiro para que a familia se sustente com o melhor; ás vezes dá de mamar aos recemnascidos porque o seio exausto da mãi extragada pelas necessidades e pelas privações, não o poderia sustentar.

Sala de visitas

Fas annos no dia 16 a gentil mademoisele Rachel Gonçalves Ribeiro, filha do nosso presado assignante da freguesia do Calendario sr. Bernardino Leite Ribeiro. Por tal motivo recommendamos a este nosso amigo que não deixe de festejar o anniversario natalicio da galante filha com um dos melhores capões da capoeira. Para cosinheiros não temos cá por casa ninguem, mas para *provedores*... nem se falla.

—Já os fizeram: em 28 do passado o nosso ilustrado assignante da Avenida Barão da Trovisqueira sr. Silverio d'Araujo Torres, que por signal matou um dos melhores perús que o nosso distincto amigo dr. Nuno Simões ajudou a *sepultar* carinhosamente; e

—Em 31 do dito o nosso velho amigo padre Henrique Machado d'Araujo Junior, dignissimo abbade de Esmeriz. Não levamos muito a bem que este amigo se esquecesse de nós para os festejar, porque ainda tinha o *pão-de-ló* da Paschoa fresquinho como aboboras...

—Para o Porto partiram os distinctos academicos Abilio Machado de Araujo e Alcino Pinto Abreu, de Landim, que vieram passar as ferias da Paschoa com suas familias. Que regressem breve, depois do mais feliz exito nos seus trabalhos escolares, é o que mais lhes desejamos.

—Estiveram alguns dias em casa da distincta familia Abreu, de Segures (Landim), onde passaram as festas da Paschoa, o nosso estimado assignante snr. Bernardino Antonio d'Andrade, ex.ma Esposa e filhinhos, da Quinta de Esporões, em Braga. Que tivessem feliz regresso é o que lhes desejamos.

—Em Seide, de visita a sua ex.ma mãe e irmãos, esteve domingo e segunda-feira o irmão do nosso director snr. Camillo Castello Branco (neto), que desde ha muito estabeleceu a sua residencia em Braga.

Fernando

Fernando é o titulo dum lindo romance para crianças, com muitas gravuras e uma capa a côres, e de que é autor o distinto poeta e romancista José Agostinho.

Fernando custa apenas 100 réis.

Questões de ortografia

E' um opusculo, elaborado pela *Educação Nacional*, que apresenta as regras praticas e claras afim de se escrever com a ortografia moderna. E' um folheto indispensavel para os alunos das escolas primarias que se preparam para exames.

Custa simplesmente 30 réis.

LIVRARIA PORTUENSE
— DE —
LOPES & C.ª—Suc.
PORTO

OS QUATRO LIVROS DA MULHER

I
O Livro da Esposa
II
O Livro da Dona-de-Casa
III
O Livro da Mãe
IV
O Livro da Educadora

Estes quatro livros de PAULO COMBES, admiravel versão portuguêsa, acham-se traduzidos nas principais linguas e devem ser lidos por todas as familias que queiram a felicidade no Jar.

Preço de cada um, 500 réis br. e 700 encad. Vendem-se separadamente. A' venda nas mais importantes livrarias.

Deposito geral: Livraria Portuense de LOPES & C.ª, 119-Rua do Almada, 123 — Porto.

Ninharias, pelo erudito e correctissimo escriptor José de Azevedo e Menezes.

E' a refutação documentada dos erros do sr. Anselmo Braamcamp Freire ácêrca dos Farias, de Barcelos. Ilustrada com belas estampas e acompanhada de importantes documentos e mapas.

E' um grosso volume que custa a modica quantia de 800 réis.

A' venda nas principaes livrarias e na casa de Manoel Pinto de Souza & Irmão, d'esta vila.

FABÚLAS

por José Agostinho

E' o livro XIII da «Biblioteca das Crianças» que agora aparece em 2.ª edição, refundido e com uma bonita capa e muitas gravuras.

Eis o indice dêste belo livrinho de «Fabulas»:

Prefacio: ás crianças—A abelha e a môsca—A rosa e a violêta—O gato e os ratos—Os dois cães—O pôrco e o rouxinol—Os passarinhos—O lobo e o carneiro—O gato e os passarinhos—As formigas e a aranha—A cadelinha e o filho—Os cães e o lobo—O burro vaidoso—O cachorrinho leviano—A galinha fidalga—O burro vestido de lobo—O pintasilgo—O cão vaidoso—A pomba vaidosa—O cão cego—O gato descuidado.

O livro tem 86 paginas e custa apenas 100 réis.

Livraria Portuense de *Lopes & C.ª*—Porto.

Manual Pratico para Catequese das Crianças, que se preparam para comungar. Santa Missa e Confissão—por Edmond Burtey, superior do grande seminario de Dijon. Tradução portuguesa. Este livrinho tem um prefacio do sr. D. Antonio, Bispo do Porto, aprovando-o e indulgenciando-o. Tem lindas gravuras e com 86 paginas custa apenas 60 reis.

Livraria Portuense de Lopes & C.ª, Suc.—PORTO.

ESTÁ Á VENDA
Vocabulario ortográfico e remissiv da lingua portuguêsa
POR
A. R. GONÇALVES VIANA
Relator da comissão ortográfica

Contendo cerca de 100.000 vocábulos conforme a ortografia oficial, flexão verbal e nominal. menção das fórmas incorrectas, com as devidas correcções, etc,

1 vol. enc. em percalina, 800 réis,
pelo correio 880 réis

LIVRARIA BERTRAND

75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

1.º Anno—2.ª serie

S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

N.º 20

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Composto e impresso na TYP. MINERVA—Famalicão

Disse Henry Heine que lhe transportassem o cadaver sobre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez a que me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco.

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal

S. Miguel de Seide — Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sélo	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

S. Miguel de Seide, 17 de Abril de 1913

Ainda Gomes Leal

Do jornal brazileiro «Estado de S. Paulo» transcrevemos parte da apreciavel chronica do distincto publicista João Grave, sobre Gomes Leal, para quem presentemente estão voltadas todas as attenções do mundo intelectual e caritativo:

. . . . . .

Foi outr'ora de um orgulho indomavel, vestiu pelo ultimo figurino da Moda, dissipou, sem cuidados pelo futuro, punhados de ouro: — e hoje não tem a certeza do almoço certo no dia seguinte! Isto mesmo me disse o amigo que me procurou para que nós, os «novos», os que fomos educados pela Arte de Gomes Leal, fizessemos alguma coisa por elle, que jaz no esquecimento da Patria que nobilitou e que no meio da sua afflictiva penuria, em delirio, sacode furiosamente os espectros da miseria e da fome que o procuram, rindo sardonicamente.

—E não tenha medo de offender a altivez de Gomes Leal com o soccorro que fôr levar piedosamente ao pardieiro em que elle se refugia. Aqui está uma carta em que o poeta confessa nobremente que a sua humildade cristã lhe manda aceitar resignadamente as migalhas que as mãos carinhosas forem espalhar perto da gaiola d'esta ave que outr'ora cantou pousada n'um ramo em flor das arvores do Paraiso, reverdecidas por uma primavera eterna!

A humildade cristã de Gomes Leal é sincera, com effeito. Elle foi, nas manhãs alcionicas da sua mocidade e em plena florescencia da sua fantasia, um irreverente, varejando o ceu com as settas penetranies da sua zombaria. Deus, para elle, era apenas um oppressor que, sentado na sua nuvem de ouro, nas paragens longinquas do azul, rodeado de teorias de anjos batendo as suas azas brancas e pulverisadas de sol e de luar, tirannisava as consciencias, em revolta para a conquista sublime da liberdade. A sua Musa fulgurante fez encolher, pallidas de terror, dentro das purpuras resplandecentes, as teocracias dominadoras. Mas a mocidade do poeta morreu para sempre, e certo dia a Dôr veio morar no seu cubiculo, como um companheiro diabolico criado pela imaginação sombria de Poe. Esse dia foi o da morte da candida velhinha, mãi de Gomes Leal, que tanto o amou e que afagou com mãos de seda e de caricia a cabeça do superior poeta, que era ainda uma creança grande quando já os seus cabellos embranqueciam da geada dos annos.

Sem ninguem á sua volta, dorido e magoado, Gomes Leal concentrou-se, dialogou com o seu espirito, precisou de uma arvore benefica a cuja sombra se acolhesse—e regressou á fé catolica como um filho prodigo, com o coração ulcerado, a alma em luto, soluçando o seu arrependimento. Na sua familia de crentes, só elle fôra um descrente: mas, na hora suprema da sua angustia, chamou por Deus, e a sua inquietação socegou. A conversão do revoltado antigo, que coincidiu quasi com a proclamação da Republica, caracterisa-se pela sua perfeita pureza e por uma intima convicção. Catolico, Gomes Leal é um praticante das doutrinas do catolicismo. Na sua religiosidade não existe, portanto, o peccado do orgulho que em outros tempos o levaria a recusar uma esmola, que, actualmente aceitará com gratidão!

Meu incomparavel e grande poeta, que morre de fome no seu pardieiro e que ascendeu ao cimo da montanha illuminada, onde sorriem aos homens transitorios as frontes sciSmadoras dos deuses! Como elle é ainda nobre nos seus actos e bello nos seus gestos! Quando, ha mezes, foi apresentada no Congresso uma proposta de lei retirando á viuva de Eça de Queiroz a pensão que lhe fôra concedida pelo parlamento da mo-

---

FOLHETIM

Anna Augusta Placido

Nucleo d'agonias

ROMANCE ORIGINAL

Que grande revolução nas minhas idéas!

Como eu pensava algumas vezes em vel-o morrer a sangue frio! A sangue frio, não digo bem, Henriqueta. Era com fremitos de coração, que eu me compenetrava da idéa de morrermos ambos. Podes tu imaginar que eu poderia sobreviver-lhe? Não se deixava morrer este pobre coração, sem soltar um queixume, sem que nem por sonhos tivesse deturpado a casta pureza de nossos amores? Como poderia eu recompensal-o sem me altear e fugir com elle d'estes tremedaes da vida? Morrer elle! e por mim! Deixar o mundo que lhe promette tantos gozos; entregar aos vermes esta parte corporea tão perfeita e admiravel!

Na verdade, minha amiga, Nuno é bello. Nunca a sua formosura me saltou tanto aos olhos, como nessas horas em que o anjo da extrema agonia o cingia já com a auréola da eternidade.

O' meu Deus! Salval-o-hia o meu amor? Este amor sacratissimo que nada tem de commum com os amores da terra?! Não achas tu que sou immensamente feliz, e que devo ao Senhor uma gratidão sem limites por este enchimento de ventura em que náda a minha alma? Este deleitoso sonhar, tão innocente como o germen da flôr que, lançada á terra, viçou entre os cardos e os espinhos, e sem que a agrura d'elles lhe empanasse a lindeza!...

Estou certa que tu, ceifeira cuidadosa das minhas reflexões, entrarás bem no amago de meus pensamentos. Tambem o amas, não é verdade? Tambem tu elevas o teu espirito ao Deus misericordioso, tambem tu fazes votos por este homem, tambem tu pedes para elle a realização de tudo o que ha de mais invejavel n'este mundo: a permanencia dos sentimentos qne o enobreceram a meus olhos.

E para mim pede—oh! não o esqueças nunca! pede que não fuja a felicidade que goso n'este momento, dizendo-te com as mãos postas e com todo o fervor da minha alma agradecida: *encontrei-o!* encontrei-o! (Continúa).

narquia, alguem lembrou que essa mesma pensão fosse dividida pela viuva de Rafael Bordallo Pinheiro e por Gomes Leal, que já então, para viver, errava pelas casas burguezas, dando lições de francez e escrevia para os jornaes diarios artigos mal pagos.

Pois immediatamente o poeta, com uma elevação moral que o alluminou de grandeza, enviou á imprensa uma carta rejeitando o alvitre e declarando que repelliria mesmo na bocca em que não tivesse um pão para jantar, um dinheiro que o queimaria como uma braza.

Confessava, por fim, que devia a memoria sagrada de Lucia muita veneração e muito amor, para que pudesse acceitar, sem dôr, sem profanação e sem vergonha, o que era arrancado á bocca da viuva e dos filhos do excelso romancista! Não é esplendido de generosidade, de delicadeza de sentir, de fidalguia de espirito, o procedimento de Gomes Leal? E, comtudo, approximava-se do seu lar deserto, da sua casa sem lume e da sua arca vazia, a onda de amargura e de soffrimento em que elle agora se debate n'uma tortura constante, em que se não ergue uma branca lua de esperança e de illusão!

Notem, que o insigne auctor das «Claridades do sul» e da encantadora «Historia de Jesus para as creancinhas lerem», foi um ardente e combativo democrata. Poucos, como elle, brandiram com mais violencia a clava que demoliu a monarquia, e poucos como elle batalharam contra o antigo regimen. Pelas suas ideias soffreu a prisão, por ellas foi arrastado pelos tribunaes, por ellas perdeu uma posição social que o installaria opiparamente na existencia. Converteu-se, porém, ao catholicismo, pouco antes da victoria da Republica, e tanto bastou para que o esquecessem no seu buraco, de onde escreve aos seus amigos recordando Camões, tambem um poeta predestinado para o infortunio e para as ingratidões dos homens:

Accode e corre, pai, que se não corres,
Já não encontrarás a quem soccorres!

Na fome e na miseria, na afflicção e no martirio, se vai extinguindo, como uma chamma oscillante ao vento, a voz maravilhosa que cantou idilli camente:

O' suaves mulheres que ides cantando
Atravez das seáras e das vinhas,
Viade ouvir uma historia em verso brando
Que hei-de ensinar a ler ás andorinhas!

No frio, no gelo da penuria, mirra e paralisa a mão augusta que compoz algumas das obras primas da litteratura do meu paiz. Oh! Portugal!...

João Grave.

A Renascença Portugueza, associação de litteratura, arte, sciencia, filosofia e critica social, ferida pelas más condições economicas em que se encontra o grande Poeta Gomes Leal pediu-lhe licença para promover uma subscrição no país em seu favor.

O glorioso autor das «Claridades do Sul» e do «Fim do Mundo» respondeu com a carta seguinte:

...Senhores e Confrades

«Agradeço muito a V. a generosa lembrança que tiveram de promoverem uma subscrição nacional a meu favor. Como sabem, nada acceitei do Estado Actual, jamais. Porém de uma collectividade espiritual, feita toda de almas e de espiritos rectos, nada posso recusar, porque seria soberba prégar o auxilio e a fraternidade social e recusar a que nos offerecem corações que vibram, unisonos, com o meu sentir. Eu preferia que Portugal lesse os meus livros e os comprasse. Mas Portugal não lê. A todos um abraço enternecido e espiritual».

A subscrição fica, pois, aberta desde já na sede da «Renascença Portugueza» á Rua Sá da Bandeira, 363-2.º das 8 da noite em deante e na typographia Costa Carregal, tv. Passos Manuel, 27, todo o dia.

O «Leme» gostosamente se inscreve com a quantia de 2:000 reis, ás disposições da «Renascença», e recebe qualquer donativo que lhe desejem destinar.

PEROLAS ESCONDIDAS

Carta inedita de Camillo Castello Branco

3 da tarde

Filha (1)

Desde Seide até ao Porto sempre com as agonias do espasmo. Memoravel jornada!

(1) Camillo na vida familiar, ora escrevendo, ora fallando, costumava tratar sua esposa por *Filha* ou *Andorinha*.

Veio ao meio dia o Ricardo (2) e receitou capsulas para o espasmo. Disse-me q. ou ainda podia viver 8 annos. Já não é pouco, vamos lá. Receitou-me oculos p.ª ler, oculos para comer, etc. Patarateos.

Escrevi ao Gramaxo. Disse-me que o procurasse ámanhan entre 10 e as 11. Ricardo diz que conhece a formula do Gramaxo — e receitou. Asneira. A's apalpadelas.

Como desesperado, fui ao S. Thiago. Examinando-me de novo confirmou o q. tinha asseverado, e classificou a doença — *enigmato* de myopia. Receitou-me a estrychnina. E com q. se espantam os cães. São 12 bolas q. heide tomar em 8 dias, e apparecer. Terho de ficar aqui os 8 dias. Dera-me iodeto ou mercurio; mas achamo *profundamt.º anemico*.

Reprovou os oculos e as capsulas do Ricardo, fazendo ao m.mo tempo grandes elogios. «O 1.º medico de Portugal»! Puff! Que não tomasse mais nada. Que fosse exercicio de manhan e de tarde. Até esta hora aqui tens a m.ª vida. A cabeça peza-me. Que noite será a m.ª, e qual será a tua!

Ricardo ficou alegre com a noticia das ourellas. Diz que póde ser a cura completa do teu incommodo, e attribue o caso a uma reacção natural (3).

Basta meu amôr. Conformemo-nos — saibamos soffrer e morrer.

Teu mt.º da alma

C. C. B.

Lembra-me ao meu querido Jorge. O Nuno foi com o Dias buscar as p.as ás Regadas (4). Na estação entraram clandestinamt.º Que pudor!

Camillo.

(2) Dr. Ricardo Jorge, distinctissimo medico actualmente residente em Lisboa. Foi contemporaneo e um dos amigos mais intimos de Camillo Castello Branco. Os descendentes do Romancista devem-lhe particular gratidão.

(3) Allusão a uns incommodos de D. Anna Placido, que, segundo a analyse das urinas, dava esperanças de *cura completa*.

(4) Aquella lettra, seguida de reticencias, encobre um termo que não abona a honestidade da pessoa ou pessoas a quem é dedicada. Todavia o caso não merece tanta rudeza na allusão o filho Nuno pelas relações de muita intimidade que mantinha com o celebre tenor Dias foi por este rogado para deixar ir umas coristas de theatro passar uns dias, a ares, na sua quinta de Regadas, em Requião, pertencente hoje ao Dr. Henrique Ferreira Machado, distincto advogado nos auditorios d'esta comarca. A familia do Nuno, além da mãe e do pae, suspeitaram das hospedas de Regadas e os hospedeiros viram-se obrigados a recommendar-lhes a retirada clandestina. Camillo, sabedor dos acontecimentos, apressou-se a participal-os á esposa como noticia de agradavel sensação. Dis explicado o facto que provocou no grande Camillo aquela aguda ironia e aquelle apodo aviltante.

(Notas da redacção)

Sciencia, religião & Arte

As quatro estações

Veste-se de gala e pompa a machina portentosa do universo.

Calvos troncos que desafiam os seculos ostentam viridentes e frondentes comas.

Zombam das rajadas dos ventos altivas palmeiras.

Não ha setta por mais enrestada que supere, ou vença a altura do sycomoro.

Nos parques brotam plantas, as plantas brotam flôres.

Matisa-se de odoriferas boninas deleitosa relva.

Alcatifam-se dilatadas campinas de niveos jasmins.

Esmaltam-se florentes prados de mimosas e peregrinas açucenas.

Caminha Cloris, princeza a mais amavel dos jardins, tapizando de jacintos e lirios o monte, o valle e a serra. E' tudo recamadas colgaduras, rescendendo odorosas fragrancias de amar.

Desatam-se fluidas fontes em lymphas crystallinas. Susurram, errantes, vagos arroios.

Zune em esquadões o mellifero povo, colhendo nos orvalhos matutinos aljofaradas lagrimas da aurora.

Arrulha o timido pombo e geme saudosa a terna rola. Ouve-se do rajo em rama harmoniosa consonancia de desinquietos passarinhos, modulando epinicios de victoria.

Sahe do aprisco o armentio. Saltam nos outeiros bandos de balantes cordeirinhos.

Alegra-se o colono por a fertilidade que espera a mais superabundante da fouce e do arado.

Entra em carro de triumpho no meio de mil ninfas, coroadas de capellas e galhardetes, a formosa e bella Primavera, a rainha soberana das Estações, coberta de murta, louros e palmas, respirando fragancias das mais agradaveis auras.

Canta requebros harmonicos junto a sombrio bosque a suave e melodiosa philomela.

A aurora, destroncando o louro de seus lindos cabellos, estende por a vasta amplidão do firmamento azul manto.

Não ha lagrimas, suspiros, nem ais.

Brincam serenos tranquillos zephyros.

Tudo sorri e canta. Tudo é grandioso e bello.

E' a Primavera a primeira estação do anno do mesmo modo que a infancia, a puericia e a adolescencia são no homem, que se desabrocha, a vida a idade de aureos tempos que não voltam.

Tudo nos affaga e acarinha na infancia e na puericia.

E' só na infancia e na puericia, aonde está a grande epopeia do amor. Além, tudo é illusão, engano e fantasma.

Nada ha que se compare ao candido regaço de affectuosa mãe. E' só n'elle que baurimos com suavidade affabilidades mais mellifluas que o nectar.

Após a infancia e a puericia vem a juventude e a mocidade.

Após a Primavera vem o Estio.

Tudo se queima e abraza. Murcham-se as flôres. Despe-se de gala o campo. Já não ha relvas, nem boninas. Pendem das searas aureas dadivas. Estão sazonadas as messes.

Estamos no Estio da vida.

Já não estamos na Primavera como por engano parece.

Tudo foge como a sombra. Já não temos junto a nós os desvelos e cuidados de quem tanto nos velou junto ao berço. São novos os horisontes que se rasgam a nossos olhos. Tudo nos desafia e convida ao trabalho. E' o heroismo que nos chama ao campo do dever e da honra, immortalisando nossa fama.

Caminhemos, caminhemos emquantos nos ferve o sangue nas veias, dando ao mundo provas de valor. A'manhã, já não é tempo.

Chega o Outomno a terceira estação do anno.

Já não ha messes, nem searas. Tudo está desvastado. Não ha senão destroços dos tempos que passaram. São poucos os navegantes que se salvaram do naufragio.

Estamos no Outomno da vida que é o ultimo arranco da adoladora e fraudulenta esperança.

Estamos do baixel perdido no embate da tempestade.

E' chegado o inverno, quarta e ultima Estação do anno.

Tudo são lezenas de troncos descalvados, conforme esqueletos em theatro anatomico. Cruzam-se no espaço grossos esquadrões de nuvens. Brame o mar. Assoviam os ventos. E' enorme a tempestade que se desencadeia. Roncam os trovões, fuzilam os relampagos: tudo é tormenta, horror e pasmo!

Adereçam-se de candidos veos as cristas das montanhas.

Uiva o lobo no alto da serra.

Estamos no inverno.

Estamos no ultimo quartel da vida.

Mudou de face a machina portentosa do universo.

Quem não pagou tributo á Libitina em a mocidade, paga-o na decrepitude.

Caminhar é morrer.

J. V.

Grito de Vingança

Vingança, oh Deus, senhor das tempestades
Vingança sobre a terra, que rainha
Vós quizestes fazer, e ella, ingrata,
Rebelde á virgem fé, e á honra antiga
Se entrega aos deuses falsos! Oh! vingança!

E vozes cá da terra murmuravam:
«Piedade, Senhor, que é fraco o homem,
«E a gloria é um Deus é ser piedoso!»

Vingança colherá os homens egoistas,
D'um povo cego cegos conductores,
Que ensopam as mãos no regio sangue,
E, orgulhosos de si, a cruz calcaram,
E riram-se de vós! Senhor! Vingança!

E gritos lá do inferno vozearam:
«Castigae-os, Senhor, nós, menos que elles,
«Provocamos na terra as vossas iras!»

Vingança contra os homens de talento
Que a lira consagraram, libertinos,
Ao dourado bezerro, e proclamaram
Como Deus o prazer, e como Esp'rança
O nada do sepulcro: Oh Deus! Vingança!

E vozes cá da terra murmuravam:
«Piedade, Senhor! que é fraco o homem,
«E a gloria d'um Deus é ser piedoso!»

Vingança contra os sabios orgulhosos,
Que disseram «a fé não é precisa
A nós homens no mundo emancipados;
A nós, homens da luz e do progresso,
E' bastante a razão! «Senhor! Vingança!

E gritos lá do inferno vozearam:
«Castigai-os, Senhor, nós, menos que elles,
«Provocamos na terra as vossas iras!»

Vingança contra os velhos insensatos
Que derramam veneno em seus discursos
No tenro coração da mocidade,
E dizem com prazer aos nossos filhos
Sem Deus existirão «Senhor! Vingança!

E vozes cá da terra murmuravam:
«Piedade, Senhor, que é fraco o homem,
«E a gloria é um Deus é ser piedoso!»

Vingança contra as mães, que, repellindo
A augusta inspiração do Evangelho,
Deixaram profanar as tyres filhas
Do crime em impio altar as virgens flores
Da honra e do pudor! Oh Deus! Vingança!

E gritos lá do inferno vozearam
«Castigai-os, Senhor, nós, menos que elles,
«Provocamos na terra as vossas iras!»

Contra os vicios da impia mocidade,
Contra os velhos, sem fé, contra as virgens,
Sem crença e sem pudor, e contra o pobre
Que blasfema, e o rico que corrompe...
Vingança, oh Deus! Anathema! Vingança!

E a terra e o inferno, ao mesmo tempo, gritam:
«Piedade, meu Deus! Senhor! vingança!»

*

Assim cantava um anjo d'entre as nuvens
Sobre um carro de fogo, e, ao ver a terra,
A cruz da Redempção, curva o joelho,
E submisso nos astros

De Deville, trad. de

C. Castello Branco.

O mez de Abril

Este mez celebre pela belleza de que se vestem os prados e os montes é assim chamado, porque

Como entra primavera ao sonoro amigo
De temperados Zephiros nos abre
Os campos á verdura, os ceos ao dia,
Ás hervas a fragrancia, o bosque ás aves,
Ao amor os corações e ao gozo os seios
De tam suave **abrir—Abril** deduzem.

(Ovidio, trad. de Castilho).

Era o segundo mez no calendario de Romulo, passando a quarto logar no de Numa, e ainda hoje o occupa.

Romulo deu-lhe 30 dias, Numa 29 e Julio Cesar 30, que ainda conserva. Acha-se sob a protecção de Venus, a quem dedicavam solemnes festas no dia 1.º

Nero determinou que este mez fosse chamado *Neroneo*, talvez porque elle mesmo *abrira* a ferros as entranhas de sua mãe.

Abril era o 7.º mez do calendario republicano francez; chamava-se *germinal*, porque nelle se realisa a germinação dos fructos.

E' vantajoso para a lavoura que este mez seja ao mesmo tempo benigno e chuvoso, o que os nossos antepassados nos transmittiram nos seguintes adagios:

—*Abril aguas mil coadas por um mandil.*

—*Abril frio e molhado enche o celeiro e farta o gado.*

Retrospecto bibliographico

Recebemos e agradecemos:

O Protestantismo, os seus homens e os seus erros—E' um elegante opusculo de cento e tantas paginas em que se profliga a seita protestante com argumentos e razões, que reputamos irrespondiveis. E' um livro de propaganda catholica, que, como se diz no prologo, «procura preencher uma lacuna que desde muito se fazia sentir», tendo «tambem por fim proporcionar aos propagandistas protestantas alguns dos mais efficazes remedios contra a phobia anti-catholica, que lhes vem minando a existencia, abrindo-lhes os olhos á verdade.»

Sincero na exposição da verdade, correcto na forma da argumentação, incisivo e sobrio na escolha da phrase, este livro tem ainda a recommendal-o uma linguagem de facil percepção, como é proprio de livros destinados a larga propaganda. Catholicos, protestantes de boa fé, indifferentistas e até livres-pensadores, nelle encontrarão muito que aprender se tiverem deposto quaesquer preconceitos em materia religiosa.

As nossas impressões sobre o livro de que nos estamos occupando são por isso de todo o ponto justas.

No logar competente vai annuncio para o qual chamamos a attenção dos nossos leitores.

Noticias e echos

Aos nossos assignantes

Aos nossos presados assignantes pedimos a fineza de nos mandarem satisfazer o preço da assignatura, perdoando-nos ás despezas que a cobrança pelo correio demanda. Diminuto custo é o importe da assignatura, a cobrança pelo correio levar-nos-ia quasi metade do producto e collocaria em sérias difficuldades a existencia d'«O Leme».

*

«O Leme», no intuito de bem servir os seus leitores, vai publicar desde o proximo numero interessantes cartas ineditas dos mais notaveis publicistas, contemporaneos e amigos do malogrado Camillo Castello Branco. Assim, publicará cartas de Gomes de Amorim, Thomaz Ribeiro, Castilho (Eugenio), Senna Freitas, Alves Mathens, etc. etc., que os signatarios escreveram ao infatigavel romancista. Temos a certeza que a publicação d'esses autographos, por todos os motivos interessantes, despertará grande interesse no seio dos mais apaixonados cultores das lettras e admiradoras da litteratura portugueza da epocha do seu grande patrono, porque são elementos que só por si caracterisam essa epo-

cha, no apogeu do romantismo, e glorificavam a litteratura elevada ao seu acume.

A primeira a sair é do notavel e vernaculo escriptor Senna Freitas, um dos melhores amigos de Camillo, que iniciará a galeria d'essas jolas litterarias.

Enfermos

Enfermaram gravemente:

Em Avidos a ex.ma sr.a D. Philomena Carneiro da Silva e Mello, estremosa consorte do nosso illustrado assignante e vereador municipal sr. Antonio Maria Teixeira de Mello.

No Calendario o sr. Joaquim Veloso d'Araujo, abastado proprietario e capitalista.

Fazemos votos pelas melhoras e restabelecimento dos illustres enfermos.

Fallecimento

Falleceu em 6 do corrente o estimado amanuense da administração do concelho sr. Antonio Augusto Sampaio.

Era um trabalhador infatigavel e um chefe de familia dedicadissimo. A sua morte foi muito sentida não só pela familia, para quem foi uma perda irreparavel, mas tambem pelos amigos para quem foi sempre dedicado. A toda a familia enluctada apresentamos a expressão do nosso profundo pezar.

Melhoras

Accentuaram-se as do nosso presado subscriptor e honrado proprietario e capitalista da rua da Estação (Avenida da Liberdade) sr. Silverio d'Araujo Torres, bem como da sua estremosa e galante filhinha Noemia, que ha dias cahiram enfermos. Que o restabelecimento se torne rapido e completo é o nosso maior desejo.

Mais uma escola

Foi creada na freguezia de Telhado para o sexo feminino.

Ataque de grippe

Foi accommettido por um forte ataque de grippe o nosso presado amigo e honrado negociante de Landim, sr. Antonio Pereira Resende, que já se encontra completamente restabelecido, o que estimamos.

Imprudencias de creanças

Na freguezia de Dellães uma menina de 2 annos, filha do sr. Joaquim Hygino Ferreira Veloso, pharmaceutico, engulin uma moeda de réis, que se localisou no esophago. Prestados a tempo os devidos soccorros medicos, foi a creança submettida a uma operação melindrosa, que, por felicidade, deu os desejados resultados, estando agora completamente livre de perigo.

Que o exemplo aproveite, para que haja todo o cuidado com as creanças que de tudo se servem, na inconsciencia do perigo.

Sarau dramatico-musical

Foi brilhante o sarau dramatico-musical realisado no ultimo domingo na séde da Associação de Classe dos Empregados de Comercio

Com uma assistencia muito distincta e numerosa, onde avultavam as senhoras da nossa melhor sociedade, cumpriu-se rigorosamente o programa, sendo a parte musical desempenhada pela Tuna dos Empregados de Comercio, sob a regencia do sr. Daniel Correia, que mais uma vez provou os seus grandes recursos como maestro. A Tuna mostrou ter progredido muito.

Representaram-se as engraçadas comedias *Depois de velhos..* e *Um calculo errado...* cujo desempenho foi muito correcto.

Sendo certo que todos os interpretres se houveram com muita correcção, é de justiça salientar o trabalho de Fernando Folhadella, Remigio Costa, Luiz Terroso e José Portella, que, por vezes, foi um trabalho superior que qualquer profissional não faria melhor.

Felicitamo-los sinceramente, e ao *Grupo Scenico*, de que fazem parte, e de que é illustrado e habilissimo director o sr. Alipio Augusto Guimarães.

Foi uma noite bem passada que, a prestante Associação proporcionou á sociedade elegante desta villa.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

Premio da «Equitativa»

No sorteio da companhia de seguros sobre a vida «A Equitativa de Portugal e Colonias» foi contemplado com 1.000$000 de réis o intelligente facultativo Dr. José Gomes Ferreira da Costa, actualmente residente no Porto, irmão do nosso amigo e assignante sr. Abilio G. F. da Costa, distincto pharmaceutico de Landim.

A um e outro os nossos sinceros parabens.

Salla de visitas

Fazem annos:

Em 23 do corrente o irmão do nosso director sr. Manuel Botelho Castello Branco, da casa de Pacellada, em Landim;

Em 26 o menino Antonio, filho do nosso presado amigo sr. Jayme Dias. Completa seis risonhas primaveras e para que a existencia do gentil Antoninho se prolongue, recommendamos ao nosso bom amigo Jayme a receita maravilhosa que possue e frequentemente receita: o *seguro de vida* da galante e prometedora creança.

Já os fizeram:

Em 14 (segunda-feira) a dedicada esposa do nosso amigo e presado subscriptor sr. José Maria de Paiva, de Ruivães;

Em 9 o menino José, filho da irmã do nosso director D. Flora Castello Branco, residente no Porto;

Em 11 a bondosa esposa do nosso estimado assignante e amigo sr. Francisco Corrêa de Mesquita Guimarães; e...

Basta por hoje. Não gostamos de vêr pressas para entrar na velhice, que é o inverno do fragil barro de que surgiu o primeiro homem.

A todos, porém (vá lá o latim) *Ad multos annos*...

—Para Coimbra partiu ha dias o nosso sympathico amigo e talentoso quintanista da Universidade e distinctissimo collega na redacção d'«O Leme» sr. Dr. Nuno Simões.

Ninharias, pelo erudito e correctissimo escriptor José de Azevedo e Menezes.

E' a refutação documentada dos erros do sr. Anselmo Braamcamp Freire ácêrca dos Farias, de Barcelos. Ilustrada com belas estampas e acompanhada de importantes documentos e mapas.

E' um grosso volume que custa a modica quantia de 800 réis.

A' venda nas principaes livrarias e na casa de Manoel Pinto de Souza & Irmão, d'esta vila.

Bibliotheca da "Instrucção Religiosa,,

O PROTESTANTISMO

OS SEUS HOMENS
E OS SEUS ERROS

Utilissima obra de propaganda catholica contra as falsas doutrinas de Luthero

Um volume com cerca de 100 paginas em edição de luxo, 60
A mesma obra em edição popular. 30

Da edição popular, faz-se um desconto de 20 por cento em todos os pedidos de mais de 20 exemplares

Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia e porte do correio, devem ser dirigidos ao editor.

Padre Antonio José de Carvalho

R. de Santa Margarida, 9—**Braga.**

ou á administração dos «Echos do Minho», Rua dos Martyres da Republica — Braga.

Fernando

Fernando é o titulo dum lindo romance para crianças, com muitas gravuras e uma capa a córes, e de que é autor o distinto poeta e romancista José Agostinho.

Fernando custa apenas 100 réis.

Questões de ortografia

E' um opusculo, elaborado pela *Educação Nacional*, que apresenta as regras praticas e claras afim de se escrever com a ortografia moderna. E' um folheto indispensavel para os alunos das escolas primarias que se preparam para exames.

Custa simplesmente 30 réis.

LIVRARIA PORTUENSE

— DE —

LOPES & C.a—Suc.

PORTO

1.º Anno—2.ª serie | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 21

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Composto e impresso na TYP. MINERVA—Famalicão

Disse Henry Heine que lhe transportassem o cadaver sobre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez a que me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco.

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR
Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal
S. Miguel de Seide — Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sélo	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

S. Miguel de Seide, 1 de Maio de 1913

Pela litteratura nacional

Desde ha tempos que se vem accentuando um symptomatico e desconsolador retrahimento no meio intellectual e scientifico do nosso paiz. Os homens principaes que se estadearam gloriosamente na vanguarda do progresso litterario, como que varejados por um vento esterilisador, recolheram-se desdenhosamente ao commodismo do seu lar, e, se não abandonaram por completo os mudos companheiros d'outros tempos—os livros, trocam com estes apenas impressões intimas no gabinete de estudo, quiçá para matar saudades e não para beneficiar o publico, ou engrandecer a litteratura portugueza.

Os editores forcejam na verdade por lançar ao mercado novos livros; mas desajudados da fecunda penna e brilhantes fulgurações dos homens de lettras do nosso paiz, que ainda os temos, felizmente, voltam-se para as traducções de livros estrangeiros, cujas theorias, por vezes avariadas, obnoxias e revelhas, não inspiram alentos ao espirito, nem criam energias para os grandes emprehendimentos da civilisação.

Diversas causas se poderiam apontar como geradoras d'esta decadencia nacional, mas nenhuma incutirá certamente maior influencia a tão desolador estacionamento litterario, que o jornalismo e a politica, esquecendo aquelle a litteratura, para só exhibir um noticiario espectaculoso e immoral por vezes, ao paladar dos seus leitores, e pondo esta de parte todos os escrupulos, para envenenar intenções e derrancar caracteres. Nas ruas disputam-se aquelles na ancia de descobrir escandalos ou apreciar as mais ridiculas e infames pormenorisações de attentados e crimes; nos centros de reunião aprecia-se esta, ao paladar de cada um, atassalhando-se reputações e conspurcando-se caracteres.

E emquanto o enthusiasmo redobra na leitura e discussão de tão mesquinho assumpto, nas estantes dos livreiros á mingua de compradores quasi apodrecem os livros, que orientam, civilisam, illustram e moralisam.

Não teem faltado iniciativas para publicações de folego, não rareia quem intente impulsionar o movimento litterario pela publicação de revistas e livros, mas bem depressa arrefece o enthusiasmo pela carencia de coadjuvação e escassez de recursos, que o favor publico não sabe nem quer suprir. E' esta uma das realidades mais

---

FOLHETIM

Anna Augusta Placido

Nucleo d'agonias

ROMANCE ORIGINAL

IX

Dianna a Henriqueta

Vou contar-te um facto que me impressionou.

Achava-me hontem, como de costume, com Beatriz e o conde no gabinete de Nuno sentada ao lado do sophá onde elle se reclinava com a indolencia da fraqueza e do bem-estar da alma que sente apoz longa enfermidade, quando se serve a largos haustos a vida, e vendo em redor de nós rostos amigos e cuidadosos procurando advinhar-nos os pensamentos.

Sentia-me alegre, e com espirito solto discutiamos alguns dos nossos poetas do seculo passado tão mingoados de honras e favores no seu tempo, quando hoje farta é d'elles a sua memoria. Depois de questionarmos um pouco, levantou-se Beatriz, voltando momentos depois com meia duzia de livros sobraçados.

—Deixemos os nossos em descanço—disse ella sorrindo-se—eu prefiro, como profana que sou em vernaculidade, o espirito francez, e qualquer livro escripto n'aquella lingua me entretem mais com vergonha o digo, do que essas tão admiraveis obras e poemas.

—Vais com a época—redarguiu o conde—Pois fazes mal filha. Não descures as joias que temos cá: habituando-te, verás o quilate de que ellas são. E para teu castigo imponho-te a penitencia de nos fazer uma leitura em algum d'esses desprezados amigos. Volta á bibliotheca e traz-nos coisa que se possa ouvir.

Sahiu logo Beatriz fazendo um tregeito de paciente enfado.

— Agora aqui tem — veio ella dizendo para o conde, e classificando os livros sobre a mesa — Aqui está o seu Camões, o seu Gil Vicente, o seu Bernardin Ribeiro, o seu Bernardes, o seu Antonio Ferreira, o seu Barros... o que aqui vae de velharia! e quantos ainda lá ficam!

(*Cantinúa*)

desanimadoras para os nossos homens de talento.

Nestas circumstancias o talento que desabrocha sem incentivos, não perde o tempo em dedicar-se á litteratura e á sciencia, que lhe *não* garantem o pão da vida: vai refugiar-se como garantia segura de futuro desnaviado na politica da burocracia.

Uma geração nova se annuncia promettedora para o mundo das lettras, mas é de recear que em breve os seus enthusiasmos se percam no sorvedouro immenso da politica, que tem sido a intoxicação de grandes inteligencias. E o nosso paiz, devemos contastal-o, mais que em tempo algum enferma d'essa paixão politica, que a uns entibia a razão e a outros corrompe os caracteres.

Como dar remedio a tantos males e sanear a viciada athmosphera que se desenha? Como attrahir alentos á vontade e solida orientação ao espirito?

E' o problema difficil que cumpre estudar e resolver. Estude-se, pois, com cuidado e vistas largas, e dê-se desde logo impulso energico e forte á litteratura portugueza. D'esse impulso carecem mais que nunca as lettras patrias.

Gomes Leal, Theophilo Braga, Guerra Junqueiro, Alberto Pimentel e outros, que vivem ainda, mas que parecem mortos pelo silencio a que se recolheram, litterariamente fallando, precisam de voltar á arena das lettras, porque o seu brilho ainda se não obscureceu apezar de tudo, pelo numero dos annos e adversidades do mundo. Ninguem soffreu como Camillo, nem brilhou mais do que elle. Escreva cada um segundo a sinceridade de suas convicções e ajude-os o publico n'essa obra grandiosa, que n'ella terá muito que apprender. Secunde-os com enthusiasmo essa sympathica pleiade de novos radiantes de talento, que o nosso paiz ainda pode competir em cultura intellectual com os mais avançados na rutila esteira da civilisação.

Não faltam talentos, faltam convicções; não escasseiam genios, escasseiam patriotas.

PEROLAS ESCAVADAS

(Carta de C. Castello Branco a sua esposa D. Anna A. Placido)

M.ª filha

O Jorge respondeu. Logo te mostrarei a carta, por que vou no comboyo da tarde.

Depois q. jantei tenho passado peor que tudo. Sahi com o Ricardo, e n'um pedaço que andei a pé p.r condescendencia conheci que estou incapaz de sahir de casa e d'aqui a pouco da cama.

Não ha remedio. Choro mas resigno-me, filha. Creio que vou dizendo adeus b.ª sempre a este Porto onde pago em cada hora de turtura todas as loucuras do passado. E as tuas? Ah! filha, como nós acabamos em tão escura desgraça!

Manda ao Florindo

São 9 da noute.

Teu C.

Irradiações classicas

(Carta inedita do vernaculo escriptor e polemista ex-Jesuita Senna Freitas a Camillo C. Branco).

Meu am.º

Ainda não lhe agradeci o seu juiso urbanissimo ao meu pallido opusculo. Devera fazel-o com toda a promptidão, indalle-a V.ª Ex.ª, sempre benevolente para comsigo. Estou preparando materiaes para um estudo biographico sobre o Padre Bernardo, portuguez e verdad.ro heroe de caridade na sua accepção mais popular, e para o qual a patria, e sobretudo os catholicos, ainda não tiveram uma palavra posthuma de encomio, ra.to menos o *tempo* de lhe escrever a biographia...

Meu bom am.º, meu caro Camillo: terei a coragem de lhe dizer que li a sua «Treplica» ao P.e J.e M.e Rodrigues? Irritadissimo devia V.ª Ex.ª estar pelas provocações, ás vezes inconguas, da imprensa catholica, para traçar aquellas linhas mais amargas que o fel e tão... livres como nunca lh'as ouvi, no seu ultimo folheto. Juro-lhe que o coração de sincero a.º ainda que sangra de as ter lido. Não, aquella nunca foi nem é a linguagem de V.ª Ex.ª nas suas horas de paz, nas suas horas sérias. Em V.ª Ex.ª ha dois homens que não teem ponto algum de contacto entre si, e eu não conheço ninguem mais differente de V.ª Ex.ª que V.ª Ex.ª. Quero fazer-lhe essa justiça que talvez tão poucos lhe fazem. Ainda q.do o meu am.º fosse um só em estimal-o-hia sempre mas continuo a amar em V.ª Ex.ª um dos homens que em si coexistem, o homem bom, sereno, reflexivo e crente.

Quanto mais o meu bom am.º deprima o catholicismo, e os seus dogmas, mais accusado de ter crido n'elle e de o ter defendido não só nos principios da sua brilhante car.ª litteraria, mas na idade madura e na plena virilid.e de uma razão formada e de uma illustração m.to theologicam.te consideravel.

Perdão mil vezes, meu caro Camillo, mas permitta que lhe diga: como póde V.ª Ex.ª salpicar dos peiores sarcasmos a fé, que tem sido o patrimonio de milhares de gerações entre as quaes avultaram alguns dos prim.os genios da humanidade, os mysterios christãos e sobretudo, a Eucaristia, que ainda quando não corresponda a uma realid.e sobrenatural, é pelo menos um symbolo d'uma causa augusta e respeitavel, como bem disse Guerra Junqueiro na sua apreciação das «Caricaturas em prosa» de Julio de Andrade?

V.ª Ex.ª que pasma como pouquissimos, nas suas relações sociaes, não só a ordinarice mas o classicismo da ordinarice á sociedade portugueza que crê, e a simplesa e habilidade á religião que o seu am.º bebeu com o leite, que lobeu nesta mais nos conselhos do homem q. V.ª Ex.ª mais tem respeitado na sua vida, e q., finalm.te por tantas vezes soube affinar o seu espirito para traçar algumas das mais eloquentes, sentidas e elevadas paginas que sahiram da sua penna de primorosissimo escriptor.

Já depois de ter lido a replica, *tornei a ler* a correspondencia de V.ª Ex.ª com Vieira de Castro (*offerecida* por V.ª Ex.ª, estando eu em Sejde, lembra-se?), e por esta leitura ainda mais me confundi no meu juizo. Alli, sim, encontra-se o homem sereno, verdad.e, inspirado na crença e inspirador d'ella; tanto mais genial no que diz q.to é certo que não escrevia p.ª o publico, mas desabafava no seio de um homem e de um amigo, entre o que é o publico havia e queria ver que houvesse p.ª sempre um abysmo. Creia V.ª Ex.ª que chorei de commoção, ao ler estas palavras, a pag. 87 da sua correspondencia: «Porque não ha-de ser verdade, meu filho, a divindade de Christo... ? Porque ousamos duvidar da celestial origem da religião em cujo seio os mais desamparados dos bens da vida encontram a doce preexistencia da bemaventurada? »

A pag. 88: «*Crê*, filho, e sentir-te-has triumphar.» A pag. 100: «Acabo de ler um livro que me fez chorar. Chama-se *Nossa Senhora de Lourdes*... Se sentires um raio de fé na tua purificada alma, lê ao menos seis paginas», etc. etc. Só a paginas 54 se revela positivam.te o homem da duvida ou antes da descrença em um periodo terrivel: «Deus me dê vida, *Deus*? Porque não? Esta porcaria requer Creador divino que a explique, etc.», mas a blasphemia é logo retratada em nota: «Esta carta seria excluida d'este livro, se não viesse como prova da pusilanimidade da alma humana sob a pressão dos soffrimentos moraes.» O livro que venho citando foi publicado, não ha vinte annos, nem dez, em 1874.

Meu excellente amigo, digame: como explicar estas anomalias tão profundas? Quer V.ª Ex.ª que eu tome a sério e á lettra aquella phrase lugubre, que se lê na carta correspondente á pagina 145 do 2.º livro? «O que me resta lo que fui é em discernimento lucido para lamentar o que sou»? Quer por força que tome tudo isto á conta d'aquella «oclusão intellectual» que sempre invadiu a alma, quando d'ella fallava ao seu amigo V. de Castro? Quem sabe? E' talvez um phenomeno pathologico, como V.ª Ex.ª m.to o interpreta

quando diz: «A doença e a desgraça tem-me feito descambar a um atheismo absoluto... Em mim apagam-se as ultimas vascas da luz etc.»

Vem isto na tal carta que provocou a nota. De resto, ella destaca-se de quasi todas as outras, pelo tom em q. foi escripta.

Mas suppondo que seja esta a causa da sua nova *maneira* (e parece-o, já que o meu am.º o tem repetido em outros escriptos seus e ainda em cartas a mim escriptas), porque lamentar V.ª Ex.ª que eu creia? por que tem o meu am.º *compaixão* de q. em mim se não tenha feito por ora a acclusão? De que não chegasse por ora a deplorar o q. sou ao clarão do discernim.º lucido, que me restasse, como unico despojo, no naufragio de todas as m.as crenças?

Todavia, não pensa V.ª Ex.ª um instante que nunca a duvida me acommetta; mas ainda não consegui forçar as portas. Cavei fóssos que circumdam a cidadella. Saio ás vezes um pouco ferido na escaramuça, mas as feridas curam-se depressa, porque rasgam de leve a epiderme. Leio sempre e leio *de tudo*, porq. é preciso examinar de perto e, por assim dizer, desmanchar ou desconcertar as armas dos adversarios, p.ª lhes conhecer o jogo, mas nunca ao m.mo tempo das refutações, contrapondo assim Quatrefages a Darwin, Pressense a Spencer, Dana a Tindall, Gray e Mirard a Huxley.

Não julgue por Deus, meu Camillo, que me tantaliso p.ª crêr. Oh! que não! Sómente o nosso meio psycologico é outro. Abuso, e beijo a mão de V.ª Ex.ª a pedir-lhe perdão de lhe roubar o seu tempo q. valle mais q. o ouro.

Não espero carta de V.ª Ex.ª; não lhe mereço este prazer enorme que ella me daria, contento-me com estes desabafos sem echo no seio de um amigo. Vão elles provar-lhe mais uma vez a lealdade da m.ª estima. Em todo o caso sei que não é só a uma intelligencia, que é tambem a um coração que me dirijo. Forceje V.ª Ex.ª por calcal-o aos pés, affecte nos seus romances não lel-o, ella continúa a ser a sua *primeira qualidade*, o q. é dizer-se tem. Não son dos q. menos conhecem V.ª Ex.ª

Todo seu

16 | 7 | 83.

Senna Freitas.

Dos nossos leitores

No proximo numero publicará «O Leme» duas extensas, importantes e curiosas cartas do mavioso e genial poeta Guerra Junqueiro, em que por vezes se faz referencia azêda a Senna Freitas, o mordaz e arrojado critico da «Velhice». Estas, como outras que estão destinadas a sair dos archivos particulares de S. Miguel de Seide, devem de certo despertar no publico grande interesse e anciedade.

A Redacção.

Sciencia, Religião & Artes

Medo pueril

Nas longas noites de inverno, os homens e as mulheres d'uma certa aldeia reuniam-se n'uma cabana e alli passavam muitas horas, trabalhando e conversando animadamente. Como todos tinham mêdo das almas do outro mundo, era frequente ouvir contar factos insolitos, apparições horrendas e outras coisas de eguai jaez.

O medico da aldeia tambem tomava muitas vezes parte n'aquelles agradaveis serões e com toda a rasão ria e zombava do medo dos pobres camponezes.

Uma noite, um dos camponezes, que era ao mesmo tempo o sachristão da freguezia, volta-se para o doutor e diz-lhe em ar de desafio:

—Doutor: vamos apostar a uma ceia. Se o senhor fôr capaz de ir de noite ás escuras á capella mortuaria do cemiterio e trazer para aqui uma caveira que lá está a um canto, á direita do altar, nós pagar-lhe-hemos uma ceia. Caso contrario pagal-a-ha o senhor.

—Vá lá, disse o medico, e ha de ser já.

Recebe do sachristão as chaves do cemiterio e sae desacompanhado.

A noite, que ia adeantada, está escura como breu. Dirije-se o medico ao cemiterio, chega á capella mortuaria, abre e entra no meio da maior escuridão. A's apalpadellas da com a caveira. Agarra-a e sae com ella, sustentando-a pela cavidade dos olhos...

Mas aquella estrada deserta, sem lua, sem estrellas, aquella horrenda caveira... O que? Teria elle medo como os outros, elle que muitas vezes os tinha atassalhado para os seus estudos anatomicos?

Ella que sae um gemido de dentro da caveira... O medico pára então e applica o ouvido... nada! Ri de si mesmo e continúa a caminhar, estugando um pouco o passo. Mas um novo gemido sae da caveira, mais forte, mais angustiado!

O medico cobre-se de suores frios e começa a tremer. Acelera o passo e corre, corre desatinada e cegamente. Os gemidos repetem-se, augmentam, perseguem-no, parecem querer-se vingar sobre quem, com os dedos convulsos, apertava, timidamente já, aquella sinistra caveira...

Pallido chega á cabana; depõe sobre uma meza a caveira e atira-se quasi desmaiado sobre uma tarimba...

Recobradas, porém, as forças e o animo — emquanto sobre ella cahia um chuveiro de perguntas — agarra novamente na caveira e começa a examinal-a. Dentro d'aquellas cavidades profundas e oseas vê então... um ninho de morcêgos.

Apertara com os dedos os seus pequeninos corpos mysternosos que tanto medo e tanto pavor lhe haviam causado!

Inutil dizer que se riu de si mesmo, como os presentes se riram d'elle.

No dia seguinte reuniram-se todos de novo em alegre convivio, em que foi servida uma ceia, festejando-se a noite por entre estrondosas gargalhadas por causa do medo pueril do doutor.

Mas este apanhou a ceia á custa da superstição pacovia.

***

Jesus e as Creancinhas

Et qui susceperit unum parvulum talem in nomine meo, me suscipit.

S. Matth.—C. 18, v. 5.

Prégava d'uma vez, Jesus na Galileia,
Pomposo como sempre, olympico, sereno,
O verbo lhe brotava ardente como um thrêno
Dos labios de coral. A praça estava cheia.

De escravos semi-núS e pallidas creanças,
Attentas ao sermão, alegres e tão mansas,

Que o loiro Redemptor, Jesus, se enternoceu.
E uma d'ellas, unindo ao seio, condoido
Das creanças sem mãe, que o mundo pervertido
Lançava ao muladar sem dó do chôro seu.

Assim fallou ao povo:

«O' tribus da Judeia,
Abri os corações á dôce melopeia,

A' fé, á santa luz, ouvintes, se quereis
Subir ao paraiso, amae as creancinhas:
Tratae-as com amor, vesti as pobresinhas,
Que assim as recebendo a mim recebereis!»

.....

E tal como um gemido, a voz do Salvador,
Ao longe foi morrer, nas montanhas em flôr.

P.º Manuel Guimarães.

A alguem!...

Esses teus olhos, creança,
São dois fócos, dois pharoes,
Semelhantes a dois soes,
D'onde jorra tanta luz,
Que sem elles não podia
Ao calvario d'esta vida,
De tão ingreme subida,
Arrastar a minha *cruz*.

E', por isso, que ás vezes,
Quando vaes ajoelhar,
E te fitas a rezar,
De olhos fitos em Jesus,
Tenho ciumes do Christo
E era capaz de deixar,
Para sorrir ao teu olhar,
Que me pregassem na Cruz.

Amarante.

Achilles Brandão.

Retrospecto bibliographico

Recebemos e agradecemos:

O Chromatografo, n.º 1. Pamphleto de critica á vida politica

dos nossos homens publicos, por José Agostinho. O apparecimento d'este pamphleto, bem escripto, como todos que sae da penna elegante de José Agostinho causou sensação no publico e indisposições para com o seu editor, que resolveu suspender a publicação.

Não concordamos com a critica mordaz do Auctor, mas tambem não achamos justo que se levantem difficuldades ás emprezas e perseguições ou entraves á penna dos escriptores. Tudo quanto a tal respeito se faça é uma affronta ao livre pensamento, para a expressão do qual ha uma lei que o regula. Escreva-se sobre que se escrever é sempre bem vindo tudo o que representa um trabalho intellectual, uma locubração de espirito, que ganha terreno e cria convicções, segundo o fundo de verdade e logica que o informa. O que não representa uma verdade ou não ensina bons principios de que derivem theorias solidas, submetta se á critica e combata-se no campo dos mesmos principios.

Amordaçar o pensamento, desgostar os editores ou lapidar os publicistas é pretender o obscurantismo e o regresso á barbarie, o que em nome da civilisação dos povos é repugnante e condemnavel. Contra essas autocracias do publico é necessario que se unam todos os escriptores e publicistas. O sr. Antonio Figueirinhas dirigiu ao «Primeiro de Janeiro» a seguinte carta, a proposito do pamphleto do sr. José Agostinho:

Sr. director do Primeiro de Janeiro—Acabei de editar o 1.º numero do *Cinematografo*, de José Agostinho, n'um intuito meramente commercial e não por antogonismo ás instituições vigentes, que respeito.

Esse folheto, porém, despertou irritações em muitos espiritos, não faltando quem intendesse que eu perfilhava a doutrina ali expendida, imputando-me assim responsabilidades que só ao auctor competem.

A prevalecer semelhante hermeneutica, as mais puras deducções logicas levar-nos-iam a considerar como autenticos reaccionarios os mais acrisolados republicanos, o que era um flagrante contrasenso no meio portuguez.

Tambem outros continuamente analisam o que a «Educação Nacional», de que sou director, escreve, rabecando na imprensa allusões manifestamente opostas á mais rigorosa interpretação do fim a que alvejo, isto é, a pôr em destaque os erros que se commettem, na esfera do ensino e na apologia ardente dos legitimos interesses d'uma classe que tem nas mãos a rehabilitação nacional pelo ensino.

Em epocas normaes, o juizo que de mim fizessem—tranquilla a consciencia—era-me absolutamente indifferente, visto que nunca devi o menor favor á Monarquia, nem os pedi á Republica.

N'estes termos, e para evitar equivocos perturbantes e por vezes irritantes, não só fica desde já suspensa a publicação do *Cinematografo* como deixo de ser director da *Educação Nacional*, até que exclusivamente a lei seja a orientadora dos actos do escriptor, jornalista ou editor.

Até lá, nem editarei obra que melindre os homens que servem as instituições que em bem desejo façam a ventura do paiz que estremeço, nem escreverei a mais ligeira sentença que os mal intencionados ou ingenuos possam filiar n'um sectarismo politico que nunca tive, nem tenho.

Pela publicação d'estas linhas muito grato fica, o de v. etc., *Antonio Figueirinhas*.

Noticias e echos

Fallecimento

Ao fim de dolorosos e prolongados soffrimentos falleceu na freguezia de Avidos, d'este concelho, a bondosa senhora D. Philomena Carneiro da Silva e Mello, extremosa esposa do nosso presado subscriptor e ex-camarista municipal Sr. Antonio Maria Teixeira de Mello.

A sua morte é pranteada por todos aquelles que a conheciam, pois que a saudosa extincta, além d'um coração bondoso tinha uma alma de eleição para a pratica da caridade. A pobresa e os necessitados encontraram sempre n'ella a mais generosa bem fellora.

Paz á alma da pranteada extincta e a seu esposo e filha querida a expressão do nosso sincero e profundo pezar.

Assassinato

Um repugnante crime acaba de perpetrar-se na freguezia de S. Julião do Calendario, d'este concelho. Foi o caso que, tendo ido á freguesia de Villarinho das Cambas, tambem d'este concelho, o mancebo Joaquim Ferreira Barbosa, filho de Antonio Ferreira Barbosa ou Antonio da Era, como mais vulgarmente é conhecido, com o fim de ver uma rapariga que desde ha tempos requestava, no seu regresso a casa encontrou-se com José Fernandes de Carvalho, homem de maus precedentes, que se prestou a fazer-lhe companhia. Ambos confraternisaram a ponto do primeiro se sentir obrigado a pagar-lhe vinho n'uma taberna. Conhecedor, porém, o Carvalho de que o seu companheiro trazia 50$000 reis, na primeira occasião que se lhe offereceu vibrou-lhe uma traiçoeira facada, que logo foi secundada por outras até que a victima deixasse de dar signaes de vida. Em seguida despojou o assassinado do dinheiro que elle trasia, ausentando-se e abandonando o cadaver.

Procurado o preso, terá de dar contas severas á justiça, que não deve ter contemplações com tão deshumana creatura.

Doentes

Enfermou ha dias, estando quasi restabelecido dos seus encommodos, o nosso presado amigo sr. Jayme Dias, zelosissimo inspector da Companhia de Seguros sobre a vida a «Equitativa de Portugal e Ultramar». Estimamos que o restabelecimento completo se torne o mais rapido possivel.

—Tambem tem passado bastante doente o sr. Francisco Antonio Barreira, estimado proprietario e bemquisto cavalheiro da freguesia de Esmeriz. Que rapidas melhoras o visitem são os nossos votos.

Os acontecimentos de Lisboa

Os graves acontecimentos politicos, que nos ultimos arrancos da semana se deram em Lisboa, produziram aqui uma impressão de amargura e desalento. Porque os jornaes diarios os tem pormonorisado e porque não está na indole d'este jornal entrar em quaesquer considerações politicas, abstemo-nos de referencias e commentarios.

Transferencia

Foi transferido da escola da freguezia de S. Jorge de Selho, concelho de Guimarães, para a de Alvellos, do concelho de Barcellos, o intelligente professor official e nosso prezado amigo sr. Manoel José da Costa Rego.

Como melhorou de situação, os nossos parabens.

Sala de visitas

Fez acto na Universidade do Porto, obtendo honrosa approvação, o futuro medico sr. Joaquim da Fonseca Monteiro, da casa do Souto (Landim), pelo que lhe apresentamos os nossos parabens.

—Em 24 do mez passado realisaram o seu casamento na egreja de S. Miguel de Seide o sr. Manoel da Silva Freitas, da freguezia de Avidos, e a sympathica menina Adelaide Pinheiro Alves, irmã do nosso amigo sr. Thomaz Pinheiro Alves. Desejamos aos bondosos noivos um futuro cheio de prosperidades, de que são dignos.

Fazem annos:

No dia 3 do corrente o sr. Annibal d'Abreu Monteiro, ausente nos Estados Unidos do Brazil, filho do nosso respeitavel amigo sr. Manoel d'Abreu Monteiro, de Landim;

No dia 6 a ex.ma sr.a D. Adelina d'Abreu Monteiro de Andrade, irmã d'aquelle, e dedicada esposa do nosso presado assignante sr. Bernardino Antonio d'Andrade, da Quinta de Esporões, em Braga.

A um e outro a significação dos nossos votos, para que tenham de aumentar a conta conforme os seus desejos, que tambem serão os nossos.

—Esteve n'esta villa o ex.mo sr. Commendador Manuel Alvaro Pinho e Silva, dignissimo Presidente do Directorio da companhia de seguros «Equitativa» e nosso presadissimo assignante, a quem cumprimentamos.

—Embarca em 12 do corrente para o Rio de Janeiro, Brazil, o sr. Joaquim Gomes Marques, de S. Paio de Seide.

Boa viagem e que a sorte o proteija são os nossos votos.

1.º Anno—2.ª serie

S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

N.º 22

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Composto e impresso na TYP. MINERVA—Famalicão

Disse Henry Heine que lhe transportassem o cadaver sobre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez a que me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco.

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal

S. Miguel de Seide — Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sélo	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

S. Miguel de Seide, 15 de Maio de 1913

Caso patológico

—

Ha casos de patología social que reclamam dos altos poderes do Estado todas as possiveis medidas profilaticas. Os jornaes noticiaram ha dias que dois autenticos rufias da capital se exibiram em sangrenta tragedia em plena rua, matando-se um ao outro a tiros de pistola. E' um caso esporadico, certamente, mas não é unico nem original n'este paiz.

Caso unico e original, cremos nós, foi a apoteose que se fez ao banditismo dos rufias, quando os seus cadaveres eram conduzidos a caminho do cemiterio: uma numerosa multidão de pessoas de todos os sexos, numa parada de forças postas ao serviço do mal e do crime, acorreu a prestar homenagens ao duplo assassinato e ás cancerosas qualidades das victimas! E isto pouco depois de se terem limpado as ruas e viélas de Lisboa por uma rusga a vadios!

Viu-se, pois, que ha muito a sanear ainda...

Mas que medidas deverão ser postas em pratica?

A escola tem sido impotente para humanisar estas féras; as leis têm resultado inuteis, para conter os impulsos perversos destes degenerados membros da sociedade; o progresso e civilisação abriram banca-rota no seio desta familia cancerosa e bestialisada; o cancro, que supera pestilencial veneno, zomba emfim de toda a desinfeção e de toda a cirurgia. Que fazer, pois?

Para que a sociedade se depure e o país acompanhe o carro triunfal na sua marcha ascencional do progresso e da civilisação, é necessario e urgente empunhar o bisturí, para cortar cérce as raíses daninhas, e aplicar, em seguida, o ferro em braza, para cauterisar as pústulas resultantes, que podem lenta e insensivelmente invenenar os tenros organismos da familia e da sociedade. Isto já não vai com papas de linhaça. Se o governo não tem o bisturí para prontamente intervir no saneamento social, mal caminhamos então perante a ousada ameaça dos rufias. E ao governo compete esta primeira medida cirurgica. Depois, o mal não ficaria banido, se o ferro em brasa se não aplicasse com acêrto, de modo que o homem, assim bestialisado, não principiasse a levantar a fronte pendida por uma solidada educação moral que o arrebate para a virtude, para o civismo e para o dever. Onde esta se não ministrar, escusado será procurar a ordem, a honra e o trabalho, frútos duma boa Democracía.

Estude-se, pois, o melhor meio de levantar essa classe lançada ao muladar; e se o mal é de tal ordem que a regeneração não póde esperar-se, salve-se ao menos a descendencia, isolando-a do contagio e entregando-a nas mãos da moral e da sciencia, porque esta sem aquel-

FOLHETIM

Anna Augusta Placido

—

Nucleo d'agonias

—

ROMANCE ORIGINAL

—E' verdade—respondeu o conde—Todos amigos velhos e d'aquelles de quem se não receberam nem esperam senão bons officios.

—Estás hoje másinha—disse eu a Beatriz—Quem te ouvisse cuidaria que fallas de desconhecidos, quando eu sei que estas respeitaveis creaturas de cabelleiras empoadas te merecem todo o respeito e consideração. Vamos,—continuei, folheando o primeiro livro que me estava á mão.—Lê-nos o episodio da linda Ignez contado pelo Antonio Ferreira. Não pódes dizer que te enfastia esta leitura.

Insensivelmente toquei na primeira pagina e deparei com estas duas linhas:

«O livro que mais amei na minha infancia

Branca d'Alvarães».

Voltei-me para o conde surprehendida do achado. Aqui tem v. ex.ª um livro estimavel. Esta senhora era sua esposa? Talvez sua mãe?

Sobresaltou-se elle, e respondeu com o semblante anuviado por melancolica sombra.

—Nem uma nem outra coisa .. parenta remota.

—Que V. ex.ª conheceu?—tornei eu—não sei porque effeito de curiosidade, que me estava dando rebate a novas perguntas.

—Pouco: é morta ha muitos annos—disse com voz secca e breve, como se o enfastiára o assumpto, o que mais apertou o meu desejo de o ouvir.

—Pois é pena!—continuei—Estimava conhecel-a.

Não só por pertencer á familia de v. ex.ª, mas por que devemos ajuizar que devia ser um gentil espirito aquelle que na sua florida primavera se desentranhava em tão auspiciosas expansões.

(*Continúa*)

tornar-se-ia estéril, se não geradora de pérores e futricalias sociaes.

Perolas escondidas

(Carta de Camillo Castello Branco a sua esposa D. Anna Augusta Placido)

M.ª Fuba.

10 ½ da manhan.

Parei no Louvre, e provavelmente não passarei d'hoje. Viver na Foz, sem a tua America, não comprehendo. Trabalhar lá de casa tambem não. Fico-me aqui a ver se posso estar alguns dias como a visão de antes. Se não poder, volverne-hei logo e irei nos depois fazer o passeio pela provincia.

Tenho a cabeça atrapazoada, e a vista não me alcança o que escrevo. Não mandes nada de roupa, p.ª emqt.ª.

Beijo-te os olhos e o coração.

Recados aos Filhos.

Tu. C.

Irradiações classicas

Carta inedita do talentoso poeta Guerra Junqueiro a Camillo C. Branco

Meu caro Camillo C. Branco:

De regresso da Galliza, onde estive 15 dias, aprendendo o gallego sufficiente para mandar francos de porte meia dezia de portuguezes a esse aguadeiro, que cá nas latrinas (quero dizer nos confessionarios) pelo nome de padre Sena Freitas, de regresso da Galliza, meu amigo encontro nos «Serões» de S. Miguel de Seide um artigo excessivamente amavel a respeito d'este seu creado.

Derreteu-se o gello, desfez-se o captiveiro; é o momento de lhe fallar claro.

Meu caro Camillo: eu vivo mais no tempo e no espaço do que na minha prosa e na minha mesa. Este ponto de vista social e litterario, que está um pouco acima da torre dos Clerigos e mesmo acima (quasi) da torre de Jos Monteiro da exposição de Paris em 1889, dá ao meu espirito e á minha consciencia uma tranquillidade, uma clareza, um equilibrio perfeito, simples, inalteravel.

Literariamente que me fez mossem com o censo de notoriedade, quer me crucifiquem de vitriolo de mau humor ou de calumnia, eu ficarei sempre n'uma placidez de indifferença, n'um encolher d'hombros desdenhoso, que muitos tradu-zirão por medo ou cobardia. Estes 2 substantivos existem, segundo me dizem, no Roquete. Eu por mim, por mais que tenha folheado a minha alma, nunca os encontrei.

E por mais acerbas, violentas e injustas que sejam as palavras que um homem do mesmo officio—um homem de letras—me dirija, eu considero-me e sinto-me absolutamente incapaz de dizer a esse homem que elle é um escriptor da ultima especie, estando eu, na minha consciencia convencido do contrario.

Com tudo isto, meu caro Camillo, quero apenas dizer-lhe que os legitimos agravos que eu tinha de si jamais fizeram variar a minha fraca, mas sincera, opinião a respeito da sua obra litteraria.

Que esses aggravos eram absolutamente incontestaveis heide eu demonstrar-lho um dia destes *provando-lhe sem contestação possivel* que as tres asneiras rimadas sobre a cruz alta de Bussaco me pertencem a mim (ai de mim!) e não ao defuncto e lirico gatuno C. Simões Ferreira.

Contar-lhe essa historia por escripto seria custar-lhe a paciencia e 6 folhas de papel.

Irei um dia a S. Miguel de Seide. Irei ahi para ver um homem que, a pesar *de todas as inconsequencias, bilis e disparates* (não é Ramalho Ortigueiro), é ainda assim o exemplo litterario mais completo da sua raça no seu seculo.

O meu am.º J. Sampaio, espirito de primeira ordem, fez a critica da sua obra. Tavou fundo, viu o falso, mas ha ainda que dizer. Talvez eu o tenha de dizer.

Tenho ainda deante de mim 3 ou 4 annos de creação. A minha primavera foi curta. O estio não será longo. Reservo o meu outomno, não para ver os meus frejolos, mas para observar, examinar, catalogar a colheita abundante e feracissima d'aquelles que hão de morrer aos 80 annos, com a mesma seiva dos 20. Vinte colheitas multiplicadas por quatro.

Meu caro Camillo, visto que entre nós se partiu esse gelo idiota, essa frialdade imbecil, um d'estes dias ahi vou, tem ter o prazer de o ver e para lhe dar conselhos—dos seus 70 annos de decrepitude.

Vosso C.

Seu am.º e ad.º

G. Junqueiro.

A carta do nosso que se refere. A que foi mandada com exactamente a Camillo Castello Branco, como do seu contexto se deprehende:

Meu caro am.º

Essa carta devia ter partido ha mais de 2 mezes para S. Miguel de Seide. De regresso da Galliza, aonde, conforme lhe digo na epistola, eu fora aprender um pouco de dialecto de pau e corda (pau de zarzir e corda de enforcar) para zurzir o Sena e enforcar o Freitas, de regresso d'essa viagem, meu am.º, rabisquei á pressa, depois da leitura dos *Serões*, esta trapalhada que ahi vae. Ver-lhe-hei logo em seguida para o Porto recommendando em carta registada que passem a carta no correio.

Ora hoje no meio do cahos inalteravel da m.ª mesa de trabalho deparou-se-me a tal carta que V. Ex.ª devia ter recebido ha 5 semanas.

Ahi vae ella e eu cumprindo a promessa ahi irei brevemente. Na nossa qualidade de achacados de corpo e torturados de espirito conversaremos sobre as boticas e a immortalidade da alma, discutiremos todas as cangas e todas as filosofias, bicarbonantes e bipes-animismos, e, sobrando-nos tempo, falaremos até um pouco de romances, de versos, de litteratura emfim.

Felizmente dias depois de 10 ou 12 annos um livro seu—o *Esqueleto*. O Sampaio considera-o uma das peiores obras. A mim parece-me uma das melhores. Um dos defeitos da critica do Sampaio é considerar tão grande numero dos typos que entram nos seus romances, como meras creações romanticas sem realidade e consistencia. Para algumas d'essas creações tem o Sampaio rasão. Acerca de muitas, no entanto, engana-se. E engana-se por uma rasão tem simples, porque se esquece que, quando o romantismo dominava já inteiramente como forma de arte, a sociedade era tão romantica como os auctores que a descreviam. De forma que alguns typos dos seus livros que hoje parecem inverosimeis de fantasia eram perfeitamente creaturas de carne e osso perfeitamente reaes e verdadeiras. Fallando, pelho que se dá

...ra-me a ideia. Basta de massada. Até breve.

V. do C. 10 de Julho

Seu am.º e ad.º

G. Junqueiro.

Nota da Redacção—Na copia extrahida dos autographos, com a mais rigorosa fidelidade, respeitamos absolutamente tudo, pontuação, orthographia, fórmas etc.

Da orthographia das cartas acima publicadas se deprehende, pois, que o egregio epistolographo ia no tempo a sua modernidade—porque aos 15 annos ainda se é moço—evolucionava para a orthographia actual.

Sciencia Religião & Artes

Assembleia de animaes

(Escolha de um rei)

Tendo morrido o leão, todos os animaes foram ter ao seu antro para consolar a leôa viuva, que com seus gritos atroava as montanhas e florestas. Feitos os cumprimentos do estylo, começaram a eleição d'um rei a cuja corôa ninguem achava-se no meio da assembleia. O rebosinho era ainda muito fraco para alcançar realeza sobre tantos animaes altivos.

—Deixem-me crescer, dizia elle, eu serei bem governar e por muitas vezes cansei lendo fóra, em estudar a historia dos bôas acções de meu pae, para um dia egualal-o em sua gloria.

—Quanto a mim, disse o leão pardo, pretendo ser coroado, porque me pareço mais com o leão do que os demais pretendentes.

—E eu, avançou o urso, eu sustento que me fizeram uma injustiça, quando deram preferencia ao leão. Eu sou forte, corajoso, carniceiro, tanto como elle, e tenho mais uma singular vantagem, que é de saber preparar.

—Submetto-me ás vossas razões, senhores, esclareceu o elefante, se alguem me poder disputar a gloria de ser o mais forte e o mais bravo de todos os animaes.

—Eu sou o mais sabio e o mais bonito, segundo o cavallo.

—E eu a mais astuta, falou a rapôza.

—E eu o mais veloz, disse a cabreira, disse o veado.

—Onde achareis, disse o ma-

caco, um rei mais agradavel e mais engenhôso do que eu! Todos os dias diverti os meus vassálos. Pareço-me mesmo com o homem, que é o verdadeiro Rei da Natureza.

O papagaio arengou assim:

—Já que te glorias de ter parecença com o homem, disso tambem me posso eu vangloriar. Tu só te assemelhas em tua cara feia e em alguns ridiculos tregeitos, ao passo que eu me pareço na voz, que é o sinal da razão e o mais belo ornamento do homem.

—Cala-te, traidito palrador, redarguiu o macaco: tu falas, mas não como o homem, repetes sempre a mesma coisa sem entenderes o que dizes.

*

A assembléa cassoou daquêles dois palradôres plagiarios do homem, e foi dada a corôa ao elefante, porque êle tem a fôrça e a sabedoria, sem ter a crueldade das bestas-féras, nem a presumida vaidade de tantos outros, que sempre querem parecer o que não são.

(Uma fábula de Fénelon).

Brazil—Cametá.

Deolinda Melo.

O Mez de Maio

Este mez, colocado pelos antigos sob a proléção de Apólo teve 31 dias em todos os calendários romanos e conserva esse numero, e desde os tempos mais remótos foi o escolhido para as festas populares. Os Indios plantando a árvore simbólica, os Gregos juncando de flôres o limiar das portas, os Romanos entregando-se aos jogos de Flóra-de que ainda hoje nos aparecem réstos, para reminiscencia,—indicam-nos que, ao passar que a natureza escolheu êste mês para nos patentear suas gálas, os homens o escolheram para mostrarem a pujança de sua fôrça, a alegria de seus corações, extasiados ante as belêsas da risonha primavéra.

A etimologia dêste mez é duvidosa; ou se encontra na dansa *Maiestas*, ou em *majores* (anciãos) a quem este mês era dedicado, ou ainda no *Mai* ou *Mei*, cantarico, *vigo* das plantas.

O povo do trabalho escolheu o 1.º dia deste mês para as suas festas, como a Igreja Católica, além de ter, desde seculos fundados, estabelecido êste mez ao mês as ladainhas—em que o sacerdote, acompanhado dos paroquianos, sai do templo cantando em procissão para atrair á terra as bênçãos do céo—consagrou nos fins do século passado o mês de maio à Virgem-Mãe e, no meio de toda a harmonia que exala o hino universal da criação, o espirito do homem, *penetrado das mais ilôas inspirações, reconhece a idéa de Virgem, á da resurreição da terra, esquece as antigas festas do mês de maio e dá-lhe o nome de—Mês de Maria!*

V.

Sat Cafe

(No album d'uma amiga)

Aquellas flôres débeis e mimosas,
Que eu cultivara nos jardins da arte,
Murcharam todas, minhalma e rosas.
Só esta me ficou para offertar-te.

Zulmira de Mello.

Retrospecto bibliographico

Recebemos e agradecemos:

Civismo e Catolicismo

A casa editora de Antonio Figueirinhas, do Porto, credora já de muitos aplausos pelas excelentes obras que tem apresentado ao mercado, acaba de enriquecer a sua coleção de preciosos livrinhos com o *Civismo e Catolicismo*, de R. Julien, esmerada versão do sr. Adriano de Mattos.

Lemos com muito prazer o bello livro que é, finalmente, um resumo dos mais palpitantes questões da sociologia moderna, estudadas á luz dum criterio ortodoxo, inteligentemente deduzido, feito sobre um plano inteiramente novo, com uma copia de ponderosos argumentos scientificos, que convencem e iluminam as consciencias rectas, embora accidentalmente transviadas pelas aberrações da escola positivista.

Este livro tem uma grande oportunidade para Portugal, no actual momento historico, em que a questão politica está posta para os catolicos em termos duma gravidade tal que precisa de ser resolvida ponderadamente, e por meio de regras seguras, claras, não deixando escrupulas aos timidos, nem dando ousio aos irrequietos.

A Egreja é uma sociedade regularmente constituida com sua lei e hierarquia, com sua orientação e regras de proceder.

O Estado não pode immiscuir-se nessas leis, nessa hierarquia, sem crear conflictos entre o cidadão e o catolico.

É necessario a harmonia entre estes dois poderes.

Procura resolver a questão *Civismo e Catolicismo*, agora dada á luz pela casa Figueirinhas.

A secção respectiva vai anunciar.

Christianismo e Democracia, Christianismo e Socialismo, de Anatole Leroy—Beaulieu, medico de Instituto de França.—É o 30.º volume da colecção «Sciencia, Arte, Religião e Philosophia» e não o lemos ainda por falta de tempo e tudo que sobre elle dissessemos não poderia basear-se em seguro juizo.

O maior elogio, porém, está no nome do Autor, que já é bem conhecido no numero das letras. A traducção é devida ao seu Editor o sr. Antonio Figueirinhas, um trabalhador e incansavel obreiro da instrucção.

Na secção respectiva publicamos annuncio com a summula dos capitulos, para que se possa avaliar o alcance social do livro.

Noticias e echos

Fallecimentos

Falleceu em Braga a Ex.ma Sr.ª D. Felisbela de Barros Moreira, dedicadissima esposa do nosso prezado amigo e assignante sr. Augusto Gomes Moreira, dignissimo contador n'aquella comarca. Sentindo o golpe por que acaba de passar aquelle nosso amigo, aqui lhe expressamos o nosso profundo pesar.

—Tambem se finou em Valpassos (Traz-os-Montes), o sr. Luiz de Castro, sogro do nosso prezado amigo e assignante sr. Adolfo Augusto Guimarães, pelo que lhe apresentamos o nosso cartão de pesames.

Feira grande

Por causa do tempo desabrido e chuvoso do dia 8, a feira annual que aqui se realisou n'aquele dia foi de nulo effeito para os interesses d'esta terra e de grande desapontamento para muitos forasteiros e forasteiras.

Rufiões perigosos

Na freguezia de Ribeirão, d'este concelho, um tal Camilo Moreira, após uma pequena altercação por causa de 1$500 reis, vibrou alguns golpes de navalha no peito de Camilo dos Santos Cruz, deixando este em perigo de vida. Os precedentes do aggressor são pouco abonatorios das suas qualidades, pelo que se torna necessario todo o rigor da justiça para com quem liquida contas com tão requintada malvadez.

Mez de Maria

Tem decorrido com muita solemnidade e com regular concorrencia de fieis os exercicios do Mez de Maria, na igreja Matriz da vila.

A parte musical tem sido magistralmente desempenhada, por um grupo de senhoras desta vila. Ao armonium tem estado a sr.ª D. Ethestina Macedo que é acompanhada a vozes pelas sr.as D. Lucinda Macedo, D. Maria Thereza Cabral de Sousa Pires, D. Candida Carneiro Fonsêca e D. Beatriz Gonçalves.

—Na igreja de S. Miguel de Seide, bem como em diversas freguezias deste concelho os mesmos exercicios se têm efectuado com esplendor e entusiasmo.

Ao correio

Temos recebido varias queixas de diversos assignantes que, ou não recebem o jornal ou, quando o recebem, só isso acontece tardiamente. O nosso presado assignante sr. Manuel Augusto Correia Guimarães, muito digno solicitador d'esta comarca, communicou-nos ha tempos a falta de uns numeros; o nosso inteligente collega do «Sorriso» notifica-nos agora a falta do ultimo. Ora estas irregularidades, ou o que melhor nome tenham, só podem ser atribuidas ao pessoal da estação central, d'esta villa, ao qual pedimos um pouco de zêlo mais nos serviços que lhe confiamos. Além da paga a favor. Se os serviços da estação central passam nos ruraes e provinciaes, então... o caso offerece variedades curiosas: vão devolvem-nos os jornaes com a nota de «não aceita», ludibria-nos a nós e tutelando por sua conta e risco os nossos obsequiosos subscriptores; outros não entregam a correspondencia, para terem leitura gratuita ou fazerem colecções á custa alheia, etc., etc.

Pedir providencias é prégar no deserto.

Outros collegas nossos, victimas dos mesmos abusos, têm reclamado contra este estado de babilonicos serviços, mas as suas palavras perdem como as nossas o eco no espaço... Mas a verdade é que isto assim não póde continuar e, se a lei não tem meios de coibir tantos abusos, reforme-se e regulamente-se de modo que todos fiquem sabendo que o publico tem direito a ser servido com zêlo e escrupulo, porque paga com o seu dinheiro.

Tenham os nossos assignantes a certeza de que os serviços da nossa administração são feitos com a maxima prontidão e regularidade. Quando notam faltas já sabem que nos as remet-

diaremos de boa vontade, mas o que não podemos é metêr nos eixos quem desde ha muito porfia em andar fóra deles. E' uma praga...

Arcebispo Primaz

Por telegrama ante-hontem recebido nesta vila sabe-se que faleceu em Vila do Conde, ás 9 horas da manhã daquele dia, o sr. D. Manuel Baptista da Cunha, arcebispo de Braga.

Paz á alma do nobre purpurado, que nesta diocese gosava de geraes sympatias.

«O Leme»

O proximo numero de «O Leme», que será o 23 na ordem das séries, sairá no dia 1 de junho—que representa a data lutuosa em que se evolou deste mundo o Mestre dos romancistas portuguezes Camilo Castelo Branco. Por tal rasão esse numero será brilhantemente colaborado por uma radiosa pleiade de velhos e novos—contemporaneos, amigos e admiradores do homenageado—, que muito obsequiosamente se prestaram a auxiliar-nos com o seu valiosissimo concurso.

Aos nossos presados assignantes será distribuido como qualquer outro numero, sem aumento no preço da assinatura. Avulso custará 100 reis a quem o requisitar.

Cambio

O cambio do Brazil sobre Londres está a 16 1/8.

Uma libra, no Brazil, equivale a 14$883 réis.

Valor de 100$000 réis, moeda portugueza, corresponde no Brazil a 287$970 réis.

PORTUGAL

Preço da libra, 5$160 a 5$200.

Sala de visitas

Faz anos:

No dia 31 do corrente o nosso presado amigo e conterraneo sr. Antonio José da Silva Junior, negociante na cidade Invicta. Como s. ex.ª já arranjou consorte, póde fazer agora anos á vontade, porque a velhice não lhe dificulta o casamento.

A'vante, pois, por muito dilatados anos.

Já fizeram:

O menino Aires, filho do nosso amigo e sr. Joaquim Moreira Pinto, agente da Companhia de Seguros «Portugal Previdente» e nosso colega da «Lavoura do Minho»;

—E o nosso presado amigo sr. Adolpho Maria Ferreira Veloso, de Landim, que por lapso deixamos de noticiar no nosso passado numero. Mas antes tarde que nunca..

—Tem estado nesta vila o inteligente senador e nosso presadissimo amigo sr. Sousa Fernandes.

—Tem maís um herdeiro o sr. dr. José Maria da Costa, dignissimo Procurador da Republica nesta comarca. Pela feliz *délivrance* de sua ex.ma esposa os nossos cumprimentos.

—De visita a sua familia esteve domingo e segunda-feira nesta vila o nosso presadissimo amigo e inteligente oficial do registo civil de Gondomar sr. dr. Americo Jazelino Dias da Costa.

Comunicado

E.

Malgré les vingt ans passés, je me souviens de tout et j'ai beaucoup de souvenirs du temps que nous avons passé. Je compte vous revoir avant peu.

J.

Christianismo e Democracia

Christianismo e Socialismo

POR

Anatole Leroy-Baulieu, membro do Instituto de França
Versão portugueza

Summula dos cap.:

Christianismo e Democracia—O Christianismo e a Democracia estão votados a um fatal antagonismo? Rasões por que estão ou parecem estar em lucta—Esta lucta não é de todos os tempos nem de todos os paizes—Remonta á Revolução Franceza e é atinente sobre tudo ás origens e ao espirito da Democracia contemporanea europeia—Em que é que as aspirações democraticas contemporaneas estão de accordo com o espirito do Christianismo—Em que é que lhe são oppostas—Como é que na Europa a Democracia que repéle toda a ideia religiosa torna difficil o governo popular.

Christianismo e Socialismo—Affinidades e opposições entre o Christianismo e Socialismo—Como diferem pelo espirito e pelas ideias dirigentes—O Ideal social do Christianismo é de paz e amor—E' inconciliavel com o collectivismo fundado na luta das classes—O socialismo não perdoa á religião o acalmar os soffrimentos e as coleras dos povos—O Socialismo actual é materialista e considera todas as religiões um obstaculo e um adversario—Ao repellir todo o sentimento religioso, torna mais difficil qualquer renovação social.

Preço, 100 reis. A' venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª—119, R. do Almada 123—Porto.

Novidade de Sociologia

Civismo e Catolicismo

Apareceu á venda o **Civismo e Catolicismo** de E. Julien, professor da Universidade de Paris, e versão portuguesa de Adriano de Mattos. O indice do precioso livrinho é o seguinte:

Pode-se ser catolico e bom francez?

I—O racionalismo oficial no Estado e na Igreja.

II—O catolico, membro da Igreja e subdito do Papa, poderá reconhecer a soberania da Lei?

III—As ideias catolicas sobre a caridade neste mundo e sobre a justiça no outro, teem retardado o advento da justiça social?

Preço 100 reis. Livraria de Lopes & C.ª—119, R. do Almada, 123—PORTO.

Ninharias, pelo erudito e correctissimo escriptor José de Azevedo e Menezes.

E' a refutação documentada dos erros do sr. Anselmo Braamcamp Freire ácêrca dos Farias, de Barcelos. Ilustrada com belas estampas e acompanhada de importantes documentos e mapas.

E' um grosso volume que custa a modica quantia de 800 réis.

A' venda nas principaes livrarias e na casa de Manoel Pinto de Souza & Irmão, d'esta vila.

Fernando

Fernando é o titulo dum lindo romance para crianças, com muitas gravuras e uma capa a córes, e de que é autor o distinto poeta e romancista José Agostinho.

Fernando custa apenas 100 réis.

Questões de ortografia

E' um opusculo, elaborado pela *Educação Nacional*, que apresenta as regras praticas e claras afim de se escrever com a ortografia moderna. E' um folheto indispensavel para os alunos das escolas primarias qué se preparam para exames.

Custa simplesmente 30 réis.

LIVRARIA PORTUENSE

— DE —

LOPES & C.a—Suc.

PORTO

OS QUATRO LIVROS DA MULHER

I
O Livro da Esposa
II
O Livro da Dona-de-Casa
III
O Livro da Mãe
IV
O Livro da Educadora

Estes quatro livros de PAULO COMBES, admiravel versão portuguêsa, acham-se traduzidos nas principais linguas e devem ser lidos por todas as familias que queiram a felicidade no lar.

Preço de cada um, 500 réis br. e 700 encad. Vendem-se separadamente. A' venda nas mais importantes livrarias.

Deposito geral: Livraria Portuense de LOPES & C.ª, 119-Rua do Almada, 123—Porto.

1.º Anno—2.ª serie | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 23

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Composto e impresso na TYP. MINERVA—Famalicão

Disse Henry Heine que lhe transportassem o cadaver sobre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez a que me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco.

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR
Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal
S. Miguel de Seide — Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sélo	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

S. Miguel de Seide, 1 de Junho de 1913

Faz hoje 23 annos que falleceu o maior dos romancistas portuguezes, e bem haja quem não deixa passar esta data sem relembrar a memoria do Mestre e sem fallar á geração nova de uma gloria nacional que ella já quasi só conhece pela Historia.

Camillo Castello Branco falleceu no dia 1 de Junho de de 1890. E foi alli da solitaria aldeia de S. Miguel de Seide que elle, como Herculano da sua thebaida de Valle de Lobos, se evolou por uma tarde tranquilla e soalhosa, á hora em que as gallas e harmonias da nossa primavera mais emballavam a paisagem que serve de moldura á pittoresca e já hoje historica aldeia.

Não foi, porém, no desfallecer suave com que o solitario de Lobos se despediu da vida que Camillo a deixou tambem para acolher-se no seio mysterioso da morte. Não. O vidente de S. Miguel de Seide, sentindo velar-se-lhe a luz dos olhos, não pôde ser superior a esta formidavel desgraça, e n'um lance de desespero buscou na eterna treva do espirito o tragico fim d'aquella dolorosa treva do corpo.

Não sentiu a confortal-o na agrura da desdita aquella sublime resignação de que Milton e Castilho—dois outros cegos—lhe deram exemplo, e d'ahi a pedir á bala de um rewolver, para termo do seu mal, a mesma desesperada solução que em momento semelhante de desalento outros espiritos superiores, como Gerard de Nerval, Condorcet e Chatterton, procuraram—aquelle primeiro na asphixia, estes dois ultimos na taça de veneno!

Primeiro de Junho de 1890... Foi ha 23 annos e afigura-se-nos que foi hontem: tão vincada ficou no nosso espirito a tragedia que para sempre nos levou a maior gloria da nossa litteratura contemporanea!

Sousa Fernandes.

Homenagem a Camilo

—

No vigésimo terceiro aniversário da sua morte

Uma assombrosa estátua poderiamos erigir a Camilo Castelo Branco, se reunissemos num só bloco todas as lágrimas e todos os sorrisos que a sua obra monumental tem concitado em milhares de leitores.

Ninguem como êle fez chorar, em terras de Portugal, tantos olhos delicados, tantos corações impressionaveis; nenhum outro escritor nosso dispôs ainda de um humor, tão originalmente lusitano, para chamar o sorriso aos labios dos portugueses mais dificeis em reconhecer a graça dos outros.

Reunindo, pois, quantos sorrisos e quantas lágrimas desabrocharam espontaneamente sobre as paginas dos seus livros, teremos feito uma estátua maravilhosa e colossal.

As lágrimas brilharão como um íris sob os raios belos do sol e os sorrisos hão de esvoaçar como trêfegas abelhas sobre o cristal translúcido das lagrimas.

Por essa admirabilissima estátua não é preciso esperar e nenhuma outra o póde representar melhor.

Algés—maio de 1913.

Alberto Pimentel.

Camillo

Contar, a revivê-lo, um conto dado,
Em que riu e chorou rústica gente,
Prendendo-lhe o sentido do Presente
Nos sumidos mistérios do Passado;

Tudo melhor sentir quanto gerado
Das extremes paixões—indiferente
Ao que não fosse o cómico e o pungente
D'um modo humano forte e limitado:

—Tal seu maior condão. Na Natureza
Scenários via só da *acção vivida*,
Essa alma castelhana e portuguêsa.

E foi por não poder a luz perdida
Enganar com memórias de Beleza,
Que a morte preferiu á inerte vida...

Coimbra—13 de maio de 1913.

Manuel da Silva Gaio.

Camillo Inédito (1)

Camillo foi um cégo de genio, perdido nos labyrinthos de sombra da sua alma divina de miserias...

O titulo d'este livro diz plenamente dos seus intuitos.

A bem dizer estas paginas de prefacio são um peccado de devoção. Enchem um momento doentio, a necessidade de falar do Romancista, um momento que a sombra d'elle apagará em si...

A presente obra é que jámais se apagará. Porque é ainda Camillo; e Camillo na sua feição suprema e intima—a echoar em corações amigos os gritos da sua Arte e miserias; sobretudo a expressar da sombra immensa a velha tortura do seu genio, tão irmão da Raça.

Raro exemplo d'Arte humanizada!

A sua figura, elemento de emoção, presente de eternidade, explica as photosculpturas dos mais intimos desdobramentos. Ora estes desdobramentos, que commoveram o mundo intimo e publico da sua obra, revelam uma das mais altas e sinceras dôres, a Dôr que o Destino crucifica sempre n'um Artista.

Camillo foi uma raça a soffrer. Soffreu a chorar, a rir. Sobretudo a rir porque jamais elle, um romancista, realizou a ficção!...

E' hoje maior do que em vida.

E' que, a bem dizer, só a sua sombra era real—aquella sombra que o projectou, e hoje cresce a Noite d'uma raça...

Ha homens, como Balzac, que refletem na Obra um infinito de sentidos.

Camillo tem o numero exacto de sentidos, acrescentados do genio dos seus males, redosos de risos e agonia.

Estes risos e agonia é que lhe dão a feição maxima da fórma humana e artistica de ser, tecendo a sombra enorme do escriptor que vive na projecção a grandeza expiatoria d'uma figura de inferno, accrescentada do genio que exprime Deus.

....

Ainda mais. Que de vezes esculpiu em cinza, cinza quente, restos amassados de paixões estertorosas!...

Enormes de commoção, prolongam hoje o seu drama estatuas de cinza viva, fórmas batidas e accezas por lufadas de desgraça, figuras de fogo a faúlar o inferno da sua dôr.

Demarca-lhe a Arte um mundo extravagante e sinistro, aquelle que concebeu na sua noite perduravel de sombrio.

Singularissima Arte! Que de vezes ensaiou a Morte...

Então vestia, armava a imaginação de crépe, e era na camara ardente da sua oficina de phantasma que gizava sobre o panno negro as grandes figuras da sua tragedia! Gizadas, ellas, tomava logar no catafalco...

E então a sua fórma arrefecida revelava-as do calor perdido. Sinistras revelações! Eram figuras extraordinarias de fatalidade, a entrudar miserias, caricaturas - phantasmas de dor!

Levantava-se a ve-las, a estuda-las. Por fim reconhecia-se, encarava-se n'ellas. Depois ria, ria, como para distrahir o publico da galeria macabra dos seus desdobramentos, monstros afflictivos de Sentimento e Belleza...

Aquella grande sombra de emoção que é Camillo sarcasta vela primeiro o homem do Romancista; processa depois o drama do suicida, antes ensaiado nas suas figuras.

E assim elle é mais do que qualquer outro Artista. E' a Morte creadora, a Morte fecunda!...

.....

Ahi jaz! Quer dizer, ahi ri ainda, em pó, o riso eterno da desgraça, na mascara da Fortuna, no seu velho carneiro de sarcasmo! O jazigo-Fortuna é o marmore onde o seu genio sinistro cahiu a rir desgraça, a Morte! ...

Este livro é um retalho da sua grande sombra errante...

Ancêde, 1912 (Dezembro).

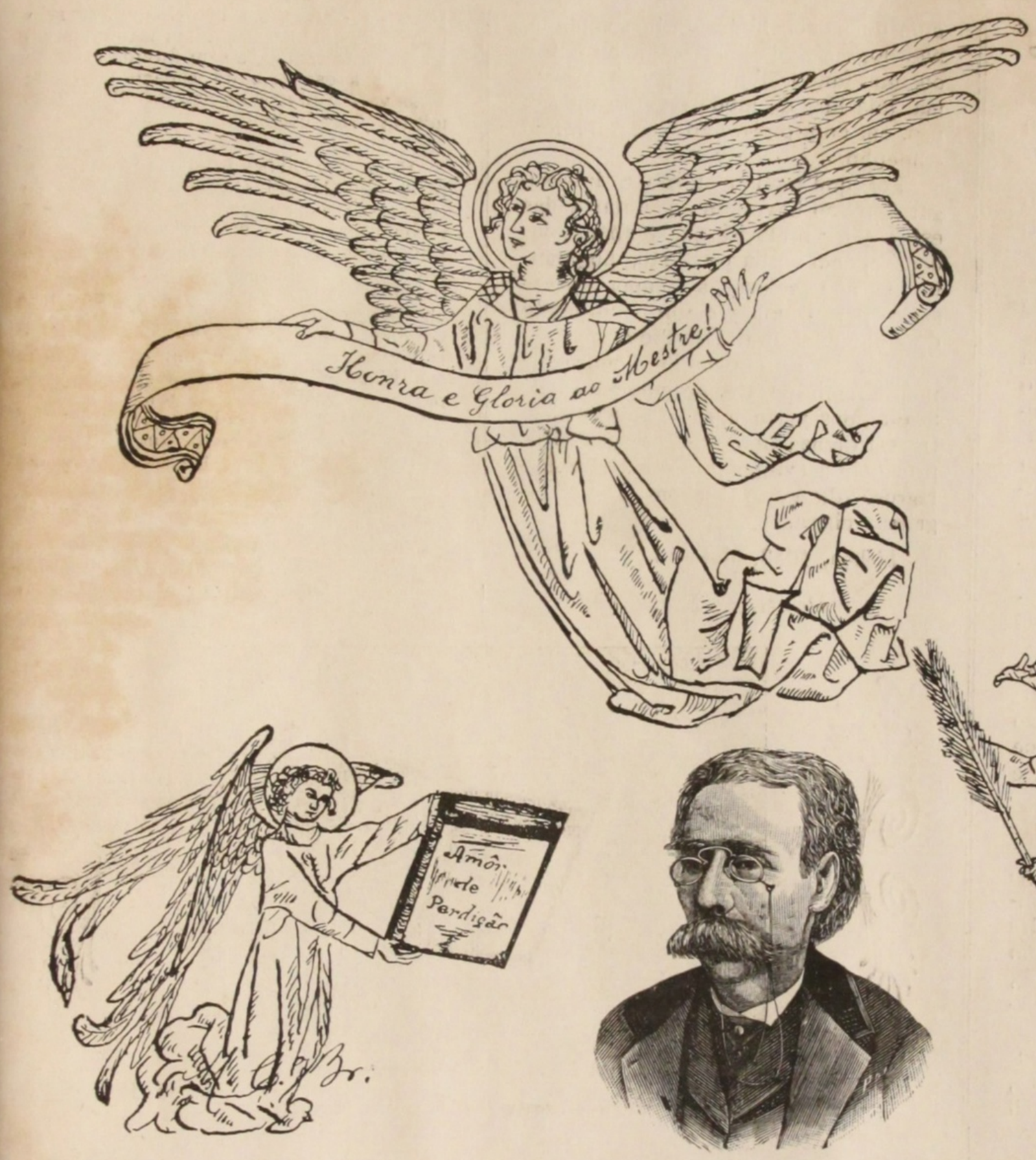
Visconde de Villa—Moura.

(*) O livro *Camillo inédito*, no prélo, comprehende uma collecção de cartas do romancista, algumas notaveis, dirigidas a escriptores, editores e amigos.

As presentes paginas destinam-se, com varias notas, a acompanhar as cartas cuja publicação revela, como nenhuma outra, a figura intima do escriptor.

Camilo Castelo Branco foi, para Portugal, o que Balzac foi para a França: o maior romancista do seu paiz, o cultor maximo da sua lingua e o analista supremo do coração humano.

Tomás da Fonseca.



1 DE JUNHO

Neste dia, ha mais de vinte anos, perdeu Portugal um dos seus maiores representantes literários de todos os tempos. Suicidára-se em S. Miguel de Seide o gigante prodigioso da Paixão e da Ironia. As letras portuguesas perdiam o cultor milionário e inconfrontavel. Era, evidentemente, um dia de grande luto nacional.

E depois? Depois, pouco mais que silencio, a indiferença habitual com que a mediocridade se vinga dos que a ofuscaram...

Lembramo-nos bem do seu coche funerário atravez das ruas do Pôrto—por um dia baço, chuvisquento, melancólico. Fomos á noite á Lapa, ao entêrro. Não era numerosa a concorrencia: a noite estava desagradavel...

Falou Alves Mendes, Joaquim de Araujo,—e Augusto Luso, uma alma de rara candura, disse uns versos de saudade. Saímos, batidos dos chuviscos insistentes, sob o céu pardo e profundamente triste. Era de certo a elegia das cousas, sempre mais gratas e compassivas que o formigueiro vil dos homens.

Camillo ficou no jazigo de empréstimo onde está—como um heroe das suas novelas fatídicas, cujo destino se diria marcado por algum emblema trágico.

O tempo foi passando, e roendo sempre—aquele «cancro enorme» de que fala o poeta. Mas o que não roe, mas o que não apaga nunca, é o esplendor crescente da sua Obra!

De resto... nem Panteon, nem monumento, nem um simulacro de apoteose.

Os grandes homens são a alma eterna da Pátria; mas parece que não interessam demasiado os nossos cangalheiros de pompas funebres!

Apenas agora—afortunadamente!—parece certo criar-se em S. Miguel de Seide um Museu Camiliano, reconstituindo-se o gabinete de trabalho e outros aposentos do Escritor, em termos que não fique em ruínas a casa histórica, onde esse homem de génio viveu tantos anos, onde a sua pena tantas maravilhas nos legou.

Bem haja quem praticar esse acto de justiça! Oxalá que não seja mais uma ilusão — para que nem tudo se desfaça na onda turva do desleixo e do egoísmo!

Julio Brandão.

UMA SAUDADE

á memoria de Camilo Castelo Branco.

Teve revôlta mocidade e varia,
Sem amôr de pais, ou de parente;
Sempre enlevada a mente visionaria,
Animo fórte e fantasia ardente.

Sofreu madrasta sorte e usuraria:
Por cada riso a lagrima candente;
Foi-lhe batismo a Dôr, e funeraria
A primeira paixão, que mais se sente.

Nem no trabalho insano achou amparo,
Esse talento prodigo, indefesso.
Esse alto coração de português.

E quem derramou luz com brilho raro,
Num culto ideal de auroras e progresso,
Nas trevas da cegueira se desfez!

Cruz Magalhães.

Appello ás mulheres

De vez em quando, assim como um vento inconstante levantado por acaso, percorre os jornaes a já velha ideia de se erigir finalmente o projectado monumento ao forçado de S. Miguel de Seide.

«A nação—sóe dizer-se—vae pagar a sua divida á memoria do grande romancista.»

No emtanto, acachapado entre um resumo da barulheira parlamentar e o desenvolvido relato do tragico desfecho d'uns amores de viella, o assumpto prompto esquece, sem que nenhum echo o prolongue, e o Estado, imitando os devedores relapsos, continua a deixar correr o marfim...

Não é Camillo o unico escriptor a quem Portugal deve uma estatua. Com excepção de Camões e Eça de Queiroz, todos os seus homens de letras estão por monumentalisar, o que faria com que, pelo respeitante aos governos, a divida de Camillo não fosse mais de bradar aos céos do que muitas outras, a começar no Gama e em Fernão de Magalhães.

*

O facto do auctor da *Maria Moysés* esperar ainda uma publica sagração deixa, porém, de ser uma simples divida em aberto, para se tornar num delicto imperdoavel de ingratidão, desamor e esquecimento, se o reportarmos ao coração das portuguezas.

Num paiz em que a mulher dispuzesse de um pouco mais d'iniciativa, quem ha muito haveria tornado facil a obra de glorificação a Camillo seriam as mulheres: essas dedicadas e generosas mulheres de Portugal, de que elle tantas e tão bellas encarnações nos legou.

Se se conseguisse reduzir a dinheiro as lagrimas com que os numerosos romances de Camillo têm humedecido ou innundado os olhos doces das suas patricias, não duvido de que a sua estatua poderia ser amanhã uma realidade, e não simplesmente em marmore prcioso ou bronze caro, mas em oiro massiço.

Não sendo infelizmente viavel esse *desideratum* tentador, por que razão se não resolvem as mulheres d'este paiz a proceder como tantas das suas antepassadas d'aquem e d'alem-mar, ao despojarem-se dos seus ornamentos mais valiosos para acudir ás despezas das guerras e das expedições?

Seria cruel, nos tempos que correm, pretende extorquir ás damas todos os seus adornos de preço.

Rara será, todavia, a mulher que, com um poucochinho de boa vontade, não lograsse descobrir no seu cofre, ou no fundo d'uma gaveta, alguma joia fóra de moda ou fóra de seu uso, em cuja posse não faça o minimo empenho.

Por que motivo—torno a interrogar—se não haveriam de juntar todas essas joias inuteis e quasi abandonadas, e, com o seu producto, augmentar, se não prefazer, a somma necessaria para o nobre emprehendimento de monumentalisar Camillo?

Seria esse um meio admiravelmente feminino, e supremamente edificante, das portuguezas d'hoje se mostrarem dignas herdeiras de suas avós, provando á evidencia o seu poder milagroso de converter em oiro as lagrimas choradas.

Lisboa, 1913. Maio 13.

Manoel de Sousa Pinto.

Casa de Camillo Castello Branco

Carta a um neto de Camilo Castelo Branco

...Snr. Nuno Placido Castelo Branco.

Não se enganou V. julgando-me um admirador de seu ilustre avô. Mas como a admiração não exclue a análise, antes só nos resolvemos a analisar e estudar atentamente aquilo que muito admiramos, acaricio ha bastantes anos o projeto dum estudo critico sobre o grande romancista. Circunstancias várias teem-me porem sempre feito adiar a execução desse trabalho, que se encontra ainda em estado de esqueleto, como no dia já distante em que, dando balanço ás impressões que me ficaram de repetidas leituras de Camilo Castelo Branco, lancei num caderno de apontamentos as teses que tencionava desenvolver e provar. Tencionava e tenciono; não desisti ainda desse projeto querido, espero apenas que outros trabalhos e estudos inadiaveis me déem para isso uma aberta.

Para corresponder agora ao amavel convite com que V. me honrou copiarei do velho caderno para aqui, procurando apenas dar-lhes uma forma inteligivel para os outros, as principaes teses do meu projétado estudo. Nem mesmo a astreiteza do tempo, e sem duvida a ela se juntará a escassez de espaço com que V. se verá a braços no seu jornal, me permitiria outra cousa.

Uma das feições fundamentaes do espirito de Camilo Castelo Branco era o interesse pelas enriçadas meadas de acontecimentos, pelas historias de desfecho imprevisto, pelas ironias do Destino, pelas inverosimilhanças da realidade. Não lhe parecia possivel—a análise do entrecho da grande maioria dos seus livros o demonstrará plenamente—escrever um romance sem ter como urdidura uma dessas *historias exemplares* que por toda a parte se conservam na tradição local,—uma historia mostrando os pérfidos labirintos por onde o Fado conduz as suas vitimas ao desfecho tragico, ou, o que nos seus entrechos é muito mais frequente, revelando *as linhas tortas* atravez das quaes *Deus escreve direito.*

Mas duas circunstancias o prejudicavam consideravelmente como simples narrador. Uma era o conflito entre o teatro vastissimo de muitas das suas historias, abrangendo por vezes uma só o Brazil, a Inglaterra e a França, e a sua limitadissima experiencia de sedentario e rural. Em uma das suas mais labirinticas «*novelas exemplares*», *O Demonio do Ouro*, Londres, onde nos leva o encadeamento dos sucessos, deixa a impressão duma vila portuguêsa. A outra circunstancia desfavoravel consistia em não lhe consentir a sua ambição de estilista e moralista que se cingisse á linguagem desataviada da narrativa e aos dialogos vivos e concisos, condição imprescindivel para empolgar o interesse no romance de acção. Camilo Castelo Branco não se dispensava de ornamentar as suas narrativas com divagações scéticas ou religiosas, conforme a sua disposição de momento, com maximas de filosofia oratória ou com disertações «psicologicas» que não passavam de rasgos de verve paradoxal, reminiscencias do folhetinista que fôra.

Mas tenho estado a falar dum aspeto inferior do espirito de Camilo. Ele tinha notabilissimas, incomparaveis qualidades de verdadeiro romancista, isto é de creador de vida Mas essas qualidades, intensas como eram, eram de muito limitada extensão. A sua genuina faculdade creadora estava restrita aos grutescos e aos ruraes, compreendendo nesta ultima designação os rusticos e os seus chefes naturaes, os

morgados de provincia. Pode talvez dizer-se sem exagero que todas as suas personagens doutras categorias são *fabricações* e não *creações*. O seu poder de representar os estados da alma só era verdadeiramente grande, só atingia a intensidade terrivel e contagiosa nas tremendas crises moraes.

No meio das passagens mais infelizes ou mais artificiaes, a aparição dum rustico é sempre a entrada dum forte sopro de vida. E' o que acontece nos *Misterios de Lisboa*, livro decididamente inferior, com a fala do velho cabreiro nobilitado pela sua bravura e ingenua estratégia, narrando a concessão do seu brasão d'armas por D. Pedro II. A simples enumeração de todos os ruraes modelados com genio na obra de Camilo ocuparia só por si um espaço que decerto V. não pode conceder-me. Citarei apenas aqueles que de pronto me acodem á memoria neste momento: a figura entre grotesca e heroica do morgado de Quadros, com a sua candida e bronca lealdade; D. Teodora Figueirôa; a filha do sargento-mor do *Coração, Cabeça e Estomago*; a filha do ferreiro no *Amôr de Perdição*; a camponêsa que narra o *fado* da irmã cleptómana, nas *Memorias do Carcere*; a mulher do carvoeiro no final do *Santo da Montanha*, descrevendo com tragica singeleza a vida miseravel dos camponêses das serranias asperas de Traz os-Montes. E é este mesmo romance, e na mesma altura, que me fornecerá agora um exemplo de crise moral pintada com uma sobriedade e intensidade que fazem dela uma obra d'arte talvez sem rival na nossa literatura. Refiro-me ao regresso e penitencia do antigo pirata e renegado que se faz ermitão, atormentado pelo remorso do seu passado cuja hediondez se lhe gravou a fogo no espirito desde que a tempestade da paixão serenou.

Nas falas dos seus rusticos, á sintases, o encadeamento dos periodos, as simples virgulas, tudo contribue para dar á phrase o ritmo da lingua falada e fazer quase audivel a voz da personagem. Ao ler algumas delas surpreende-se a gente com aquelas lagrimas que, como diz Schiller, nos inspiram certos espétaculos— os instintos dos animaes, um penedo coberto d'hera, uma veia d'agua brotando duma rocha — não por serem belos, mas por serem natureza ingenua, obedecendo á necessidade das suas leis intimas.

E as grandes figuras de Camilo não são, como figuras de tragedia, personificações duma abstração moral, estatuas immobilisadas na mesma atitude passional e isoladas da vida sobre o seu pedestal solitario. Todas estão profundamente enraizadas no seu meio, vemos de que vivem, em que consistem e a quanto montam as suas rendas. Nas mãos do grande romancista a arida jurisprudencia vincular fez se vida em dezenas de episodios genuinamente portuguêses que nela se originam, em dezenas de figuras com o mesmo cunho nacional, a quem ela fornece motivos de ação reveladora. Na sua obra assiste-se á agonia do nosso antigo viver provinciano, com as suas fundas raizes historicas, evocadas em saborosos mexericos genealogicos, rivalidades nobiliarquicas, demandas vinculares.

Mas a ação nos romances de Camilo Castelo Branco não era *inventada* tendo em vista a revelação dos carateres; era-lhe imposta, já o disse, pelo seu incuravel, constitucional interesse pelas historias curiosas. E estas, á mistura com

Camilo ao tempo do carcere

creaturas e situações de que a sua imaginação possuia o núcleo gerador, e episodios cujo modêlo a sua experiencia lhe apresentava e que os seus gostos de rural, de antiquario e linhagista lhe permitiam animar, muitos outros que ele só violentando as suas aptidões naturaes, e, portanto, produzindo cousas mortas de nascença, podia tratar.

Um exemplo caratteristico da tirania que a historia curiosa e engenhosamente urdida exercia sobre o seu genio de romancista da provincia portuguêsa é *O Bem e o Mal* Compare-se a intensa poesia dos primeiros capitulos, a vida melancolica e tranquila duma solitaria aldêa beirã, onde o viver patriarcal duma antiga familia de lavradores remediados como que estaguou ha seculos, aparecendo-nos no presente o lavrador, o padre, a irmã de padre do seculo XV, invariavelmente renovados de geração em geração, com a complicada historia que se lhe segue. E' que o seu fim era contar um *embroglio*, era seguir um encadeamento labirintico de sucessos e esse tras o quadro incomparavel de Vila Cova em que o pintor da vida rural se encontra dentro das fronteiras de sua aptidão creadora, mas tras tambem a necessidade de as transpôr, de entrar em assuntos que lhe são extranhos.

Contrariamente á opinião geral, ou antes á afirmação geralmente aceite e repetida sem exame, eu penso que o amor, embora esse sentimento seja a mola intima da quasi totalidade dos romances de Camilo, não era dos assuntos que o seu genio tratava por um impulso natural. O estilo enjoativamente afétado da correspondencia amorosa das suas personagens elegantes e cultas, justifica, parece-me, o que acabo de dizer. Creio que a sua preferencia pelas historias de amor representa apenas uma transigencia com o gosto da epoca.

O amor reduzido aos limites impostos pelo génio do romancista, isto é desataviado das expansões artificialmente liricas em epistolas e discursos, não passaria talvez na sua obra de *dado* explicativo de sucessos, de motivo de ação, como acontece na obra de Walter Scott E' nas mulheres simples instintivas, sem pretensões poeticas, que o grande creador de carateres simples melhor consegue pintar sem artificio o sentimento do amor. Mas nessas o sentimento não se narcisa em odes convencionaes, ou, se o faz, essas passagens são mero ornato sobreposto que se pode arrancar com grande beneficio do efeito dramatico; manifesta-se objétivamente na resistencia heroica e modesta á perseguição, na fidelidade, no martirio, e na morte.

São estas, parece-me, as qualidades e lacunas que, aliadas a uma ausencia, não sei se constitucional, de sensibilidade para a harmonia e equilibrio, — para a beleza arquitetónica d'um romance, — nos explicam porque é que Camilo Castelo Branco, tendo em todas as suas obras, passagens geniaes, não tem um unico livro que, como conjunto, se possa considerar bom.

Receio ter-me alargado demasiadamente para o espaço de que V. dispõe, mas ao mesmo tempo receio tambem que a preocupação de ser breve me tenha tornado confuso e tenha dado ás minhas afirmações um carater absoluto e hirto que uma exposição desenvolvida faria de certo desaparecer.

De V. etc.

Carlos de Mesquita.

Meca de Seide

... Snr.

Péde-me V., um artigo ácerca de seu glorioso Avô e Mestre de todos nós—Camillo Castello Branco.

Já um dia alguem, confiando exaggeradamente nos meus pauperrimos recursos de garatujador de futilidades, poz á prova a minha amizade, exigindo-me um artigo sobre Camillo.

Respondi pouco mais ou menos o que agora vou ter a honra de responder a V., já que a sua fidalga gentileza quiz moedar o meu apagado nome n'este lance.

Eu não sei dizer nada sobre Camillo e entendo até que a figura do Mestre está de tal modo nitida na nossa admiração e no nosso respeito que desnecessario se torna procurar-lhe novos costumes e novas linhas que nol-a façam avultar.

Bem melhor, pois, do que falar do Mestre e burilar sobre a sua individualidade gigantesca palavras de admiração será, simplesmente—ler a sua obra.

Passemos nós todos os que começamos e tantas vezes nos transviamos por leituras infructuosas—passemos nós todos olhos de enlevo pelas paginas que o Mestre lapidou, decoremos a historia tragica da sua vida, amorosamente escripta por quem lhe estudou a prodigiosa individualidade e a obra maravilhosa.

O tempo que perderiamos alinhando periodos que, por mais bellos, seriam sempre descoloridos e foscos no confronto com a sua prosa, aproveitemo-lo repassando, como quem ora nas paginas de um livro santo, a obra de Camillo.

E já que todos os cultos carecem de manifestação ostensiva, que lhes dê corpo e brilho, façamos nós todos, os que o lêmos e amamos, uma romagem annual á thebaida recondita onde Elle trabalhou e soffreu, que será assim a Meca d'esta nova seita, toda de fervorosos e convictos fieis.

Vamos todos, uma vez por anno, em romagem piedosa, a esse logar sagrado pelo Genio, onde a estatua do Mestre se deve erguer, enorme, dominadora, na religiosa serenidade d'esses campos verdes, a que não chega o rumor profano das cidades—logares de bulicio em que os monumentos dos grandes homens se apagam aos nossos olhos e á nossa memoria, nos nevoeiros sujos do progresso, na bruma densa do esquecimento...

Tal é, o que eu lhe sei dizer n'esta data de luto em que a nossa Dor evoca a angustiada figura de Camillo—o maior de todos, no genio e no soffrimento.

Porto, 1913.

De V. etc.

Simões de Castro.

O Monumento a Camillo

O grande escriptor erigiu na integralidade da sua Obra o proprio Monumento; a nós, que o admiramos, compete completal-o pela mais significativa e imponente fórma:

Fazer uma Edição de todos os seus livros e opusculos segundo uma classificação artistica ou chronologica, em vinte e cinco volumes compactos (no typo das Obras completas do Balzac.)

Reunir, quanto possivel, a collecção das Cartas de Camillo, que são extraordinarias pela vida e emoção que n'ellas se reflectem.

Organisar o Glossario Camiliano, das palavras empregadas na sua Obra, de uma riqueza incalculavel.

Theophilo Braga.

Notas camilianas

Uma variante na «Corja» — A data dum soneto—A' margem de «Les Illuminés»

Algumas notas bibliograficas rapidas e fugidias, tal a minha magra, mas sincera homenagem no 23.º anive sario da morte do Grande Torturado.

Sem o florejar bisantino de bimbalhantes frases ocas—singelamente ahi ficam.

I

Em 1894 escrevia o sr. Marques Junior na sua benemerita «Bibliografia Camiliana» em nota á *Corja* (85, n.º 191):

«Camilo mandára para a tipografia um certo original para o livro sendo este composto; mas impressa a folha 3 achou o autor que lhe devia fazer umas alterações e reimprimiu-se, não vindo para o mercado senão a folha reimpressa, está claro, e inutilizando-se a primitiva; dessa primitiva, porem, consegui eu obter um pedaço justamente aquele em que havia as taes alterações ou modificações no final da pag. 25».

Sobre estas palavras cairam glacialmente 19 anos. Não sei que alguem as tenha até hoje comentado, publicando o trecho substituido. Mais feliz que o sr. Marques Junior possúo perfeitas as 4 paginas (25, 6, 31 e 32).

Mas... por justos motivos, guardarei avaramente, bibliomanamente, o meu... tesouro.

II

Em nota á pag. 86 (vol. I 3.ª ed.) do «Judeu» escreve Camilo sobre a «Historia dos Judeus» (1710 Paris): «Não vem authorizada; creio, porem, que é de Basnage» (por erro typografico Barnage).

A edição de Haya (1716) «Histoire des Juifs... par Mr. de Basnage» tira, lucidamente, todas as duvidas e explica o motivo claro da não autorização. Lêem-se a pg. IV (vol. I) as seguintes dilucidativas palavras: «Mr. du Pin pretendait m'honorez en faisant reimprimer cette Histoire á Paris (a edição de 1710 citada) avec Prèvilége du Roi. *Mais mon nous été suprimé*». E' interessante e digna de ler-se a historia deste logro (IV e seg.) bem como o que sobre Portugal (IV,730) e os judeus portuguezes na Holanda (II 990) dis Besnage.

Eis uma nota que talvez fosse de aproveitar numa futura edição cuidadosamente anotada das obras de Camilo.

III

Tem uma interessante historia o meu exemplar de «Les Illuminés» de Gerardo de Nerval. E' uma edição de Paris 1852, que pertenceu successivamente a Coelho Lousada, D. Anna Placido, de quem tem o autografo, e a Camilo em cujo leilão foi adquirido. O livro é já de si curioso, como documento patologico, do *iluminismo* de Nerval que desabrochou, tragicamente no suicidio.

Na pagina da guarda lê-se a seguinte nota do punho de Camilo:

«Este exemplar foi do romancista portuense Antonio Coelho Louzada, falecido aos 26 anos de id.º em 1859. Foi o author da *Rua Escura*, *d'Os Tripeiros* e *Na Consciencia*. Vej. «Bosquejos d'Appreciaçoens», pr. C. C. Br. (1).

A pags. 8, a respeito da personalidade morbida de Raul Spifame, o rei de Bicêtre em comentario á fráse: «changeant de rôle et d'individualité tour a

(1) O titulo exáto do livro é «Esboços de Apreciações Litterarias»—O estudo sobre Lousada vae de p. 100 a 108. Ha tambem equivoco na idade com que morreu o romancista. Foi com 30 anos. Nasceu a 28 de novembro de 1828 e faleceu pelos fins de junho de 1859 (Innocencio—Dicc. I. 113 e VIII, 116). Cfr. tambem «Vinte horas de liteira» e «Coisas leves e pesadas».

tour, être double et distinct pourtant, comme il arrive souvent qu'on se sent exister en rêve», lê-se esta preciosa nota camiliana: «Conheci uma senhora (D. Anna Placido) que, durante a crise nervosa que a prostrava, sentia em si uma dupla personalidade, ou julgava ser uma pessoa diversa. A medicina classificáva esta anormalidade de histerismo»

A pags. 306 ha este comentario dilucidativo sobre a biografia de Cagliostro: «Deve-se ler o que diz Goethe a respeito do Cagliostro nas suas Memorias. Esta biografia é muito phantastica».

Agora, que amorosamente, embora tardiamente se pretende coligir tudo quanto se refira a Camilo, não virão fóra de proposito estas curtas notas.

14 de maio de 1913.

J. F.

Homenagem posthuma

Ha sempre muito que aprender e admirar na bella obra de Camillo, hoje mais apreciada do que no tempo em que elle a produziu. Comprehende-se a admiração crescente dos homens de lettras pelo eximio prosador portuguez.

Começou elle a escrever n'uma apocha em que os intellectuaes, seus patricios, andavam desvairados nos meandros da politica liberal, que tantos homens de valor inutilisou para as fulgurações da sciencia e para as obras primas da arte!

Camillo fazia chorar e rir os amadores de litteratura amena, os burguezes ricos e os moços enamorados de balcão e de manga de alpaca; mas o criterio d'estes não attingia o verdadeiro valor das perolas, que enriqueciam as paginas dos livros, e que são como um escrinio em que se guardam as melhores joias da linguagem portugueza.

Passada a tormenta do liberalismo romantico e sectario, e vista a sua obra ruinosa, o espirito dos scientistas e litteratos da terra portugueza fixou-se na obra maravilhosa de Camillo, em que transluz a mais lidima esthetica.

O torneio da phrase, a harmonia do rythmo, a ironia sibilante e contundente, a maleabilidade do sentimento, que ora fulge na graça hilariante, ora se escurece na tristeza das lagrimas, armam um conjuncto de rara belleza, que prende e suggestiona o leitor.

Diz-se que a obra de Camillo é incoherente e desegual; mas não podia ser outra cousa, conhecida a *tara* da sua familia, o fundo morbido que actuou na funcção nervosa do grande mestre, e d'ahi a desegualdade do seu tracto com os homens, a paixão violenta e nefasta dos seus amores, a mobilidade de caracter, o exagero da dôr e da alegria, tudo isto a contrastar com a defesa brilhante da doutrina catholica, com as reivindicações da justiça offendida e com os effluvios de bondade do genial escriptor.

Os personagens dos seus romances produzem esses cambiantes, e em muitos se retrata o proprio auctor; e caso estranho e nunca visto em escriptores da nossa terra! d'essa diversidade de typos e scenarios, que animam e deslumbram a obra do fecundo romancista, resaltam a originalidade assombrosa, a graça encantadora, a vasta erudição e a pureza diamantina da prosa do *ultimo classico* portuguez.

O sentimento religioso não se extinguiu inteiramente na consciencia de Camillo, embora por vezes se veja amortecido na polemica com adversarios leigos e tonsurados. Era respeitador das crenças religiosas dos seus amigos e admiradores. Quando travou discussão azeda com o sr. dr. J. M. Rodrigues sobre o thema – a *Cavallaria da Sebenta*,—Camillo, que me honrava com a sua amisade, offereceu-me as primeiras paginas do seu trabalho, e não me enviou as restantes para não ferir, com os seus desmandos heterodoxos, a minha fé na doutrina do Divino Mestre. Tinha acções de cavalheiro.

Annos antes, em 1865, foi um dos primeiros escriptores a defrontar-se corajosamente com *Renan*, escrevendo o precioso livro — *Divindade de Jesus* (1) — no qual pulverisa o erro grosseiro do sabio, mas impio historiador francez, que negara a natureza divina ao Redemptor do genero humano.

Foi tal o exito da brilhante refutação, que não se realisou, segundo a noticia corrente n'aquelle tempo, a fallada entrada de *Renan* na Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Mais tarde, em 1882, quando a *raia-miuda* dos jacobinos rompeu em vivas clamorosos ao Marquez de Pombal e á sua obra, por amor á liberdade! Camillo provou, no livro—*Perfil* d'aquelle titular, que se tractava da apotheose d'um déspota com algumas qualidades de estadista, capaz de enforcar *os do vivorio*, por amor tambem à invocada liberdade, se os taes patriotas fossem do seu tempo e o contrariassem na minima cousa.

Alguns escriptores e poetas, com o sangue na guelra, ousaram debicar com o mestre, negando lhe competencia para escrever romances, segundo os processos da eschola realista, e riam-se dos seus versos...

Camillo despicou se da affronta, atirando-lhes á cara o *Eusebio Macario*, *a Corja*, *Os Criticos do Cancioneiro*, etc., e ficaram mudos e atagantados.

Quando o sabio escriptor sr. Theophilo Braga perdeu os seus queridos filhos, Camillo chorou com o desolado pae—*a maior dôr humana* — n'esse admiravel soneto, que é a mais bella expressão da amargura na lingua de Camões.

Eis o citado soneto:

Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravisaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam Deus! A fé implora.
E o céu que respondeu? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pae que em trevas vae sonhando,
E apalpa as sombras d'elles onde os viu,
Nascer, florir, morrer!... Desastre infando!

Ao teu abysmo, pae, não vão confortos
E's coração que a dôr empederniu,
— Sepulchro vivo de dois filhos mortos.

Durante a sua larga permanencia em S. Miguel de Seide, o nomeado romancista escreveu alguns dos seus mais festejados livros, e ao mesmo tempo incutia animo e amor ao estudo a certos jovens plumitivos, que ensaiavam os primeiros vôos nas paginas da *Alvorada*, em que por vezes lusia a penna do eminente escriptor.

(1) Com uma carta do Visconde de Azevedo, a qual é um dos melhores trabalhos do erudito titular

Com tão uteis ensinamentos, alguns moços estudiosos, que seguiram os conselhos do grande mestre, abriram carreira nas lettras e no jornallsmo, e outros simultaneamente se dedicaram á arte graphica, que attingiu notavel aperfeiçoamento na pitoresca villa de Famalicão. Vejam-se as edições da *Casa Minerva*.

Por fim escureceu-se o scintilante espirito de Camillo. *Esgotado de forças*, diz o sr. Alberto Pimentel *exaltada a imaginação como fornalha accêsa, era dominado por tenebrosos pavôres, visões torturantes...* (2)

Estes symptomas funestos, determinados pela *pantophobia* (horror a tudo) e pela *biophobia* (horror á vida), signal percursor do suicidio, provam evidentemente que a morte tragica do preclarissimo escriptor foi um acto de loucura, que teve a sua genese na tara herdada de seus paes e avós. Assim m'o affirmou tambem o medico assistente do desventurado escriptor, o já fallecido Antonio Augusto Rodrigues Ferreira, de Santo Thyrso.

Desventurado, disse eu, e bem apropriado me sahiu o termo, que applico ao auctor das *Horas de Paz*, o qual em palavras santas condemnou o suicidio. e foi victima d'elle!

Não sei o que admirar mais em tão extraordinario homem: o seu genial tato, ou a sua enorme desgraça?!

Até na morte foi esquecido quem tanto brilho e nomeada deu ao seu paiz, e quem tanto honrou e inalteceu amigos, que abandonaram o seu esquife, e deixam cahir em ruinas a modesta casa que habitara o glorioso escriptor!

Só muito poucos, os mais fieis e dedicados o acompanharam na tarde de 3 de junho de 1890 ao jazigo *de emprestimo!* no cemiterio da Lapa, no Porto, aonde eu ouvi commovido a eloquente e sentida homenagem que Alves Mendes lhe prestou, a qual não foi orvalhada de lagrimas dos grandes da terra, dos burguezes ricos e titulares portuenses.

Mas Camillo tinha a visão das cousas; e por isso deixara, como lembrança, aos taes amigos, este soneto em que ficaram retratados:

Amigos cento e dez ou talvez mais,
Eu já contei. Vaidades que eu sentia:
Suppuz que sobre a terra não havia
Mais ditoso mortal entre os mortaes!

Amigos cento e dez tão serviçaes,
Tão zelosos das leis de cortezia,
Que, já farto de os vêr, me escapulia
A's suas curvaturas vertebraes.

Um dia adoeci profundamente:
Ceguei. Dos cento e dez houve um sómente
Que não desfez os laços quasi rotos.

Que vamos nós (diziam) lá fazer,
Se elle está cego não nos pode vêr?...
—Que cento e nove impavidos marotos!

E' bem feito

José de Azevedo e Menezes.

(2) Os amores de Camillo.

Um livro inedito de Camillo

Amavelmente convidado mais uma vez para collaborar em um numero commemorativo da tragica morte de Camillo, mas convidado muito á ultima hora, vejo-me em serios embaraços

para me desempenhar d'este encargo, que, no emtanto, bem simples é; mas tratando se de Camillo, d'esse extraordinario vulto da litteratura patria, que eu mais do que a nenhum outro admiro, não quiz aproveitar-me de pretexto algum para me excusar a collaborar n'essa homenagem.

Assim pois, lancei mão de alguns elementos que eu andava colligindo para um pequeno estudo bibliographico sobre livros de Camillo annunciados e não publicados—estudo que deveria fazer parte integrante do segundo volume da minha *Bibliographia camilliana*,—que, já estou vendo, se não publicará nunca—e d'elles extrahi os apontamentos que reunira acerca do seu livro inedito, *Duarte de Almeida*, e serão esses ligeiros apontamentos a minha modesta contribuição, para a homenagem que *O Leme* hoje presta á memoria do escriptor mais genuinamente portuguez que honrou a Litteratura nacional no seculo XIX.

*

Duarte de Almeida—*romance*, que Camillo Castello Branco chegou a escrever quando andava em Coimbra e do qual fez depois um auto de fé. Ao tractar das poesias de Ignacio Pisarro, escreve Camillo nos *Esboços de apreciações litterarias*, umas palavras em que claramente confessa que elaborára esse romance: «Por causa do sentido romance denominado *Duarte de Almeida*, andei eu por entre aquellas penedias do castello de Aguiar; e, com os olhos postos na imaginaria ponte levadiça, era então o marejarem-se-me os olhos de lagrimas, recordando o alferes da bandeira decepado na batalha de Toro, quando, esquecido de que havia perdido as mãos na defeza da sua bandeira, queria tocar a sineta do castello, e chorava, e dizia ao pagem:

Fernão Telles, nem sequer
Posso tocar este sino!
Nada já posso fazer!
Ai de mim! cruel destino!

«Eu chorava, e já tinha quinze annos n'aquelle tempo! Parece que tive coração com lagrimas até muito tarde!»

Além destas palavras, em que bem se patenteia a indole sentimental e romantica, que foi sempre a nota dominante do caracter de Camillo, temos esta declaração terminante do snr. Alberto Pimentel, que tanto conviveu com o Mestre, no seu *Romance d'um romancista*, a paginas 109:

«Não obstante, nos poucos dias que esteve em Coimbra, Camillo escreveu um romance sobre Duarte de Almeida e a batalha de Toro, *romance de que fez um magusto a pedido d'um amigo sincero...*»

Eis tudo quanto conseguimos apurar ácerca d'este romance do grande Camillo, que, apezar de não dever ser, como se pode deduzir das poucas palavras que se acabam de ler, uma obra prima, pena é que se perdessem, porque elle serviria para a historia da evolução litteraria d'aquelle altissimo espirito, como servem outras pequenas producções litterarias dos seus primeiros annos, que ainda felizmente viram á luz da publicidade.

Henrique Marques.

Portal da entrada para a casa de Camilo

"O Esqueleto,, e "A Geração Nova,,

(Bilhete ao .. sr. Nuno Placido Castello Branco)

Agradeço a V., muito penhorado, o amavel envio do n.º 22 de *O Leme*, interessante quinzenario de que V., é o redactor principal. Ali tomei conhecimento do teor das duas cartas por Guerra Junqueiro endereçadas a Camillo Castello Branco em 7 e 10 de Julho do anno de, provavelmente, 1886. Em ambas ellas Guerra Junqueiro, com um encarecimento exaggeradamente generoso, se refere a certas apreciações minhas, não lhes marcando a procedencia; é o meu volume juvenil de *A Geração Nova*.

Vê-se que Guerra Junqueiro cita de memoria e por isso se engana quando, na segunda d'essas cartas, assevera que eu considero o livro de *O Esqueleto* como «uma das peores obras» de Camillo Castello Branco.

«A mim parece-me uma das melhores», retorquiu, á data, Guerra Junqueiro.

E tambem a mim, a Guerra Junqueiro replicaria eu hoje, se meu desauctorisado juiso podesse corroborar o de outrem, fôsse quem fôsse, mórmente então o da individualidade prestigiosa a quem esse pertence.

Assim, limito-me a esta restricta rectificação. N'esse juvenil livreco de *A Geração Nova* (pag. 48), alludindo ao bello livro de *O Esqueleto*, eu reportei-me, tão só, do seu preambulo, como «elucidativo para a interpretação critica» da obra litteraria de Camillo Castello Branco. Reduzia-me, por essa epocha, o horisonte da comprehensividade esthetica o jacobinismo litterario de Proudhon, inimigo acerrimo aliás do jacobinismo politico; a austeridade e a philanthropia do pensador francez não era só a mim, moço ainda (29 annos de minha illusa existencia) que assombravam e sobrecarregavam. «Se queres enrijar o corpo, toma banhos frios. E, se queres enrijar a alma, lê Proudhon», as *Farpas* assim aconselhavam ao publico portuguez, que nem estava muito disposto a lêr Proudhon nem sequer a tomar banhos frios, segundo as constantes recriminações das mesmas *Farpas*. Eu, Proudhon, sempre ia lendo, de quando em quando.

D'ahi, a minha ogeriza contra o romantismo; e, a proposito, Guerra Junqueiro accentua com segurança «um dos defeitos» da minha critica.

Está exacto e bate certo. Mas o que não está exacto nem bate certo é o asserto de que eu considerava *O Esqueleto* como «uma das peores obras» de Camillo Castello Branco.

Bem pelo contrario. Do mesmo modo como Guerra Junqueiro, eu a considerava então e a considero ainda hoje uma das melhores.

Subscrevo-me, com toda a estima e consideração

De V. etc.

José Pereira de Sampaio (Bruno).

Camillo

... amassou com lagrimas o barro
das mascaras risonhas...

Eu, do escriptor não sei já dizer nada que se não haja dito.

A adjectivação critica á sua obra está feita.

Grande em tudo: na polemica, ninguem o egualou; no romance, psychologo nenhum estudou tão profundamente uma epoca.

Mas do homem, desse é que ainda bem pouco está dito e muito ha para dizer.

As cartas, que *O Leme* tem publicado, escriptas por elle a Anna Placido, a proposito das mais pequenas coisas, sinceras, quentes, impulsivas, com lucilações de carinho, de ironia e de sarcasmo, documentam um temperamento de amoroso exasperado, refugiando-se a miúdo no amor e querendo aturdir-se nelle, prolongando-o no papel quando o desgosto o rendia em frente do trabalho.

A terminação da ultima: *Beijo-te nos olhos e no coração. Recados aos filhos* é a expressão ardente dum affecto mais que physico perseguindo-o, dominando-o intimamente e jorrando nas suas paginas intensas, agonias tremendas de desiquilibrio sensual.

Quantos typos dos seus romances poderão medir pelo romancista as qualidades?

E' o trabalho a fazer mais tarde com os documentos que vão surgindo.

Nuno Simões.

Uma préce

A minha alma ajoêlha e résа cristianissimamente, n'est'ora de saudade, a sua préce toda de amôr feita, pela memoria enorme do mais nobre escritôr da minha lingua.

Camilo, o poeta da dôr, foi um desventurádo, ninguem como êle amou a simplicidade religiosa e comovedôra da nossa gente, a paz monastica e sauda dos nossos lares...

Sofreu pelo seu grande amôr.

Que todas as mães ensinem aos pequeninos, n'uma résа ungida de ternura e de fé, o nome de Camilo e lhes deem ao florescer da mocidade, como herança eterna, uma pagina dos seus livros.

Coimbra, Maio de 1913.

Cunha Mello.

Duas linhas

Um viajante que vá a Bruxellas, verá, n'uma das suas praças, a estatua de Henri Conscience, o romancista das *Scenas da vida flamenga*, e, se por acaso, sendo o dia em que lá vá o do anniversario natalicio do illustre escriptor, vel-o-ha, com assombro, sendo portuguez, com a fronte coroada de rosas, a emergir, não de pedestal de marmore e bronze do monumento, mas d'um montão de ramos de delicadas flores, e de odoriferas plantas symbolicas.

Nem n'esse dia de commemoração publica, pessoa alguma, desde o rei, até ao mais humilde artista, passará, sem que piedosamente se descubra diante da figura, eternamente serena, do grande escriptor nacional.

E' isto assim, lá, e em muitas cidades e burgos, onde aquelles que se elevaram pela arte e pela sciencia, têm, ao partirem para o Desconhecido donde vierem, a certeza de que não serão esquecidos.

Entre nós já assim não é: o com que podem contar é com o olvido, com o esquecimento até dos seus nomes, ou com um ironico e soberano desprêso pelas suas obras.

Onde está entre nós, já não digo a estatua, mas o monumento que «as cinzas guarda de Camillo Castello Branco?» «Raça de ingratos!»

E comtudo, quanto acima não está elle, como pintor de costumes, de Henri Conscience, e de muitos outros escriptores, cujas estátuas adornam as grandes capitaes do mundo!

Assim como Antonio Feliciano de Castilho foi o creador do parnasianismo, antes de surgir essa escola em França, assim foi Camillo quem. espontaneamente creou o romance realista, como elle deve ser. O realismo de Champfleury, e o naturalismo de Zola, além de posteriores em data, não existem na natureza, e excedem em phantasia as mais extravagantes creações das novellas da epoca romantica.

Assim, na *Fausta*, de Edmond de Goncourt, que se atribue a invenção do chamado romance documentario, vê-se, com surprêsa, um gentlman sádico, que aos repastos não bebe senão agua-ardente, em grandes copos, sem que essa bebida infernal, irmã do demonio do gin, como lhe chama Edgar Põe, lhe cause a menor perturbação, sem que ao menos lhe illumine o nariz, á guisa do de Bardolpho que, de noite e n'uma floresta obscura, servia de lanterna a Falstaff e aos seus originaes companheiros!

Assim, na *Fille Elisa*, do irmão Julio, esta rapariga mata, com um canivette, um soldado que ella amava, um mocetão que, com um sopapo, a poderia lançar de pernas para o ar, a alguns metros de distancia!

Assim, no *Assomoir*, de Zola, esse leão que se aprazia, como um pôrco, a chafurdar em lodaçaes de lama, ha um jantar, tornando célebre, em que apparece *um pato*, de que comem todos os convivas, em numero superior a vinte, repetindo alguns, porque estava excellentemente cosinhado, d'onde devemos concluir, ou que os patos, em França, são do tamanho de avestruses, ou que o glorioso historiador dos Rougon-Macquart nunca até ali eu tinha visto qualquer exemplar dos palmipedes d'aquella especie!

E quantas vezes o incomparavel naturalista nos não faz lembrar, de quem? de Paulo de Kock!

Por exemplo: no *Germinal*, uma velha, de pescoço descarnado, arranca, á unha, a um individuo, de cujo nome me não recordo, uma parte do seu corpo, que eu não posso dizer; espeta-a n'um chuço, e é ella quem vae, com esses despojos opimos, á frente dos grevistas. Lá de cima, as damas da Piolina, armadas dos seus binoculos, observavam aquella sinistra procissão. Disse uma: «que é aquillo que aquella velha leva espetada n'um pau?» Responde a outra: «Parece um bocado de carne de porco!»

E assim por ahi fóra, n'elle e em seus numerosos discipulos que enxameam por toda a parte, sobretudo em França.

Não, esse não é o naturalismo. O real, grave ou alegre, sereno ou ironico, é o de Camillo, esse homem de genio, que se não tivesse tido a infelecidade de nascer n'este paiz de analphabetos, já n'outro, em que viesse á luz, e em que edificasse a sua obra monumental, teria sido posto *inter divos*, entre o numero dos deuses.

Console-o ao menos a lembrança, se lá onde a sua alma existe, «memorias d'esta vida se consentem» — de que em nossas almas, de nós que o lêmos, e continuaremos a lêr com uma deliciosa voluptuosidade, elle existe ainda, como um deus immortal que adoramos.

19—V—913.

João Penha.

O Sofrimento de Camilo

No ano de 1885 fui a S. Miguel de Seide, a convite de Camilo Castelo Branco, para um pequeno assunto de advocacia.

Pressurôso por gosar de tamanha honra e receiôso por defrontar-me com tamanho Génio — porque o ambiente maravilhôso e como que sagrado que cérca as Cousas Grandes, homens ou factos, se não apavóra, ao menos inquiéta como o Desconhecido—eu fui e falei com aquêle, de quem, anos depois, por motivo do seu heróico suicidio, tive de escrever:

«A glória déra-lhe, como n'um Capitólio, o primeiro logar entre as sumidades literárias das últimas gerações; mas a desgraça, ciósa d'aquéla, despenhára-o na rocha tarpeia da dôr, em cujo abismo redemoinhavam, como vagas alterosas, a cegueira, que lhe mutilára a existencia fisica, e a loucura dum filho adorado, que lhe cruciava, antes e mais do que aquéla, a vitalidade do sentimento».

O Romancista disposéra, á mesa, duma despretenciosa afabilidade e dum indefinivel encanto de conversação... até que, em meio do jantar, se levanta de chofre o filho Jorge e se retira para uma sala próxima, de onde se ouviu logo o som de desorientados passos e a cascalhada de alucinados risos.

Era o pobre doido, a quem pouco depois dediquei, entre outros, êstes versos:

.....

Ha nêle o refervêr de ingente luta:
a lús que não espanca a tréva horrenda
e a tréva, que por vêzes se alumia,
Um ráio em noite escura... Oh! dôr tremênda!

.....

O pai seguira o desgraçado com a vista angustiada, e, fitando-me, disse: Ah! doutor, que vida de martirio a minha por causa dêste filho!

Compreêndí. Todos os martirios da sua vida cortados de provocações e tormentos, que a gloria talvez não compensasse, eram menores do que a horrivel visão do filho, debatendo-se nas gárras da loucura.

Esta visão, e não a da morte dum ente querido, é que deve ser, penso eu, a maior dôr humana.

A impressão magoadissima de tal scena, sinto-a sempre que recórdo Camilo.

Porisso, em 1887, n'um aniversário do maior talento português do seu seculo, eu a patenteei na «Alvorada» de Famalicão, e na seguinte quadra:

«No teu modesto lar, no teu retiro agréste
ecôam saudações ao teu aniversário:
saúdam uns em ti o sábio, o grande Mestre...
Eu sinto o teu sofrer, ó triste Solitário.

Porto 1 de junho de 1913.

Eduardo Carvalho.

CARTA

—

...Senhor Nuno Placido Castello Branco:

Recebi e li com comoção a carta d'um neto de Camillo. Este nome dá um prestigio imortal a tudo q. nos deixou o homem q. o usou.

O meu estado de saude não me permite escrever a pagina consagrada ao Romancista com q. eu desejava colaborar no jornal dos seus netos. Encontro porém numa pasta isto q. lhe envio, para lhe mostrar q. o seu convite me honrou e enterneceu.

Sou de V. com muita consideração

Affonso L. V.

*

Da Antologia Grega

—

E' a inveja um grande mal raivoso,
mas tem isto de bom, q. vai roendo
e com secreto lume carcomendo
o coração e os olhos do invejoso.

Affonso Lopes Vieira.

O ultimo romantico

Dos escritores portuguêses um dos que mais tém entretecido a imaginação popular é, sem dúvida, o extranho novellista, que vae tomando uma figura maravilhosa de lenda.

Muito se tem escrito sobre o seu temperamento e genio que lhe criaram notoriedade no mundo das letras e comtudo muitos subsidios estão ainda inéditos para a biografia definitiva do romancista, especialmente adstrictos á sua vida galanteadora e impetuosa de audacias amorosas.

Para trazer alguma coisa de novo (pois que o já dito é superfluo) desenterro a annotação de Anna Placido ao célebre *duelo* na Torre da Marca, pela qual se reconhece a paixão já irremediavel da *mulher fatal*, e que talvez seja desconhecida:

«Que pensarás neste momento? Offerecer-se-ha á tua memoria alguma vez uma lembrança minha? Neste momento passa uma sege pela rua e eu sem a vêr oiço-a rodar e involuntariamente me acodes ao espirito. Recordei-me d'aquelle dia em que aqui passaste n'uma com o R. G. e o F. S.—lembras-te? Então tinhas tu desejos de me vêr... Foi na véspera do dia em que correu o *boato* d'aquelle fatal *duelo* que tantas angustias me causou...» Camillo, fugindo ao remorso, tinha-lhe dito:

«A minha alma é uma desharmonia desconexa para a tua — posso amar muito, mas não te amo — tu és espirito unicamente e eu nada mais posso sêr que materia. Fiquemos, pois, aqui.» Mas Anna Placido, na voluptuosidade do seu amôr, registava: «Não penso senão em ti; não me occupo senão das ideias que me inspiras; não recordo senão as tuas palavras e não espero senão impossiveis!» O *homem fatal*, porém, havia de attrahil-a inteiramente:

«A minha ventura era possivel comtigo se me povoasses esta solidão: mas vivo só. A mulher que nasceu para mim és tu... Ainda has de ser tudo para mim!»

E foi, para completar os tormentos de «duas almas enfermas», apesar d'ella, como Jean Reynaud, lhe dizer: — *Ne t'effraie pas de te trouver seule; ton isolement te fait grand.* (1)

*

Para a longa série epistolar do romancista offereço tambem esta carta inedita dirigida ao avô do illustre magistrado dr. Leal Sampaio, então senhor da Quinta do Mosteiro, em Landim, antigo convento de frades bentos, a que por vezes Camillo allude nos seus romances e onde descançava dos seus frequentes desesperos moraes:

Meu prezado Antonio Vicente

Cheguei a um estado de apathia d'alma e corpo que já não me ressinto das honras nem das injurias. Deixei vir o que não podia regeitar sem offensa d'alguem, e da maneira como veio, se não é honra, tambem não é desfalque nos bens. Agradeço-lhe muito lembrar-se de mim. Ando á matroca de medico para medico, e cada vez mais convencido que é necessario morrer resignadamente.

Am.º do c.

Camillo Castello-Branco.

Não traz data, mas é facil reconhecer o assumpto.

*

Ainda, para concluir este pequeno subsidio, a *redacção definitiva* que Camillo deu á poesia *Supplica aos vermes*, depois de publicada em 1885:

«O' vermes do sepulcro, eu pouco posso
Levar-vos ao banquete ensanguentado;
De mim tereis apenas sêco osso
Das prezas da doença escalavrado.
Cevae as vossas fomes no colosso
De carnes e de enxundias bem sucado.
Ha tanto gordo em que fazer destroço!
Pois deixae-me engordar mais um bocado.»

Maio, 31—1913.

Sebastião de Carvalho.

(1) Dum «diario» de Anna Placido.

Camillo, artista

Quem se dér ao estudo da psicologia desta eminente personalidade litteraria, tão complexa nas suas manifestações, a cada passo encontra modalidades e *nuances* novas do seu espirito que dariam assumpto a trabalhos de largo folego.

Pareceu-me bem, ao traçar duas linhas para o *Leme*, em que os seus descendentes procuram erguer á sua memoria um monumento argamassado com as homenagens dos contemporaneos, lembrar uma accentuada e caracteristica feição do seu espirito!

Camillo, não era sómente o lapidário inimitavel, o grande cabouqueiro da lingua portugueza, que desceu ao amago dos seus inexgotaveis jazigos a explorar o mais precioso minerio.

Camillo não foi sómente o inspirado creador de figuras imortaes, de personagens ineditos, que ninguem mais poude trazer á scena, com seus costumes e seus *habitat*, com sua linguagem dum pittoresco unico e inimitavel, com suas colorações *rafinès*, com sua giria, com suas grandezas epicas, com seus vicios e virtudes...

Camilo, com todas as faculdades dum trabalhador excepcional, com as mais raras qualidades dum escriptor de raça, mixto de idealista e naturalista, ora cantando o Creador em paginas duma suprema magestade e dum intenso colorido, ora disfarçando num quasi transparente pantheismo todo o amargo do seu viver, todo o fel das suas horas de infinito pungir, Camillo tinha, em grau elevado, o senso esthetico, e um acurado gosto pelas bellas artes.

Ha, nos seus livros, descripções admiraveis, duns recortes e filigramas delicadissimos, que revelam um artista.

As margens dos seus livros, de consulta diaria, e de estudo quotidiano, estão pejados de desenhos, de arabescos, de manifestações do seu amor pela arte.

Podem os curiosos certificar-se do que affirmamos, indo a Seide, onde os netos do grande morto conservam, com religiosa devoção, esses restos do seu desvalioso espolio.

Herdaram-lhe o gosto artistitico o filho querido, aquelle Jorge, da romantia acacia, que Camillo viu sem a luz da razão — o que lhe amargurou a existencia inteira—e o neto Manoel que, com o Nuno, procuram no *Leme*, com a mais louvavel intenção, perpetuar, honrada e querida, a memoria do avô.

Aquelle, sem a luz da intelligencia, e este sem outros conhecimentos, além duns rudimentos de desenho adquiridos no estudo dos mais simples principios, provam a tara atavica, na propensão para as bellas artes.

Ainda, como prova, e como desculpa, chámo a attenção dos leitores do *Leme* para o desenho que, na 3.ª pagina, emoldura o retrato de Camillo, e que é um trabalho de Manoel Castello Branco, feito á penna, sem regras nem preceitos, unicamente guiado pela luz interior, a que bem podemos chamar uma vocação.

A. Dias Costa.

Palavras amigas

A melhor consagração do glorioso vulto da literatúra nacional—neste dia de saudade e de luto—está feita inexcedivelmente nessas paginas de intenso sentimento. E' monumento de grande valôr e viva emoção, a vibração sincéra e espontánea da alma portuguêsa representada por uma brilhante pleiade de velhos, que remóçam em entusiásmo, e de nóvos, que reçumam amôr e talento nas pérolas que desentranharam do coração e do cérebro, lançando-as generosa e prasenteiramente nas colúnas desta obscura revista. Foi uma homenágem que atingiu a sua culminância, foi um preito que para nós—os descendentes do Romancista—representa um mimo delicioso, que jámais desaparecerá dos arquivos de S. Miguel de Seide e para a literatúra portuguêsa um sûlco de justíça e de lúz, que a soergueu ao seu apogêu de glória.

«O Leme» desvanéce-se jubilosamente pela idêa que agitou, atraindo a éla esse numeroso e radiante grúpo de eruditos e pujantes escriptores, que tam carinhosamente a acalentaram ao peito, tornando-a simpática e grandiósa pela béla encarnação que lhe déram. Isto pelo que fica patente aos olhos de todos, porque, pelo que fica guardado no escrínio do nosso coração, como joias de subido quiláte, a acrescentar ha a estima pessoal, incitamentos e aplausos, que particularmente nos significaram, e que nós jámais olvidarêmos.

A todos, pois, que tam generosamente nos coadjuvaram com as brilhantes irridiações do seu saber e talento, e, ainda, nos estimularam com aplausos e prudentes conselhos para efeito da homenagem em honra daquêle que foi nosso Avô e glória das letras pátrias, a expressão sincéra do nosso cordeal agradecimento, como penhôr de infinda gratidão.

A Redacção

Publicações literarias recentemente lançadas ao mercado

Cartas a um abade

(Sobre alguns aspectos da questão politico-religiosa em Portugal)

PELO

Dr. M. Abúndio da Silva

E' um volumoso livro cujos assumptos se poderão avaliar da seguinte súmula:

Introdução—1.ª carta: A ária da perdição.

As doutrinas religiosas e politicas—2.ª carta: A doutrina católica e as transformações dos regimes politicos; 3.ª carta: A génese anti-católica da idéa republicana em Portugal.

O movimento católico português—4.ª carta: Legitimistas e constitucionaes; 5.ª carta: Em pleno constitucionalismo—O «Centro Nacional»; 6.ª carta: O nacionalismo e os seus processos; 7.ª carta: O fanatismo nacionalista e a crise religiosa e politica.

A Republica—8.ª carta: Perante o novo regime.

Da Revolução á Separação—9.ª carta: A expulsão dos jesuitas e das congregações religiosas; 10.ª carta: A defêza eficaz das ordens e congregações; 11.ª carta: A secularização da vida pública e social; 12.ª carta: Padres, Bispos e fieis.

No regime da Separação—13.ª carta: A Lei da Separação; 14.ª carta: A atitude do alto e baixo clero:

A Republica legalista—15.ª carta: A Constituição republicana; 16.ª carta: As conspirações monárquicas.

A organisação catolica—17.ª carta. A acção dos católicos; 18.º carta: A paróquia sob a Separação; 19.ª carta: Conclusão.

Preço 600 reis. Livraria Editora de Cruz & C.ª, Braga; e em todas as livrarias.

——

Coisas d'agora por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Indice dos capitulos: I—Duros tempos; II—O congresso e a educação da mulher; III—Prégadores e jornalistas; IV—Carmen Dolores; V—O sentimento religioso; VI—A mulher na democracia; VII—Impressões de um artigo de Jules Lemaitre; VIII—A Sr.ª D. Maria Pia de Saboya e de Portugal; IX—Evolução do feminismo; X—Lord Byron; XI—O centenario de Carlos Dikens; XII—The New Machiavelli; XIII—Chateanbriand em plena actualidade; XIV—O barão do Rio Branco; XV—A exposição da casa Leitão & Irmão no Brazil; XVI—Por terras de Portugal e Hespanha; XVII—Jean Christophe; XVIII—O bicentenario de Jean Jacques Rousseaux; XIX—A lição de um naufragio; XX—As irmasinhas dos pobres.

Broch. 600 reis, enc. 800.

—

Ninho de amor, de Ponson du Terrail; trad. de Almeida Campos. Preço 100 reis. Livr. Edit. da Parc. A. M. Pereira—Lisboa.

—

A Dança do destino, contos e narrativas de Luthgarda de Caires. Preço 200 reis. A' venda na Livr. Editora da Parceria Antonio M. Pereira—Lisboa, e em todas as livrarias.

Feminismo e Acção Feminina (*cartas a uma senhora*) pelo dr. M. Abúndio da Silva. Serie de 51 deliciosas cartas para formar exacto juizo sobre o que a mulher póde e deve fazer em nossos dias e qual a atitude que lhe convem tomar perante esse movimento designado sob a rubrica geral de «feminismo». Estas cartas mereceram elogiosas referencias do Episcopado e da Imprensa de Portugal e Brazil.

Eis a súmula dos cap.:

1ª carta: A' guisa de prólogo.

O Movimento Feminista—2.ª carta; A mulhér no paganismo e no christianismo; 3.ª carta: A mulhér e a linguagem da Biblia e dos Santos Padres; 4.ª carta: O que a mulhér deve á sociedade christã; 5.ª carta: O movimento feminista; 6.ª carta: O feminismo actual como questão de pão.

As Reclamações Feministas—7.ª carta: Os direitos politicos da mulhér; 8.ª carta: A mulher perante o direito civil; 9.ª carta: O accesso da mulhér a todas as carreiras e profissões; 10.ª carta: A mulhér e as profissões liberaes; 11.ª carta: A mulher operária.

O Dever Social—12.ª carta: O que é o dever social; 13.ª carta: O sentimento do dever social; 14.ª carta: O tacto social e as novas fórmas da caridade.

A Crise da Familia—15.ª carta: Casamento e divórcio; 16.ª carta: O casamento nas classes pobres.

A Dona-de-Casa—17.ª carta: Que faremos das nossas filhas; 18.ª carta: O govêrno doméstico e a mulher da classe média e superior; 19.ª carta: A mulhér do povo e o govêrno da sua casa; 20.ª carta: As escolas donas-de-casa; 21.ª carta: O funcionamento de uma escola de ensino caseiro; 22.ª carta. O salário da dona-de-casa.

A Mãe—23.ª carta: A pedagogia da educação; 24.ª carta: A preparação para a maternidade; 25.ª carta: O valor intelléctual da mãe; 26.ª carta: Mães que o não sam; 27.ª carta: Mães que o não podem ser; 28.ª carta: O circulo da educação familiar»; 29.ª carta: A senhora Chaptal.

A Acção Feminina e a Melhoria das Condições das Classes Laboriosas—30.ª carta: A legislação protéctora das operárias; 31.ª carta: A defêsa moral da operaria; 32.ª carta: Os syndicatos femininos; 33.ª carta: O trabalho domiciliário; 34.ª carta: A moral da compra; 35.ª carta: As «ligas sociaes dos compradores; 36.ª carta: A diferenciação das classes; 37.ª carta: As colonias sociais; 38.ª carta: «Dona Pobreza».

As criadas de servir.—39.ª carta: Os velhos criados; 40.ª carta: Uma comparação: 41.ª carta: A crise da criadagem; 42.ª carta: A condição moral das criadas; 43.ª carta: A revolta das criadas; 44.ª carta: A reforma do serviço domestico; 75.ª carta: As consequencias da crise.

Outras iniciativas feministas.—46.ª carta: Patronatos e recreatório; 47.ª carta: Colónias de férias e banhos rios; 48.ª carta: Os jardins operarios; 49.ª carta: O despovoamento das aldeias; 50.ª carta: As pequenas industrias ruraes.

Conclusão.—51.ª carta: A formação religioso-social da mulher.

1 vol. de 464 pag., optima ed., 600 réis.

A' venda na livraria Editora de Cruz & C.ª—Braga, e em todas as livrarias.

O LEME

NUMERO COMMEMORATIVO

AVULSO 100 REIS

1.º Anno—2.ª serie

S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

N.º 24

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Composto e impresso na TYP. MINERVA—Famalicão

Disse Henry Heine que lhe transportassem o cadaver sobre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez a que me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco.

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal

S. Miguel de Seide — Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sélo	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

S. Miguel de Seide, 15 de Junho de 1913

Estatua de Camilo

Manoel de Sousa Pinto, o contista delicado do «Gomil dos Noivados» e fino ironista do «Feminario», no ultimo numero do *Leme* dedicado á memoria do Mestre sublime da literatura portuguêsa, apéla para a mulhér portuguêsa para que seja ela quem pague a divida de reconhecimento da nossa Patria, ao romancista egrégio do «Amor de Perdição», sacrificando uma das suas joias inuteis.

Seria belo, seria grandioso, mas é inexequivel.

A mulhér portuguêsa é, em geral, por mais que ao nosso espirito doa o confessa-lo, duma avareza ilimitada, sempre que se trate de qualquer despeza que não entre no numero das suas exigencias de *toilette* ou de capricho.

Bastantes ocasiões temos tido de observa-lo, quando ao concurso feminino recorremos para qualquer obra de beneficencia, ou solidariedade. Profundamente conservadora e monarchica, na sua maioria, seria d'esperar que as senhoras que á mulher portuguêsa teem recorrido para auxiliar os presos politicos, extremamente pobres, encontrassem nela esse auxilio que a analogia de sentimentos, e não já a obrigação humanitaria de socorrer o nosso semelhante desgraçado, lhe suscitasse. Excéptuando D. Constança da Gama, nenhuma das outras senhoras encontrou o caminho que conduzia á comiseração feminina pelo infortunio dos seus correligionarios. E D. Constança encontrou, porque?

—Tendo sido escolhida pelo ex-rei para distribuir os socorros por ele ofe-recidos, adquiriu aos olhos das mulhéres, o necessario prestigio para se transformar numa especie de arma de combate.

E a benemerencia desappareceu, dando logar á satisfação do capricho —arreliar os jacobinos.

Esta inferioridade, porque não ha duvida que o é, será desculpavel? Nós crêmos que sim.

A mulhér, entre nos, na sociedade que conhece Camilo, não tem dinheiro propriamente seu, salvo raras excepções. Governante do que o marido lhe entrega por conta, peso e medida para as despezas do *ménage*, passa, ás vezes, torturas, para conseguir economisar uns cobres que lhe permitam a consecução dum desejo. Este desejo, pela sua educação e pelo meio em que vive, creado pelas frivolidades e ilusões em que o homem a embala, não é, por certo, a beneficencia, nem o concorrer para o levantamento do nivel

---

FOLHETIM

Anna Augusta Placido

Nucleo d'agonias

ROMANCE ORIGINAL

Quando vejo uma pagina d'estas sinto-me tomada d'uma especie de veneração por essas creaturas que viveram, pensaram e amaram, e que hoje jazem desfeitas no pó, sem deixarem talvez na terra quem as chore, ou aprecie seus legados. E, perdoe-lhe V. ex.ª a rudeza das minhas expressões, magoa-me o olvido em que achei este livrinho, e que prova o destino de sua dona.

E' pois bem morta esta alma! Triste destino o da humanidade! As gerações que passam; os mesmos laços do sangue adormecem no languor dos prazeres, ou nas tristezas da vida, sem volverem olhos para os que lá ficam ao longe!

Não vá v. ex.ª agora acoimar-me de importuna. Eu tenho d'estas excentridades que é preciso relevar-me. Confessarei com toda a franqueza, e sem medo ao «ridiculo», que me sinto presa não sei porque insondavel mysterio a esta assignatura, cuja recente data está protestando contra o esquecimento dos seus... *Branca d'Alvarães!* Basta este nome para despertar-me um tropel de idéas que me angustiam.

Branca era o nome de minha mãe, que infelizmente baixou á terra para eu sofrer d'ahi a pouco a dupla orphandade que tão funesta me foi.

Imagino que devia ser a dor de perdel-a que logo apoz me roubou o amor de pae, e que lá estão ambos no ceu, gosando o bem que talvez não conseguiram lograr na terra. E assim fiquei eu no mundo sosinha, sem amparo, creio que aos dois annos de idade, quando nos são tão necessarios os carinhos do seio maternal. D'aqui provem a triste influencia que tem pesado sempre sobre o meu destino.

Sem conhecer parentes, sem saber a que familia pertenciam os que me deram o ser, sem ter mesmo pessoa que interrogue a tal respeito, acho-me como deslocada e em terra estranha, quando ouço todos os outros fallarem nos seus antepassados.

(*Continúa.*)

intelectuais do seu país, coisas que não aumentarão as suas graças, nem a tornarão mais querida do homem—o seu único objectivo, aquele que lhe ensinaram a adorar como um ser omnipotente e omnisciente e que a troco dessa adoração lhe proporcionará os meios de viver num relativo bem-estar. O sr. Sousa Pinto sabe bem que uma mulher d'iniciativa é classificada em Portugal de epítetos pouco agradaveis, que vão desde *radicalo* a *perdida* e que todos os homens temem, porque não é das coisas mais seductoras o ser considerado *Gonçalo*... Em Portugal, apesar de todo o decantado progresso e da civilisação que nos alumiam, só uma teoria é admitida como verdadeira —a de Gautier: «A mulher, desde que seja formosa, dispensa a alma e o talento». Nós assim fomos creadas e não sei se nos convirá assim educar as nossas filhas...

O brilhante auctor da *Terra Moça* numa das paginas do seu *Seminario* classificou a mentalidade da mulher de *saloia de ideiasinhas cortadas aos bocados, temperada pelo vinho doce do seu sorriso, regada talvez de onde a onde de lagrimas que não têm dôr e na qual, entre os fragados restos dos beijos, sobrenadam as moranguas saborosissimos dos seus beijos.*

E, enquanto a mulher for intelectualmente essa *pequenaise* idiota, sem uma educação racional e justa a orientá-la, nada ha a esperar da sua iniciativa. Perca o homem um pouco desse intratavel egoismo que o absorve e deixe de considerar-se um rei absoluto permittindo-lhes que sejam ao seu lado companheiras não só possuidoras de encantos physicos, mas sobretudo d'espirito culto e civilisado. Obrigue-se a criar responsabilidades e deixe-lhe os direitos compativeis com o seu sexo, descriminados, nas exigencias que ela formula, é serias do irrisorias e então essa boneca articulada, de cabecinha ôca e espirito futil, terá iniciativa, saberá comprehender o genio, levantará estatuas e educará cidadãos. E só então Portugal evitará a vergonha de que os ossos dum grande prosador, o maior de todos, estejam num jazigo emprestado e que os poetas, que honraram o seu país, morreçam de pão.

No entretanto, nós continuaremos a ser o que ao homem convem—um movel de luxo e, pela satisfação de um dos nossos caprichos, vamos concorrendo com uma quota parte das nossas economias para a grande exposição de Eleanor Marsal—o Príncipe—e dispondo perfeitamente em harmonia com a educação que recebemos e com o nosso intelecto baralhado e confuso.

Lisboa, 3 de junho de 1913.

Delmira de Sousa.

Camões (1)

Contar, a reviver-lo, um conto dad
Em que ria e chorou rústica gent
Prendendo-lhe o sentido do Presente
Nos sumidos mistérios do Passad

Tudo melhor sentir quanto gerado
Das extremes paixões—indiferente
Ao que não fosse o cómico e o punçente
D'um mundo humano forte e limitado:

—Tal seu maior condão. Na Natureza
Scenários via só *in acção vivida*,
Essa alma castelhana e portuguêsa.

E foi por não poder a luz perdida
Engastar com memórias de Beleza,
Que a morte preferiu á inerte vida...

Coimbra—13 de maio de 1913.

Manuel da Silva Gaio.

(1) Por ter saído errado o 8.º verso na palavra *nado*, em vez de *manso*, reproduzimos este belo soneto, que foi publicado no passado número.

A minha impressão

(Em duas palavras)

Ao terminar ha dias a leitura do «Leme» commemorativo do vigessimo terceiro aniversario da morte do infeliz romancista que se chamou Camilo C. Branco, eu senti invadir-me todo o meu ser como que um frémito de incomparavel jubilo, a par duma tristeza ainda maior. De jubilo, ao ver a homenagem sentida e sincera que essa pleiade de escritores de raro mérito e alta inteligencia, acaba de prestar ao mais eminente vulto da literatura nacional do século findo—homenagem que bem profundamente nos mostra quanto é saudosa, quanto querida, quanto é idolatrada, a memoria do estrondoso homem de letras.

De tristeza, porque fez precisamente 23 annos que a patria perdeu a sua mais brilhante gloria literaria, o homem que mais facilmente interpretou o genio d'um povo. Que enorme e irreparavel lacuna se abriu nas letras patrias, depois que no estertor mais intenso da sua agonia, no delirio mais cruciante da sua dôr ele buscou rapido e veloz o ultimo lenitivo na bala d'um revolver! Mas do homem gracioso, do genio forradavel de Camillo, festejamos hoje para mais accrisolada saudade e mais sentida veneração, a sua monumental e portentosa obra. E no desenrolar das suas paginas que o homem se nos apresenta nas suas diversas fases. Vê-se e sente-se a dôr e o prazer.

Leiamos pois as suas obras. Busquemos nas mais intrincadas entrelinhas dos seus livros a definição do enigma que foi a sua vida.

Façamos por propagar a leitura dos seus livros que encarnam a mais acerba crítica social. Habituêmo-nos a amar e a tornar mais conhecida ainda essa grandiosa obra, e teremos cumprido assim um dever, prestando á memoria do talentoso escritor, o preito da nossa mais profunda admiração, e homenagem sentida decida da nossa alma de portuguezes.

Barcellos, 10 de Junho.

M. Rêgo.

Perolas escondidas

(Cartas de Camilo Castelo Branco e sua esposa D. Ana Augusta Plácido)

1 hora da noite—7.ª feira

Gosto de saber-te nestas crises penosas. Estou cheio de dores nevrálgicas nas pernas, e tenho a cabeça em fogo. Attribuo isto ao sol que sofri até á Portella. Tenho empregado inutilmente todos os meios de costume. Aterra-me a ideia de morrer longe de ti. Não me assustam as dores nem a cabeça.

Estou na Cardinha—Hotel Restauração. Sozinho sem ninguem a que recorra. Deus se compadeça do teu pobre C.

Vou-me deitar outra vez.

Vejo-te a dormir serenamente. Deus o permitta.

Teu

Camillo.

Irracionaes classicos

Costa e Moraes e C. C. Branco em correspondencia epistolar com este romancista. Cartas posthumas de F. Gomes da Amorim, Rebello Peixoto e L. A. Palmeirim. (*De ordem particular de S. Miguel de Seide*).

1.ª CARTA

Meu querido Camillo

A tua carta magoou-me profundamente, porque do respeito ao teu infeliz filho, impressionado por ella, escrevi no *Commercio de Portugal*, que te remetti, a noticia que se refere á tua *Brazileira de Prazins*. Se n'esse artigo achares alguma cousa que te magoe, perdôa-me. Elle representa, embora mal expressada, a opinião sincera de um dos teus mais antigos admiradores.

Sei que a S[illegible], amargurada pela dor propria e pelo espectaculo pungente do estado da S. Ignez Jorge, tem de ver pezada. Mas é preciso que vás só escrevendo livros [illegible] grande. Reage, reage e reage. Deus al[illegible] para ser superior ao teu destino.

Páro aqui, porque tudo mais que te dissesse seriam banalidades.

Manda-me agradecer ao Chevalron, que m'o pediu, [illegible] o teu livro.

Abraça-te e cumprimento os teus.

Teu velho am.º do coração

Lisboa, 4 de Fevr.º 188[illegible].

F. Gomes de Amorim.

2.ª CARTA

Março 20, 1883.

Meu Camillo

Vejo agora n'um jornal que tu estás doente.

Fico sobresaltado. Quando poderei escreve-t'as palavras para a rua do Prior?

Teu do coração

Bulhão Pato.

3.ª CARTA

Meu caro Camillo

14 de Maio.

A tua carta alegrou-me. E' sempre bom ouvir uma voz amiga quando a gente anda na faina de fustigar garotos. Quando se chega á nossa edade e se apanha em silencio [illegible] bordoada, fica-se [illegible] no fim da lucta. E' por isso que eu cá não luto, e se me fôr preciso, irei até ao chicote. Eu ando ha [illegible] encommodado das pernas, mas com isso e [illegible] pontapés que tenho no corredor, deixa-os vir, e ouviras contar o que se passa. O Belzemonio (que tem estylo [illegible] moda d'elles) é o maximo tratante que tem pesado [illegible] penna nestes ultimos vinte annos. Dá-lhe da chronica, e ha de ouvir [illegible] que elle nem siquer imagina. O Mariano Pina (vulgo *Zé Segundo*) é outro que tal. Ha pouco tempo ainda eu e os dois se accusavamos reciprocamente de ladrões. O roubado era Zola. Como o caso não ficou bem apurado entre os tres, pinguei-lhes [illegible] levar-lhe mal que eu decida que foram emfim os expoliadores da fazenda [illegible] Por emquanto como a [illegible] nenhum d'elles me retracou. Tenho estado [illegible] mas em voltando [illegible] fico, e vou sem dó nem [illegible] Remetto-te o opusculo que os patriotas do 1.º de Dezembro me encommendaram em tempo, e que [illegible] offensivo da memoria do [illegible] como [illegible] para invocar [illegible] antes de tudo provar quem [illegible]

pias. Tu não imaginas [illegible] que [illegible] de pedantes se [illegible] commissão [illegible] de Dezembro, sem [illegible] com os nomes dos heroes de 1640, e que são tanto [illegible] delles como nossos. Emquanto ao [illegible] de Miguel Osorio, [illegible] n'isso é bom. O patriotismo azedou-se-lhe no [illegible], e transformou-se de [illegible] em [illegible]. Eu tinha lido o teu livro e tomado nota das [illegible] mas guardava-a para quando reunisse os 45 estudos que tenho feitos de mulheres que borraram papel.

Adeus, meu Camillo. Quando vens tu tempo de vir a Lisboa?

Teu em verdade

L. A. Palmeirim.

Sciencia Religião & Artes

Uma decepção

(De Mark Twain)

Devem lembrar-se que ha [illegible] mente uma leitura publica dedicada aos alumnos da *Clayonian Society*. Na tarde desse dia estava eu conversando com um dos alumnos supra referidos, quando êle me disse que um tio seu, por qualquer motivo, parecia ter vivido permanentemente alheio a todas as emoções. E foi de lagrimas nos olhos que esse rapasinho me disse:

—Oh! ¡Se o meu tio fosse capaz de o fazer rir uma vez! Oh! ¡se me fosse dado vê-lo uma vez chorar!

Isto impressionou-me. Não resisti ao encanto á voz de alluvião. Disse-lhe:

—Traga-o logo á minha leitura. Hei de dar-lhe tal commoção, para corresponder a sua vontade.

—Oh! ¡Se lhe fosse possivel, pelo menos, fazer isso! Se tal conseguisse, toda a nossa familia o abençoaria para sempre, porque estimamos muito aquêle tio. Oh! meu bemfeitor, ¿se o podesse fazer rir?—¿e se pudesse humedecer com algumas lagrimas consoladoras aquêles olhos resequidos?

—Eu acho-me profundamente commovido, disse-lhe.

—Meu filho, traga-me o seu velho parente. Introduzirei algumas graças na minha leitura que por fôrça o hão de fazer rir—se dentro dêle houver algum riso; e se elas errarem fôgo, tenho então de reservar uns casos que o hão de fazer gritar por socôrro ou talvês ráe que o matem: uma das duas.

Então o bom rapaz abraçou-se, chorando, ao meu pescoço, agarrou com ambas as mãos a minha cabeça, levantou os olhos ao céo, resmungou fôsse o que fôsse reverentemente, e foi buscar o tio. Sentou-o no logar mais saliente, na segunda fila de bancos, e eu comecei a leitura dirigindo-me a êle. Principiei a experimentá-lo com [illegible] graças moderadas; depois [illegible] mais penetrantes; passei a aplicar-lhe [illegible] regulada algumas [illegible] vezes, voltei logo a passar pelo crivo outras [illegible]; disparei-lhe para cima velhas [illegible] e pondo-o de [illegible] cabeça com outras novas em [illegible]. Tornei calor na minha tarefa, e assaltei-o pela direita e pela esquerda, pela frente e pelas costas; [illegible] divorciei-me e gritei até ficar rouco e doente, febril e furioso—mas [illegible] uma vez o tigrei de leve—não fui [illegible] de lhe arrancar nem uma [illegible], nem um sorriso! ¡Nem a sombra de um sorriso, nem a suspeita de um [illegible]! ¡Eu estava perdido! Encerrei a leitura, por fim, com um grito de desespêro—com uma explosão selvagem de mau humôr—e atirei-me em cheio com uma atrocidade sobrenatural a êle expressamente dirigida. ¡Nem [illegible]! Então sentei-me exausto e desorientado.

O presidente da sociedade veio ter comigo, banhou-me a cabeça com agua fria, e disse-me:

—¿O que é que o fez exercitar tanto agora para o fim?

Respondi-lhe:

—Estive experimentando fazer rir aquêle velho e doidivas idiota, que está ali na segunda fila.

Então o presidente disse-me:

—Bem, esteve a desperdiçar o seu tempo, porque êle é surdo e mudo, e cégo como uma toupeira.

Diga-me agora ¿o que merecia o sobrinho daquêle velho, que assim esteve abusando da simplicidade de um homem tão sincéro como eu.

Noticias & echos

Obito

Falleceu em Braga, repentinamente, o sr. João Augusto de Sousa, genro do antigo proprietario da Quinta das Aguas, defronte Cancella, Barão de Fornellos.

Festividades e romarias

Com a pompa e esplendor do costume realisa-se hoje na visinha freguesia de São Paio de Seide a tradicional romagem em honra de Senhor do Passo. Costuma ser muito concorrida por familias da vila de Famalicão e Santo Thyrso, e por todas as freguezias circumvisinhas. No arraial tocarão as musicas de Landim e Delães.

De manhã ha festividade religiosa na egreja, com missa solene a grande instrumental e sermão, que foi confiado ao inteligente orador sacro e nosso prezado assignante sr. P.e Manuel da Costa Ferreira, dignissimo abade da freguezia da Carreira.

Aos nossos confrades

Pelas amaveis referencias que nos fizeram os nossos confrades d'«O Democrata», de Santo Tirso, d'«O Leiria Ilustrada», de Leiria, «O Povo de Basto,» de Celorico de Basto, d'«A Beira Alta», de Armamar, d'«O Jornal de Coimbra», de Coimbra e da «Gazeta de Taboaço», de Taboaço, a proposito do nosso numero comemorativo, aqui lhes protestamos a expressão do nosso cordeal e sincero reconhecimento.

Aos nossos colegas locaes d'«A Desafronta», d'«A Estrêla do Minho,» d'«O Porvir» e d'«O Sorriso», que, além d'outros, nos deram tambem nesta ocasião mais uma prova da sua consideração, egualmente os protestos da nossa estima e lealdade.

Desastrada quéda

Por um natural descuido, quando fazia exercicio, caíu d'uma elevada escada o habil e enthusiasta bombeiro voluntario sr. Antonio Viegas Junior, filho do inteligente escrivão-notario, desta vila, sr. Antonio R. R. Viegas. O arrojado mancebo fracturou uma perna e teve uma entorse na outra, pelo que foi recolhido a casa de seus paes bastante maltratado e contuso. Que em breve se restabeleça o simpático môço são os nossos maiores desejos.

Afogada

Em Gavião foi acometida de uma congestão, quando estava lavando uma roupa, numa pôça do logar da Deveza, Maria de Oliveira, mulher de Antonio Carvalho Tinôco. A infeliz foi socorrida quando ainda dava signaes de vida, mas pouco tempo sobreviveu.

Principio de incendio

Na fabrica de relogios dos srs. Carvalho & Irmão houve um principio de incendio na penultima semana, que foi debelado prontamente pelos operarios da fabrica. Compareceram no local os bombeiros voluntarios e municipaes, que não chegaram a funcionar.

Santa Casa

Os mesarios da Santa Casa de Misericordia deram já começo á construção d'um balneario destinado aos enfermos do Hospital desta vila.

E' um melhoramento de grande alcance desde ha muito reclamado pela sciencia médica.

Excursão

Fizeram-na de automovel, pelas Beiras e Extremadura, os nossos assinantes srs. Manuel Ferreira Barbosa e José Guilherme de Abreu Monteiro, regressando sem o menor incidente do seu passeio recreativo, pelo que os felicitamos.

Artigo editorial

E' do nosso presado colega local «A Estrela do Minho» o nosso artigo editorial, devido á pena da ilustrada e judiciosa chronista de Lisboa D. Dolores de Sousa.

Corrigenda

No artigo «Notas Camilianas» do nosso numero passado, no sub-titulo saiu: **A data dum soneto**, quando devia ser: **Nota ao «Judeu»**. Deste lapso pedimos desculpa ao seu ilustrado autor.

Falta de espaço

Por falta de espaço tivemos que retirar do numero d'hoje o *retrospecto bibliografico* das edições que recebemos, cujos anuncios vão na secção respectiva e para os quaes chamamos a atenção dos nossos presados leitores.

SALA DE VISITAS

Fazem annos:

No dia 17 do corrente o nosso subscriptor sr. padre José Dias Velloso, prior de Landim. Bem nos parecia que a pressa de tanto avançar lhe havia de fazer cair sobre a cabeça as primeiras nevadas do inverno. Que multiplique muitas vezes a conta é o nosso desejo.

—No dia 20 a gentil mademoiselle D. Corina d'Almeida Encarnação, do Porto,—a inveja dos archanjos em pureza e dos querubins em formosura.

—No dia 29 a galante mademoiselle D. Patronila Gonçalves Ralha, de Santa Maria d'Abade de Vermoim, nossa dedicada assignante, a quem desejamos que os futuros annos se multipliquem como as estrellas do céo, de que é rival.

—Em 24 de julho (vamos antecipando, para que não esqueça) o nosso estimado assignante sr. Alfredo Loureiro, eximio guarda-livros na cidade do Porto, —uma pérola para quem tiver a dita de conquistar-lhe as louçanias das suas 19 primaveras.

—Em 29 do mesmo o nosso sympathico conterraneo José Alves da Silva, habil empregado do commercio na sobredita cidade tripeira, cuja bondade e graciosa *pose* tantos cuidados tem dado á *sua Ritinha*, que sonha talvez em rivaes a todos os momentos. No caso de esquecer no dia, sirva este registo de cartão de sinceras saudações para todos.

Já os fez:

No dia 6 o nosso illustre collega d'«A Desafronta» sr. Ernesto Lopes Guimarães, pelo que o felicitamos.

—Está justo o enlace matrimonial do sr. Joaquim Mendes da Cunha com a elegante menina D. Elisa Mesquita, filha do sr. Francisco Corrêa de Mesquita Guimarães, nosso presado assignante.

—Tivemos o prazer da visita dos ex.mos srs. dr. Mattos Chaves, de Lisboa, Camillo Pereira Coutinho, recentemente chegado do Rio de Janeiro, Delfim José da Silva, empregado da casa bancaria Brandão & C.ª, de Famalicão, e padre Ernesto Ferreira, capellão em Campellos (Guimarães); e das ex.mas sr.as D. Candida Malheiro Cardoso da Silva, professora oficial de Requião, e D. Lucilia Macêdo Vieira de Castro e Costa, irmã do nosso presado amigo dr. Americo Jazelino Dias da Costa, dignissimo official do Registo Civil, em Gondomar.

Acaba de aparecer

Mês de Junho

OU

Mês do Sagrado Coração de Jesus

por **JOSÉ AGOSTINHO**

Com aprovação e recomendação do Sr. D. Antonio Bispo do Porto.

PREÇO 100 RÉIS

Livraria Portuense, de Lopes & C.ª-Suc.—119, Rua do Almada, 123—PORTO.

NOVIDADE LITERARIA

O Problema da Felicidade

POR

PAULO COMBES

Acaba de sair, em brilhante tradução, este admiravel livro do autor consagrado dos Quatro Livros da Mulher, a saber: O *Livro da Esposa*, O *Livro da Mãe*, O *Livro da Dona-de-Casa*, O *Livro da Educadora*.

O *Problema da Felicidade* custa 500 réis br. e 700 enc.

Livraria Portuense de Lopes & C.ª—119, Rua do Almada, 123—Porto.

O Poema do Lar

POR

José Agostinho

Acaba de saír, em 2.ª edição popular, este belo livro de versos do consagrado poeta do *Cristo*.

PREÇO, 100 REIS

Livraria Portuense de Lopes & C.ª—119, Rua do Almada, 123—Porto.

1.º Anno—2.ª serie | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 25

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Composto e impresso na TYP. MINERVA—Famalicão

Disse Henry Heine que lhe transportassem o cadaver sobre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez a que me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco.

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal

S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sélo	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

S. Miguel de Seide, 1 de Julho de 1913

A CONSAGRAÇÃO

O sr. general Henrique das Neves, um intellectual de outros tempos, entrevistado ha dias sobre a casa dos Artistas, a generosa iniciativa de Sousa Costa, affirmou que nunca a difficuldade affligiu os consagrados.

Exceptuou Camillo Castello Branco apenas.

E no numero dos consagrados mencionou Anthero, Oliveira Martins, Eça, Fialho, Raphael Bordallo, e Lobo d'Avila.

E' aqui occasião de eommentar as palavras do velho homem de lettras que nós sabemos vivendo hoje de braço dado com os novos, alimentando a chamma viva dos cavacos e a alampada da *blague* com seus infinitos recursos de literato de outras grandes gerações e com seu affectuoso convivio de homem bom.

Esquecendo o infortunado caminho de Camillo pela vida, no seu nobre isolamento, a que batiam raramente duas ou tres preciosas amisades de homens velhos e que, não obstante ter como ninguem impresionado a sociedade do seu tempo, não logrou do publico o interesse á sua obra devido, urdamos o corpo de delicto dos enunciados felizes no rol do general Henrique das Neves.

Oliveira Martins e Lobo d'Avila, alçapremados ao poder e aos commodos (pelo menos economicamente) cargos da governação, ficam alem da raia dos consagrados, visto que o foram ao mesmo tempo nas lettras e na politica.

Mas Eça, Fialho, Anthero e Bordallo quando lhes chegou a consagração?

Ao sr. Administrador de Leiria que tinha depois de revelar o *Crime do Padre Amaro*, não fossem os amigos condusil-o á relativa independencia dum consulado, não lhe sorriria ao canto da bocca aquelle desdem que o immortalisou.

A Fialho, Anthero e Bordallo não lhes levou o publico os favores.

O artista supremo do *Paiz das Uvas*, em todos os seus livros, se queixa do publico, dos editores e da *má-vida*.

Então, nas paginas flamejantes dos *Gatos*, o chicote da sua ironia estala ameaças que nas carnes flacidas da opinião põe tremores como se as fustigassem.

A Raphael Bordallo só um trabalho exhaustivo, exgottante, medonho, poude darlhe remediada vida.

Anthero nasceu de familia rica.

E aqui está o que foi o desafogo dos consagrados.

Não houvesse a politica, o casamento e a sorte marcado logares rasoaveis aos homens de pensamento, e a consagração deixa-los-hia morrer como deixou os outros, tantos que ao sr. Henrique das Neves esqueceram e foram todos, porque ha muito que os escriptores em vez de honrarem os dirigentes lhes fazem medo.

E pergunta-se: o que é preciso para se entrar na ala dos consagrados?

—Que os jornaes afinem as cordas das suas violas para a chula louvaminheira?

—Mas então todos os que escrevem são grandes, talentosos, distinctos e, porque não, geniaes.

—Que o publico extremeça e vibre de coleras e enthusiasmos, de sonhos e aspirações supremas e venha de joelhos beijar os pés do artista?

—Nesse caso os traductores de Conau Doyle ha muito que haveriam repartido a gloria, entre elles, tamanha é a febre da leitura policial e tão completa a ignorancia que o publico tem dos nossos grandes iniciados, Camillo, Eça, Fialho, Antonio Patricio, Teixeira Gomes, Silva Gayo, Eugenio de Castro, Teixeira de Pascoaes, Gomes Leal, Junqueiro, Soares dos Reis, Columbano, Theophilo, Bruno e Anthero.

Cartas escondidas

Carta de Camillo Castello Branco a sua esposa D. Anna Augusta Plácido.

M.ª f.ª

Vencido pelo tedio, como lhe disse, vim p.ª o Porto. Tornou-se-me insupportavel a vida nesse pessoa neste, pelo aggravo de torcicólo. Fastio e pouca alimentação. Estamos no Universal. O Gomes de Braga disse-me que ouvira isto ao medico Antonio M... O Carrilho, de que padecem ha annos já de lá ter morrido. Tem-lhes horrorisado, no desalento em q. estão, não poder viver. Isto é de uma exactidão mathematica. Não posso viver. A vida assim, crei Matosinhos e insultou o Castro. E' uma esperança que ainda me ampara, não sei como. E' todo esse resignar-nos. E' forçoso haver seja de que fôr. A crueldade da sorte tem sido extraordinaria comigo. Hade pedir a algum medico claro como o Reis ou o Gramacho q. me digam a verd.ª sem rodeios. Se tenho de soffrer, filha, não volto ahi; não quero que me vejas nem quero ver o meu Jorge. Seria exacerbar-se precisão a[illegible] Agouia. Crê que ao approximar-me da barra final, não terei saudades de nada, nem sentirei a necessidade de ter vida. A morte tem isso bom. Convence-te tu, no meu estado e no meu desalento não ha levanta ninguem. A's vezes quero tirar do espirito forças extraordinarias, mas o corpo a esburacar-se em cavernas á m.ª ilusão de uns momentos. Escreveria m.ª do q. posso, nem sequer posso curvar a cabeça p.ª ver o papel. Em tempos disse-me que seria bom acabarmos ao m.º tempo. Não succumbas emquanto podermos viver a chorar o Jorge; mas quando eu morrer, não tenhas pena de deixar este inferno de dores. Não p.ª ninguem de cá deixo o coração preciso e a valentia da resignação. Não infortunio M.ª nada é como q. seria hoje o prazer de te fazer a caseirinha das desgraças de 28 annos que me reduziram a este esqueleto cheio de dores.

Adeus, minha.

Teu m.º do

C. Castello Branco.

Irradiações classicas

Contemporaneos de C. C. Branco em correspondencia epistolar com este romancista. Cartas postumas de Fialho de Almeida e Manuel Negrão. (*Do archivo particular de S. Miguel de Seide.*)

1.ª CARTA

Ill.mo Ex.mo Sr.

A minha saude não me tem permittido agradecer o [illegible] *Historia da Lon-*

[illegible], que Carrilho me enviou ha tempos, por uma benevolencia que ainda reconheço e honra ao mesmo tempo. O que ora faço, esperançado que me perdoará, de ousar tão tarde dizer-lhe ainda uma vez o culto fervoroso que me inspira toda a sua obra, e o orgulho em que estou vivo, de ser lembrado sempre por um homem da sua envergadura.

Se eu quizesse, a respeito da «*Miseria da Fonte*», sahir d'este formulario banal de agradecimento, difficilmente por certo na escolha de verbo conseguiria formular a minha admiração. Balzac dizia de Hugo, i'oiseau-aigle et já celebre: — Victor Hugo! C'est un grand homme N'en parlons plus.

Na altura em que para o seu nome caco nasce, os homens de lettras só teem para saudal-o aquelle dito do romancista — tão unanime sympathia os colligara na admiração do seu genio.

Beijo-lhe as mãos respeitosamente.

[illegible] nova de S. Domingos, n.º 2.º esq.—Lisbôa.

Fialho d'Almeida.

Meu Camillo

Hontem, dia de Paschoa, recebi a tua estimadissima carta. Fiz della a minha Festa. vinha-me de ti, era uma carta tua. Tu estás por tal modo ligado ás vicissitudes da minha vida de rapaz, que não ha hora em que eu não te encontre nas minhas recordações, nas minhas saudades, no meu coração. Obrigado por ella.

Eu continúo na posse da minha [illegible] saúde. Quem me dera repartil-a comtigo!... E repartia, creio que repartia; assim os fados nos aproximassem que eu havias viver um pouco a minha morte, isto é, conservar e separar!

Ora pois vê pela medicina, mas sem exagêros!

Eu estou muito occupado com [illegible] labutações de vessadas e outros serviços urgentes. Logo que possa ahi saltar, que eu arda no desejo de vos tornar a vêr. Venha pois o teu desejado livro, é mais uma coisa a fallar-me de ti.

O teu bello retrato tenho-o eu pendurado na parede nua do meu quarto fronteira á cama, que já a minha velha criada perguntou que santo seria aquelle que tanto da minha devoção era.

A' Ex.ma D. Anna e ao Jorge o meu respeitoso e entranhado affecto.

A ti abraça-te de todo o peito o

Teu

Manuel Negrão.

Mosteiró, 6, 4, 85.

Não queres tagarinas d'aqui?

ECHOS DE LONGE

(Offerecidos aos netos de C. C. Branco)

Felicito cordialmente os netos de Camillo pela testemunho de admiração e eterna memoria que levantaram ao «Lenes» com expressões sinceras de distinctissimos cavalheiros e homens de letras, que brilhantemente prestaram por este modo uma sentidissima homenagem ao grande Mestre, cuja perda foi irreparavel.

Ha nesses artigos bem architectados expressões de eterna saudade perante o extincto talento, que se immortalisou na seita da humanidade.

E pelo «Lenes» do dia 1.º de junho um verdadeiro thesouro para mim, que jurarei a outras preciosidades, que possuo do laureado romancista e de seus excellentissimos netos.

Se algum tempo de felicidade tenho a contar, nesta existencia de ha 23 annos a esta parte, é o de ter sido apresentado na Quinta do Sr. Visconde de S. Miguel de Seide a illustre e nobre familia de Camillo em 1893! Vi e apreciei então a sua santa esposa, que foi para mim uma gloria chegar a conhecêl-a e admiral-a privei familiarmente com seus filhos (como ainda me recordo do Jorge que, apezar da luz do seu entendimento apagada, me considerou sempre como uma grande amiga dos seus), e passei momentos de grande prazer entre os excellentissimos netos, uns creanças já de moldada esbelta, e outros de mentalidade promettedora. De todos me lembro com saudosas recordações pelo que representam em tradições e sentimentos, e, já que nada mais posso que possa consagrar-lhes em prova de gratidão, aqui lhes protesto a minha enthusiastica admiração e grande affecto (1).

A memoria da extincta e gloriosa martyr Viscondessa de Correa Botelho, está bem indelevelmente gravada no meu espirito e só d'elle desapparecerá quando o meu corpo baixar ao tumulo. Só então o olvidarei, se fôr forçoso esquecer as contingencias desta vida.

Ha reminiscencias do passado que nas tristezas da vida actuam e acalentam... Assim são para mim essas recordações de ha vinte annos, flores emmurchecidas, petalas desfeitas, mas que ainda não perderam o aroma que tanto suavisa a minha alma.

Associando-me pois aos nobres caracteres e distinctissimos escriptores que a memoria de Camillo—d'essa grande luz que para sempre se apagou!—recordaram no dia 1 de junho o seu preito de saudade e carinho, me curvo com reverencia e jubilo, porque consagra-

---

(1) A' generosa e gentil escriptora, alma feita de luz, e coração prenhe de nobreza e sentimento, que tanto nos confunde e lisongeia, cumpre-nos consignar-lhe aqui o nosso reconhecimento profundo por tan immerecidas expressões.

(*Nota da redacção*)

ram o valor e admiração que o prez lhe votou, chorando para sempre a sua perda irremediavel.

Figueira da Foz,
12 de Julho de 1913.

Elvira de Carvalho.

Sciencia Religião & Artes

As minhas quatro mortes

Amava-a... como se ama... quando se ama
Da paixão ensandecida que lhe dei,
Em seus olhos acêsa foi a chama
Eterno amôr, de tástes, lhe jurei.

Era feliz (oh! quem dizer poderá
Sempre *sós*, ai vida *cruel!*)
Amei-a. Tambem ela. Pobre louca!
Fel-lhe muito fiel. Eu... muito pouco!

E os prantos apagaram a viva fogueira
Que ardia dentro em mim.
E senti dissolver-se em nevoa existencia,
Como um torrão d'assucar dentro d'agua.
Perdido o amôr... perdida a consciencia.
E, então, **morri.**

Ressuscitei depois, n'esse instante,
Tive de vêr que o mundo ali ficára
Não era o mesmo já que fôra d'antes.
Era a propria a extranhêza, de mau lado.
De exemplos meus vi-me cheios, de sua sabia
Até vulgar esse ceu entre os mais antes.

Do amôr desenganado, o meu anhelo
Foi, na ancia de achar consolação,
E para um peito amigo então apelo,
Crendo n'elle encontrar um bom irmão.

Por elle com ventura verdadeira
E fé sincera, a vida repartí;
Não digo bem: a vida de mim inteira
E, finalmente, irmão e amigo o crí.

Porém, um dia,—inutil é contá-lo!—
Na balança do interesse o avaliei;
Bem pequeno era o pêso a equilibrá-lo...
Nem fez mover o ponto em que o lancei!

Ao sofrer desengano tam horrivel,
Que eu já devêra presentir talvez,
A pena que senti foi indizivel...
E **morri outra vez.**

Mas renão, de nova, para a vida,
E persigo, feito na loucura,
A fugaz ilusão chamada Gloria
Que para si me chama e me convida.

Percebi-lo tal e qual fôra brava,
Um dia e outro dia,
E quando já para sempre a desposava,
Vi aquella a que eu tudo sacrificára
Rebelde se volver-se a Ossadia.

Senti rasgar-me o peito um ai agúdo,
No fundo d'alma a dôr estremecer;
A fé perdi-a, a crença em tudo, em tudo...
E **tornei a morrer.**

Novamente levanto os vêos da morte
Para encarar a vida face a face.
E desta vez, agora, quiz a sorte
Que á Sciencia eu me consagrasse.

Mas quando achava em vão a intuligência
Sedenta a inexistindo do que vê,
Encontrei em vêz dos fachos da Sciencia,
A Dúvida encobrindo um *porquê*.

A Dúvida, esse monstro multiforme
De garra adunca e de empestado alento,
Que em trabalhos [illegible] com pêso enorme
O mais púro e divino sentimento;

D'entre todos, aquelle que o destino
Conseguira até lá com mãos clementes
Manter longe de tudo assassino
E salvar dos tres mortes precedentes.
E **quarta vez morri!**

Profundamente morto qual me vejo,
Enterrado em mim mesmo me senti.

Mas quem sabe se ainda algum desejo
De novas dôres, de gôzo ilimitado,
Em mim despertar, qualquer lampejo
De fôgo sob as cinzas sepultado?
Quem sabe se uma esperança indefinida
Me levanta outra vez ressuscitado?

O que vêja minh'alma confrangida,
E' que **se morre muita vez na vida!**

J. M. Bartolne.

Retrospecto bibliographico

Recebemos e agradecemos:

O mês do Amho, por José Agostinho.—E' um devocionario muito bem escrito, destinado ás pessoas que desejam fazer os exercicios em honra do Sagrado Coração de Jesus. Tem a approvação e recommendação do sr. D. Antonio, bispo do Porto.

Poema do Lar, do mesmo autor.—E' a segunda edição. Para avaliar o seu merecimento basta ler o que sobre ele escreveram *O Seculo*, *O Primeiro de Janeiro* e o *Diario de Noticias*, quando se publicou a primeira edição. Assim o primeiro daqueles collegas affirmou que «o *Poema do Lar* é a obra dum poeta consumado, que ha de nobilitar a litteratura portuguesa». *O Primeiro de Janeiro* escreveu: «Um entendimento generosissimo da vida, uma razão viva de moralidade surgem nos versos do talentoso poeta de belêzas sagradas, e o flores que dessas paginas saiem para os corações é destinado a tonifica-los e embrecê-los com uma pura, intelligente e santificadora virtude. E, segundo o *Diario de Noticias*, os versos de J. Agostinho «affluem espontaneos, correctos e commovidamente vibrantes».

Não é preciso dizer mais nada daquela obrasinha, tão brilhantemente encarecida pela imprensa ao sair a publico a sua primeira edição.

O Problema da Felicidade, por Paulo de Combes. Quem tiver lido os bellos livros do mesmo autor, recentemente traduzidos e publicados—«O livro da Esposa», «O livro da Dona de Casa», «O Livro da Mãe» e «O Livro da Educadora»—poderá avaliar o grande merecimento d'esta obra, que encerra em si mais um fundo de moralidade a torna-lo apto e recommendavel para entrar no seio das familias mais honestas e escrupulosas.

Poema da Paz, de José Agostinho.—Este fecundo escritor tem-se revelado um poeta de inspiração e intuição elevada. A prova de que a obra tem agradado está no facto de ser esta a 2.ª edição do seu poema. E este é o maior elogio que se póde tecer á sua obra. Por isso escreveu, a proposito da 1.ª edição, um conceituado jornal francez: «Tem versos deliciosos, delicadissimos

FOLHETIM

Anna Augusta Placido

Nucleo d'agonias

ROMANCE ORIGINAL

—Pois não tem ninguem, não conhece pessoa de familia?—perguntou Nunes ao seu interesse.

—Ninguem!—respondi com amargura mal disfarçada.

—E' admiravel—disse do lado Beatriz—creio que é um caso excepcional, a menos que...

—Que seja enjeitada, não é o que

quereis dizer?—interrompi eu—Encontrei-me quasi em dizer que mais agradavel me seria essa situação. Pelo menos poderia n'ahi ver sentido, na impossibilidade de poder esclarecer o meu nascimento. Assim apenas sei que minha mãe nasceu em Lisboa e que era senhora de elevada intelligencia e formosura pouco vulgar, avaliada pelo retrato que possuo, que é ao mesmo tempo para mim uma reliquia sagrada e um symbolo mysterioso que faz volver constantemente todas as minhas idéas para essa patria desconhecida em que ella existe, e onde espero ir encontral-a um dia.

A religião é um grande alimento para os infelizes: só os que se acham exilados n'este mundo conhecem o valor da santa doutrina que nos manda esperar e crer na vida eterna e na união indissoluvel das almas. Ai dos desgraçados a quem lhes falleceu esta esperança!

—E' verdade—redarguiu o conde—causa-me, porém, estranheza ouvil-a fallar assim. Na sua idade o mais natural é o esquecer o fim a que está condemnada a especie humana. A mocidade é avessa a profundezas d'essa ordem, e quando ellas se dão não pode deixar de haver grande aproveitamento para os que sabem e podem conceber-as.

Tem razão de lamentar a falta de seus paes. Orgulhosos devem elles sentir-se no céo, como eu o seria chamando-lhe minha filha, se de lá a escutasse em n'este momento.

(Continúa)

e cinzelados á maneira dum Verlaine ou dum Sully Prudhone.»

São edições da casa Figueirinhas. Publicamos os anuncios na respétiva séccão.

Carta aos Cristãos e ás Féras, por Gomes Leal—A' distinta amabilidade do vigoroso poeta devemos o oferecimento de um exemplar do seu opusculo, que tem aquêle titulo.

E' dedicado a Jayme Cortezão e outros colegas da «Renascença». Lêmos d'um fôlego o belo poema, que nos causou a mais agradavel impressão. Angúra o seu autor o resurgimento dos povos e confraternisação das classes pela crença e ideal christão e nesse sentido o seu estro espraia-se pelas diversas cristandades em scentêlhas dulcificadoras de fé e incessantes lampejos de génio. Se não brande o tagante iconoclasta, como espada de dois gumes, para deixar após a sua obra demolidora os rastos de fogo e ruinas, altêa-se em paramos de filosofia e de paz, que géra balsamos para os anceios das almas oprimidas e dá alentos ao caminheiro, que demanda melhor destino. Já não destroe, como outr'ora; mas edifica com palavras de bondade, de amôr e de generosidade, que são, a paz do génio, o condão mais perfeito do coração e alma do egregio poeta.

Lêmos as obras hereticas do poeta, que fôram para nós as geradoras causas da grande estima e admiração que lhe votamos; mas sentimos mais carinho, mais prazer, mais suavidade e mais amôr nas obras que traduzem a segunda fase do filosofo cristão.

Se Camillo não morresse prematura e desastradamente, teria sido o precursor de Gomes Leal pelas tendencias para a Fé Temos testemunhos e documentos comprovativos da nossa afirmação.

Criminosos e Degenerados em Camillo, esboceto duma camiliana criminal, pelo Dr. Jorge de Faris.—E' um belo trabalho d'aquêle nosso presadissimo amigo de que no proximo numero daremos as nossas impressões, não o podendo fazer hoje por falta de espaço.

Noticias & echos

Julio Brandão

Encontra se em S. Tiago d'Antas, para descançar das suas fadigas, aquêle nosso dedicado e obsequioso amigo, que aos belos predicados d'um primoroso coração alía faculdades de inteligencia fóra do vulgar. E' um dos maiores admiradores da obra literaria de Camillo e um dos mais carinhosos protetores da sua descendencia. Cumpriprimentando-o, fazemos votos por que s. ex.ª se demore muito entre nós, reazendo-se em forças e energias que tam uteis resultam sempre a favor dos seus e de estranhos.

Afogado

No rio Cavado afogou se no passado sabado o sr. Francisco de Sá Corrêa d'Araujo, filho do nosso presado amigo e conterraneo sr. Thomaz d'Aquino Corrêa d'Araujo, dignissimo professor oficial em Parada de Gatim, Vila Verde. O malogrado jovem contava apenas 18 anos e era aluno distinto do 5.º ano do liceu de Braga. A seu bom pai e toda a restante familia enviamos a expressão do nosso profundo pesar,

Despacho de instrução

Foi nomeado professor de instrução primaria, e colocado na escola de Maximinos, em Braga, o sr. Silverio da Silva Guimarães, de Landim.

Os nossos parabens.

SALA DE VISITAS

Faz anos:

Em 6 do corrente o sr. Simão Botelho Castelo Branco, irmão do nosso diretor e empregado do Comercio em Coimbra. Que as brisas do Mondego lhe suavisem os cuidados da vida.

Já os fez:

Em 24 de junho ultimo a simpatica mademoiselle Lucilia Macedo Vieira de Castro e Costa, irmã do nosso presado amigo sr. dr. Americo Jazelino Dias da Costa, oficial do registo civil em Gondomar. Quem assim completa 18 primaveras tam belas e tam louçãs merece os mais sinceros parabens.

—Tivemos nesta redação a visita do nosso distinto amigo sr. dr. Nuno Simões, um dos mais robustos talentos e publicistas da moderna geração. Após alguns dias em companhia de seus paes partiu para Lisboa, onde o chamaram os seus trabalhos universitarios.

—Tambem nos deram o prazer da sua honrosa visita as ex^mas sr.^as D. Candida Malheiro Cardoso da Silva e irmã D. Fernanda Malheiro Cardoso da Silva.

—Para o Porto partiram as gentis creanças José e Idalina Adelia, filhos da sr.ª D. Flora Castelo Branco e Antonio Vilaça, que vieram passar a Seide, em companhia da avó e tios. algumas semanas de viligiatura.

—Em goso de 30 dias de licença parte hoje para Arganil o nosso amigo e assinante sr. Jayme de Vasconcellos.

—Acaba de ser nomeado subdelegado da Republica nesta comarca o nosso bom amigo e distinto colaborador sr. dr. Nuno Simões, aquem por tal facto apresentamos os nossos parabens.

Acaba de aparecer

Mês de Junho

OU

Mês do Sagrado Coração de Jesus

por **JOSÉ AGOSTINHO**

Com aprovação e recomendação do Sr. D. Antonio Bispo do Porto.

PREÇO 100 RÉIS

Livraria Portuense, de Lopes & C.ª-Suc.—119, Rua do Almada, 123—PORTO.

NOVIDADE LITERARIA

O Problema da Felicidade

POR

PAULO COMBES

Acaba de sair, em brilhante tradução, este admiravel livro do autor consagrado dos Quatro Livros da Mulher, a saber: O *Livro da Esposa*, O *Livro da Mãe*, O *Livro da Dona-de-Casa*, O *Livro da Educadora*.

O *Problema da Felicidade* custa 500 réis br. e 700 enc.

Livraria Portuense de Lopes & C.ª—119, Rua do Almada, 123—Porto.

O Poema do Lar

POR

José Agostinho

Acaba de saír, em 2.ª edição popular, este belo livro de versos do consagrado poeta do *Cristo*

PREÇO, 100 REIS

Livraria Portuense de Lopes & C.ª—119, Rua do Almada, 123—Porto

O POEMA DA PAZ

pelo mesmo autor

PREÇO 100 REIS

A' venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, 119—Rua do Almada, 123-Porto.

1.º Anno—2.ª serie | S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão | N.º 26

O LEME

Quinzenario Litterario, Scientifico, Humoristico e Noticioso

Fundador—Visconde de S. Miguel de Seide (Nuno)

Composto e impresso na TYP. MINERVA—Famalicão

Disse Henry Heine que lhe transportassem o cadaver sobre um esquife enorme, que symbolisasse o grande peso das suas desgraças.

Eu peço que conduzam as minhas cinzas na mão de uma creança, para assim significarem a pequenez a que me reduziram as enormes angustias.

Camillo Castello Branco.

ASSIGNATURAS

Brazil, anno	1:250 réis
Portugal »	600 »
Semestre	300 »
Trimestre	150 »
Avulso	25 »
Fóra do dia	40 »

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Nuno Castello Branco (filho)

Toda a correspondencia relativa tanto á Redacção como á Administração, dirigida ao redactor principal

S. Miguel de Seide—Villa Nova de Famalicão

ANNUNCIOS

Linha	20 reis
Repetição	10 »
Communicados	40 »
Imposto do sélo	10 »

Os originaes quer sejam ou não publicados não se restituem.

S. Miguel de Seide, 15 de Julho de 1913

Enfermidade endémica

Vem-se constatando diariamente que uma grande enfermidade corróe o organismo social da nação portuguêsa. Ninguem porá em duvida, certamente, que desde a implantação do regime democratico as escólas têm sido multiplicadas e a instrução ministrada em todos os recantos do paiz, ainda os mais reconditos e humildes. Mas apezar do velho aforismo—*abrir uma escóla é fechar uma cadeia*, não se tem justificado o sentido e alcance do decantado prolóquio ¿E porquê? Porque—está o facto diante da vista de todos—se não passa um dia, nem quasi uma hora, que um atentado ou um crime se não cométa com todos os requintes da perversidade e com todas as preluções da malicia. Leiam-se os jornaes diarios e vêr-se-á o roubo cometido em circunnstancias assombrosas pelo desafôro, o assassinato levado a efeito por uma vingança mesquinha, o suicidio praticado entre romanêscas peripécias e a agressão pessoal, no melhor dos casos, revestida de picarêscas circunstancias. E esta enfermidade social, que nós, com propriedade, poderemos classificar de endémica, succéde em escála progressiva e quasi sem esperanças de decrescer varrida pelos alvôres radiantes duma instrução que progride.

¿O que têm feito, pois, as escólas? ¿Quaes os seus resultados civilisadores e humanitarios?

Não se encontram por mais que se rebusquem. Nos grandes centros, em que a instrução é mais extensa e intensa, os crimes cometem-se em maior escála, relativamente, do que nos centros pequenos e restritos, em que os lampejos quasi apagados da mesma instrução incidem apenas em cérebros priveligiados pelo nascimento. E' um parodoxo o que se observa sobre este respeito, mas nem porisso deixa de ser um facto que cáe sob as vistas de todos.

O que d'aqui deve inferir-se é que a escóla é impotente para realçar o homem no seio da sociedade, se outros elementos se não combinarem para o polirem e humanisarem. Um dêles é a imprensa, que deve tomar a peito o desbravamento dos ferozes instinctos do homem materia por uma campanha de silencio sobre os crimes, ou, pelo menos, por uma critica acerada sobre os criminosos, como um anátema que deve substituir o epitafio a gravar-lhes sobre os túmulos. Depois d'isto, a literatura terá por sua vez o importante papel de secundar os esforços da imprensa noticiosa, ferreteando os criminosos que tenham de exibir-se em seus enredos. O homem, assim apresentado na sua hediondez, se não tiver algum amôr por deixar á posteridade uma memoria honrada, sentirá uma certa repugnancia pelos estigmas do crime, que o acompanharão até á campa.

Para completar a educação do ser humano resta pôr ao lado de todos aquêles agentes a escola da moral, pois sem ela resultariam inuteis todos os outros ensinamentos e estigmas. Patrocinar-lhe os seus esforços e alargar-lhe a esféra da sua acção é um dever verdadeiramente patriótico e um ditáme insofismavel duma verdadeira Democracia.

Derrame-se, pois, a instrucção, que o homem rodeado de luz fará prodigios; mas modélem-lhe o coração, pelas influições suaves duma boa moral, que êle será um membro prestavel á sociedade e abnegadamente devotado aos interesses da sua patria.

Eis o remédio, que se nos antólha único e exclusivo, para curar a enfermidade endémica que atrofia todas as boas energias da sociedade portuguêsa. Por nossa parte prestaremos os limitados esforços que de nós dependam.

Perolas escondidas

(Carta de Camilo Castelo Branco a sua esposa D. Ana Augusta Placido)

Minha filha.

Não durmi nada durante a noite mas, depois, deitei-me e dormi 3 horas. Acordei com dôres de cabeça; porém, com o almôço, passaram. Fui ao telegrapho; porq. o meu melhor consôlo aqui é fazer coisa em q. tu tenhas parte. As *reticencias* do meu telegrama decerto as perceberste. Lá está no outro mundo, e na vala do mesmo cemyterio quem teve parte no espolio do infeliz V. de Castro.

O morgado vai já tractando de contractar a herança do filho com o pai que está em Joanne.

Por esse motivo parte o Seb.am p.a V.a Nova.

Já fui ao Ouguella q. é julgado, no dia 19. Envia-te mt.as lembranças. Hoje depois de jantar vou levar o livro ao Castilho, e ámanhan tracto dos manuscriptos, a ver se tiro as despezas.

Parece-me impossivel que eu aqui espere pelo morgado. Feito o que tenho q. fazer, vem as pungentes saudades, e o tedio da ociosidade. Eu não sei viver sem ti. Isto é que é sanctissimo amor e inveterada amisade, m.a filha.

Abraça-me mt.o essas creancinhas, que me penetraram de compaixão. Ai! a saudade, m.a Annica! é o sentir que mais se avisinha da dôr que succede á morte da pessoa querida.

Está frio em Lisboa; mas o sol abraza. Amas o teo C., sim? Se houver alguma coisa, alguma doença em ti ou nos filhos, avisa-me logo. Sahi muito triste de caza. Pareceu-me agouro.

Beija-te o teu
Camillo.

Irradiações classicas

Contemporaneos de C. C. Branco em correspondencia epistolar com este romancista, cartas posthumas de Eugenio Navarro Alexandre Braga e Martins Sarmento. (*Do archivo particular de S. Miguel de Seide.*)

I CARTA

Ill.mo e Ex.mo S. Camillo Castello Branco

Ter-me-hia sido gratissima a carta de V. Ex.ª, porque os mimos do tratamento paternal lisonjeam-nos que dienos os merecem, se o fino amargurado della me não tivesse trazido um reflexo da sua dor. Esqueci o mestre da boa escripta, cujos livros são o repositorio da mais perfeita e mais rica linguagem portugueza para me lembrar só do homem, que com o seu trabalho e os seus desgostos teve a ter comprado o direito de passar o resto da vida em tranquillos romanços de espirito, e contra quem se enfurece o destino, que deixa viver em bons regalos tanto boa vagem. Os gregos, que inventaram o fatalismo ou fatalidade, acharam a explicação unica d'esta anomalia odiosa das leis moraes. É a força, que, pela resignação ou sem ella, nos obriga a acceital-a, prova que não estamos [illegible] creadores da vaidade intellectual. Perdoe a V. Ex.ª a mulher do seu filho; a neta vae no mesmo caminho: e, sem ser indiscreto e ousado, talvez possa dizer que o filho vivo lhe não compensará em consolações a falta da pobre morta e o agoniar lento da innocentinha... E' duro! A sã fatalidade reivindica às vezes cruelmente os titulos realistas do velho lyrismo plangente.

Que posso eu dizer-lhe? Peço-lhe licença para lhe apertar muito cordealmente as mãos, como quem é

De V. Ex.ª

am.º, admirador e agradecido creado

Louro, 5 de Setembro de 1884

Eugenio Navarro.

II CARTA

Ex.mo Sr. e meu respeitavel amigo

Não sei se V. Ex.ª teve conhecimento de que foi a um novo comicio anti-jesuitico no theatro de Recreios no 7 de Setembro ultimo.

E' uma loucura, de certo; mas q.do se tracta de luctar contra a reacção, não posso resistir ao desejo de tomar parte no ataque, e deixo o remanso do meu escriptorio para ir atacar ao menos o inimigo commum, como posso. Tomo a liberdade de remetter a V. Ex.ª o discurso, que proferi naquelle comicio. Se tiver paciencia para o ler, muito me obsequiaria V. Ex.ª dizendo-me em duas linhas se ha nelle [illegible] extremamente vulneraveis.

Desejando sinceramente o seu completo restabelecimento, tenho a honra de assignar-me com a maior consideração

De V. Ex.ª

Admirador am.º e crg.do

Porto, 4 de Outubro de 1884

Alexandre Braga.

III CARTA

Meu am.º

Recebi o seu livro, mas durante procurei o auctor pelas praias de Gontinhães — que — diga-se de passagem — são uma linda cousa, e inapreciavel p.ª q.m, como eu, reune ás suas manias de pescador de trutas a de cousas velhas. O habito de S. Thiago dá-me o trabalho de requerer a remissão da mercê. Eu dou o valor devido pouco apreço ao farrapo, e estimei deveras que em letra redonda se tivesse já dicto que o governo (J. Avila) m'o recusara, para agora pagar na mesma moeda, sem que o meu procedêr fosse olhado como orgulho, ou peior.

O Eurico Macario, pelo que tenho visto, deixou na sombra o borrifo historico que o acompanha. Em claro. Mas tambem o diabo do romance é um *bijou*, e a melhor critica que faço sobre o seu trabalho é a do lapis do Bordallo Pinheiro — pena é que não possa apparecer no Boletim do Chardron.

E você a dizer que está doente! Não é possivel.

Seu am.º e obr.º

Martins Sarmento

Gontinhães 27.9.79.

Sciencia, Religião & Artes

O Mar

Estamos no tempo dos banhos de mar e seguramente os nossos leitores gostarão de saber o que devem julgar d'esse agente therapeutico tão em voga e que tão abundantemente banha a nossas costas.

Os banhos de mar são largamente receitados para as pessoas anemicas, escrophulosas e rachiticas ainda novas.

Aos velhos e aos tuberculosos d'um perigo avantajado não se aconselham.

Estudando os praias sob o ponto de vista therapeutico, temos a considerar o ar, a luz, a temperatura e a agua communicante.

Nas cidades o ar das ruas é viciado pelas poeiras, nas casas não só da poeira das ruas que penetra pelas janellas, mas é subjugado de quartos mal ventilados, onde os individuos se demoram toda a noite durante sete a oito horas.

Este ar, que a civilisação traz pelas fabricas, pelo movimento das ruas, pelas estradas macadamisadas, donde se levantam densas nuvens de poeira, [illegible] nos hospitaes, sobretudo em baixo de vela, onde o ar não é viciado pelo fumo da enxarmé, como nos vapores, a oscillação do navio provoca umas contracções mais activas do estomago e vem em soccorro da acção tonica e estimulante do ar.

Este simples elemento, mesmo applicado sem mais nenhuma vigilancia medica, está sendo largamente aconselhado na Inglaterra para todos os estados de anemia e fraqueza.

Basta que haja uma pouca de resistencia vital para que em pouco tempo o mar tenha produzido effeitos beneficos muito sensiveis.

As viagens maritimas modificam muito vantajosamente a constituição, como é facil verificar nos marinheiros, muitos dos quaes embarcam vanzinos e pallidos e regressam corados e robustos.

Os nossos pescadores que vão á pesca do bacalhau, quando regressam veem de tal fórma robustecidos pelo ar e pela ruda vida a que se entregaram durante mezes que nem parecem os mesmos.

A Liga Naval essa benemerita e patriotica associação, poderia arranjar viagens de recreio para anemicos e facilitar o exercicio de remos, fazendo com isso um grande serviço á regeneração physica do povo portuguez e augmentando entre nós o gosto pela vida do mar.

O ar maritimo só se torna prejudicial aos tuberculosos e mais doentes extremamente enfraquecidos sem força de reacção, porque estes succumbem mais depressa.

Mas que vasto campo para a cura maritima e não temos nós essa alluvião de escrofulas e adultos pallidos que existem por todo o paiz e que quasi constituem a maior parte da nossa população!

* * *

Luz—O corpo constantemente abrigado e submergido na obscuridade debaixo do fato, recebe logo pouca de luz e foge-se nos banhos de mar ao contacto da atmosphera.

Estamos habituados a suppôr que para evitar todos os nossos predicamentos só temos empregar os medicamentos chimicos e venenosos e em regra não se aprecia o valor immenso e salutar do sol.

Basta olharmos para o nosso corpo e compararmos as partes que andam protegidas pelo fato com as que trazemos expostas ao ar, para notar logo uma

differença sensivel; o corpo está claro e pallido, ao passo que as mãos e a cara se acham coradas e vermelhas nas pessoas que teem occupações ao ar livre.

Quem vive dentro de casa, bem resguardado, apresenta na face uma pelle fina e descorada, uma anemia manifesta, mesmo nas pessoas gordas.

A anemia provocada pela vida na meia obscuridade das casas torna-se bem sensivel nas pessoas que circulam nas ruas d'uma cidade.

Podem-se apontar a dedo as pessoas que teem um viver sedentario, porque apresentam os tecidos molles, pallidos, os movimentos lentos e difficeis. As que passam os dias activamente empregadas ao ar livre tem outro desembaraço nos movimentos, outra energia no olhar, outra dureza nas carnes.

Este mesmo phenomeno se nota nas plantas e nos animaes.

As plantas de estufa e as que vivem em casa teem as folhas muito mais finas, pallidas e são frequentemente infecundas.

Nos frequentadores das praias que se entretecm na pesca e andam de calças arregaçadas durante uns tempos a pelle cae, e, muitas vezes apparecem ulcerações nas pernas.

O mesmo succede em Wœrishofen, onde os banhistas andam habitualmente com as pernas e pés a nú.

Tudo isto prova que ao contacto do ar e da luz a pelle é obrigada a reccionar com outra energia, a circulação, a nutrição e a transpiração tomam proporções maiores e para ahi derivam os humores da economia.

Com a derivação que se produz para as pernas vem-nos os verdadeiros principios com um elemento de grande valor para purificar e fortalecer o organismo.

A luz penetra os tecidos, como prova á evidencia os raios X. Ir vae interior do corpo activa a nutrição. os hospitaes maritimos destinados tratamento das creanças rachiticas vem-se adoptado o uso de as trazer descalças pela praia; pois isto é o bastante para que em muitas lesões com as pernas fracas e tortas se desenvolvem e endireitem.

A luz solar banhando o corpo é para Rollier que faz d'ella um largo uso therapeutico, um elemento de primeira ordem sobretudo para a cura das doenças de pelle e do sangue.

Os banhos de luz solar são agentes de primeira ordem para combater a anemia, a fraqueza, a deformação e fistulas osseas.

Para aproveitar a acção da luz solar os banhistas devem vestir um fato de banho tão reduzido quanto possivel, formado de tecido grosseiro para que se não colle á pelle e de malhas largas para deixar passar a luz.

Antes de tomar banho, quando faz sol e a temperatura não está muito baixa, convem que os banhistas se entretenham fazendo exercicios na praia unicamente cobertos, com o fato de banho.

Temperatura.—A temperatura de agua do mar no nosso clima oscila geralmente entre 12.º e 8.º

(Conclue)

Dr. Bentes Castel Branco.

Retrospecto bibliographico

Recebemos e agradecemos:

Criminosos e Degenerados em Camillo, *esboceto d'uma consideração criminal*, por Jorge Faria (1.º)—E' um consciencioso estudo em que o seu illustrado autor aprecia á face dos principios e modernas theorias medico-legaes os principaes typos de criminosos e degenerados, que figuram nas obras de Camillo Castello Branco. Não é verdadeiramente um *esboceto*, como o seu erudito autor o subintitula, mas uma obra de folego e de fundo, em que o s. dr. Jorge Faria revela agudeza de critica e largas vistas em sociologia criminal e direito penal.

Falta-nos a necessaria competencia para avaliar com o devido alcance o primoroso livro daquelle rigoroso publicista; mas, até onde podem alcançar as nossas vistas, uma conclusão podemos tirar: o livro do sr. dr. Jorge de Faria é o que de mais original, curioso e scientifico tem sido recentemente dado aos prélos portuguezes. Como estudo medico-legal é de justiça recommendá-lo a todos os medicos e jurisconsultos; como trabalho litterario é impreterivelmente aos canibanistas, que ahi encontram o desfilar de diversos personagens, cuja psicologia—ora sadista e lugubre, ora cinica e grotesca—nos retrata com côres visiveis e nitidas aquellas pustulas e *escrofulas* que Camillo, *com os braços arregaçados, desejava espremer á face do leitor*, decerto annos depois de ter escripto e ser *Amor de Perdição*.

Com a dupla utilidade que offerece é de crêr que o valioso livro, de que nos occupámos, conquiste ao seu illustre autor mais um triumpho, e venha a alcançar um verdadeiro successo de livraria.

Depositarios, em Coimbra, F. França & Armenio Amado, rua Ferreira Borges, 77 a 81.

A Arte de se fazer ouvir, *a dição e o gesto, para uso de advogados, conferentes e pregadores*, por Hermand Dammien, official da Academia Franceza, lente do Conservatorio e professor de eloquencia fallada (trad.)—Como do seu titulo se depreende é um livro destinado aquelles que precisam de exercer com correcção a oratoria, de todo a encarnar as ideas por uma parte atrahente, por uma dicção facil e correcta, por uma physionomia sympathica e insinuante e por um gesto largo e significativo. Para alcançar o seu fim o illustre autor expõe todos os principios da arte com notavel clareza e methodo, exemplificando-os com trechos dos mais notaveis oradores e gravuras de incomprehensivel nitidez, as inflexões da voz, as posições das mãos e das pernas, as diversas nuances da physionomia, a linguagem dos olhos, a propriedade do gesto, etc., tudo emfim que póde concorrer para fazer do homem um orador distinto.

A edição é da livraria e casa editora de A. Figueirinhas—Porto.

As Noites do Avosinho, *lendas da Historia de Portugal*, por José Agostinho—E o 9.º tomo da Bibliotheca das creanças em que o ensino disfarçado da

---

FOLHETIM

Anna Augusta Placido

Nucleo d'agonias

ROMANCE ORIGINAL

Mas, quem tem umas idéas tão claras, não pode considerar-se infeliz, nem fallar em orphandade. Bemaventurado os que teem fé e crença n'uma outra vida além d'esta. Que são estas dôres de prova, se não podem annullar a consciencia que vê além o futuro da luz eterna!

Orphão é aquelle que sente o coração vasio de todo o germen de virtude christã. E v. ex.ª apresenta-se-me tão rica! tão opulentamente dotada!... Console-se; tem muito que agradecer a Deus.

Rogo-lhe que me não tome estas palavras como um cumprimento—proseguiu elle vendo que eu ia interrompel-o.—Na minha edade está perdido o habito de os fazer. O que eu quero que creia é que o estimo sinceramente. Disse ahi ha pouco, se me não engano, que sua mãe era senhora de grande intelligencia; não era preciso isso para assim julgar. E seu pae? Desejava saber alguma cousa a seu respeito.

Apenas sei que era da provincia do Minho, onde herdei uma grande casa hoje em ruinas.

Seu nome era Rodrigo Correira de Lacerda.

—Rodrigo de Lacerda!—bradou o Conde.

—Sim, Rodrigo de Lacerda—repetiu admirada—Conheceu-o?

Passados dois minutos, com voz ligeiramente commovida, respondeu:

—Tenho uma idéa vaga d'esse nome. Sabe se elle viveu em Lisboa algum tempo?

—Oxalá que eu podesse esclarecer a v. exc.ª; infelizmente não sei mais nada.

(Continua)

historia de Portugal é ministrado ás inteligencias que principiam a desabrochar para as lutas da vida e para os primeiros agápes dos conhecimentos humanos.

Expostas as lições de historia patria por fórma tam atraente, e em estilo facil e elegante, torna-se recomendavel este livro a todos os que se interessam pelas grandesas da nossa nacionalidade, que devem ser conhecidas por todos. O sr. José Agostinho, que é um escritor infatigavel e fecundo, não podia dar melhor fórma á sua obra, para atingir o fim que tem em vista.

A edição é da livraria editora de A. Figueirinhas—Porto. (Vej. anuncio na respectiva secção).

Camillo Inédito; prefacio e notações do Visconde de Villa-Moura.—E' um elegante volume que abre com um belo prefacio do ex.mo sr. Visconde de Villa-Moura e uma declaração (autographo) de Camillo Castello Branco, que é um documento valioso a reunir a outros para o estudo do primeiro romancista portuguez.

O assumpto tratado nas restantes paginas do livro é um magazine que tem por autor o malogrado romancista, que em diversas cartas, que agora sáem luz naquéla interessante obra, expandiu a sua alma de torturado e abriu o seu coração sensivel, perante os muitos admiradores e amigos que com êle se correspondiam.

O livro é, pois, de flagrante interesse e grande merecimento.

Agradecendo a preciosa oferta do livro, confessamos o nosso especial reconhecimento ao ilustrado prefaciador e notador, pela dedicatoria carinhosa e amiga com que faz acompanhar a sua obra, fruto de muitos trabalhos, cuidados e amôr pela literatura portuguêsa, de que è eximio cultor.

E' um elegante volume em papel couché de perto de 160 paginas.

Vej. anuncio na respectiva secção.

Noticias & echos

Bombeiros Voluntarios

Consta que a briosa corporação dos Bombeiros Voluntarios de Famalicão concorrerá ao certamen para que foi convidada pela comissão dos festejos gualterianos de Guimarães.

Transferencia

Foi transferido de Guimarães para Braga o intelligente aspirante de finanças e nosso amigo sr. Camilo da Costa Araujo a quem apresentamos os nossos parabens pela melhoria de situação.

Falecimento

Em Avidos faleceu no sabado passado a sr.ª Rosa da Silva Pereira, tido nosso presado subscritor sr. Francisco José da Silva, de Landim, a quem por tal motivo enviamos o nosso cartão de pezames. Tinha 96 anos de edade.

Novo facultativo

O sr. dr. Germano Augusto Fernandes, ha pouco nomeado pela Camara medico do partido municipal, estabeleceu a sua residencia definitiva, onde tem consultorio, na casa que pertenceu á sr.ª D. Joaquina, em frente á feira do gado.

Carencia de cereaes

Vae-se fazendo sentir no mercado a falta de milho necessario para o consumo das classes pobres, motivo porque o seu preço se tem elevado de feira para feira. Esta falta reclama urgentes providencias.

Morte repentina

Morreu repentinamente no campo da feira, em que transitava como feirante, um individo de Santo Tirso chamado José Francisco Esteves. O seu cadaver foi removido para a morgue da Santa Casa de Misericordia.

SALA DE VISITAS

Fizeram annos: em 5 do corrente a sr.ª D. Elisa Maria Dias, dedicada consorte do nosso presado amigo sr. Jaime Dias, e o distinto cavalheiro sr. Daniel Augusto dos Santos, dignissimo juiz de direito substituto, n'esta comarca. A ambos os nossos parabens e desejos de vida prolongada e feliz.

—Teve a sua feliz délivrance a sr. D. Albertina Cardoso ilustrada professora oficial na freguesia do Calendario, d'este concelho, e estremosa esposa do nosso bom amigo e estimado assinante sr. Miguel da Costa Cameira, distinto pharmaceutico estabelecido em Landim.

—Estiveram ha dias n'esta vila, de visita ao sr. Jaime Dias, os nossos presadissimos subscriptores srs. Luiz Ferreira Lima, de Lisboa, e Antonio Dias Pestana, escrivão de direito em Loanda.

—Tivemos aqui a amavel visita do nosso presado amigo sr. dr. Sebastião de Carvalho, laureado poeta e abalisado advogado da vila de Famalicão.

—Egualmente nos visitaram as ex.mas sr.as D. Candida Malheiro e sua irmã D. Fernanda Malheiro, de Requião.

—Fez ha dias acto em Lisboa da 11.ª cadeira (Direito Penal) o nosso distinto amigo e patricio sr. dr. Nuno Simões, pelo que lhe enviamos as nossas felicitações.

—Fez ha dias exame de 1.º gráo, ficando distinta, a encantadora menina Delmira, filha do nosso subscriptor sr. Alvaro Bezerra, a quem felicitamos.

A arte de se faser ouvir

Para uso de advogados, conferentes e prégadores

Por **Harmand Dammien**

Oficial da Academia Francêza, Laureado do Conservatorio e professor de eloquencia falada.

Traducção portuguêsa. Com muitas gravuras.

PREÇO, BROCHADO, 500 REIS

Livraria Portuense, de Lopes & C.ª Succ. — 119, Rua do Almada, 123 — Porto.

NOITES DO AVOZINHO

Belezas da Historia de Portugal

Preço 100 réis

Está publicado o tomo 9.º desta magnifica obra de José Agostinho. Trata da Revolução de 1820, abrangendo o reinado de D. João VI. Quem quizer aprender a Historia de Portugal, tem nas *Noites do Avozinho* um excelente guia.

A edição traz uma capa a côres, lindissima.

Livraria Portuense, de Lopes & C.ª —119, Rua do Almada, 123—Porto.

Segurae a vossa vida
Segurae os vossos haveres

NA

Equitativa de Portugal e ultramar

(Sociedade de Seguros Mutuos)

Incontestavelmente a mais prospera empreza nacional de seguros sobre a vida, sendo a unica que, não tendo accionistas, distribue todos os seus lucros pelos segurados ou mutuarios.

Estado social em 31 de dezembro de 1912:

Negocios realisados...	8.341:240$530
Premios realisados ...	1.134:382$973
Reservas constituidas.	271:390$350
Indemnisações pagas..	230:034$875

A Equitativa de Portugal e Ultramar emitte apolices de seguros de vida desde a importancia de réis 100$00

Seguros de vida—Rendas vitalicias Seguros terrestres—Seguros maritimos.

Prospétos e mais informações enviam-se imediatamente a quem solicitar á séde social—Largo de Camões, 11, 1.º—Lisboa; ou aos seus representantes em Famalicão: Jaime Dias e Antonio Dias Costa.

Camillo Inédito

(Prefacio e Notações por Visconde de Villa-Moura).

Um elegante vol. de perto de 160 paginas, 500 réis.

Edição da «Renascença Portuguêsa», Porto, onde se encontra á venda.

Carta aos Christãos e ás Féras

(Poema de Gomes Leal)

A' venda na «Renascença Portuguêsa», Porto, e nas livrarias.

Preço 60 réis.